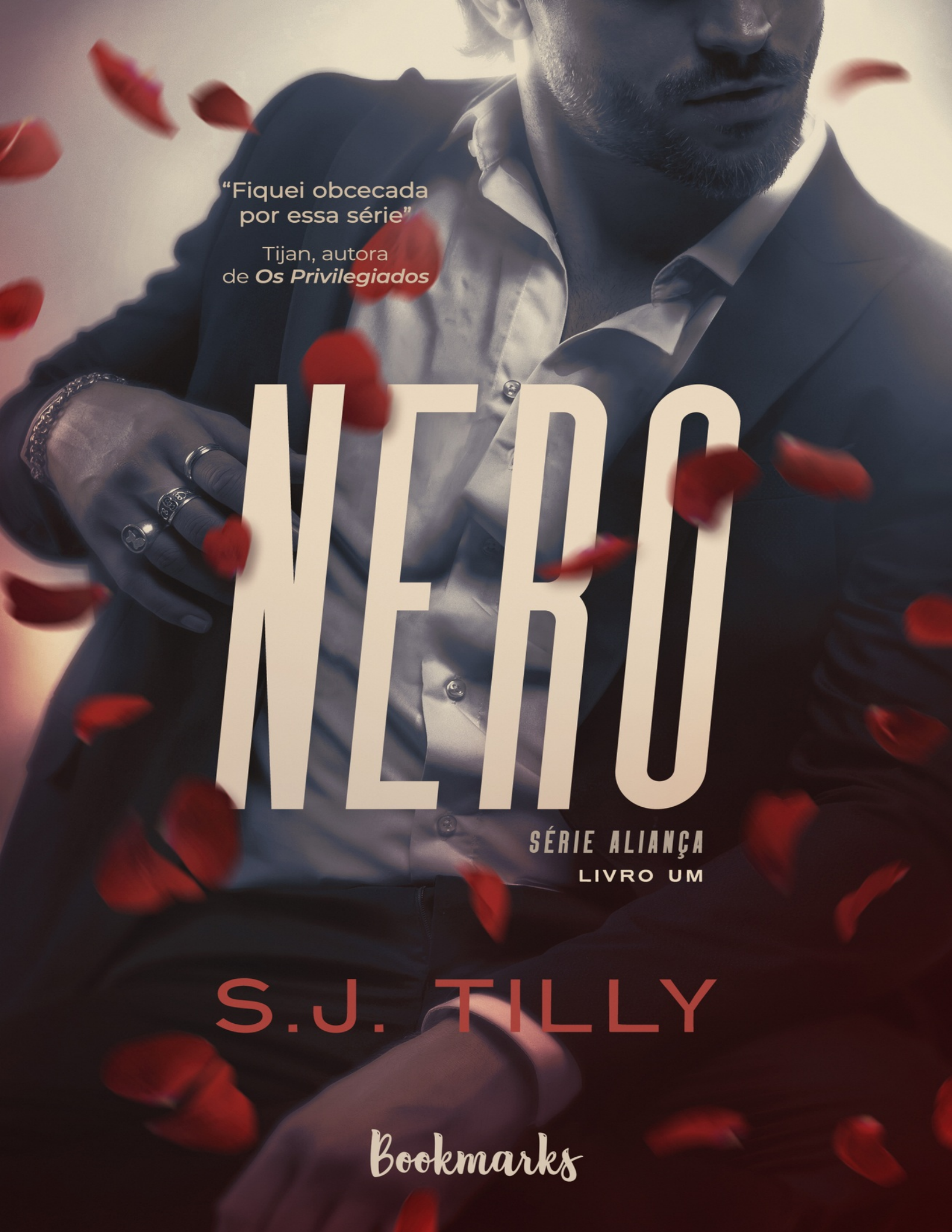

"Fiquei obcecada
por essa série"
Tijan, autora
de Os Privilegiados
NERO
SÉRIE ALIANÇA
LIVRO UM
S.J. TILLY
Bookmarks

S.J. TILLY

NERO

Tradução:
Andreia Barboza

1ª edição
2024

Bookmarks

Título Original: *Nero*
Copyright © 2023 por SJ Tilly
Copyright da tradução © 2024 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução e diagramação digital: Andreia Barboza
Edição: Luizyana Bueno
Capa: Marcus Pallas

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark

SUMÁRIO

Sinopse
Aviso de gatilhos
Dedicatória
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54

55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84

85
Epílogo I
Epílogo 02
Agradecimentos
Leia também:
Um
Dois

SINOPSE

Payton fugiu de casa aos dezessete anos e, desde então, sua vida tem sido de constante luta pela sobrevivência enquanto tenta permanecer invisível. Mas quando um homem misterioso e com um passado sombrio entra em sua vida, invadindo seu espaço com determinação, ela se vê intrigada e atraída. E então começa a se questionar se permitir que esse sentimento floresça não pode ser a chave para assumir o controle da própria existência.

Nero é um homem marcado pela violência e solidão e encontra em Payton uma luz em meio à escuridão de seu mundo. Mesmo sabendo dos perigos que sua presença traz para ela, não consegue resistir à atração que sente. Mas quando seu passado volta para assombrá-los, ele percebe que está disposto a fazer qualquer coisa para proteger o que é seu.

Com reviravoltas emocionantes, paixão intensa e uma dose de perigo, *Nero* é uma história de amor, redenção e coragem, onde dois corações partidos encontram força um no outro para enfrentar os desafios do destino.

Atenção: este é um romance dark, com tema de máfia, voltado para o público adulto. Ele contém cenas descritivas de violência, morte e sequestro. Também aborda traumas emocionais e abuso físico. Há situações de consentimento duvidoso e tendências de perseguição extrema. Por favor, esteja ciente desses elementos antes de prosseguir.

AVISO DE GATILHOS

Querido leitor,

Este é um romance dark, com tema de máfia, voltado para o público adulto. Ele
contém cenas descritivas de violência, morte e sequestro. Também aborda traumas
emocionais e abuso físico. Há situações de consentimento duvidoso e tendências de perseguição extrema. Por favor, esteja ciente desses elementos antes de prosseguir.

DEDICATÓRIA

Para todas as mulheres que veem homens problemáticos — cujo comportamento desperta sinais de alerta — como bonitos e inofensivos, repitam comigo: eles são bons apenas como protagonistas de livros.

01

Payton

UMA FOLHA VERMELHA e dourada flutua pela sala antes de pousar no tapete entre o meu lugar no sofá e a TV.

Olho para a porta da varanda aberta, onde outra rajada de vento traz o cheiro da chuva, mas em vez de me levantar, cruzo as pernas sob meu corpo e puxo o cobertor de lã até o queixo, com cuidado para não derrubar a tigela de pipoca que está apoiada na almofada ao meu lado.

Uma tempestade se aproxima.

Sua pirralha mimada, vou te ensinar...

Me aconchego ainda mais no canto do sofá. *Isso foi há tanto tempo*, lembro a mim mesma, inspirando fundo enquanto desejo que novas memórias substituam as antigas.

Esta é a minha casa.

Estou segura aqui.

O estrondo baixo de um trovão me acalma ainda mais.

Não importava o quanto tenham tentado arrancar isso de mim, nunca perdi o amor pelo clima intenso.

Nunca entendi por que deveria ter medo de tempestades. Não compreendia por que isso me tornava diferente, errada ou estúpida, como me diziam.

Eu não desejava a violência, mas a mudança. O apagamento. A limpeza. O fio de esperança de que uma onda pode quebrar, levando o velho e deixando algo novo.

E talvez seja por isso que gosto delas. Ainda existe aquele ponto dentro de mim que quer ser sugada para o céu, levada para longe de tudo e jogada em Oz.

Como se fosse convocada pelo vento, a mulher na TV abre a porta e o mundo ao seu redor se transforma de preto e branco para colorido, e deixo a sensação familiar de nostalgia tomar conta de mim.

Os sons da tempestade que se aproxima continuam entrando e saindo da minha consciência, mesmo enquanto balanço a cabeça para eles.

Estou com a mão a meio caminho da boca, com a pipoca entre os dedos, quando o ruído de metal rangendo me faz olhar para a varanda, onde a porta de vidro deslizante está totalmente aberta.

As cortinas transparentes que instalei no ano passado estão flutuando com a brisa, mas a luz do poste na rua está queimada, então não consigo ver além da varanda.

Nunca confiei muito nela, é tão desleixada quanto o resto deste lugar. Mas imaginei que seria preciso mais que o tempo para derrubá-la.

Me parabenizo mentalmente por não ter me incomodado em colocar móveis lá fora enquanto lambo o sal dos dedos.

Outro trovão, mais próximo desta vez, chama minha atenção de volta para a varanda.

E para o homem parado na porta aberta.

02

Payton

UM GRITO FICA preso na minha garganta, tão estrangulado que não pode ser ouvido.

Estou sonhando.

Fecho os olhos e me forço a respirar.

Devo estar sonhando.

Mas quando os abro novamente, o homem ainda está lá. E está se aproximando.

Ele atravessa uma parte do apartamento em dois passos largos, e fica a apenas alguns metros de distância de mim.

A adrenalina percorre meu corpo, mas não me mexo.

Para minha humilhação, não faço nada.

Tem um homem na minha casa.

Além da televisão, a lâmpada no canto da sala é a única fonte de iluminação. E não cumpre muito bem seu papel.

Estou sentada, mas posso dizer que ele é alto. E... está usando terno.

Por que ele está vestido assim?

Não fica tudo pior?

— Boa noite. — Sua voz é profunda, mas gentil e suave. E meu cérebro não sabe como reagir.

Meu coração está acelerado.

Minhas mãos estão tremendo.

Mas não me mexo.

— Sabe — ele diz e dá alguns passos lentos, parando na frente da TV —, você não deveria deixar a porta aberta.

Abro a boca, mas não consigo dizer nada e engulo em seco antes de tentar novamente.

— Estou no segundo andar — sussurro, ainda tentando entender o que está acontecendo.

Ele inclina a cabeça e parece que aceita minha resposta, mas não consigo me concentrar nisso. Porque o ângulo permite que a luz caia sobre seu rosto.

Olhos e sobrancelhas escuras. Cabelos bagunçados, quase pretos e maçãs do rosto salientes, contornadas por uma barba aparada no mesmo tom.

Engulo em seco novamente.

Parece que ele veio de uma sessão de fotos. Ou de uma sala de reuniões. Talvez de uma sessão de fotos em uma sala de reuniões. E minha voz interior grita, dizendo que tudo isso deveria deixar a situação ainda mais assustadora.

Deveria.

Também noto que suas roupas estão secas, o que significa que a chuva ainda não caiu. E, por alguma razão, fico triste. É como se esse detalhe selasse o meu fim.

É por isso que sempre fui vítima.

Meus instintos são inexistentes. Minha mente sempre desvia das partes importantes, se concentrando em detalhes ridículos e não em um panorama geral.

Com o corpo virado em minha direção, o homem olha ao redor.

Não entendo de ternos, mas acredito que suas roupas custam mais que todos os meus pertences juntos.

Minhas coisas não são sofisticadas e aparentam ser baratas. O sofá é de segunda mão e a mesa de centro está desgastada. A pequena TV está em um suporte que eu mesma tive que montar. A mesa redonda, com uma cadeira, fica no canto. E a ilha estreita divide o espaço entre a sala e a cozinha, que mais se assemelha a uma quitinete com balcões laminados descascados nas bordas.

Resisto à vontade de suspirar ao ver o telefone no balcão da cozinha. Como se estivesse zombando de mim com a ideia de chamar a polícia e sabendo que nunca terei a chance.

Não que eles tenham me ajudado no passado.

Meu quarto e banheiro ficam do outro lado do apartamento, mas está tudo escuro.

O homem emite um som enquanto absorve tudo. Não tenho ideia do que ele está pensando, ou por que eu deveria estar tão ansiosa por sua aprovação. Como se houvesse algo para aprovar neste cenário triste, ou qualquer benefício de um assassino gostar de seu apartamento.

Ouço uma sirene de polícia do lado de fora.

Depois outra.

E um momento depois, vejo o flash de luzes vermelhas e azuis brilhando na noite enquanto os carros passam em alta velocidade pelo prédio.

Volto a olhar para o homem que está de frente para mim.

Ele dá de ombros e sorri.

Este homem está fugindo da polícia.

E está parado na sala da minha casa. Como se não tivesse nenhum problema nisso. Como se ele tivesse decidido seguir um caminho diferente para casa.

Ele se move e penso que talvez tudo termine agora. A polícia já se foi e ele pode ir embora.

Mas ele se aproxima.

O pânico começa a tomar conta de mim quando outra rajada de vento levanta a bainha de seu paletó.

Ah, Deus, ele tem uma arma.

Mas ele não a pega. Apenas... se senta no sofá.

Meu sofá.

Ao meu lado.

Mais uma vez, abro a boca sem dizer nada.

O que ele está fazendo?

O que está acontecendo?

— Eu amo esse filme — ele diz, quase para si mesmo.

O. Que. Está acontecendo?

Seu corpo grande ocupa muito espaço. Todos os móveis são pequenos, porque o apartamento é minúsculo. E porque sou a única que mora aqui.

Fico paralisada, me perguntando se devo dizer alguma coisa, mas ele mantém o foco na TV.

Ele... ele vai ficar?

Começo a me remexer, me perguntando se posso me levantar e fugir.

— Eu preferiria que você não se levantasse. — Ele não se vira quando diz isso. Seu tom é casual. Mas não há como não perceber que não é um pedido.

Minha respiração acelera e continuo olhando para frente. Sinto meus braços se arrepiarem.

Não há dúvidas de que este homem é perigoso.

E ele está muito perto.

Nunca deixei que homens se aproximassem tanto.

Meu corpo inteiro começa a tremer.

— Por favor, não... — paro de falar, pois não quero colocar meus medos específicos em palavras.

Posso ouvir o farfalhar do tecido quando ele se vira para mim, e fecho os olhos.

Isso não pode estar acontecendo.

Não pode ser real.

— Relaxe.

Uma mão grande pousa na minha perna, e eu endureço ainda mais.

O peso de sua mão é alarmante e o calor de seu toque queima através do cobertor.

Ele pressiona com um pouco mais de força.

— Relaxe.

Seu tom é ainda mais gentil desta vez, e tento respirar fundo.

Um cheiro forte invade minhas narinas. É couro, fumaça e perfume.

Caramba, é dele?

Abro os olhos.

Ele está se inclinando em minha direção, invadindo ainda mais meu espaço, e sua postura deveria parecer dominante. Mas há algo em sua linguagem corporal, ou talvez em seus olhos, que faz meu corpo obedecer. Me faz relaxar um pouco.

Seu olhar percorre meu rosto, ele está tão perto que posso ver um tom de verde em seus olhos. Impressionante.

Ele volta a olhar em meus olhos.

— Não vou te machucar.

Como não respondo, ele abaixa a cabeça e há uma ordem implícita no movimento.

— Tudo bem — quase murmuro. Minha voz está muito baixa, mas ele assente com um olhar satisfeito.

Satisfeito por eu acreditar nele?

Eu acredito neste homem?

Ele afasta a mão, levando seu calor com ele.

— Posso? — *Pode o quê?*

Antes que eu tenha tempo de surtar, ele levanta a tigela de pipoca entre nós.

Ah.

Sem esperar por uma resposta, ele se recosta, apoia os pés na mesa de centro e coloca a tigela no colo. Então, de forma casual, passa um braço nas costas do sofá, quase tocando meu ombro, como se estivesse aqui para um encontro e não em uma invasão de domicílio.

Eu o observo comer grandes punhados de cada vez, sem deixar nada cair.

Eu deveria fazer alguma coisa.

Deve haver algo que eu possa fazer.

Vejo sua mandíbula se mover enquanto ele mastiga e os músculos na lateral do pescoço flexionam.

Sei que deveria fugir. Ou fazê-lo sair. Mas como?

Ainda olhando para seu perfil e esperando para ver o que vai acontecer,

ouço o personagem na tela falar sobre coragem. E gostaria mais do que qualquer coisa de ter alguma.

— Como você se chama?

Estremeço quando ele fala e mordo o lábio inferior.

— Hum... acho que não devo te dizer isso.

Ele vira a cabeça em minha direção.

— Garota esperta.

As duas palavras parecem me envolver.

Aperto o cobertor, puxando-o ainda mais para cima.

Não posso achar esse homem atraente.

Não mesmo.

Meu estômago dá um nó e meu cérebro idiota aproveita este momento para me lembrar que devo estar desgrenhada.

Não que isso importe. Não preciso que esse intruso ache que sou sexy. Na verdade, é melhor que ele não ache isso. É melhor que eu esteja com hálito de pipoca e rabo de cavalo bagunçado. E que minha franja esteja ondulada, já que ficou úmida quando lavei o rosto para tirar a maquiagem antes de me sentar para assistir ao meu filme favorito pela milésima vez.

Os dedos perto do meu ombro batem no encosto do sofá, mantendo o ritmo dos personagens da TV enquanto eles correm pela estrada.

Isso deve ser a coisa mais estranha que já me aconteceu.

Um homem sexy pra caramba entra pela varanda do segundo andar. Anda pelo meu apartamento com uma confiança que só posso sonhar em ter. Me dá um vislumbre de sua arma. Então se acomoda para comer pipoca.

E... está cantarolando?

Meu Deus do céu, ele está cantarolando.

Cuidadosamente, vou mais para o canto. Tento adicionar o máximo de distância entre nós.

Quero perguntar seu nome. Do que ele está fugindo. Mas sinto que quanto menos souber, melhor.

Mas você viu o rosto dele, minha voz interior me lembra.

Sem saber mais o que fazer, encaro seu perfil. Observo a maneira como a luz cintila em seus olhos. Como sua boca abre e fecha enquanto ele come. A maneira como seus ombros parecem relaxados.

Ele parece estar à vontade. Confortável demais.

Pisco lentamente e me esforço para abrir os olhos.

Não consigo ver o relógio do micro-ondas daqui, mas sei que já passou da hora de dormir. Não pretendia assistir ao filme todo. Acordo às cinco da manhã todos os dias, então vou para a cama cedo. Não estou dormindo bem esta semana. Caramba, não durmo bem nos últimos vinte e sete anos.

Ele mastiga mais um pouco de pipoca e observo o movimento de seu pomo de Adão enquanto ele engole.

Talvez isso seja um sonho.

Talvez eu já esteja na cama, dormindo profundamente.

03

Nero

POSSO SENTIR SEUS olhos se fecharem.

Sentir seus músculos relaxarem enquanto o sono leva sua consciência para longe de mim e da situação em que a coloquei.

E isso me deixa furioso.

Esta mulher delicada não deveria baixar a guarda perto de um estranho.

Não perto de mim.

Começo a cerrar os punhos, mas paro. Eu estou no controle.

Estou sempre na merda do controle.

Pego mais um pouco de pipoca e coloco na boca.

Sei que minha raiva é injustificada. Fui eu que disse a ela para relaxar. Falei que não ia machucá-la, então ela não fez nada de errado. A não ser confiar em mim.

Ela não deveria confiar em mim.

Seu corpo desiste de lutar e ela inclina a cabeça para o lado. Seus lábios quase roçam meus dedos. Sua respiração é como uma carícia quente na minha pele.

Eu a observo por um longo tempo.

Olho para ela.

Analiso-a.

Seus cílios tremulam durante o sono e os sonhos a carregam, embora seu corpo permaneça imóvel.

Ela é uma tentação. Mesmo com o corpo escondido debaixo do cobertor, posso dizer que vou gostar dela toda. A maciez de suas bochechas com certeza continua pelo corpo.

As mulheres com quem costumo sair, aquelas com quem se espera que eu esteja, não se parecem com ela. Não são inocentes. Nem gentis. *Ou alimentada*s.

Geralmente, elas se parecem com as cretinas que são. Que precisam ser. Porque meu mundo não é um lugar para doçura e inocência. É um poço escuro que suga toda a luz e bondade de tudo que atinge.

Um som baixo escapa de seus lábios. Algo muito próximo de angústia. Antes que eu possa me impedir, estendo a mão.

Meu polegar paira sobre seu lábio inferior. A pele é tão delicada quanto parece.

Controle-se.

Afasto a mão e me levanto. Meus movimentos são silenciosos. Preciso ir embora.

Eu deveria ter feito isso assim que os carros da polícia passaram.

Com a tigela de pipoca na mão, vou até a cozinha.

O balcão está limpo. Tudo está em seu devido lugar, assim como na sala.

Coloco a tigela na mesa, desconecto o telefone dela da tomada e o pego. Toco na tela, o reconhecimento facial examina meu rosto antes de exibir um teclado numérico.

Acho que ela o mantém bloqueado.

— Quem é você, menina linda?

Passo os dedos nos armários. Sei que não devo deixar impressões digitais, mas não consigo lutar contra a vontade de marcar sua casa. Deixar algum tipo de rastro. Mesmo que ela não consiga ver.

Desvio o olhar e encontro uma pequena pilha de correspondência entre a torradeira desligada e a parede.

— Te peguei.

Pego os envelopes. Leio o nome e o endereço nos que não foram abertos.

Olá, Payton Vawdrey.

Nome bonito para uma menina linda.

Continuo minha inspeção. Vou até uma mesinha onde há um laptop antigo e uma planta. Estendo a mão, toco as folhas e percebo que é falsa.

Cerro os dentes.

Por que uma planta falsa me deixa com tanta raiva?

Porque estou ficando louco.

Está na hora de ir.

Me afasto da mesa e caminho pelo apartamento.

O corredor escuro, se é que posso chamá-lo assim, possui apenas uma porta de cada lado.

Entro no banheiro e acendo a luz.

É pequeno e limpo, como seria de se esperar. A sujeira é visível devido à idade do prédio e não às suas habilidades de limpeza.

Sinto o mesmo cheiro persistente que pensei ter sentido na sala.

O que é? Flores?

Abro o armário de remédios e encontro alguns itens: maquiagem e medicamentos que não precisam de receita para comprar, mas não há perfume. Nada que possa justificar o cheiro.

A cortina do box está fechada. É amarela vibrante e combina com o tapete na frente da pia. Uma tentativa de dar alegria a um cômodo sem janelas.

Puxo a cortina, revelando uma variedade de frascos na borda da banheira. Fixo os olhos em um frasco transparente com tampa preta com um líquido rosa escuro.

Aperto a parte de trás da tampa, abro e inalo o delicioso perfume de rosas.

É ela.

Saio do banheiro e entro no único quarto.

Mais amarelo. Mais limpeza e simplicidade.

Não estou surpreso com o fato de a cama estar arrumada. Há algo nessa mulher que a obriga a manter tudo no lugar. Algo que eu respeito.

A porta do armário chama minha atenção. E como não nego nada a mim mesmo, eu a abro.

Não é como os guarda-roupas que costumo ver. Estou habituado a *closets*, roupas usadas uma vez, algumas ainda com etiquetas. Variedade.

Isso não é variedade.

Aquele lugar morto dentro de mim se aperta.

Não me esqueci de como é viver com quase nada.

Nunca vou me esquecer.

E nunca vou voltar a viver dessa forma.

Deixo tudo como encontrei e volto para a sala.

Anos de prática me permitem chegar perto dela sem fazer barulho.

Ela parece tão calma.

Eu deveria ir embora agora, deixá-la em paz.

Me aproximo, estendo o telefone e espero que o software de identificação facial me permita entrar.

04

Payton

A CHUVA ESCORRE pela minha mão, formando gotas na ponta dos dedos antes de cair no carpete.

— Que garota idiota.

— Eu não sou idiota! — exclamo antes que perceba o que fiz.

Uma mão grande e envelhecida segura meu pescoço. Me sufoca.

Pare.

Penso na palavra, mas não consigo dizê-la.

Não posso falar.

Seguro a mão, a arranho e agarro aquela porcaria de anel de ouro que ele usa. Mas é inútil, não sou forte o suficiente para enfraquecer seu domínio sobre mim.

— Não é idiota, é? — o homem zomba.

A escuridão começa a tomar minha visão. Reviro os olhos, procurando por ajuda. Mas a única pessoa aqui, além dele, é minha mãe. E mesmo as partes intactas de mim não são ingênuas o suficiente para pensar que ela vai intervir.

Ele aumenta o aperto. Suas palavras de desdém nublam minha mente enquanto meu cérebro implora por oxigênio.

As lágrimas escorrem dos meus olhos.

Talvez eu seja idiota.

Inútil, como ele sempre diz.

Finalmente, a fraqueza atinge meus membros e meus joelhos falham.

Ele solta meu pescoço e caio no chão.

— Gorda e idiota. — Ele enxuga a mão na calça jeans, como se estivesse tentando afastar o desgosto por me tocar.

O impacto do meu corpo com o tapete fino tira meu fôlego, então não posso responder. Não que eu fosse fazê-lo. Aprendi a lição.

Luto para respirar e observo enquanto ele se vira e vai embora como se nada tivesse acontecido.

Meu corpo estremece e ofego em busca de ar.

— Menina linda.

O murmúrio não se parece com a voz que assombra meus pesadelos. Mas ainda posso ouvi-la. Ainda posso sentir aquela mão me tocando e os dedos no meu pescoço.

Pisco para escapar do sonho e estendo as mãos para afastá-lo, embora eu saiba que ele não está aqui. É só uma lembrança. Ninguém está me tocando...

Encosto em alguém.

O pânico me atinge mais uma vez e tento me afastar, mas não consigo. Estou no canto do sofá.

O sofá da minha casa.

Sou adulta. Não é ele.

Meu cérebro se ajusta à visão. Ao homem da varanda.

Ah, meu Deus, adormeci com esse estranho em casa?

— Respire. — A mão que pensei estar tentando me sufocar pressiona o esterno. O calor penetra em meu peito e faz com que os pulmões relaxem. — Respire, menina linda.

Culpo o cansaço e a confusão pelas lágrimas que enchem meus olhos, não a gentileza em sua voz. Nem o fato de ouvi-lo me chamar de menina linda depois das memórias vívidas e cruéis de ser chamada de *idiota*.

— Acalme-se. — Ele desce um pouco mais a mão. Está de pé, curvado sobre mim. — Você está bem agora.

Inspiro, trêmula, e assinto.

Um tecido se move sob meus dedos, e olho para baixo. Vejo que estou segurando seu antebraço.

Eu o solto o mais rápido que posso, movendo as mãos de volta para o cobertor. Mas ele me impede de puxar o cobertor até o queixo.

Nossos olhares se encontram e me assusto quando ele fala novamente.

— Qual o nome dele? — Sua voz ainda é baixa, mas também é diferente. Um pouco ameaçadora.

— O-o nome de quem?

O homem inclina a cabeça, o que me faz lembrar aqueles programas sobre a natureza, quando mostram um animal selvagem perseguindo sua presa.

— O homem que colocou as mãos em você. Me diga o nome dele.

Inspiro novamente. Meu coração continua acelerado, mas a razão para isso muda. Se transforma de medo em... outra coisa.

— Por que quer saber? — pergunto.

Ele umedece o canto da boca como se estivesse pensando e dá um leve sorriso.

— Chame de curiosidade mórbida.

Como não respondo, ele se aproxima e pressiona a mão.

— Aposto que você nunca contou a ninguém. Aposto que fez o que foi dito. — Posso sentir sua respiração em meus lábios. — Quebre as regras comigo, menina linda. Coloque-se em primeiro lugar e me diga o nome dele.

Há um lado meu que sabe que devo ficar em silêncio, mas o ignoro.

— Arthur.

Ele emite um som e se endireita. Seu polegar desenha uma linha entre minhas clavículas e se afasta ao se levantar.

— Vamos fazer um acordo. — Ele interrompe o contato visual ao olhar para baixo e fechar o paletó.

Engulo em seco, mas não digo nada enquanto espero que ele continue.

— Não vou contar ao Arthur que foi você quem me enviou. E você não vai contar a ninguém sobre esta noite.

Pisco.

Ele...? Ele acabou de dizer o que acho que ele disse?

— Me diga que concorda, Payton. — Sua voz está mais firme e ouvi-lo dizer meu nome faz minha coluna se arrepiar.

Ele sabe meu nome.

Como ele sabe meu nome?

Encaro seus olhos lindos e assustadores, e sussurro:

— Concordo.

Ele dá um passo para trás.

— Bom.

Me fortaleço, sabendo que vou me odiar mais tarde se não perguntar.

— Qual é o seu nome?

Ele faz uma pausa e, por um momento, parece que vai responder. Mas então ele se afasta e se dirige para a porta.

— É mais seguro se você não souber.

— Mais seguro para quem? — pergunto.

— Para nós dois.

Ele alcança a maçaneta, mas faz uma pausa, e sigo seu olhar até a cesta de roupa que deixei ali perto.

Me sento e observo, com os olhos arregalados, enquanto ele se abaixa e pega uma calcinha dali.

— Estão sujas — ofego.

O homem sorri para mim e a guarda no bolso.

Abro a boca, sem saber o que dizer.

Ele destranca a fechadura e abre a porta, a luz do corredor entra e ilumina suas feições quando se vira apenas o suficiente para olhar para mim.

— Mantenha as portas fechadas, Payton. Deixá-las abertas pode ser visto como um convite.

E, de forma tão silenciosa quanto entrou, ele sai.

05

Payton

O SOM DA PORTA se fechando me tira do transe em que estou presa desde que ele apareceu.

Me arrasto para fora do sofá e tropeço no caminho até a porta. Sinto as pernas bambas.

Apoio as mãos na madeira para me firmar.

Meu corpo treme, como se a adrenalina que deveria estar correndo por ele a noite toda finalmente me atingisse de uma só vez.

Respire.

Ele se foi. Respire.

Levanto a cabeça devagar até alcançar o olho mágico.

Respiro fundo mais uma vez, me aproximo e olho. Mas um suspiro assustado obstrui minha garganta.

O homem está parado no corredor, olhando para mim. Como se soubesse que eu olharia.

Ele aponta para a maçaneta.

Me afasto. Tenho que tentar duas vezes antes de conseguir trancar a porta.

Meu peito arde com a rapidez com que meu coração bate.

Está trancada.

Ele não pode entrar agora.

Uma voz em minha cabeça sussurra que algo tão simples como uma fechadura não seria capaz de manter aquele homem do lado de fora.

Aquele homem. Quem quer que ele seja.

Sabendo que não posso me afastar sem verificar, volto a olhar pelo olho mágico bem a tempo de vê-lo desaparecer no corredor.

Observo o local por muito tempo. A visão dele apontando para a porta queima em minha memória.

Eu já o achava bonito, mas vê-lo sob a luz confirma que é muito mais do que eu pensava.

Suas feições e corpo firme me fazem pensar que ele deve ter por volta de trinta anos, talvez um pouco mais. E seus olhos...

Sei muito bem como é o olhar de alguém que sofreu traumas. Vejo isso todos os dias quando me olho no espelho. Os dele brilham com uma história muito familiar.

Ouço uma porta bater no meu andar, o que me lembra que não estou sozinha no prédio.

Me pergunto se mais alguém o viu.

O pensamento faz com que me afaste da porta e volte para a sala.

Meu corpo ainda treme, mas agora sou capaz de ficar de pé.

Estou no meio do caminho para a varanda quando vejo que as portas já estão fechadas. Cruzo a distância que falta e vejo que o trinco foi travado e o pedaço de madeira que estava solto foi recolocado. Minha barricada improvisada.

Está o mais seguro possível, e ainda assim...

Envolvo os braços em meu corpo, lutando contra um arrepio.

Deixei o cobertor cair quando me levantei do sofá e agora sinto um calafrio.

Payton.

A lembrança dele dizendo meu nome provoca outro arrepio na minha pele.

O poder de um nome. É algo tão simples, mas que pode te fazer se sentir muito exposta. Ele assumiu o poder no momento em que entrou no meu apartamento. Não saber seu nome nos coloca em um campo ainda mais irregular. Porque não tenho como chamá-lo. Como gritar seu nome ou contar sobre ele a alguém.

Olho para as cortinas e me pergunto se inventei tudo isso. Talvez seja um truque da minha imaginação. Ou poderia estar dormindo o tempo todo. Ter sonhado com ele.

Esfrego o local onde ele me tocou.

Ele não pode ser fruto de um sonho. Seu toque era real. Tem que ser. Porque a forma como meu corpo reagiu... foi de verdade.

Meus mamilos estão intumescidos contra o tecido fino da camiseta, o que me deixa muito consciente de que não estou usando sutiã.

Caramba, e quem se importa, Payton?

Escondi meu corpo com o cobertor para que ele não o visse.

Mas quando acordei, sua mão estava na base da minha garganta e o cobertor não estava sobre mim.

Ele o puxou ou eu o deixei cair?

Balanço a cabeça com esse pensamento. Eu teria acordado se ele tivesse puxado o cobertor.

Mas não acordei.

Balanço a cabeça com mais força.

Ele não me tocou. Não *assim*. Eu saberia. *Saberia.*

E por que ele faria isso?

Ele é lindo. Forte, masculino e perfeito. Alguém assim não teria tempo para uma garota como eu, meiga e medrosa, que foge do passado.

Abraço meu corpo com mais força.

Não. Não tenho tempo para um colapso mental agora.

Olho para o relógio e xingo baixinho. Já passa da meia-noite. Com um suspiro alto, decido que vou para o trabalho de Uber amanhã em vez de pegar o ônibus. Vai me custar a metade de uma diária do meu pagamento, mas me dará mais vinte minutos de sono, então vai valer a pena.

Isso é bom em *teoria*, pois sei que não vou descansar.

Pego o celular do balcão e noto que uma das correspondências está torta.

Aperto a borda do envelope e o puxo da pilha.

Como um farol brilhante, meu nome está impresso ali para qualquer um ver. Inclusive o intruso.

— Ótimo.

Incapaz de me afastar sem organizar a correspondência, endireito a pilha depressa.

Detesto quando as coisas estão fora do lugar. Odeio de verdade. Desordem desperta em mim um gatilho sombrio. Já morei em uma casa imunda. Isso nunca mais vai acontecer.

Deixo a luz acesa... como se fosse impedir que mais monstros entrem em casa, e vou para o meu quarto, feliz em ver que ele parece intocado.

06

Nero

INCLINO A CABEÇA para trás e inspiro o ar tempestuoso enquanto o telefone toca.

Cerro o maxilar no quarto toque.

Mais dois. Já estou muito irritado quando ele finalmente atende.

— O que é? — A voz de King é grosseira. Não há surpresa nisso.

— Preciso de um favor. — Repenso minhas palavras. — Dois, na verdade.

Ele zomba:

— O que te faz pensar que eu te faria um favor, quanto mais dois?

— Vá se foder — digo a ele, impassível. — Venha me buscar.

— Sério? Agora? — Ouço a voz de uma mulher através da linha.

— Sim, agora. Diga à sua namorada que está na hora de ir.

— Ela não é a merda da minha namorada — ele retruca.

— Ela sabe disso? — Eu não deveria provocá-lo quando preciso de algo. Mas não consigo evitar. É divertido implicar com ele.

— Sabe. — Seu tom é sombrio, mas não me sinto mal por pressioná-lo.

Ouço uma conversa abafada e, em seguida, o som de uma porta batendo.

— Cara, você é um idiota — ele suspira.

Sorrio no escuro.

— Não sou o único.

Ele bufa e geme, e ouço móveis rangerem.

— Quanto barulho — falo. — Talvez esteja na hora de você se aposentar.

— Não sou muito mais velho que você — King resmunga.

— Não? — questiono, pensando que quatro anos em uma vida como a nossa é pouco.

— Como eu disse, você é um idiota. Não me admira que não tenha mais ninguém para pedir favores. Espere... — Posso imaginá-lo erguendo as mãos. —

Por que você está me ligando para te buscar quando tem uma legião de homens sob seu comando?

Sinceramente, estou surpreso por ele ter demorado tanto para perguntar.

— Porque não quero meus homens aqui.

— Hum. — Ele faz uma breve pausa. — Estou curioso o suficiente para aturar suas merdas por mais uma noite. Onde você está?

Penso em um cruzamento que fica a alguns quarteirões de distância. Será um bom lugar para que ele me encontre, então passo as coordenadas.

— Chego em breve — King responde e desliga.

Ele é o único que pode falar comigo desse jeito, mas porque somos iguais. Ele administra o dinheiro. Eu administro os homens. E as coisas que os homens fazem.

***

Quinze minutos depois, entro no banco do carona do SUV preto de King. Os vidros escuros impedem que qualquer olhar ou câmeras nos capturem juntos.

Não é segredo que King e eu nos conhecemos. Mas não passa disso. Para os outros, somos meros conhecidos. Frequentamos os mesmos círculos sociais de elite, então isso é normal.

Na realidade, temos uma longa história. Muito longa. De juventude e vida adulta fodidas. Começou com um massacre e terminou com a formação da Aliança.

— Favor número um concluído — King diz ao se afastar do meio-fio e entrar no tráfego escasso. — Qual é o favor número dois?

Digito uma rápida mensagem e clico em enviar.

— Acabei de enviá-lo para você.

Com uma mão no volante, King levanta o telefone e dá uma olhada na mensagem.

— Quem é ela? — Ele olha para baixo. — E quem é Arthur?

— Ela não é ninguém. — Volto a atenção para fora da janela. — Mas ele é um homem morto.

07

Payton

MEU CORPO PROTESTA quando saio da cama à medida que o alarme do telefone toca do outro lado do quarto.

Respiro fundo quando meus pés descalços tocam o chão frio, mas luto contra a tentação de voltar para a cama. O objetivo de não deixar o celular na mesa de cabeceira era para que eu tivesse que me levantar para desligá-lo. Já o configurei para o mais tarde possível, o que significa que não tenho a opção de apertar o botão soneca.

Só depois de silenciar o aparelho percebo o quanto este plano é idiota. Um homem esteve no meu apartamento ontem à noite e não pude pedir ajuda, porque meu telefone estava do outro lado da sala. E fiz isso mais uma vez, propositalmente.

— Idiota — me repreendo em voz alta.

Meu cansaço é profundo, então, por mais bobo que esse plano possa ser, provavelmente foi a escolha certa. Duvido que seria demitida por dormir no início do turno, mas não vale a pena o risco.

Se eu pudesse me dar ao luxo de tirar um dia de folga, tiraria. Mas não posso. E mesmo que não odeie meu trabalho, ele não vem exatamente com tempo livre remunerado.

Arrasto os passos enquanto cruzo o corredor e entro no banheiro. Aperto os olhos e acendo a luz, bloqueando o brilho que ainda consegue penetrar diretamente em meu cérebro. Entro no box e abro o chuveiro para deixar a água esquentar enquanto me dispo e uso o banheiro.

Um café ajudaria a me fazer sentir mais humana. Infelizmente, não me dei tempo extra para preparar um, o que significa que só poderei tomar um quando estiver no trabalho. Poder bebê-lo de graça o dia todo é uma das vantagens de trabalhar em um café.

Entro sob a água quente e deixo o calor me acordar. Mas meu tempo é limitado. Um minuto depois, pego o frasco de shampoo e faço minha rotina depressa. Assim que termino com o cabelo, estico a mão para pegar o sabonete, mas meus dedos roçam na parede de azulejos.

Abro um olho e inclino a cabeça para longe do jato.

— O que...?

Enxugo os olhos e encaro a nota de cem dólares encharcada na borda da banheira, onde o sabonete deveria estar.

— Que merda é essa?

Eu a pego. A nota prova ser verdadeira ao não se desintegrar em minhas mãos molhadas.

Ele...

Ele pegou meu sabonete?

Um novo tipo de calor se forma em meus quadris e se espalha pelo meu peito.

Isso não deveria me fazer sentir...

Eu não deveria gostar que ele tenha feito isso.

Mas meu corpo gosta.

Meu batimento cardíaco acelera e um tipo diferente de umidade se acumula entre minhas coxas.

Pare com isso!

Fecho os olhos.

Pare com isso, Payton!

Jogo a nota por cima da cortina e ela cai no tapete do outro lado.

O estranho que entrou pela porta da varanda do meu apartamento, se sentou no meu sofá, assistiu ao meu filme favorito e comeu minha pipoca, o homem que leu minha correspondência, descobriu meu nome e parece ter andado pela minha casa enquanto eu dormia... o mesmo homem que me acordou de um pesadelo com a mão na minha pele nua, o que deveria ter me aterrorizado em vez de me acalmar... roubou meu sabonete. Ou melhor, pagou cem dólares

por uma miniatura de sabonete líquido pela metade. Um frasco que comprei porque amava o cheiro de *dusky rose*, mas não tinha dinheiro para pegar o tamanho maior.

Mordo o lábio.

Agora posso comprá-lo.

Sorrio.

Eu deveria chamar a polícia.

Meu sorriso vacila.

Encho a mão com o sabonete facial. Se limpa o rosto, deve limpar o corpo.

Esfrego, enxáguo, desligo o chuveiro e ignoro de forma enfática a parte do meu cérebro que diz para denunciar o *crime*.

Com cuidado, coloco o dinheiro na bancada do banheiro antes de passar corretivo sob os olhos.

Finjo que minhas mãos não estão tremendo enquanto faço uma trança rápida e esfrego uma toalha na franja para que ela seque um pouco mais reta.

Me convencendo de que este é mais um dia comum, corro pelo quarto para vestir minhas roupas, tentando não pensar no fato de que ele também esteve aqui. Se ele remexeu no banheiro, não tem como não ter entrado no quarto.

O que ele olhou?

O que ele tocou?

Mas não vejo nada fora de lugar. E não encontro mais dinheiro em troca de itens desaparecidos, então não acho que ele tenha levado mais nada.

A tensão faz minha nuca se arrepiar à medida que saio correndo do apartamento e desço as escadas até o primeiro andar. Saio do prédio às pressas e encontro o Uber que solicitei me esperando.

Só quando me sento e fecho a porta do carro, olho para a rua.

Como se talvez ele ainda estivesse aqui.

Observando.

Esperando.

Por mim.

08

Payton

MINHA IDA PARA o trabalho é curta e sem incidentes. O motorista fica em silêncio enquanto dirige pelas ruas vazias de Minneapolis.

É bom estar perto de tudo, mas adoraria morar em uma casa novamente algum dia. Que seja limpa. Em um bairro seguro, com o quintal grande o suficiente para ter um jardim e cadeiras. Talvez cercado para que pudesse ter um cachorro.

Aposto que, se eu tivesse um, ele teria latido quando aquele cara entrou na noite passada. Tenho certeza de que meu cachorro teria sido tão protetor que o cara teria se virado e saído por onde veio.

A fantasia é boa, mas não posso ter um animal de estimação. Não importa o quanto eu queira.

Trabalho demais, meu apartamento é minúsculo e não sei como cuidar de um. Mas nada disso importa, porque não posso arcar com os custos de ter um cachorro. Quer dizer, talvez se fosse bem pequeno, comesse pouco e nunca ficasse doente...

Sinto uma dor se formar no peito ao pensar nesse tipo de companhia, mas afasto o sentimento assim que o motorista para em frente ao Twin’s Cafe. Agradeço antes de sair para a calçada.

Bem na hora.

Suspiro ao usar minha chave para entrar no estabelecimento bem iluminado.

Coloco a bolsa no armário embaixo do caixa e quase rio quando meus pensamentos voltam para a ideia do cachorro.

Posso ter concluído apenas o ensino médio, mas sou inteligente o suficiente para saber que é ingênuo ter esperança. Quero dizer, em geral, é uma ideia ruim. Se minha sorte servir de indicação, eu acabaria com um animal

comilão que ficaria doente pelo menos quatro vezes ao ano.

— Bom dia — Jean, uma das proprietárias, me cumprimenta distraída enquanto carrega uma bandeja de scones até a vitrine.

— Bom dia — respondo enquanto tiro a jaqueta e coloco um avental branco liso.

— Perdeu o ônibus?

Sua pergunta me surpreende, já que não achei que ela havia me notado através das janelas.

— Sim — confirmo.

É mais fácil dizer que perdi o ônibus do que dizer que gastei o dinheiro em Uber de propósito. E não vou contar a ela, ou a qualquer pessoa, sobre o que aconteceu ontem à noite. Pelo menos, não ainda.

Jean faz um som que pode ser interpretado como compreensão, e depois volta a arrumar os itens na vitrine.

Faço as tarefas com ela no piloto automático: faço café, abro o caixa e tiro o filme plástico que cobre as saladas no refrigerador.

O Twin's Café é um local pequeno, mas sempre movimentado, para café da manhã e *brunch*. Abrimos às seis e fechamos às quatro da tarde, servindo café, saladas, sopas e sanduíches. Há uma cozinha nos fundos onde Tamara, a irmã gêmea de Jean, faz a maior parte da comida, junto com Tommy. Ele é um cara mais velho que não fala muito. Mas nunca foi maldoso ou ganancioso, então é meu melhor amigo.

— Primeiro cliente! — Jean grita alto o suficiente para me fazer pular.

Ela faz isso todas as manhãs, como se todos precisássemos de algum tipo de alerta para nos prepararmos. Mas hoje, eu estava tão perdida em pensamentos que nem percebi que ela destrancou a porta.

— Certo! — A voz rouca de Tamara, causada pelo cigarro, ecoa dos fundos.

Como sempre, Tommy permanece em silêncio.

Quando tomo meu primeiro copo de café, deixo a normalidade me

envolver. E por volta das dez, quase consigo me convencer de que me esqueci da noite passada.

— Oi, Payton!

Sorrio ao me virar para a porta e ver um de nossos clientes habituais entrar, com sua arrogância e charme costumeiros.

— Oi, Carlton — eu o cumprimento.

— Como está a minha barista favorita? — Ele sorri ao se aproximar do balcão e para quando está na minha frente.

Reviro os olhos. Não sou barista. Meus talentos nem sequer são dignos do título. Mas não importa quantas vezes eu o corrija, ele continua a me chamar assim.

— Quer o de sempre?

Carlton assente.

— Você sabe que sim. Tenho que manter a forma. — Ele passa a mão pelo estômago plano.

Sorrio.

— Aham.

Digito o pedido dele: café gelado grande com quatro pacotinhos de açúcar e creme, e um sanduíche de salada de frango no croissant com maionese extra.

Carlton é alto, magro e uma daquelas pessoas dotadas de um metabolismo acelerado. Porque, não importa quantas vezes ele venha, não importa quantos desses sanduíches enormes ele coma, sempre está magro como um palito.

Pego seu cartão e passo na registradora.

— Como vai a banda?

Seu sorriso se alarga.

— Ótima! Não quero falar muito para não dar azar, mas podemos ter um bom show vindo por aí.

— Ah, é?

Carlton assente.

— Você vai vir se marcarmos? — Hesito e meus ombros ficam tensos pelo

nervosismo, então ele faz um beicinho. — Você disse que viria.

Eu me forço a relaxar um pouco com seu tom de provocação. Ele só está sendo legal.

— Desde que os ingressos não custem cem dólares, eu vou.

Minha tentativa de fazer piada fracassa quando falo a palavra *cem*. Me lembro da nota úmida na minha carteira.

Pode me chamar de paranoica, mas não confiei em deixá-la em casa, mesmo que fosse mais inteligente que ela secasse antes que eu a guardasse.

Carlton ri.

— Combinado. — Ele estende a mão, como se quisesse me cumprimentar, o que faz com que a tensão reapareça dez vezes mais forte.

Nunca nos tocamos antes. Essa é a segurança da nossa amizade. Essa é a segurança deste trabalho. Eu fico de um lado do balcão e os clientes ficam do outro.

Não gosto de ser tocada.

Nunca deu certo para mim.

Você não se importou quando aquele homem te tocou ontem à noite.

Meu coração dá um salto.

Porque é verdade.

Não me importei.

O sorriso de Carlton não vacila, parecendo não ler minha hesitação.

Estendo a mão com timidez. Se posso deixar um estranho tocar meu corpo depois de invadir meu apartamento, posso deixar um amigo apertar minha mão.

Seus longos dedos envolvem os meus. E nada de ruim acontece.

Não tive muita necessidade de dar apertos de mão em minha vida, então nunca os dominei. Na TV e no cinema, sempre fazem com que pareça fácil. Basta dar a mão e agitá-la.

Mas o quanto se aperta? Quantas vezes você a balança? Qual deve ser o tamanho do movimento?

Carlton não diz nada sobre meu aperto frouxo, dando duas sacudidas em

minha mão antes de soltá-la.

Certo, isso não foi tão ruim.

— Vou te manter informada.

Coloco as mãos no bolso do avental.

— Estou ansiosa por isso.

Parece ser a coisa certa a dizer, embora eu não tenha certeza se é mentira ou verdade.

Um movimento do lado de fora do café chama minha atenção. E quando meus olhos seguem a distração, meus pulmões se contraem.

Não pode ser.

Carlton, seguindo meu olhar, se vira e olha para a rua através das grandes janelas.

— Algo errado?

Ele bloqueou minha visão sem querer, então tenho que me mexer para olhar para fora, mas a calçada está vazia.

Ou sempre esteve?

— Payton? — Sua voz soa preocupada quando ele volta a atenção para mim.

Minha tentativa de sorrir é frágil.

— Ah, não, tudo bem. Eu só pensei ter visto... — Paro. Porque não posso verbalizar isso.

Pensei ter visto um homem de terno. Olhando para mim e para Carlton. Com a mandíbula tensionada e os punhos cerrados.

— Terra para Payton. — Ele acena na frente do meu rosto, e eu pulo.

— Desculpe. — Levo uma mão ao peito. — Pensei ter visto um... um cachorro. — Minhas bochechas coram com a mentira, então sigo com uma verdade. — Eu realmente quero um cachorro.

Sou salva de mais constrangimento quando Jean chama o nome de Carlton, sinalizando que o sanduíche está pronto do outro lado do balcão. Ele pega o almoço, faz uma saudação de despedida e sai pela porta.

Quando ele desaparece de vista, examino a rua novamente.

Ainda está vazia. Me pergunto se será assim que vou morrer. Perdendo a sanidade lentamente, até que os clientes mais simpáticos parem de falar comigo.

09

Nero

— CUIDE DISSO — ORDENO.

— Eu só não estava certo...

Quando meu segundo em comando, Rocco, começa a inventar uma desculpa, perco a paciência.

— Eu te disse para cuidar disso. Faça os homens pegarem o dinheiro dele *agora*. Ou peguem membros como pagamento. Não me importo com o que vai ser.

Desligo antes que me irrite ainda mais.

Meus homens são leais. Eles têm que ser. Às vezes, quero cortar a garganta deles. Mas King e eu não podemos fazer tudo sozinhos... nós tentamos, logo depois de destruirmos o regime anterior. É trabalhoso demais administrar um império do crime sem homens dispostos a se sacrificarem em prol da causa.

Vou para meu quarto e fecho a porta. Não a tranco. Não preciso. Ninguém ousaria entrar.

Tiro as roupas, deixando-as pelo caminho até o banheiro.

Tiro as meias e sinto o piso de mármore preto frio contra meus pés descalços.

A decoração totalmente preta na minha suíte é clichê. A estética clássica do mafioso. Mas a cor é adequada, pois combina com meu coração frio e morto.

Mantenho as luzes apagadas. Sem precisar do reflexo de todas as minhas cicatrizes, paro em frente ao espelho e as observo. Os cortes na área acima e abaixo das costelas, o inchaço circular na barriga e as marcas com a mesma forma redonda na frente e atrás da coxa ainda são visíveis.

Elas contam a minha história. De tormento, sobrevivência e violência.

Não é bonita. Mas é minha. E até agora, a trama me favoreceu. Vivi quando tantos outros morreram.

Ainda assim, minha sorte não vai durar para sempre.

Nunca dura para homens como eu.

E é por isso que preciso esquecer Payton. O motivo pelo qual tenho que fingir que ela não existe. Porque sou obrigado a deletar cada fragmento de informação que coletei sobre ela e deixá-la viver sua própria existência miserável.

Me viro, sem me dar ao trabalho de olhar para a tela de memórias gravada em minhas costas enquanto entro no box.

Olho para cima, abro o registro e o jato frio cai sobre mim, me trazendo de volta ao presente.

Meus músculos começam a relaxar à medida que a água esquenta.

Preciso focar no que é importante. É o mesmo de sempre. Sobreviver.

Quando King e eu fizemos nossa jogada anos atrás, sabíamos exatamente o que implicaria.

Implicaria em nos libertar das correntes da servidão, retribuir àqueles que roubaram nosso futuro.

Mas não somos homens bons. Nem King, muito menos eu. Porque, acima de tudo, significava vingança. E nós nos vingamos.

Uma alegria sombria enche meu peito.

Fomos além da vingança.

Tomamos tudo.

Naquela noite, os esgotos foram tingidos de vermelho.

Quando matamos os russos e os irlandeses, tínhamos uma opção. Pela primeira vez em muitos anos. Poderíamos deixar esta vida e seguir em frente. Tentar encontrar algum senso de normalidade. Ou poderíamos assumir o controle do território e construir nosso legado.

Uma vida tranquila era um sonho bom. Mas a primeira vez que matei um homem, sabia que não haveria volta. Assim, escalamos a montanha de corpos. As gargantas cortadas tornaram o caminho escorregadio e traiçoeiro, mas construímos nosso destino.

Formamos a Aliança.

Inclino a cabeça para frente, cheio de lembranças.

A água quente escorre pelo meu cabelo. O frio dando lugar ao calor me faz apreciar ainda mais o momento.

É fácil se acostumar ao luxo. Mais fácil ainda é se deixar levar pela sensação de invencibilidade.

Como se precisasse me lembrar de que sou humano, baixo a mão para acariciar a cicatriz de tiro em meu abdômen. Foi por pouco. Mesmo com as surras, as noites frias, os dias de fome, aquele pedacinho de metal foi o mais perto que já cheguei da morte.

Houve momentos em que desejei que ela tivesse me levado. Me feito desistir. Mas ainda tenho momentos em que me sinto feliz por estar vivo.

Como ontem à noite.

Abro os olhos lentamente, focando no pequeno frasco roubado que está na prateleira do box.

Não deveria ter pegado. Mas isso nunca me impediu antes. E, suspiro, não vai me impedir agora.

Me inclino, pego o frasco, abro a tampa e inalo o perfume de rosas.

É floral, mas não é leve. Não é feminino ou despreocupado. É... sombrio.

Inspiro mais uma vez e minha mente é preenchida com ela.

Payton.

Sua pele clara. Os olhos assustados.

Minha respiração acelera.

O medo em seus olhos não deveria me excitar.

Quero protegê-la.

Quero me afastar para que ela não se machuque.

Mas seus olhos... aqueles olhos. Os pontos cor da meia-noite naquelas pupilas azuis.

Quando a acordei daquele pesadelo, ela me olhou como se eu pudesse salvá-la. Como se eu não fosse o bicho-papão espreitando nas sombras. Como se

talvez eu pudesse ser mais.

E no momento em que ela segurou meu antebraço...

Gemo e meu pau reage da mesma forma que naquele momento, ficando duro como pedra.

— Merda — digo enquanto viro o frasco e encho a mão com o sabonete. O líquido vermelho brilha na luz fraca.

Coloco o frasco no chão, apoio a mão livre na parede de mármore e levo a outra para baixo.

Você é um doente.

Mas nem o ódio que sinto pode me impedir agora.

Seguro meu pau e deixo o perfume de rosas envolver meus sentidos.

— Puta merda — murmuro enquanto aumento o aperto. O sabonete deixa meu pau escorregadio.

Fecho os olhos e começo a me acariciar. Mas, em vez da minha mão, imagino que é a boceta quente e gostosa de Payton me abraçando. Sua maciez e necessidade por mim removem o atrito.

Movo os quadris, estoco em minha mão e finjo que estou pairando sobre ela.

Imagino seus olhos piscando para mim. Uma mistura de medo e adoração enquanto aperta as bolas.

Penso sobre como seus seios balançariam quando estocasse nela. Nossos quadris se conectariam, fazendo seu corpo estremecer.

Suas curvas macias se contorceriam debaixo de mim, na tentativa de fugir, ao mesmo tempo que tentaria me puxar para mais perto.

Ela provavelmente gritaria.

Meus dedos apertam mais.

Ela provavelmente gritaria. Seus amantes anteriores não eram tão bem-dotados quanto eu. Nem tão implacáveis. Ou cruéis.

Movo mais rápido os quadris.

Aposto que ela me chuparia muito bem.

Aqueles lábios carnudos. As bochechas cheias.

Aquela garota linda me tomaria.

Ela poderia engolir meu pau.

Um gemido sobe pela minha garganta.

Ou ela faria o seu melhor e se engasgaria tentando.

Meus testículos apertam.

Ela contrairia a garganta ao meu redor, olhando para mim enquanto as lágrimas rolavam por seu rosto, o medo surgiria em sua expressão ao imaginar se eu a deixaria respirar.

Se eu faria uma pausa ou se a penetraria até o fim...

Meu pau pulsa, meu orgasmo explode enquanto o gozo jorra na parede.

10

Payton

— OI, LINDA! TEMOS algumas amostras montadas no centro para você experimentar. — O funcionário gesticula com um aceno e as mãos cheias de produto. — Me avise se precisar de ajuda para encontrar algo.

— Obrigada. — Não consigo gritar tão alto quanto ele do outro lado da loja, mas acredito que tenha me entendido, porque sorri antes de se virar para abastecer a prateleira à sua frente.

Faz quase uma semana que o *homem misterioso* entrou no meu apartamento e, depois de muito debate interno, decidi vir ao shopping assim que saí do trabalho para comprar um frasco do sabonete líquido que ele pegou.

Só estive nesta loja uma vez, então levo um momento para encontrar o que estou procurando.

Parte de mim fica tentada a escolher um tipo diferente. Mudar. Mas a outra parte, aquela mais profunda onde guardo meus segredos, não me deixa fazer isso. Ele, *aquele homem*, pegou meu sabonete por um motivo. E posso ser inexperiente, mas tenho a sensação de que ele gostou. Porque tinha o meu cheiro.

Talvez seja doentio, distorcido e definitivamente perturbador, mas gosto da ideia dele no banho, sentindo o cheiro do meu sabonete enquanto uso o mesmo perfume por todo o meu corpo.

Minhas bochechas ficam rosadas. Eu não deveria estar pensando nisso.

— Ah, boa escolha! — A voz do funcionário me assusta, e eu aperto o frasco contra o peito. — Desculpe... — Ele ri. — Não quis te assustar.

— Tudo bem. — Tento agir como um ser humano normal.

— Já experimentou a loção da linha? — ele pergunta, passando por mim para pegar um recipiente preto.

— Não sabia que havia uma — murmuro e me inclino para sentir o cheiro

depois que ele remove a tampa e o leva em minha direção.

Enquanto inspiro novamente, o funcionário lista os atributos: a hidratação, a maciez, a história ambiental... mas tudo em que consigo me concentrar é no aroma de rosas. Tem o cheiro do sabonete em minhas mãos e ficaria em mim por mais tempo.

Fecho os olhos e posso me imaginar saindo do box, com o banheiro cheio de vapor, me enxugando e pegando esta loção. Retirando o produto e depois aquecendo-o nas mãos antes de usá-lo. Revestindo meu corpo com a essência das rosas. Usando-o como escudo e isca. Me sentindo corajosa por usá-lo, esperando que fosse o suficiente para trazer aquele homem de volta à minha porta. À minha vida.

— Bom, não é?

Abro os olhos e vejo uma expressão conspiratória no rosto do vendedor, o que me faz sentir corar pela vergonha.

Aperto os lábios e assinto.

Ele fecha a tampa e me entrega o potinho, depois pergunta se preciso de mais alguma coisa.

Olho para as pilhas de sais de banho, considerando se vale a pena, mas decido não.

Sigo o vendedor até o caixa e tento manter as mãos firmes ao tirar a nota de cem dólares da carteira para pagar.

Parece uma espécie de segredo gigante, como se alguém como eu não devesse ter esse valor na carteira. E normalmente eu não teria. Para ser sincera, isso tem me deixado ansiosa a semana toda. Como se alguém pudesse encontrar o dinheiro na minha bolsa e deduzir que chegou a mim por meios nefastos.

Embora o custo dos dois produtos seja alto, fico feliz em colocar os vinte e sete dólares restantes de volta na carteira. Tecnicamente, o dinheiro ainda é *dele*, mas é uma quantia muito mais razoável para que eu possa justificar.

Com a bolsa nas mãos, verifico a hora no celular e decido que posso me dar ao luxo de ir até a praça de alimentação antes de pegar o ônibus para casa.

Afinal, o que é mais uma extravagância?

11

Nero

POSSO SENTIR O olhar de King quando digo a ele para virar à direita no próximo semáforo.

Ele sabe que este não é o caminho de volta para o meu carro. Eu também sei. Mas já faz mais de duas semanas desde que a vi. E preciso vê-la de novo.

King faz a curva lentamente. Ele está me provocando, mas decido não lhe dar a satisfação de reagir.

Seguimos os próximos quarteirões em silêncio e quando abro a boca para dar novas orientações sobre o caminho, ele aciona o pisca-alerta, indicando uma curva à esquerda.

Desta vez, olho para ele. E instantaneamente quero tirar a expressão do seu rosto com um soco.

Sem que eu diga mais uma palavra, ele faz todo o caminho corretamente, diminuindo a velocidade até parar junto ao meio-fio, do outro lado da rua de um pequeno café que está prestes a abrir.

King coloca o veículo em ponto morto antes de se virar para me encarar.

— É aqui que você queria vir, certo?

Cerro os dentes.

Mesmo que esse idiota seja meu melhor amigo, não gosto de ser sacaneado. É por isso que eu o rastreei em primeiro lugar. Levar algumas horas para esfolar um homem que estava tentando vender seres humanos na minha cidade é uma coisa, mas ter que andar de carro com meus homens quando eles estão agitados depois de um assassinato é tortura.

— Você já esteve aqui antes? — Minha voz é calma, mas sei que não o estou enganando com meu tom.

Ele levanta a mão.

— Juro pela sua sepultura: nunca estive aqui antes.

Reviro os olhos.

— Você é um idiota.

King dá de ombros.

— Diz o *stalker* ao louco.

— Não sou *stalker* dela.

— Não? Me desculpe então. Achei que era, porque fui te buscar perto do apartamento dela no meio da noite e você me pediu uma verificação de antecedentes, das finanças e para rastrear os membros vivos da família dela... — ele faz uma pausa e inclina a cabeça em direção ao Twin's Café. — E agora me fez parar aqui... — ele olha para o relógio — um minuto antes do turno dela começar.

Ele me olha, e eu sustento seu olhar.

— Eu não estou *stalkeando*.

— Tudo bem, tranquilo. — Nós dois olhamos para o movimento na porta do café enquanto uma mulher mais velha se aproxima e a destranca. King solta o cinto de segurança. — Então você não vai se importar se eu for comprar um café.

— O quê? — Meu cérebro está distraído, porque finalmente a avisto. É apenas a parte de trás da cabeça dela, mas sei que é Payton.

O som da porta de King se abrindo chama minha atenção.

— Que merda você está fazendo? — Eu me lanço sobre o console central para agarrá-lo, mas ele sai do meu alcance.

King arqueia as costas para se alongar.

— Você quer alguma coisa?

— Quero que você volte para o carro, seu idiota — eu grunho.

Ele faz um som de desaprovação e balança a cabeça.

— Tanta raiva logo cedo.

— Juro por Deus... — Minha ameaça é interrompida quando King sorri e fecha a porta com força.

Contraio os dedos sem saber se quero abrir a porta e segui-lo, ou pegar a

arma para atirar na nuca dele. Não faço nada disso, porque não posso deixar que ela me veja. E não posso matar o King. Então, fico exatamente onde estou quando ele entra no café.

Quando Payton se vira e consigo ver seu rosto novamente, fecho a mão na maçaneta da porta.

Estou muito longe para ver os detalhes de seu rosto, mas posso imaginar o azul daqueles grandes olhos inocentes enquanto ela olha para ver quem entrou. Sua franja toca as sobrancelhas e finjo que posso ver seus cílios escuros tremulando.

Aumento o aperto.

Quero vê-la.

Fique parado, idiota. Já é ruim o suficiente que o King esteja lá dentro.

Então ela sorri para ele, e eu abro a porta.

Esses sorrisos são meus.

Estou com uma perna para fora do veículo quando me detenho.

Se recomponha, cara!

Xingando em voz alta, puxo a perna de volta e fecho a porta.

12

Payton

— PRIMEIRO CLIENTE!

Tiro a borra de café das mãos.

— Começando cedo hoje — digo a Jean quando ela passa por mim em direção aos fundos depois de destrancar a porta.

Ela resmunga em resposta, e eu suspiro. Acho que hoje será como todos os outros dias.

Me viro para a porta, respiro fundo para cumprimentar o cliente, mas meus pulmões travam. Porque, por um instante, pensei que o homem que estava entrando era o mesmo homem do meu apartamento.

Alto, forte e de terno, é fácil entender por que pensei isso. Apesar do cabelo dele ser um pouco mais claro, o rosto bonito ainda me faz parar, mas percebo que não é aquele que tem protagonizado meus sonhos. Este não é o meu homem.

Meu homem.

Essa ideia é absurda o suficiente para me fazer sorrir.

— Bom dia! — digo com alegria para o estranho.

Seu sorriso é imediato.

— Bom dia.

Quanto mais perto ele chega, mais incerta fico.

A princípio, ele parecia um cara normal. Quero dizer, ele é bonito. E sua postura, corte de cabelo, terno... é tudo *normal*. Mas há uma energia ao redor dele. Como se talvez fosse perigoso. Assim como o meu homem misterioso.

Acho que estou só divagando.

— Como você está? — ele pergunta.

Aquilo me pega de surpresa. A maioria das pessoas só faz o pedido.

— Ah, hum. Não posso reclamar. E você?

O sorriso do homem se amplia.

— O dia está melhorando a cada momento.

— Ah... — Não sei o que dizer sobre isso. Parece que ele está flertando comigo. Tenho certeza de que é só impressão, mas só a ideia me faz sentir culpada.

O que é estúpido. Não tenho namorado.

Relembro aquela noite, quando um homem compartilhou o sofá comigo, e isso me faz querer bater a cabeça no balcão, porque aquele intruso não é nada meu. Provavelmente era um criminoso. E tenho certeza de que não pensou em mim um minuto sequer desde aquele dia.

O homem continua a me olhar, então dou um sorriso desconfortável e faço um gesto para o cardápio com os especiais do dia.

— O que vai querer?

Ele olha para a lista, mas não a lê, apenas se inclina para olhar os doces expostos na vitrine.

— Quero dois cafés e dois... — Seus olhos percorrem as prateleiras. — Muffins de cranberry e limão.

— Boa escolha — respondo enquanto digito o pedido no caixa.

Ele levanta um dedo.

— Qual é a sua bebida favorita aqui?

Arqueio as sobrancelhas.

— Minha?

Ele assente e sorri.

— Sua.

— Uma bebida com café?

Ele concorda com um novo aceno.

— É para um amigo.

— Hummm... — Mordo o lábio. — Gosto muito do café com latte de coco e mel. — Minha voz se eleva no final, como se eu estivesse fazendo uma pergunta.

O homem dá uma risada, o que me assusta e me faz dar um passo para trás.

— Desculpe, desculpe. — Ele balança a cabeça. — Quero um desse.

— Então, dois cafés ou um café e um latte?

— A segunda opção.

Digito o novo pedido e digo o total.

Não tenho certeza do que há de tão engraçado em um latte de coco e mel, mas não estou aqui para questionar as escolhas das pessoas.

Ele tira a carteira do bolso de trás.

— Aqui está.

Olho para cima e, pela segunda vez desde que este homem entrou, paraliso. Sua mão está estendida entre nós, com uma nota de cem dólares entre os dedos.

Ele estende o dinheiro de novo.

— Vocês não aceitam dinheiro aqui?

— Ah, sim, aceitamos. Desculpe. — É a minha vez de me desculpar.

Pego a nota e dou o troco enquanto me repreendo internamente. Agir como uma garota pobre que fica toda nervosa por causa de dinheiro.

Não faço contato visual ao entregar o dinheiro a ele e me viro para pegar seu pedido.

Deveria ter dito que também gosto de café preto. Assim, tudo estaria pronto em menos de um minuto. Mas seria mentira. E ninguém nunca me perguntou qual é a minha coisa favorita, então nem considerei mentir.

Hesito quando pego o chantilly.

Normalmente, eu perguntaria ao cliente se ele gostaria de um pouco, mas como o homem perguntou a minha preferência, decido fazer do jeito que gosto.

Quando o copo está cheio até a borda com chantilly fresco, coloco mel por cima e fecho a tampa.

— Aqui está. — Empurro o saco com os dois muffins pelo balcão. — Precisa de um suporte para bebidas?

— Não, estou bem. — Ele pega sua compra e acena para o dinheiro no

balcão. — Isso é para você, Payton.

Ele está indo em direção à saída antes que eu perceba o que disse.

Ele me chamou de Payton.

Meus dedos tremem quando pego as notas.

Como ele sabe meu nome? Não usamos crachás.

Há uma nota de cinco no topo, com trinta e sete centavos em cima.

Certo, então ele deixou uma parte do troco.

Pego a ponta da nota e a afasto das outras, revelando uma pilha de notas de vinte.

Ele deixou todo o troco. O resto daqueles cem dólares.

É uma coincidência.

É tudo uma coincidência.

Jean deve ter dito meu nome depois que ele entrou. Isso não significa nada.

Olho pelas janelas da frente bem a tempo de ver o cliente entrar em um grande SUV estacionado do outro lado da rua. Não há luz interna acesa no veículo, mas quando ele fecha a porta, juro que vejo movimento.

Há mais alguém lá fora?

13

Nero

MEU OLHAR PERMANECE focado além de King, na expressão abalada de Payton enquanto ele se senta no banco do motorista.

É a mesma expressão que ela tinha no rosto quando ele pagou.

Assim que ele fecha a porta, Payton olha para cima e posso jurar que nossos olhares se encontram. Mas então a porta do carro é fechada e o vidro escurecido bloqueia qualquer visão que ela possa ter de mim.

— Aqui — King resmunga e me entrega um café.

— O que você disse a ela? — perguntei.

— Pedi café para nós. O que você acha que eu disse?

Dou de ombros e me recosto no banco, quebrando meu foco em Payton.

King joga uma sacola de papel no meu colo.

— Um desses é meu.

— O que é?

— Muffins — ele responde ao se afastar do meio-fio.

Eu faria um esforço para pagar a minha parte, mas ele já é rico, então não me dou ao trabalho de perguntar quanto foi.

Com a mão livre, abro a sacola, permitindo que o cheiro de frutas cítricas e açúcar se espalhe.

— O cheiro é bom — falo.

Gostaria de tê-la visto de perto. Quero ver os pontos cor da meia-noite que brilham em seus olhos. Sinto falta do rosto dela.

— Você tirou uma foto? — Assim que as palavras saem da minha boca, percebo o quanto aquilo soa estúpido.

O carro para e, pelo canto do olho, vejo King virar o rosto para mim.

— Me desculpe, mas devo estar ficando louco, porque achei que ouvi você me perguntar se tirei uma foto dela. — Ele espera um instante para eu responder,

mas não o faço. — O quê? Você imaginou que eu pegaria o celular de forma bem casual e tiraria uma foto do rosto dela? Como se a garota não fosse chamar imediatamente a polícia por isso? Você está louco? Sério, é assustador demais. Mesmo para nós.

— Está bem! — respondo com raiva. — Entendi.

— Entendeu? — O tom de King é incrédulo. — O que há com essa garota, afinal? Ela tem uma boceta mágica ou algo assim?

— Não... — me interrompo, rangendo os dentes. — Não é assim.

— *Não é assim.* — Ele repete as palavras. — Parece algo que um idiota diria antes de colocarmos uma bala na testa dele.

— Podemos esquecer isso?

— Ah, não. De jeito nenhum. Não vou me esquecer disso.

— Ela é só uma garota — resmungo.

Estou começando a questionar o quanto realmente preciso dele porque, neste momento, o silêncio pode ser melhor do que ter um melhor amigo.

Querendo adiar uma explicação, levo o copo de café à boca e dou um gole. O que atinge minha língua não é o café amargo e simples que estava esperando.

Inclino o corpo para a frente e tenho que me forçar a não cuspir o líquido no painel do carro. A gargalhada estrondosa de King ecoa e o desejo de acabar com ele aumenta dez vezes.

— Que merda é essa? — questiono quando finalmente engulo.

Mas o palhaço está ocupado demais rindo para responder.

Pego sua bebida do porta-copos e cheiro. Café.

— Sério? — Cheiro a pequena abertura na tampa do meu. — Que merda é essa que você me deu?

Troco nossas bebidas, colocando a porcaria doce no porta-copos quando ele recupera o fôlego para responder.

— Cara, eu estava esperando sua reação a isso, e você não me decepcionou.

— Que bom que achou tão engraçado. Porque agora é seu. — Tomo um

gole deliberado do café puro.

— Como quiser. — Ele dá de ombros. — Achei que você gostaria de experimentar a bebida favorita da sua garota.

Volto a olhar para o copo original.

— É a favorita dela?

— Foi o que ela disse. Ela demorou um pouco para fazer. Até acrescentou alguma porcaria chique por cima. Mas se você não quiser...

King se inclina na direção do copo, mas eu o pego de volta e empurro o café puro em sua mão.

Ele suspira.

— Quer babar no resto da borda primeiro? Já que você colocou sua boca imunda nos dois copos.

— Lide com isso. — Meu tom não tem a irritação que eu queria, pois estou ocupado demais cheirando a bebida favorita de Payton novamente. Me sentindo irracionalmente desapontado por não cheirar a rosas. — O que é isso?

— Coco e mel, acho que foi o que ela disse. — Devo ter feito uma careta, porque King bufa. — Sim, pareceu nojento para mim também.

— Não é nojento — admito. — Só não é o que eu esperava.

Viro o copo e vejo *C&M Latte* rabiscado.

É a letra dela.

Então me lembro do que King disse sobre ela mesma ter feito.

Será...?

Levo o copo até o rosto e pressiono o nariz no lado oposto à escrita, onde a mão dela provavelmente tocou.

Não tem cheiro de rosas.

Droga.

— Cara. — King parece exasperado. — Sério, cara, essa mulher te deixou descontrolado.

Ignoro as palavras dele. Não tenho tempo para seu julgamento.

Ele não entende.

Preciso dela.

Preciso consumi-la.

Abro a tampa, coloco a borda do copo nos lábios e bebo tudo em grandes goles. Apreciando a maneira como o líquido quente queima minha garganta. Alimentando o fogo da obsessão que ruge em minhas veias.

14

Payton

— EU DISSE DESCAFEINADO — uma mulher resmunga.

— O quê? — Olho para a mulher furiosa do outro lado do balcão.

— Eu. Disse. Descafeinado. — Ela fala devagar, como se estivesse falando com um idiota.

Olho para o copo que estou segurando para ela.

— Ah, me desculpe.

— Eu te vi passar direto pelo pote de descafeinado. Se estiver vazio, vou esperar você enchê-lo. Não vou beber isso.

Tensiono um pouco mais os ombros a cada frase que ela fala.

Ela me viu fazer a coisa errada e não me impediu. Apenas me deixou falhar.

— Me desculpe — repito. — Temos descafeinado, eu só... esqueci.

Ela resmunga, cruzando os braços.

Meu rosto está quente quando me afasto da mulher. Ela está agindo como se eu tivesse tentado forçá-la a beber algo. Embora agora eu esteja muito tentada a fazer isso.

Como se você fosse retaliar.

Mantenho os olhos baixos enquanto coloco o copo de café de lado e pego um vazio.

Não sou criança, mas quando gritam assim comigo, me sinto como uma. Como outra vítima impotente. De novo.

Quando meus dedos se fecham ao redor da alavanca laranja no pote correto, a mulher comenta em tom condescendente:

— Bom trabalho.

E eu nunca quis desistir de tudo tanto quanto agora.

Foi um longo dia.

Uma semana longa.

Tem sido uma vida longa. Por que eu nunca consigo ter uma simples folga?

E boa. Não uma folga ruim, como quando meu forno começou a fazer barulho na semana passada. Ou três dias atrás, quando alguém usou alvejante na máquina de lavar antes de eu colocar minhas roupas, arruinando a única calça jeans decente que eu tinha.

— Eu adoraria tomar isso hoje — a mulher fala.

Sem olhar para ela, tampo seu *descafeinado* e coloco o copo no balcão.

Posso senti-la hesitar antes de pegar o copo e sair do café.

Adeus. Não sei o que ela estava esperando. Acho que minha linguagem corporal deveria ser suficiente para deixar alguém saber que não estou interessada em brigar.

Adoraria manter os ombros para trás e a cabeça erguida quando alguém me trata mal, mas é difícil. E aquela mulher tinha idade para ser minha mãe, o que desencadeou um conjunto completamente diferente de emoções. E muitas lembranças que tentei reprimir por muito tempo.

Eu nunca quis brigar.

Não gosto disso. Faço tudo que posso para evitar confrontos.

As poucas vezes em que não consegui e retruquei, não terminaram bem para mim.

Se comporte e não terá problema.

A voz da minha mãe, evocada por aquela cliente horrível, ecoa em minha cabeça.

Ela sempre jogava a culpa pelo comportamento de Arthur em meus ombros. Sempre me dizia “se você fizesse isso” ou “se você agisse assim”... mas eu era uma criança. Uma menina inocente, sem saber como me defender do *bullying* dele. E nós duas sabíamos que não importava o quanto eu me comportasse, não faria diferença. Quando ele estava de mau humor, me batia mesmo sem que eu tivesse feito algo para incomodá-lo.

De forma inconsciente, levo uma das mãos ao pescoço.

Levei pontos. Quebrei o braço uma vez. Todas as coisas que doíam *fisicamente* mais do que às vezes que ele colocava as mãos ao redor do meu pescoço. Mas, de alguma forma, aquilo foi pior.

Porque quando ele me sufocava, não era pela dor. Era pelo medo. O medo de que talvez ele fosse longe demais. Que apertasse além do que eu pudesse aguentar.

Pressiono os lábios e me forço a respirar através das memórias.

A pior parte foi o medo que senti quando vi seu olhar. Aquele que dizia que ele sabia o quanto estava perto de me silenciar de uma vez por todas. E que estava realmente considerando isso.

Quase posso sentir a pressão fria de seu anel horrível contra o meu pescoço.

Tento não pensar em nada disso, mas tenho quase certeza de que ele teria me matado se não fôssemos tão pobres. Arthur sempre parecia encontrar uma maneira de se livrar dos problemas, mas não tinha dinheiro para subornar a polícia para fazer vista grossa sobre um assassinato.

Nos meus dias mais sombrios, há um pedaço de mim que gostaria que ele tivesse feito isso. Para acabar com meu sofrimento e adicionar ao dele. Claro, eu não estaria por perto para desfrutar de sua punição, mas teria morrido realizada, sabendo que ele apodreceria na cadeia.

Meu maior arrependimento é que ele consiga viver uma vida normal. Ele pode não ser uma pessoa feliz, mas é livre. Ele tem controle sobre seus dias. E não merece isso. Ele não merece respirar depois do que me disse... e o que me fez fugir dois dias antes do meu aniversário de dezoito anos.

***

— Espere! Por favor! — Levanto mais a bolsa no ombro. — Este é o meu ponto!

O ônibus está lotado hoje, uma consequência do tempo ruim, e eu estava prestes a cochilar quando a pessoa ao meu lado deu uma cotovelada em minhas

costelas, me acordando de repente. Foi bom que isso tenha acontecido, porque este dia terrível teria sido ainda pior se eu tivesse perdido o ponto.

— Desculpe. Com licença — murmuro enquanto atravesso o corredor lotado.

Já aceitei meu tamanho há muito tempo. Essa sou eu. Quadris largos, coxas grossas... as coisas são assim. Está tudo bem. E geralmente não me importo. Neste momento, quando o motorista do ônibus me encara pelo retrovisor, queria poder sair correndo daqui. Mas corredores estreitos, cheios de cotovelos e quadris largos não combinam.

— Desculpe — peço uma última vez quando chego na parte da frente.

O motorista não responde, apenas abre a porta.

Uma rajada de vento úmido invade o local, fazendo as laterais do casaco balançarem.

Deus, estou tão cansada do dia de hoje.

Seguro o corrimão com firmeza ao dar o último passo para fora do ônibus e vou para a calçada. Fico feliz por ter feito isso, porque quase perco o equilíbrio quando meu tênis entra em contato com a fina camada escorregadia de lama que cobre o meio-fio.

Minha mão mal passou do limite quando a porta bate atrás de mim e o ônibus se afasta em alta velocidade.

— Idiota — resmungo, fechando o casaco.

Eu deveria ter fechado o zíper antes de sair do Twin’s, mas estava com pressa. Coloco a culpa na cliente mal-educada, porque foi no copo de café dela que esbarrei quando o estava vestindo. Mas agora, faltando meio quarteirão para chegar em casa, não vou parar por nada. Que se dane o frio.

Outra rajada de vento me fez encostar o queixo no peito e semicerrar os olhos. Esta mistura de neve e chuva é precoce, mesmo para Minnesota. O peso da chuva vai arrancar mais folhas das árvores e isso me deixa triste. Porque o outono é minha estação favorita e um fim prematuro certamente trará um surto de depressão sazonal.

Com a cabeça baixa, não percebo o pequeno galho na calçada até enroscar a ponta do pé nele.

Tento me impedir de cair. Tento mesmo. Mas sou muito lenta.

Grito quando me inclino para frente.

Tento transferir o peso para a perna esquerda, mas o joelho cede.

Há tempo suficiente para soltar o casaco e esticar as mãos, me preparando para a queda.

Meu joelho esquerdo bate primeiro, depois as palmas das mãos e, em seguida, o outro joelho.

A dor se espalha pelos membros.

A ardência aguda é imediata, e fico imóvel. Tudo dói... o corpo e o orgulho, mas acho que não me machuquei.

Espero até que a dor se transforme em um latejar antes de me mexer e conferir a situação.

Um pedaço de cascalho roça minha mão, como o sal proverbial na ferida.

— Merda! — Tento gritar. É uma triste tentativa de dissipar a emoção que faz meus olhos lacrimejarem. Mas sai como um grunhido. — Merda — repito, desta vez um pouco mais alto.

Com cuidado, volto a ficar de pé. Ainda bem que ninguém mais parece estar por perto para testemunhar minha falta de jeito. Fico ainda mais satisfeita porque, ao contrário do casaco, consegui fechar a bolsa. Ela sujou com a queda, mas todo o conteúdo permanece lá dentro.

Olho para baixo para ver meu estado. A perna da calça não está rasgada, o que já é um milagre, e minhas mãos molhadas estão tingidas de cinza por causa da sujeira da calçada, mas não sangram muito.

Não é nada.

Você é mais forte que isso.

Vai superar também.

É só um dia ruim.

Fungo. Minha garganta se contrai enquanto aquela desesperança familiar

se aprofunda em meu peito.

Isso não é nada, digo a mim mesma.

— *Você não é nada!* — uma voz antiga, mas vívida, grita de volta.

Fecho os olhos. Odeio que a voz dele ainda ecoe na minha cabeça. Odeio que ele tenha algum efeito sobre mim.

Eu não sou nada.

Meu peito treme quando puxo o ar.

Eu não sou nada.

Forço meus olhos a se abrirem.

O dia de hoje pode ter me deixado à beira de um colapso mental, mas não vou permitir que Arthur tire sequer mais uma lágrima de mim. Ele arruinou minha casa. Arruinou qualquer relacionamento que eu poderia ter com a minha mãe. Ele tentou...

Respiro fundo com o horror daquela última lembrança e digo a mim mesma que consegui escapar.

Mas ele não tem controlado sua vida desde então?

A raiva me atinge.

Quero gritar para minha voz interior que ela está errada. Que todas as escolhas são minhas. Mas, no fundo, sei que é mentira. Uma simples palavra é tudo o que preciso para me lembrar do quanto o trauma é profundo.

Virgindade.

É um lembrete constante do meu medo.

Mas eu a segurei com as duas mãos, mesmo quando era a única que acreditava que valia a pena protegê-la. A única que a via como minha escolha.

Limpo as mãos nas coxas e começo a mancar os últimos passos até meu prédio.

Evitei sistematicamente os homens quando fugi de casa. Eles eram aterrorizantes. Mais fortes que eu. Mais cruéis.

Não era minha intenção manter a virgindade para sempre. Só queria esperar até estar pronta. Os anos simplesmente passaram.

Não faço mais questão de evitá-los. Não tremo mais, nem suo quando um homem faz contato visual comigo. Também não faço nada para chamar a atenção deles. Com a minha carga de trabalho, não me dou a oportunidade de conhecer novas pessoas. Os homens que vejo entrarem no café são praticamente os únicos com quem tenho contato. E como a mulher malvestida, sobrecarregada e privada de sono que lhes serve o café da manhã, não desperto o desejo de que me chamem para sair.

Mesmo antes de *tudo*, não posso dizer se algum dos garotos da escola estavam interessados em mim ou não. Eu mantinha a cabeça baixa na aula. Trabalhava todos os dias depois da escola.

É quase impossível fazer amigos, muito menos ter um namorado se você nunca pode convidar alguém para ir até sua casa. E eu *nunca* convidei ninguém.

Arthur não era previsível. E por mais que eu quisesse ter uma amiga, não estava disposta a submeter ninguém ao seu tormento. Sua atenção comigo já era ruim o suficiente. Eu não teria sido capaz de viver se fosse a responsável por ele transferir aquele tormento a outra pessoa.

Mas todas as vezes que ele me aterrorizou, me bateu, me sufocou... nunca cruzou *aquela* linha.

Houve momentos em que me perguntei – me preocupei – se isso ia mudar. Como quando fiquei um pouco mais velha e ele começou a me olhar com ódio em vez da indiferença irritada com que me tratava há anos. Em outros momentos, seus olhos se demoravam em meu peito ou em meus quadris. E eu sabia que algo ruim acabaria acontecendo. Sabia que era inevitável. Mas não sabia *o quê.*

Eu não deveria estar em casa naquele dia, mas meu turno terminou mais cedo e não tinha outro lugar para onde ir. Todos os dias desde então, agradeci a um Deus em quem não tenho certeza se acredito pelo fato de ter chegado na hora certa. Por ter ouvido o que ouvi. Porque, caso contrário...

Paro na porta da frente do prédio e minhas mãos tremem tanto que preciso de três tentativas para destrancar a porta.

Ao sair do frio e entrar no saguão, bato a neve dos sapatos.

Quero ir para o meu apartamento e direto para o chuveiro, mas como já estou no saguão, manco até a caixa de correio.

Seja o que for que pudesse ter acontecido naquela época... não aconteceu. E não vai acontecer. Porque, se não me encontraram até agora, dez anos depois, não vão me encontrar mais.

E, mesmo assim, ainda sou virgem.

Pego a pequena chave dourada e abro a porta da caixa de correio com mais força que o necessário. Há poucas coisas, mas a que está no topo chama minha atenção. É o mesmo papel verde-claro em que imprimem todos os avisos do prédio.

Meu coração acelera quando pego a carta, confirmando que é do proprietário.

Minhas mãos estão sujas. Preciso trocar de roupa. Tomar banho. E comer alguma coisa. Mas a sensação ruim no estômago aumenta a cada segundo que passa e olho para o pedaço de papel dobrado ao meio. Coloco as outras cartas na bolsa, rasgo a fita adesiva que prende as pontas da página e a desdobro.

CARTA IMOBILIÁRIA (são linhas soltas e estão em negrito)

Prezado locatário...

Prendo a respiração, cada linha me deixa mais perto do modo de pânico total.

...melhorias que foram feitas no edifício...

...a partir de primeiro de janeiro...

As palavras começam a embaçar na minha visão.

...aumento de duzentos e cinquenta dólares mensais...

Não pode ser.

Não podem fazer isso.

Não tanto assim.

O medo se instala em meus ombros como um velho amigo.

Aí está a prova de que você não tem controle sobre nada na vida.

Como vou economizar para ter uma vida melhor se mal consigo pagar as contas que já tenho?

Meu próximo suspiro é entrecortado. Tenho até janeiro para resolver isso. São só alguns meses.

E fazer o quê? Você nunca vai encontrar outro lugar mais barato.

O papel em minhas mãos treme.

Você nunca vai conseguir pagar por aquele cachorro.

E com isso, as lágrimas começam a rolar.

15

Nero

NÃO GOSTO DA expressão em seu rosto.

É derrotada. Triste.

— O que há de errado, menina linda? — Minhas palavras ecoam no cômodo vazio.

Payton está sentada no sofá há uma hora, talvez mais, mas é o tempo que tenho observado, e ela não se mexeu. Ela está apenas olhando para o nada com uma expressão desanimada.

Quero perguntar o que há de errado. Saber quem preciso enterrar por fazê-la ficar assim.

Mas não posso fazer isso.

Porque ela não pode saber que estou aqui. Observando.

Se King pudesse me ver agora, encolhido em um apartamento desocupado do outro lado da rua da casa dela, usando binóculos para absorver cada detalhe de sua vida, ele riria até perder o fôlego.

Mas há algo nessa mulher que não consigo ignorar.

Sei que é loucura. Comprovadamente psicótico. Mas considerando que provavelmente matei mais pessoas do que transei, não estou preocupado com a minha saúde mental.

Ela se move e foco o olhar para assistir enquanto ela passa as costas das mãos sobre as bochechas.

Aperto os dedos ao redor dos binóculos.

— Quem te fez chorar?

É o ar de inocência dela que me pega. O que me atrai.

Isso nem faz sentido. Não depois do que King descobriu sobre seu passado. Sobre todas as idas ao pronto-socorro. Os pontos. Os ossos quebrados. Com tudo o que ela passou, não deveria parecer tão... preciosa.

O plástico estrala sob o meu aperto.

Você precisa deixá-la em paz. Te conhecer só vai causar mais dor a ela.

Já disse isso a mim mesmo várias vezes.

Só posso oferecer perigo e sofrimento. Não há nada seguro em mim. Por mais que eu quisesse que fosse diferente.

Abaixo as mãos lentamente. A visão ampliada da minha obsessão se afasta.

Meus olhos permanecem nela, mas não consigo ver seus traços. Seus olhos tristes agora estão escondidos pela distância.

Vá embora.

Vá agora e não volte nunca mais.

Mas quando começo a me levantar, Payton também se levanta.

Eu paraliso.

Ela está atravessando a sala de estar, vindo em minha direção, e meu coração bate mais forte a cada passo.

Payton para com a mão na maçaneta da porta de vidro, aquela pela qual passei algumas semanas atrás. Ela pisca e a abre.

Uma rajada de vento, que eu sei que é fria, sopra pela abertura, fazendo seus cabelos voarem ao redor do rosto manchado de lágrimas.

Mas ela não sai para a varanda.

— O que você está fazendo, Payton?

Dou um passo para mais perto da janela.

Ela recua um passo. E depois outro, fazendo com que sua mão se afaste da porta.

— Payton — sussurro o nome dela no cômodo escuro.

Seus ombros se erguem com uma última respiração profunda, então ela se vira e sai de vista.

Deixando a porta aberta... para mim.

16

Payton

ACORDO COM UM suspiro, algo invisível que me tira do sono.

— Merda — sussurro para o teto ao rolar de costas enquanto meu peito sobe e desce com inspirações rápidas.

Sinto vontade de ir ao banheiro e, com um gemido, me levanto da cama.

São só alguns passos para atravessar o corredor e entrar no banheiro escuro. E não me incomodo com a luz. Abaixo o short de dormir e me sento no vaso sanitário.

Olho para o contorno sombrio da minha roupa e balanço a cabeça. Nunca uso esse pijama. Eu o comprei no ano passado em uma liquidação pós-natal por impulso. O short de seda é vermelho vivo, o que contrasta com minhas coxas claras, e a parte de cima é de seda cor de creme com mangas curtas, botões e gola vermelhos. E não preciso das luzes acesas para saber que não é o pijama sensual que pensei que fosse. É básico. Barato. Outra tentativa fracassada de ser algo que não sou.

Lavo as mãos e fico grata por não poder ver meu reflexo.

Toda essa roupa era para *ele*.

Deixar o cabelo solto ao ir dormir era para *ele*.

Que estupidez, Payton.

Sério, o que eu estava pensando? Deixei a porta da varanda aberta na esperança ridícula de que o Homem Misterioso a visse, aceitasse o convite e entrasse para me arrebatar.

Tão estúpida.

E, além de ser burra, agora meu apartamento está congelando.

Tateio a penteadeira até encontrar um prendedor de cabelo.

Não vejo aquele homem desde que ele saiu pela porta da frente.

Houve vezes em que eu poderia jurar que o vi fora do café, mas sempre

que virava a cabeça para olhar, a rua estava vazia.

Ele não está de olho em mim. Não estou no radar dele.

Cruzo os braços por causa do frio e caminho até a sala de estar. Preciso fechar aquela porta antes que fique doente.

Meus passos diminuem no carpete. O apartamento está silencioso.

Muito silencioso.

Meu coração se aperta e eu paro de andar.

A porta está fechada.

17

Nero

JOGO OS BINÓCULOS em uma lata de lixo do lado de fora do prédio antes de atravessar a rua. Não vou mais precisar disso. Payton tomou a decisão, e vamos mudar isso para um relacionamento próximo e pessoal.

Meus passos largos me levam até a varanda em segundos.

Fiquei naquele apartamento vazio por uma hora depois que ela se afastou da porta, na expectativa de que ela mudasse de ideia e a fechasse e me trancasse do lado de fora.

Mas ela não fez isso.

E não sou um homem bom o suficiente para me manter afastado.

É quase meia-noite, mas é dia de semana e esta é uma parte relativamente tranquila da cidade, então ninguém está por perto para me ver subir na grade da varanda do apartamento do primeiro andar. Me estico e agarro a barra do apartamento dela. O metal range com meu peso, mas assim como da última vez, ele aguenta enquanto apoio meus pés na fachada de tijolos e alcanço o corrimão superior.

A facilidade com que se pode entrar na casa dela me enlouquece.

Ela não deveria morar aqui. Está completamente desprotegida.

Me abaixo no chão da varanda lentamente.

Isso não é invasão, já que ela deixou a porta aberta *para mim*, mas mesmo que fosse, não seria a primeira vez. E tenho certeza de que não será a última. Porque, como diz o ditado, se você quer que algo seja bem-feito...

O ar frio e úmido passa por mim e entra no apartamento, fazendo as cortinas tremularem da mesma forma que fizeram na primeira vez que entrei por esta porta.

Se ela ficar doente, vou colocá-la sobre meus joelhos e usar as mãos para ensinar uma lição que ela não vai esquecer.

Não que você vá vê-la novamente depois disso.

Uma vez.

É só isso.

Uma vez. Uma transa. Uma prova. Então vou exigir que ela tranque a porta todas as noites. Merda, vou pregá-la para mantê-la fechada se for preciso.

Respirando devagar, encho meus pulmões com o ar do outono. Então entro no apartamento.

Fecho a porta deslizante e a tranco.

Não há mais volta agora.

18

Payton

OLHO AO REDOR da sala e da cozinha, mas não há ninguém aqui. E não há lugar para se esconder.

Mas posso sentir a energia. Está diferente.

Ele está aqui.

Sinto as pernas tremerem ao me virar.

Ele tem que estar aqui.

Cruzo os últimos passos até meu quarto, ignoro o banheiro de propósito, assim como o fato de que deixei a porta aberta quando entrei para fazer xixi.

Eu não sabia.

Como poderia saber?

Meu corpo estremece.

Era isso que eu queria.

Foi o que pedi.

E agora é hora.

19

Nero

ELA É LINDA.

Sua respiração suave balança o cabelo que está caído sobre a bochecha.

O cobertor está ao redor dos seus ombros e, embora a cama pareça pequena e desconfortável, o cobertor é grosso, então sei que ela está aquecida.

Perfeitamente quente.

Puta merda, quero tocá-la. Aquela pele macia, o calor do sono relaxando seus músculos, deixando-a flexível. Pronta.

Meu pau começa a endurecer.

Certo, sem dúvida, esta é a coisa mais assustadora que já fiz. Ficar no canto do quarto de uma mulher adormecida, observando-a quando ela não *sabe* que estou aqui. Absorvendo o seu cheiro. *Suas* cores, texturas e expressões.

Mas ela quer que eu esteja aqui.

E não consigo me livrar da sensação de que ela precisa de mim.

Não posso oferecer o que ela realmente está procurando, não posso lhe dar um futuro ou felicidade, mas posso oferecer *isso*. Posso lhe dar esta noite. Prazer.

Payton faz um som baixo e meu corpo fica tenso. Ela se mexe, pisca de leve e outro murmúrio escapa dos seus lábios.

Levanto o pé esquerdo, me preparando para me aproximar e confortá-la. Mas antes que eu possa dar um passo à frente, ela abre os olhos.

Coloco meu pé de volta no tapete com cuidado, me mantendo completamente imóvel.

— Merda. — Seu sussurro podia ser um grito pela forma como me atinge e reverbera em minha cabeça.

Ela fica ali por um momento, olhando para o teto, e me pergunto qual é a melhor maneira de anunciar minha presença. Tenho certeza de que aquela porta

aberta foi um convite. Ainda assim, não tenho como deixá-la saber que estou aqui, parado no escuro, sem assustá-la.

Payton solta um gemido baixo, e observo com muita atenção enquanto ela empurra o cobertor para o lado e sai da cama. Mesmo com as cortinas fechadas, há luz suficiente entrando pelas bordas da janela para destacar a pele nua de suas coxas.

Nunca a vi assim. Não de perto.

Na última vez que estive aqui, ela manteve um cobertor puxado até o queixo na maior parte do tempo. E depois – cerro os dentes para não gemer enquanto meu pau fica ainda mais duro –, quando puxei o cobertor alguns centímetros para baixo, coloquei as mãos sobre ela e senti a pele em minhas mãos... foi viciante. Um único toque dessa doçura foi suficiente para me fisgar.

E agora... bem, agora ela está seminua.

Ainda bem que sei que ela vestiu esse short para mim. Porque, se outro homem a vir assim, vou arrancar seus olhos.

Payton se alonga ao se levantar da cama, e isso estica a blusa justa em seus seios. E, caramba, seus mamilos estão intumescidos e pressionados contra o tecido como pequenos faróis.

Quando ela se afasta, quase gemo. Seu rebolado é perfeito. As nádegas se movem por baixo do tecido fino toda vez que seu pé toca o carpete. Quero segurar meu pau. Apertá-lo para acalmá-lo. Mas não quero que ela me veja ainda. Não até que eu esteja pronto.

Ela atravessa o corredor e um sorrisinho aparece em meus lábios quando a ouço no banheiro.

Não é nada. Todo mundo faz xixi. Mas aposto que isso vai deixá-la mais estressada do que me encontrar aqui sentado em sua cama.

Quando ouço seus passos em direção à sala de estar, me afasto da parede.

E quando ela para, ouço sua respiração profunda quebrando o silêncio do apartamento. Sorrio.

Ela sabe.

E quando ouço seus passos de volta para o quarto, de volta para mim, eu me sento.

20

Payton

PRENDO A RESPIRAÇÃO ao entrar no quarto. E mesmo sabendo que ele estaria aqui, me assusto.

Sentado em minha cama, a poucos metros de distância, está o homem da varanda.

O único sinal de luz vem de trás dele, então é apenas uma silhueta. Mas não há dúvidas de que é ele.

Os ombros largos. O ar de ameaça.

E assim como da última vez, ele está de terno. Mas a gravata está frouxa e vários botões da camisa estão abertos.

Queria poder ver mais. Gostaria de passar os olhos sobre cada centímetro de seu corpo.

Ele respira fundo.

— Chegue mais perto.

Meus pés obedecem. Dou alguns passos, me aproximando mais.

As mãos em seus joelhos se fecham em punhos antes de se soltarem de novo.

Sei que ele não pode me ver melhor do que eu posso vê-lo, mas tenho que lutar contra o desejo de cruzar os braços. Não adianta me esconder agora.

— Esta é sua única chance, Payton. — Sua voz soa mais rouca do que me lembro. A profundidade dela preenche o quarto. — Sua única chance de fazer a escolha certa. A única vez que vou te deixar me dizer não.

Parece que meu coração vai sair pela boca.

Eu deveria dizer a ele para sair. Deveria acabar com essa loucura enquanto ainda posso. Mas não é o que eu *quero*. E, pela primeira vez na vida, vou jogar a *segurança* pela janela e ceder aos meus desejos.

Quero assumir o controle do meu corpo.

Ser tocada.

Quero este homem.

Dou um passo à frente, tremendo. Mas não passa uma única dúvida pela minha mente, porque é isso que quero.

Respiro fundo e respondo a ele com uma pergunta:

— Como devo te chamar?

Ouço um som baixo, quase um ronronar, vindo dele.

— Vou te dizer quando estiver dentro de você. Agora, tire a roupa.

— O-o-o quê?

Ele disse isso mesmo?

Ele mexe os ombros como se estivesse lutando para não se mover.

— Sim, menina linda, tire a roupa para mim. Se mostre por inteiro.

Cada palavra que sai de sua boca me atinge no peito antes de descer direto para o meu núcleo.

É isso que eu quero.

Meus dedos estão trêmulos, mas finalmente abro o primeiro botão da camisa.

Nunca deixei ninguém me ver nua. Nem me despi para uma plateia. Não sei se ele espera que eu me mova enquanto faço isso, porque não tenho as habilidades necessárias para ser *stripper*, então o resto do meu corpo fica imóvel até abrir o último botão.

O tecido se abre um pouco, mas continua grudado em mim.

— Tire, Payton. Me mostre seus seios.

Ele parece quase zangado. Mas não acho que esteja com raiva.

Ele está excitado.

De alguma forma, esse homem bonito e intimidador se sente atraído por mim. Me deseja.

Com uma confiança que só sinto em parte, abro a frente da camisa e a tiro. O tecido desliza até o chão e cai aos meus pés.

Estou tão sobrecarregada que nem pensei em contrair o estômago, e agora

é tarde demais.

— O resto. — Sua voz está tão rouca que parece doer. — Tire o resto.

É isso.

Estou assumindo o controle.

Com um movimento rápido, empurro o short para baixo e ele cai pelas minhas pernas. Chuto o tecido para longe. Não uso calcinha para dormir, então estou completamente nua para ele.

Parada ali, sem saber o que fazer, apenas o deixo me olhar.

A respiração do homem é audível no quarto silencioso. E quase posso ver a tensão crepitar no espaço entre nós.

Ele afasta os joelhos e abre espaço para mim.

— Chegue mais perto.

Tremendo de nervoso, frio ou excitação, me movo até ficar entre suas pernas.

Quase ficamos cara a cara.

Ele levanta as mãos e as passa pelos meus quadris, pela lateral do meu corpo... seus dedos roçam de leve a parte inferior dos meus seios.

— Não vou ser gentil. — Sua frase é pontuada pelas mãos que se fecham em meus seios.

O calor me surpreende. Tudo me surpreende. A sensação das mãos de outra pessoa na minha pele nua é completamente nova.

Ele me aperta e geme, pressionando meus seios para uni-los.

— Não vou fazer amor com você, menina linda. — Ele baixa as mãos para meus quadris, permitindo que meus seios se movam livremente, e me puxa para frente, fazendo meu corpo colidir com o seu. — Vou te comer.

Sua boca cobre um dos meus mamilos.

Um som de surpresa escapa de mim e levanto as mãos para segurar seus ombros.

— Ah, caramba! O que é...

Sinto os dentes arranharem minha pele intumescida antes que ele sugue.

Com força. Sensações percorrem meu corpo. E quando ele geme contra a minha pele, sinto a resposta entre as pernas.

Ele se afasta, mas deixa uma trilha de beijos molhados até o outro seio.

— Delicioso pra cacete — ele grunhe e captura o outro seio. Sua língua gira no mamilo antes de devorá-lo. Cada movimento da língua reflete em meu clitóris. A pulsação aumenta a cada segundo.

Isso é tão bom.

Quem diria que seria tão bom?

Cada pedaço de mim está latejando. Preciso de mais.

— Por favor?

Ele flexiona as mãos em meus quadris antes de alcançar meu traseiro.

Esse homem me puxa para ainda mais perto, e sinto seus dedos pressionarem a junção das minhas coxas por trás. Seus dedos percorrem minha entrada, deslizando com facilidade.

Nós dois gememos ao mesmo tempo, e ele solta meu mamilo.

— Você está encharcada para mim.

— Estou — concordo, mesmo que não fosse uma pergunta.

Sem aviso, ele se levanta.

Começo a recuar, mas ele me segura pelos braços.

— Você deveria ter mantido a porta fechada — ele resmunga.

Antes que eu possa responder, ele nos gira e me empurra para trás.

Grito quando caio, aterrissando com um solavanco no colchão.

Seu olhar não se afasta de mim enquanto ele se despe, se movendo de forma tão rápida e eficiente quanto eu. O paletó cai, em seguida a gravata, então a camisa desaparece.

Seu corpo é todo musculoso e minha boca está salivando antes mesmo de ele começar a abrir o cinto.

Com nossas posições trocadas, a luz ilumina seu rosto e finalmente posso vê-lo. Ele é perfeito.

Mais que perfeito.

Ele termina de se despir de uma vez e... *puta merda*. Seu pênis aparece.

Nunca vi um pênis pessoalmente.

Eu me arrasto para trás.

Talvez isso tenha sido uma má ideia.

Talvez eu devesse perder a virgindade com um cara comum. Um cara menor. Porque tenho certeza de que isso não é normal.

Ele tira a calça e cruza a distância até a cama.

Tento fugir, mas ele segura meu tornozelo com uma mão, me mantendo no lugar, e rasteja pelo colchão.

— A hora de fugir já passou, baby. Agora é hora de ceder.

Estou tão excitada e superestimulada que não consigo formular uma resposta. E quando ele abre minhas pernas, eu deixo.

— Essa é a minha garota — ele me elogia e passa a mão na parte interna da minha coxa.

O homem passa a língua pelo lábio inferior e se aproxima.

Ele tira meus pés do caminho, deixando espaço para que seus joelhos emoldurem meus quadris. Fico com os pés para cima.

Ele está de joelhos, olhando direto para minha intimidade exposta.

— Tão molhada que até consigo ver. — Ele passa dois dedos pela minha entrada, me fazendo pular. Arregalo os olhos quando o vejo esfregar os mesmos dedos em sua ereção.

Isso é... as pessoas fazem isso?

Quero perguntar se posso tocá-lo. Quero saber como é segurar um pênis. Mas não tenho como fazer essa pergunta sem revelar minha inexperiência. E não quero dar a ela a chance de mudar de ideia.

Ele acaricia seu pênis mais algumas vezes, mantendo os olhos entre as minhas pernas. Com a outra mão, ele se inclina e me abre.

Me remexo nos lençóis, sem saber o que devo fazer com as mãos. Se devo ficar quieta.

— Uma boceta tão bonita. — Ele passa o dedo para cima e para baixo na

minha entrada, mas não me penetra. — Aposto que vai ser apertada. Aposto que você vai me fazer gozar intensamente.

Suas palavras fazem com que eu me contorça tanto quanto seu toque.

Continuo alternando entre observar o que está acontecendo e fechar os olhos em êxtase.

Passei muito tempo imaginando como seria o sexo, mas nunca foi assim. Nem em meus sonhos eu poderia imaginar um homem como ele.

Algo maior pressiona minha entrada e abro os olhos. Seu pênis está lá. *Bem ali.*

Está prestes a acontecer.

Estendo as mãos para ele, mas o homem está muito longe e fora de alcance.

Ele não pode me penetrar assim, pode? Pensei que ele precisasse estar em cima de mim...

Sem aviso, ele move os quadris alguns centímetros para frente e sinto meu corpo se abrir. Estou escorregadia, implorando por sua entrada.

— Nero. — Sua voz soa baixa quando coloca as mãos na minha cintura. — É como você deve me chamar. Nero.

As duas sílabas percorrem minha pele. É certo. O nome perfeito.

— Nero — sussurro seu nome e observo seus olhos se fecharem.

A felicidade cruza suas feições. Abro a boca para repetir seu nome, mas o que sai a seguir é um grito.

21

Nero

OUVIR MEU NOME em seus lábios desbloqueia algo quente dentro de mim. Espero um segundo para que sua voz me envolva, depois empurro meus quadris para frente.

Meu pau encontra uma leve resistência, mas já estou penetrando, rompendo, enterrando todo o meu comprimento em sua boceta doce e quente.

Ela me aperta com tanta força que mal consigo pensar. Mas juro...

Juro que senti...

Seu grito ainda ecoa em meus ouvidos. E não foi um som de prazer.

— O quê? — pergunto ofegante enquanto me mantenho paralisado.

Abro os olhos e vejo sua expressão de dor. E mesmo que seus olhos estejam bem fechados, consigo ver as lágrimas escaparem. Escorrerem pelas laterais de seu rosto.

— Como...? — Não consigo formular minhas perguntas.

Minha menina linda é virgem?

Como isso é possível?

Movo os quadris para trás, precisando ver a evidência.

Ela geme com o movimento, mas mesmo no quarto escuro, posso ver a mancha de sangue no meu pau. E a visão faz minhas bolas apertarem, quase explodindo.

— Payton. — Seu nome sai estrangulado.

Não consigo acreditar.

Por quê? Por que ela me daria uma honra dessas?

A mim?!

Ela abre os olhos e estende a mão mais uma vez.

— N-não vá.

Eu quase rio.

Ir embora? Ela acha que vou embora?

Sem chance.

Não consigo rir, porque meu foco está de volta entre nós, na inocência que mancha meu pau.

Faço a pergunta ao mesmo tempo em que passo o dedo pelo meu comprimento, coletando a prova.

— Você é virgem?

Ela assente de leve e seus lábios se curvam em um sorriso tenso.

— Agora não sou mais.

Observo o sangue na ponta do meu dedo e o enfio na boca.

O gemido que me escapa é profundo. O gosto metálico que inunda meus sentidos é meu novo vício. E não penso, apenas a penetro novamente. Até o fim.

Payton grita com a intrusão e o som é música para minha alma.

Desloco meu peso para frente, com uma mão de cada lado de sua cabeça para que ela possa me alcançar. E quando isso acontece, ela se agarra ao meu corpo.

Suas pernas se abrem ainda mais para me acomodar e seus pés pressionam meus quadris, me puxando para mais perto em um segundo e tentando me afastar no seguinte. Como se ela não pudesse decidir se quer que eu saia ou se quer mais.

Mas ela só vai ter uma dessas opções.

Movimento os quadris, me alojando ainda mais fundo.

— Diga meu nome, Payton. Me diga quem é o dono desta boceta agora.

— V-você, Nero — ela geme.

Mal consigo ouvi-la sobre a pulsação que lateja, mas sinto. Por toda parte. Sua leveza se instala em minha alma podre.

— De novo — ordeno com os dentes cerrados.

— Nero! — Ela está ofegante, se contorcendo embaixo de mim. — Nero é o dono. — Ela me puxa para mais perto. — Por favor!

Me apoio nos cotovelos, deslizo uma das mãos por trás de sua cabeça e

seguro seu cabelo com firmeza.

— Isso mesmo, baby. Pertence a mim. — Penetro mais uma vez. — Agora, você pertence inteiramente a mim.

Aumento meu aperto e inclino o pescoço para trás. Aproveito o ângulo para beijá-la.

22

Payton

MEU CORPO INTEIRO está em chamas. Sinto dor, prazer e uma intensidade com a qual não sei lidar.

Mas agora, ele está me beijando.

Nero está me beijando.

Seus lábios são quentes e exigentes. E talvez seja porque nunca fui beijada, mas parece que ele está me reivindicando.

Este beijo é tão feroz quanto todo o resto dele. Seu aperto em meu cabelo. Seus quadris batendo entre minhas coxas. Parece posse.

E deixo tudo acontecer. Sigo seus movimentos e retribuo o beijo.

Finalmente deixei o controle de lado para entregá-lo a outra pessoa. E é incrível. Maravilhoso.

Quando sua língua entra em minha boca, eu gosto... ah, caramba, posso sentir. Provar o que ele tomou, o que lhe dei. E isso me faz sentir selvagem.

— Nero — ofego e abro a boca para ele.

O puxão no meu cabelo se intensifica e a queimação em minha cabeça faz meu interior apertá-lo.

— Payton. — Seus quadris se movem contra mim. — Minha menina linda. — Ele retira o pau enquanto lambe minha boca. — Você é minha agora. — Ele me penetra de novo. — O sangue em meu pau te fez minha. — Nero inclina a cabeça e aprofunda ainda mais nosso beijo, nossos dentes batem e nossas línguas se enroscam. — Vou ficar enterrado nessa boceta para sempre.

Gemo. Movo meus quadris inexperientes para encontrar os dele. Seguro seus ombros largos e musculosos.

Quando minha língua está prestes a entrar em sua boca, ele me penetra ainda mais forte.

— Me deixe entrar, porra — ele rosna em meus lábios.

Ele está dentro, muito fundo, mas não sei como deixá-lo se aprofundar mais.

— Vamos lá. — Ele solta meu cabelo e segura a minha perna, puxando-a para cima até que meu joelho esteja preso em seu antebraço, me abrindo ainda mais.

— Me deixe entrar, porra! — ele ordena.

Não estou lutando contra. Não o estou impedindo. E antes que eu possa responder, ele está me penetrando ainda mais, estocando mais fundo dentro de mim.

Ele alcança meu cabelo novamente e começa a massagear meu couro cabeludo.

— Isso. Essa é a minha menina linda. Me deixando entrar de forma tão profunda.

— Nero — eu gemo.

Meu corpo está em chamas. O fogo preenche minhas veias e me deixa perto da combustão.

Ele não para de mover os quadris e o braço que segura minha perna se eleva ainda mais, me esticando mais um pouco. Os dedos que massageiam meu cabelo são um forte contraste, suaves e reconfortantes. E é tudo demais.

Minha respiração falha e antes que eu possa me conter, começo a chorar de verdade. Não é de dor. E não quero que ele pare. É apenas a sensação de liberdade avassaladora que tenho desejado há tanto tempo finalmente tomando conta.

— Isso mesmo, Payton. — Suas palavras são quentes em minha orelha. — Me tome. Me sinta.

— Estou te tomando — ofego. — Eu sinto.

Ele passa a língua em meu rosto e sei que está lambendo minhas lágrimas.

As estocadas de Nero diminuem apenas um pouco, mas sua força ainda é avassaladora. Nossos corpos se conectam com uma colisão brutal a cada vez.

— Preciso que você faça mais uma coisa para mim, baby. Me dê mais uma

coisa.

— Qualquer coisa. — Assinto. — Farei qualquer coisa.

Posso sentir sua respiração em minha bochecha.

— Preciso sentir essa boceta virgem gozando no meu pau.

— Eu...

Ele corta minha resposta ao pressionar sua boca na minha. O beijo é mais lento desta vez. E me concentro na sensação de seus lábios nos meus, nos movimentos deliberados. Me movo com ele. Me abro para ele. Provando-o. E então sinto seus dedos no meu clitóris.

Não percebi que ele soltou minha perna, mas agora sua mão está entre nós e é...

Gememos na boca um do outro enquanto aperto ao redor dele. Estou muito perto.

— Você está quase lá — ele geme.

— S-sim.

Ele morde meu lábio inferior com força suficiente para que eu sinta em meus mamilos.

— Ah, Nero, estou quase...

Ele leva a mão que estava em meu cabelo para a nuca e me puxa para si, apoiando todo o seu peso no cotovelo.

Envolvo braços e pernas em seu corpo e aconchego o rosto em seu pescoço enquanto seus dedos tocam meu clitóris. Me levando ao clímax com a carícia.

— Diga de novo — ele grunhe. — Diga meu nome enquanto goza.

Ele investe em mim, seu pau se aprofunda mais à medida que seus dedos apertam meu clitóris. E eu explodo.

23

Nero

— NERO! — SEU GRITO soa rouco. E é um som que nunca vou esquecer.

Payton estremece em torno do meu pau e não me contenho. Movo os quadris mais rápido.

— Isso mesmo, baby — ofego. — Goze para mim. Aperte meu pau até que ele te encha com meu sêmen.

Mais lágrimas escorrem de seus olhos, as trilhas cintilantes ficam gravadas em minha memória, me deixando muito mais perto do limite. E quando suas pernas me envolvem ainda mais, me estimulando a ir mais fundo, estou acabado.

Com um rugido em seu cabelo, a penetro o mais fundo que posso e meu pau pulsa enquanto gozo dentro dela.

24

Payton

MINHA RESPIRAÇÃO PERMANECE irregular por alguns momentos. Talvez minutos? Parece uma eternidade.

Me sinto exausta. Esgotada de todas as formas possíveis. Mas também me sinto em paz.

É confuso. Meu cérebro está nublado, mas estou consciente o suficiente para saber que tudo isso é complexo demais.

Não sei nada sobre o homem cujo corpo ainda está sobre mim, dentro de mim, exceto seu nome. *Nero*.

Isso não é totalmente verdade. Sei que ele estava aqui quando eu mais precisei. Sei que ele tomou as rédeas que entreguei. E, caramba, ele fez um bom trabalho.

Lutei contra a decisão a noite toda, mas abri aquela porta porque queria que ele entrasse. Como ele fez antes. E quando ele entrou, me deu ainda mais do que ousei sonhar.

Minhas mãos estão apoiadas em suas costas nuas, sentindo-as subir e descer, sentindo sua pele quente.

Nero emite um som que só posso descrever como contentamento enquanto enterra o rosto naquele ponto entre meu pescoço e ombro, me fazendo sorrir.

Ele não é tão intimidador agora. Nem tão assustador.

Mas, ainda assim, a situação é surreal.

É difícil respirar com o peso dele sobre meu corpo, mas me esforço para inspirar devagar para que ele não se mexa. Não estou pronta para quebrar esse feitiço. E não quero lidar com as consequências das minhas ações ainda. Estou gostando da sensação de sua pele em minhas mãos.

Até que ele morde meu pescoço, o que me faz tremer e meus músculos contraem.

— Payton, se você continuar apertando meu pau assim, vou te comer de novo. — Ele toca minha pele a cada palavra, e não consigo me impedir de apertá-lo novamente. Nero geme, e eu me preparo para que ele saia de cima de mim.

É o que os homens sempre fazem nos filmes que assisto e livros que leio. Mas em vez disso, ele se move para trás, até estar ajoelhado entre as minhas pernas, assim como estava quando começamos. E ainda está dentro de mim.

Nero aperta os dedos na parte interna das minhas coxas, me mantendo aberta.

Agora que terminamos e a intensidade da paixão diminuiu, minhas bochechas esquentam de vergonha. O quarto não está mais claro, mas nossos olhos se ajustaram. E me deitar com as pernas abertas, nua na frente de um homem lindo, não é uma situação confortável para mim.

Ouço um estrondo vindo de Nero, ele flexiona os dedos em minhas pernas enquanto move os quadris para trás, tirando o pau de dentro de mim.

Tento fechar as pernas, mas ele me impede.

— Nero? — Não sei como expressar meu desconforto, mas não importa. Ele não presta atenção nas minhas palavras. Todo seu foco está entre minhas pernas.

Me movo sob seu olhar e sinto... seu gozo escorrer de dentro de mim.

Tento fechar as pernas, mas ele aumenta a pressão.

— Espere — ele diz em voz alta.

Desisto e abro as pernas, relaxando o máximo possível. Mas quando ele desliza um dedo em minha entrada, tento fechá-las novamente.

— Nero! — falo seu nome em tom de protesto. E quando ele levanta os dedos úmidos, cubro os olhos com as mãos.

Um segundo depois, ele solta um gemido profundo, e posso jurar que seu dedo está na boca, mas não olho. É tudo muito esmagador.

Ele aperta minha coxa mais uma vez.

— Não se mova.

Obedeço ao seu comando.

O colchão se move e olho por entre os dedos quando percebo que o quarto está vazio. Me sinto tentada a fechar as pernas, mas sei que não adianta. Além disso, posso sentir a umidade escorrendo para o colchão e se acumulando entre minhas coxas.

Ouço a torneira da pia do banheiro sendo aberta e, alguns segundos depois, Nero volta para o meu quarto. Ele não demonstra nenhuma preocupação por estar andando completamente nu. E se ele não vai se esconder, então vou olhar.

Quase peço para acender a luz para poder vê-lo, mas isso significaria que ele poderia fazer o mesmo comigo, e ainda que ele pareça muito satisfeito com meu corpo, não estou pronta para isso.

Nero volta para a cama, retomando seu lugar entre minhas pernas.

Estou prestes a perguntar o que ele está fazendo quando sinto a pressão de uma toalha fria e úmida contra minha boceta.

Eu me afasto com um grito assustado.

— Fique quieta.

Ele diz isso e me mantém aberta enquanto me limpa. *Intimamente*.

— Está frio — eu sibilo.

Ele passa o pano sobre mim mais uma vez com gentileza.

— Eu sei, baby.

— Você poderia ter usado água morna — resmungo, aceitando toda a situação estranha.

— Você vai ficar bastante dolorida, o frio pode ajudar — ele diz isso com naturalidade e sai da cama mais uma vez.

— Ah.

Ouço a água correr por um minuto e, quando ele reaparece na porta, percebo que posso fechar as pernas.

E ele está certo sobre uma coisa. Já me sinto dolorida, por dentro e por fora.

Nero fica ali, me observando por mais um momento antes de declarar:

— Não vou ficar.

E com isso, tenho a sensação de que todo o meu corpo foi coberto por uma toalha fria.

— Tudo bem — sussurro e puxo o cobertor para me cobrir.

Há uma mancha úmida no lençol debaixo de mim, mas vou ignorá-la até que ele vá embora.

Observo em silêncio enquanto Nero pega suas roupas, vestindo-as uma a uma.

Não sei por que suas ações me deixam triste. Era isso que eu esperava que ele fizesse. Sinceramente, não pensei que se tornaria algum tipo de relacionamento amoroso. Nunca fui tola o suficiente para esperar por algo assim. De ninguém.

Quando ele se vira para pegar a calça, pequenos pontos de luz refletem em suas costas e posso ver as cicatrizes.

Eu as senti quando o abracei, sem pensar na textura elevada no momento. Vê-las agora, mesmo em partes, é perturbador. Há várias.

Sinto vontade de perguntar sobre elas, de tocá-las novamente. Mas fico quieta.

Nero veste a camisa.

— Não vou ficar.

É uma repetição do que ele já disse. E seu significado é claro. *Não vou ficar* é diferente de *não posso ficar.*

Ele está escolhendo partir. Escolhendo ir embora.

E como não reconheceu minha resposta antes, não me dou ao trabalho de dizer mais nada.

E tudo bem. Está mesmo. Caramba, eu basicamente o enganei para tirar minha virgindade. Ele provavelmente está enoja... quase balanço a cabeça com esse pensamento. Ele *não* está enojado. Na verdade, está exatamente o oposto disso.

Nero veste o paletó e o vejo colocar a gravata no bolso em vez de no

pescoço.

Sua aparência é incrível parado ao pé da cama. Parece perigoso. Como uma mistura distorcida de salvador e executor, unidos para criar um pacote confuso e pecaminoso.

Bem, é isso.

Abro a boca e digo a única coisa que consigo pensar:

— Obrigada, Nero.

E falo sério.

Ele me encara e solta um suspiro tão longo e alto que me faz puxar os cobertores até o nariz.

Suas bochechas flexionam quando ele aperta a mandíbula. Então ele inclina a cabeça para trás e suspira mais uma vez.

— Droga, Payton.

Aperto os lábios. Não sei o que está acontecendo.

Não achei que agradecer seria um passo tão errado, mas não é como se pudesse retirar as palavras.

Ele tira o paletó e caminha para o lado da cama.

Automaticamente, começo a me afastar, a reação natural do meu corpo ao ser perseguida.

— Pare — Nero fala, e eu obedeço. Arregalo os olhos em choque quando ele puxa a coberta para trás e sobe na cama ao meu lado.

— O que, hum... — Eu paro.

— Eu não vou ficar — ele murmura.

Ele parece resignado, mesmo quando faz o oposto do que acabou de dizer, e eu quase rio.

Nero se deita de costas, mexe no travesseiro, levanta a cabeça e o afofa, tentando ficar confortável. Com um suspiro final, ele estende o braço em minha direção.

— Venha se aconchegar comigo.

25

Nero

NÃO VOU FICAR.

Encaro o teto escuro.

Não vou ficar mesmo.

Meus olhos começam a se fechar.

Talvez só por um minuto.

26

Nero

OS GEMIDOS DE Payton ecoam em meu ouvido.

Seu corpo macio se contorce debaixo do meu.

Posso sentir o prazer dela se formar entre nós.

Ela é a perfeição. A luz em meu quarto escuro.

Passo os dedos por sua doce boceta e os arrasto pela barriga.

Mas então sua respiração para. E seu peito também.

— Payton. — Minha voz parece tão distorcida que mal consigo me entender.

Ela não responde.

— Payton!

Devagar, bem devagar, passo os olhos por todo seu corpo nu.

Sua linda boceta rosada.

A mancha vermelha de sua virgindade.

Gotas de suor.

O fluxo de sangue sobre seus seios.

O corte profundo em sua garganta.

Eu me inclino em direção a ela com as mãos estendidas para estancar o sangramento.

Ofego e acordo.

Faz tanto tempo que não tenho pesadelos que não estou acostumado com a sensação chocante de estar preso entre as realidades. É tão recente que parece uma lembrança. Parecia tão real. Caramba, parecia real *demais*.

Respiro e me concentro no apartamento simples na Fifth Street e na mulher viva pressionada ao meu corpo.

Inspiro mais uma vez: rosas, roupa limpa e sexo.

Payton.

Passo o polegar em seu ombro nu.

A porra de uma virgem.

Eu não estava esperando por isso. Nunca passou pela minha cabeça essa possibilidade. Payton é jovem, provavelmente jovem demais para mim, mas já passou da idade de ser virgem. Na verdade, ela tem idade para ter dormido com vários homens.

Minha besta interior rosna com a ideia.

Ainda bem que ela era virgem. Só de pensar em algum cara que chegou com o pau perto da boceta de Payton andando por aí me deixa com uma raiva assassina.

E se alguém mais a tocar...

Se alguém mais a machucar...

Uma sensação de esmagamento pressiona meu peito.

Alguém a machucou.

Fecho os dedos lentamente.

Alguém a machucou muito.

E está na hora de alguém ser machucado.

27

Nero

— PUTA MERDA, CARA, sabe que horas são?

Ignoro o resmungo de King e vou direto ao ponto.

— Quer me acompanhar até Fargo?

— Por que alguém iria... — ele se interrompe, e eu o ouço se sentando na cama. — Você vai foder com aquele velho, não vai?

Aciono a seta.

— Vou.

— Caramba, conte comigo. — Ele parece bem desperto agora. — O hangar de sempre?

— Sim. Decolamos em quarenta minutos.

Encerro a ligação, entro na rodovia e sigo em direção ao pequeno aeroporto privado.

Já liguei para Sloan para que ele arquive o plano de voo e prepare o avião. Ele resmungou bastante, mas vai fazer, porque é o seu trabalho. E não pago para ele morar perto do aeródromo à toa.

Odeio deixar rastros dos meus movimentos com planos de voo, mas odiaria ainda mais ser derrubado em um avião. E não tenho tempo para dirigir até lá. Além disso, tenho um galpão em Fargo, então tenho uma desculpa para ir até lá. E esse é o motivo pelo qual tenho galpões em todos os estados vizinhos. Mesmo que estejam vazios, são de minha propriedade, então sempre tenho uma razão válida para um voo.

A viagem é tranquila e chego à guarita pouco antes das três da manhã.

Esta não é a primeira vez que apareço no meio da noite, então o segurança me cumprimenta com um aceno de cabeça e me deixa entrar. Já pensei em substituí-lo por um dos meus homens, mas ainda não surgiu a necessidade.

Dirijo devagar, vou até o final do meu hangar e estaciono em uma das vagas.

Hesito por um momento antes de decidir deixar a arma no porta-luvas. Com base nas informações que King encontrou, tenho certeza de que ele estará sozinho. Assim como tenho certeza de que serei capaz de lidar com ele com minhas próprias mãos.

A porta de correr já está aberta quando chego na parte da frente do prédio. Sloan já está lá dentro, preparando o Cessna para voar.

Jatos particulares são superestimados e ostensivos. Exigem muitas pessoas. Meu avião é perfeito para voar abaixo do radar, falando de forma figurativa.

Sloan acena para mim e eu retribuo o gesto.

Vou verificar seu trabalho mais uma vez, mas ele tem experiência com aviões desde antes de eu nascer e ainda não cometeu erros.

King sobe os degraus e embarca no avião em exatos quarenta minutos.

Espero até que estejamos cruzando a pista antes de olhar para ele no assento do copiloto.

— Sabe que estamos indo até lá para matar um cara, certo?

Ele bufa e passa a mão pelo terno de corte perfeito.

— Dar ao homem uma boa visão antes de morrer parece um gesto de bondade.

Também estou de terno, mas é o que usei o dia todo. Ele escolheu se vestir assim.

Balanço a cabeça.

— Você é um idiota.

King se remexe em seu assento, tentando ficar confortável.

— Se quer saber, *mãe*, eu tenho que ir a um brunch com a Aspen e o marido depois disso. E imaginei que não teria tempo de voltar para casa entre *matar um cara* e comer torradas francesas.

— Hum. — Ele tem razão. — Pensei que você odiasse o marido de sua irmã — digo, empurrando o acelerador.

— Odeio mesmo — King resmunga. — Mas meu ódio por ele é ofuscado pelo medo que sinto dela. E Aspen vai tornar minha vida um inferno se eu não aparecer.

— Deus, você é um covarde.

— Tudo bem, tanto faz. Agora, cale a boca e preste atenção no que está fazendo.

— Está com medo de voar? — provoco. — Sou um bom piloto e você sabe disso.

— Aham. — Ele aperta o cinto de segurança. — Também sei que notas você tirou em física, então não fique todo convencido.

Dou uma risada e puxo o manche para trás, fazendo a aeronave subir de maneira suave.

***

O céu ainda está escuro quando pousamos e entramos na pista de Fargo.

King faz um espetáculo ao alongar as costas quando sai do avião, como sempre. Normalmente, o movimento vem acompanhado de um comentário de que a aeronave é muito pequena ou que preciso comprar um *avião de verdade*. Mas ele sabe que não estou com humor para piadas agora, por isso aproveito esse tempo para me preparar para o que está por vir.

Reagir à agressão é uma coisa. Mas violência premeditada é algo completamente diferente.

Sou bom nas duas coisas.

King avança para pegar as chaves do carro das mãos de um dos nossos homens. Sloan também cuidou de tudo o que precisaríamos aqui.

Ouço trechos da conversa deles e percebo que o homem parado na frente de King olha para baixo continuamente. Há uma boa chance de que ele não saiba com quem está falando, mas é inteligente o suficiente para entender que qualquer um que viaje comigo no meio da noite é alguém a quem temer.

King e eu temos vidas separadas, conduzimos carreiras separadas, mas no submundo, governamos juntos.

Nós *somos* a Aliança.

Para o público, King é só mais um empresário podre de rico, abrindo caminho na alta sociedade e ganhando milhões com investimentos inteligentes.

Eu sou um pouco diferente. Para o público, sou praticamente um ninguém. Um rico desconhecido, dono de uma empresa de segurança que anda nos círculos certos por causa do dinheiro que tem. Mas não alguém com quem se preocupar.

Esse mesmo público nunca ouviu falar da Aliança. E se ouvirem, vão achar que é algum tipo de fofoca. Algo de Gotham City, mas não aqui. Os bandidos nunca moram aqui.

E é exatamente assim que queremos.

Não desejamos que as pessoas saibam quem somos. Que somos ameaçadores.

Flexiono os dedos e respiro o ar frio da Dakota do Norte.

Mas a Aliança é real. E as pessoas em nosso mundo sabem que devem ter medo de nós.

Sabem a quem temer.

Para eles, o nome Nero é sinônimo de Hades.

Ouço King terminar a conversa e dispensar o homem, depois vem até mim.

Existem algumas razões pelas quais tentamos evitar ser vistos juntos. A primeira e mais óbvia é que não queremos nos apresentar como alvo fácil para nossos inimigos. Uma bomba bem colocada poderia destruir toda a organização se atingisse a nós dois.

Mas a segunda razão, e mais complicada, é que não queremos que o rosto de King seja associado à organização. Ele é um parceiro igual a mim, embora poucas pessoas saibam disso, inclusive os que fazem parte da organização.

Ao contrário de mim, King nasceu rico. E ele tem família, o que significa risco. Responsabilidades. E estar associado à Aliança implica estar em alerta

constante. Ele não queria isso para as irmãs. Então, pesou as opções e decidiu se distanciar de mim publicamente.

Mas sempre há dois lados de uma história. Claro, como um jogador desconhecido, ele não tem todas as famílias de criminosos vigiando seus passos, tentando matá-lo em toda oportunidade. Por outro lado, como os homens da Aliança não sabem que trabalham para ele, assim como sabem que trabalham para mim, King não tem a proteção de nosso exército. Ele só a terá se eu mandar. E se eu morrer antes de revelar nossa conexão, ele está ferrado.

Porque esse é o problema de massacrar dezenas durante uma tomada hostil. Quase todo mundo que sabia sobre a ligação de King com as famílias mafiosas antes de mim está morto. E homens mortos não falam.

King para ao meu lado.

— Acabei de confirmar que a mulher está trabalhando. E alguém passou de carro há dez minutos e disse que a casa está silenciosa.

Assinto.

Arthur ainda mora com a mãe de Payton, mas ela trabalha à noite em um posto de gasolina na periferia da cidade. Eu também não me oporia a apagá-la da face da terra, mas é melhor que ela esteja fora de casa e Arthur sozinho.

— Tudo bem. — Dou de ombros. — Vamos.

King assente antes de caminhar para o lado do motorista do SUV.

Menos de vinte minutos depois, paramos em frente a uma casa de dois andares caindo aos pedaços.

O bairro é de classe baixa, mas não parece perigoso. Está tranquilo. Um tiro aqui chamaria a atenção da polícia. Ainda bem que não precisamos de armas.

Saio do veículo e dou uma olhada nas casas do outro lado da rua, confirmando que as pessoas ali não gastam dinheiro com equipamentos de segurança.

Bom.

Nossos passos ecoam na calçada e, quando chegamos na casa, levanto a

mão, sinalizando para King esperar.

A varanda parece estar apodrecida. Será um milagre se não desmoronar com meu peso, então me certifico de não andar ao lado de King nas tábuas.

As pessoas sempre acham que a porta dos fundos é melhor, mas não é. Ver alguém parado na porta do vizinho, mesmo à noite, não é tão estranho. Ver alguém pular a cerca para o quintal do vizinho é sempre suspeito.

Os degraus rangem quando subo, mas aguentam.

A janela da frente está com a cortina fechada, mas o canto dela está preso em um abajur, mostrando uma parte da sala.

Coloco a mão no bolso para pegar minhas ferramentas de arrombamento, mas paro.

Será que...

Seguro a maçaneta da porta e... ela se abre com um clique.

— Caipiras — King murmura atrás de mim.

Não discordo, mas a mentalidade de cidade pequena de deixar as portas destrancadas acabou de nos poupar um tempo.

Entro na casa.

À minha direita, há um armário de casacos sem porta e, à esquerda, há uma meia parede que se estende por alguns metros, separando o piso vinílico desgastado da entrada, do carpete cinza desbotado da sala de estar.

E no centro da sala está Arthur. Dormindo em uma poltrona reclinável marrom, de frente para uma TV absurdamente grande que transmite uma partida antiga de futebol em alto volume.

É irritante, mas deixo ligada.

Observo os detalhes da sala enquanto sigo em direção ao homem, fechando o canto da cortina no caminho.

Garrafas de cerveja vazias. Garrafas de uísque vazias. Cigarros empilhados em bandejas de vidro, o cheiro de tabaco forte e enjoativo.

É muito parecido com algumas das casas pelas quais passei quando não tinha um lar de verdade.

Observo a pequena cozinha no canto mais distante, com as embalagens vazias de *fast-food* no balcão e a mesa de jantar coberta de tralhas.

A raiva que estava esquentando em minhas veias começa a borbulhar.

Olho para a escada... a escada de madeira maciça, com o corrimão amassado e penso em Payton. Penso na minha menina linda crescendo nesta casa. Sendo aterrorizada nesta casa.

Uma visão de seus prontuários médicos surge em minha mente. O raio-x de seu braço quando tinha catorze anos. A declaração dos pais anexada, alegando que ela caiu da escada.

Caiu. Não acredito.

Fecho os olhos, me acomodando na escuridão e permitindo que meu verdadeiro eu assuma o controle.

E quando os abro novamente, tudo o que sinto é raiva.

Meus passos são calculados quando dou a volta pela cadeira, roçando nos pés estendidos de Arthur.

Me movo ao lado da poltrona reclinável e paro perto o suficiente para ver as migalhas presas na barba desgrenhada.

Ele não é tão grande quanto eu, mas também não é pequeno. Um pouco mole por causa da idade e da bebida, mas há dez anos... há dez anos ele devia ser uma pessoa atlética. Não era páreo para uma adolescente.

Me abaixo a poucos centímetros de seu rosto e grito seu nome.

— Arthur!

E quando ele abre os olhos de maneira abrupta, eu o golpeio no peito com força suficiente para fazer a cadeira tombar para trás.

Arthur solta um grunhido quando o encosto atinge o chão e sua cabeça bate no apoio acolchoado. O impacto em seu esterno comprime os pulmões. E ele luta para recuperar o fôlego quando deveria estar lutando para fugir.

Ele ainda não está assustado o suficiente.

Antes que ele consiga se virar, me posiciono acima dele e me sento em seu estômago, prendendo seus ombros na cadeira com os joelhos.

— O que... — Ele finalmente consegue falar.

E eu bato nele. Com força.

King bufa.

Arthur pisca por causa da ardência em sua bochecha, então começa a se debater.

Afasto suas mãos com facilidade e quando seu joelho bate na minha coluna, empurro o cotovelo em sua coxa, fazendo-o gritar. Antes que ele possa tentar me acertar de novo, King agarra os tornozelos dele, puxando-os para longe de mim e forçando-o a ficar parado como se estivesse sentado.

— Tudo bem! Tudo bem! — Arthur implora de maneira frenética, presumindo que estamos aqui pelos motivos errados. — Só preciso de um pouco mais de tempo!

Ele levanta as mãos trêmulas em sinal de rendição, e isso quase me faz sorrir.

Não preciso de sua rendição. Estou aqui para tomar sem permissão.

Jogo mais do meu peso nos joelhos, sentindo seus ombros rangerem embaixo de mim.

— D-diga a ele! Eu terei o dinheiro em breve!

Ignoro as palavras de Arthur, distraído por um lampejo dourado em uma de suas mãos trêmulas.

Um anel de mindinho. *Típico*.

E quando a luz reflete nele mais uma vez, uma memória surge em minha mente.

Payton no sofá. Chorando enquanto dorme. Agarrando o próprio pescoço. Lutando contra um monstro invisível.

Me dando um nome.

— Você sempre usou isso? — O som da minha voz faz Arthur parar de se debater.

— O quê? — Ele tenta olhar para sua camiseta manchada e furada.

— O anel. — Faço um gesto em direção à sua mão. — Você sempre o

usou?

Ele concorda enquanto fecha a mão, permitindo que vejamos o topo. Como eu esperava, é um anel cafona de formatura. Um aro largo de ouro, coberto de gravuras que circundam uma grande pedra vermelha, obviamente falsa.

— Entendo.

Posso sentir a confusão de Arthur enquanto encaro o anel. Imaginando o sofrimento que cobria o rosto jovem de Payton enquanto ela tentava afastar aquela mão. Imaginando as lágrimas escorrendo pelo rosto dela enquanto aquele anel pressionava sua pele.

A ferocidade que vive dentro de mim serpenteia em minha coluna e mente. Sinto o cheiro de rosas.

Sem dizer mais nada, estendo a mão e agarro seu pulso.

Meu peso se desloca ainda mais para frente, até que estou inclinado sobre ele, com sua mão presa entre nós.

Arthur está lutando. Seus olhos estão arregalados, os instintos primitivos entraram em ação.

Ela teria a mesma aparência.

Com a outra mão, seguro o mindinho dele. O anel está quente.

Arthur começa a se debater. E ouço King grunhir atrás de mim enquanto coloca mais peso nas pernas do homem.

Arthur tenta me acertar com a mão livre, então melhoro a postura e bato o joelho esquerdo com força em seu bíceps.

— Pegue logo! — Seu grito sai distorcido. — Pegue o anel!

Sorrio.

— Tudo bem.

Mas em vez de puxar o anel de seu dedo, eu o aperto com o máximo de força que posso.

Afasto as mãos. Um som crepitante enche a sala.

E Arthur começa a gritar.

O dedo está quebrado em alguns lugares, mas ainda está preso à sua mão.

Hum.

Dou outro puxão forte. Desta vez, a pele se rompe, deixando-a escorregadia pelo sangue.

É mais difícil do que eu pensava.

Arthur urra, então eu o solto por tempo suficiente para dar um soco em seu rosto.

Ele nem tem a decência de aceitar como um homem.

Preciso de uma aderência melhor.

Ao avistar um buraco na gola de sua camisa, solto sua mão e rasgo uma tira de tecido. Para grande desgosto dele, enrolo o mindinho no algodão áspero.

Os gritos de dor de Arthur não diminuem.

Expiro e canalizo a fúria em minhas mãos. Com um último puxão, arranco seu dedo.

Finalmente.

Desenrolo o pano e o dedo cai sobre o peito dele.

— Que nojo — King murmura.

Solto os braços do homem, apoio os joelhos em seu peito e ele imediatamente segura a mão machucada.

Os soluços tornam as palavras incoerentes. Mas mesmo que eu pudesse entendê-lo, não me importaria. Seu destino foi selado na noite em que entrei pela porta da varanda de Payton.

Pego o dedo e tiro o anel da extremidade ensanguentada.

— Isso agora é meu. — Limpo o anel em sua camisa e o coloco no bolso.

Arthur finalmente recupera o fôlego e pergunta:

— Quem é você?

— Ah, até que enfim você fez a pergunta certa. — Eu me aproximo, invadindo seu espaço. — Sou a ira da Payton. E você está prestes a morrer.

Quando ele abre a boca para responder, enfio o pedaço de pano ensanguentado entre seus molares, mantendo a boca aberta, então enfio o dedo lá

dentro.

King faz um som de engasgo atrás de mim, mas não paro de empurrar até que o dedo esteja enfiado em sua garganta.

Puxo o pano e cubro sua boca com a mão. Uso a outra para apertar seu nariz.

Arthur me encara com os olhos esbugalhados.

Desesperado.

Implorando.

Aterrorizado.

Ele arranha minha camisa sem sucesso e, quando está prestes a revirar os olhos, tiro as mãos dele, dando um breve vislumbre de esperança antes de socar sua garganta, travando a traqueia.

Ele pisca para mim, parecendo não entender que já está morto.

28

Nero

A CADEIRA BALANÇA de leve enquanto King a usa para se levantar.

— Cara, que maneira desconfortável de segurar alguém. Acho que distendi um músculo.

Eu o ignoro.

Alguns assassinatos me deixam irritado. Ou inquieto. Mas este, não. Agora... agora mesmo, me sinto contente.

Mas então noto um calor atingir minha calça e dou um pulo.

— Que merda é essa? — Giro, olhando para o homem morto e para a grande poça no chão. Ele se mijou. Eu estava sentado *naquela merda*. — Você está brincando? — Dou um chute no corpo de Arthur.

— O que foi? — King pergunta e estica o pescoço.

— Esse filho da puta me sujou!

King dá uma risada.

— Seu desgraçado! — Chuto Arthur novamente e abro o cinto.

— O que você está fazendo? — King pergunta entre risos.

— Vá encontrar o que precisamos — respondo enquanto entro no pequeno banheiro que vi do outro lado da cozinha.

Xingando o tempo todo, tiro a calça e cueca boxer. Os dois estão encharcados com o mijo daquele idiota.

A toalha na borda da pia parece tão suja quanto o chão. Mas encontro um rolo de papel embaixo da pia e o uso com um pouco de água e sabonete para me limpar.

Quero lavar todo o meu corpo, mas tirar a calça já foi ruim o suficiente. Nem que me pagassem eu tomaria banho nesta casa.

Payton teve que fazer isso.

Payton teve que viver neste inferno.

Deixo a água correr, tiro o anel do bolso e o esfrego até limpá-lo.

Eu não estava planejando levá-lo. Nem sabia sobre ele. Mas, olhando para o objeto agora, sei que vou encontrar uma maneira de entregá-lo a Payton. Espero dar o encerramento que ela merece.

O cheiro de álcool e produtos químicos enche minhas narinas quando volto para a sala.

Deixo a calça e a cueca caírem sobre Arthur, pego uma garrafa de uísque pela metade e a jogo em cima dele.

— Hum, não está se esquecendo de alguma coisa? — King levanta as sobrancelhas como se talvez eu não soubesse que estava apenas de meias e sapatos com o pau para fora.

— Sim, me dê a sua calça.

Todo o humor deixa o rosto dele.

— Você está brincando.

— Mesmo que esse idiota tivesse roupas limpas, elas não serviriam em mim. — Faço um gesto para a parte inferior dele. — Então, me dê sua calça. A menos que prefira ficar olhando para o meu pau até chegarmos em Minneapolis.

King cerra os punhos enquanto se aproxima do corpo de Arthur e o chuta.

— Seu idiota.

Ele abre o zíper, dá um passo à frente e chuta o cadáver mais uma vez.

— Vá se foder, cara.

Resmungando, ele apoia o ombro na parede enquanto tira a calça e os sapatos. Ao terminar, King a joga para mim, e eu me certifico de não dizer nada sobre sua boxer de seda vermelha. Porque, por mais que eu queira rir, há uma boa chance de que ele fique irritado o suficiente para pegar a calça de volta. E então vou ter que voar para casa com as bolas grudadas no assento do piloto.

— Vou acender o fósforo — King resmunga quando passo o cinto pela calça nova.

— Por mim, tudo bem.

Passamos por cima da trilha de uísque e correspondência inútil que King

colocou entre a cadeira e a porta da frente. O papel não vai fazer muita diferença, mas quanto mais queimar, melhor.

Vai parecer um assassinato. Arthur não vale o esforço de nos livrarmos dele de maneira adequada. Mas o fogo vai ocultar traços de DNA que talvez tenhamos deixado para trás. E não há nada nesta cena, ou neste homem, que me conecte ao que aconteceu.

Exceto, é claro, Payton.

29

Payton

MEU ALARME ESTRIDENTE se insinua em minha consciência, e eu abro os olhos.

Gemendo, tento alcançá-lo, mas estou do lado errado da cama.

Abro os olhos.

Ele esteve aqui. Na minha cama. E nós...

O volume do alarme aumenta, e eu me forço a rolar em direção a ele. Cada músculo do meu corpo grita em protesto enquanto me movo e deixo escapar um gemido de dor.

Finalmente, silencio o barulho irritante e me deito de costas enquanto avalio meu corpo.

Mesmo que o dia de ontem tenha sido um dos piores, pelo menos antes do Nero, sinto como se tivesse sido a melhor noite de sono que tive na vida.

Parte disso pode ser exaustão, mas já adormeci chorando mais vezes do que gostaria de admitir e nunca acordei me sentindo assim.

Com esforço, mexo os dedos dos pés e das mãos.

Meus membros estão pesados; os músculos, exaustos. E, sem aviso, me imagino com os braços e pernas em volta do corpo firme de Nero.

Nero.

Murmuro seu nome. Não ouso dizê-lo em voz alta de novo, pelo menos não ainda.

Dobro um joelho, coloco o pé no colchão e o movimento repuxa meus músculos abdominais. Acho que preciso fazer alguns exercícios, já que o que fizemos se mostrou ser um treino mais pesado do que estou acostumada.

Ou eu poderia começar a transar com regularidade. É um exercício que eu poderia fazer.

Mas isso exigiria ver Nero de novo. E, por mais que eu queira, não tenho

certeza se isso vai acontecer. Ele não pediu meu número.

Ele gosta de abraçar.

Mas são apenas cinco da manhã, e ele não está aqui.

Levanto a cabeça, olho ao redor para confirmar que ele se foi e sinto minha pele se arrepiar.

Ele devia estar aqui ontem à noite quando acordei.

Não estava totalmente acordada, mas o teria notado passar pela porta do banheiro. E ele não passou por mim no corredor minúsculo quando fui até a sala para fechar a porta da varanda.

Engulo em seco.

O fato de eu sentir uma pontada de medo agora é ridículo. Então escolho me levantar. Vou até o guarda-roupas, abro a porta e me certifico de que não há um homem se escondendo nas sombras. E digo a mim mesma que estou deixando a porta aberta para ficar mais fácil me vestir para o trabalho. Não porque tenho certeza de que vou sentir necessidade de verificar de novo.

A dor entre minhas pernas ganha vida a cada passo que dou. Sinto uma umidade estranha, o que me faz lembrar que o deixei me limpar ontem à noite, mas não me levantei para usar o banheiro.

O que fiz foi uma tolice. Perigoso. Imprudente. No entanto, não me impede de sorrir.

Não sou mais virgem.

Meu sorriso se transforma em careta quando caminho até o banheiro sentindo dor. Não sei se é normal depois da primeira vez ou se tem mais a ver com o vigor com que Nero... me comeu.

Meu estômago se contrai.

Espero sinceramente que possamos fazer isso de novo.

Sem querer estragar meu bom humor ao ver meu estado desalinhado e nu, ignoro o espelho e vou direto para o chuveiro, ligando a água para aquecer.

Mas antes de me sentar no vaso sanitário, me viro e puxo a porta de espelho, expondo o armário de remédios.

Pego um frasco e tiro um dos pequenos comprimidos da embalagem, cortesia da clínica local, e o anticoncepcional com desconto.

Espero que ele não tenha algum tipo de IST, porque nem pensei em proteção. Não que eu guarde preservativos. Por que eu faria isso? Tenho sorte de ter a pílula. Mas meu ciclo menstrual era horrível e li em algum lugar que tomar anticoncepcional poderia ajudar. E ajudou.

Agradeço silenciosamente ao meu eu do passado, uso o copinho que mantenho perto da pia e tomo meu comprimido diário. Comprar antibióticos já seria difícil, então pagar por um aborto não está no orçamento. E eu teria que fazer isso, porque se não posso sustentar um cachorro, certamente não posso sustentar uma criança.

Devolvo o frasco à prateleira antes de entrar no banho.

Minha rotina é mais demorada que o normal devido aos músculos doloridos, então estou atrasada quando volto para o meu quarto.

Como estava muito distraída quando acordei, nem pensei em fazer café.

Vou comemorar com um latte de coco e mel quando chegar ao trabalho.

Resmungo, me sentindo boba por querer comemorar a perda da minha virgindade. Mas a guardei por tanto tempo que, honestamente, é um alívio ter acabado com isso. E fiz do meu jeito, com um homem que me afeta de maneiras que eu nem poderia imaginar.

Pensando em Nero, abro a gaveta de calcinhas e paro. Em cima da pequena pilha de calcinhas, há uma nota de cem dólares novinha em folha.

30

Nero

— BEM, SE VOCÊ não tivesse perdido nosso compromisso ontem de manhã — Abdul ajusta uma das pilhas de papéis em sua mesa —, não precisaríamos fazer isso tudo hoje.

Aperto a ponte do nariz.

— Eu estava ocupado — grunho.

O corretor de imóveis suspira.

— Tudo bem, tudo bem, vou deixar isso para lá.

— Obrigado — digo com frieza.

— Bem, a boa notícia é que remarquei as visitas para esta tarde. Tenho os três imóveis que você disse estar interessado, além de outros dois que acho que se encaixam nas suas necessidades. E todos ficam no bairro que você solicitou.

— Ótimo. — Me levanto da cadeira extremamente desconfortável que fica em frente à mesa de Abdul.

Ele pode ser o melhor da cidade, mas minha paciência está menor que o normal hoje. Penso em contar a ele por que me atrasei esta manhã, que sufocar um homem até a morte com o próprio dedo alterou minha agenda semanal, mas decido continuar calado.

— Te vejo em algumas horas — ele fala enquanto saio pela porta.

Mas não estou mais ouvindo, porque agora tenho uma folga e faz muito tempo que não vejo a minha menina linda.

***

Ligo a seta, viro na rua onde Payton trabalha e lembro a mim mesmo que não vou entrar.

É meio do dia e o maior fluxo de clientes deve ter passado, embora pareça

quase sempre cheio.

Piso no freio ao chegar no Twin’s Cafe, mas o sol reflete no vidro das grandes janelas em um ângulo errado, atrapalhando minha visão do interior.

Aperto o volante.

Eu deveria ir embora. Não prometi nada a ela. Nunca disse que ligaria.

Posso voltar para aquele apartamento vazio do outro lado da rua em que ela mora para vê-la à noite.

Não preciso entrar.

Um carro sai de uma vaga logo à minha frente e tiro o pé do freio.

31

Payton

TODA VEZ QUE olho para a rua, penso ter visto Nero. Todo homem de terno que entra pela porta. Mesmo quando não há ninguém, juro que vejo as sombras se mexendo e que é ele.

Mas nunca é.

Solto um suspiro.

Todos os clientes estão acomodados. Tenho certeza de que alguém vai precisar de algo em breve, mas devo ter um segundo para tomar um gole do café que tenho guardado lá atrás.

Levo a bebida aos lábios e então ouço a porta da frente se abrir.

— É claro — resmungo antes de colocá-la de volta no lugar. Entendo que minha chefe não queira que os clientes nos vejam comendo ou bebendo, mas será um milagre se eu conseguir terminar este *latte*.

Limpo as mãos e me apresso para voltar ao meu lugar atrás do balcão.

Estou na metade do caminho quando meu olhar recai sobre o homem que está entrando. E a visão me tira o fôlego.

Ele é tão lindo.

Lindo *demais*.

A barba escura está aparada e bem cuidada, seu cabelo está penteado para trás. Seus ombros são definidos e seu peito é largo. Está usando outro terno de corte perfeito.

Seus olhos encontram os meus e, mesmo que esteja a vários passos de distância, sei o tom verde exato de seus olhos. Porque os vejo em meus sonhos.

Mas isso não é um sonho. É vida real. E a primeira vez que o vejo à luz do dia.

Ele.

Nero.

Memórias de seu corpo sobre o meu me vêm à mente, e curvo os lábios em um sorriso tímido.

— Nero! — Uma nova voz ecoa de dentro do café, me assustando.

Mas não desvio o olhar do homem que estava dentro de mim há menos de quarenta e oito horas. Como estou encarando, testemunho a mudança em suas feições. Eu o vejo se transformar em alguém que não reconheço. Algo se fecha dentro dele, diminuindo a energia que ele emana e bloqueando a selvageria que costumo ver em seus olhos.

Ao contrário de mim, Nero não ignora a voz. Em vez disso, ele me ignora. Ele se vira como se não me conhecesse.

Uma pontada de dor arde em meu peito.

Você é uma ninguém.

Afasto a voz assim que ela tenta criar raízes.

Seria grosseiro da parte dele não cumprimentar quem o chamou. Ele pode ir até lá e depois voltar para falar comigo.

Falar comigo.

No meu local de trabalho.

A magnitude de sua presença finalmente me atinge. Nero está aqui, no Twin’s Café.

Ele não pareceu surpreso ao me ver. Talvez seja coincidência. Talvez ele trabalhe por aqui? Ou estava passando e quis um café.

Possível, mas pouco provável.

A não ser pela forma como caminhava em minha direção... a maneira como me encarava... parecia intencional.

— Nero, meu garoto! — A voz ecoa novamente, e eu viro a cabeça para seguir Nero enquanto ele para em frente a um homem mais velho e acima do peso que está usando terno azul.

Como ele conhece...

— Sr. Prefeito — Nero o cumprimenta, apertando a mão estendida do Prefeito de Minneapolis.

— Que visitante inesperado ao meu pequeno pedaço do paraíso. — O prefeito abre os braços. — Já comeu aqui antes?

Nero olha para as vitrines ao meu lado.

— Não.

— Claro que não. Imagino que o Twin's abre por volta do horário em que você vai dormir. — O outro homem ri. — E eles fecham muito antes de sua noite começar.

— Verdade. — O tom de Nero é brando.

O que isso significa?

Será que Nero trabalha no turno da noite? Vestido assim?

O prefeito aponta para a cadeira vazia em sua mesa.

— Venha, venha. Peça algo para comer e sente-se comigo. Eu insisto.

Sem querer ser pega espiando, desvio o olhar. Não que seja uma conversa privada, uma vez que o prefeito fala alto e o salão é pequeno.

— Tudo bem. — A voz de Nero é seguida por seus passos, e eu ocupo as mãos, endireitando uma pilha de guardanapos.

Quando não consigo mais fingir que não o ouço se aproximar, olho para cima.

Minha boca fica tão seca que preciso umedecer os lábios antes de falar.

Não tenho certeza do que dizer. Ele está agindo como se não nos conhecêssemos.

Será que nos conhecemos?

— Vou querer o panini de peru e bacon. — Ele mantém o olhar no meu enquanto diz isso, mas é só. Não há olá. Nenhum reconhecimento ou atuação como se eu fosse algo além de uma garota anotando seu pedido.

Um nó se forma na minha garganta, e eu me esforço para manter a dor escondida.

Baixo o olhar e concentro toda a minha atenção em digitar o pedido na tela à minha frente.

Como ele não pede mais nada, me forço a falar.

— Gostaria de algo para beber?

Ele faz uma pausa antes de responder.

— Latte de coco e mel.

Ouvi-lo repetir minha bebida favorita quase me leva a olhar para cima, mas forço meus olhos a permanecerem baixos.

Ele não pode gostar disso. Pedir essa bebida deve ser outra maneira de me provocar.

Mas... não tem como ele saber disso.

Talvez eu esteja ficando louca. Talvez nossa noite juntos nem tenha acontecido e eu tenha imaginado tudo.

O medo se funde com a dor que cresce dentro do meu peito.

Meu Deus... e se nada disso aconteceu?

Um homem entrar pela porta da varanda, se sentar no sofá e comer da minha pipoca... é loucura.

Deixar a porta da varanda aberta para esse mesmo homem milagrosamente voltar a entrar... para tirar minha virgindade... isso é insanidade.

Um longo dedo bate no balcão, me fazendo piscar.

Levanto a mão.

— Você é real? — sussurro a pergunta. Sem querer, mas incapaz de me conter.

Mas ele não me responde, e não ouso estender a mão para ver se ele está mesmo ali.

Com dedos trêmulos, digito o pedido de bebida. Espero que ele esteja realmente ali. Que eu não tenha inventado tudo.

O visor mostra o total e, em vez de dizer em voz alta, giro a tela para que ele também possa ver.

Uma nota de vinte é colocada no balcão e rapidamente dou o troco, empurrando o pequeno monte de notas e moedas.

Observo a mão que pega o dinheiro, colocando-o de volta na carteira. Mas antes de fechá-la, ele pega uma nota de cem dólares, colocando-a entre nós.

— Eu sou real, menina linda.

32

Nero

QUANDO PAYTON FINALMENTE olha para mim, a expressão abatida parece um soco em meu peito.

E eu entendo. Duas noites atrás, tirei sua inocência e hoje estou agindo como se nunca a tivesse visto.

Quero segurar seu queixo e dizer que estou fazendo isso por ela. Para mantê-la em segurança. Que ninguém pode saber que eu...

Cerro os dentes.

Eu o quê? *Me importo* com ela?

Eu nem a conheço.

Viro as costas para Payton e a dor em seus olhos, e seguro o suspiro enquanto me sento em frente ao prefeito Devon.

Felizmente, ele não questiona por que vim a este café, ele simplesmente começa a falar sobre algum novo hotel em que investiu. Ele age como se tivesse descoberto isso através de uma investigação inteligente, mas sei que foi por meio de King. Mas está claro que o prefeito Devon não percebe que a empresa controladora faz parte da Aliança. Estou tentado a agradecê-lo por seu investimento em minha fachada de lavagem de dinheiro, mas por mais satisfatório que seja, sei que não devo dizer nada, pois o prefeito é o maior fofoqueiro que já conheci.

E ele é descuidado.

Ele acha que temos algum tipo de parceria. Mas isso é porque ele é um idiota. Ele está no meu bolso, endividado *comigo*.

Enquanto continua a falar, eu assinto. É bom saber, mas honestamente, descobri mais sobre seus negócios com as garotas de programa que ele contrata do que com o próprio homem. O que é tanto uma vantagem quanto desvantagem de se usar o mesmo serviço de acompanhantes.

Não que eu vá precisar de uma garota de programa novamente tão cedo.

Volto minha atenção para Payton, que ainda está ocupada atrás do balcão preparando minha bebida.

Você é o único homem que já esteve dentro dela.

Sinto a luxúria me envolver.

E sou o único homem que estará.

33

Payton

FECHO A TAMPA da bebida de Nero, tentando decidir o que seria pior: ter que chamar seu nome pelo salão ou tentar chamar sua atenção de forma silenciosa, mas tendo que olhar para ele.

Sinceramente, é uma situação em que só tenho a perder.

Tomo a decisão quando olho para cima e encontro Nero me encarando.

Merda.

Posso sentir seu olhar como um peso em meus ombros. É tenso e desconfortável. E me faz odiar sua beleza. Ela torna tudo muito pior.

Aqui estou eu, quase sem maquiagem, camiseta cinza lisa, cabelo preso em um coque bagunçado e avental. Não é exatamente o meu melhor.

Nero diz algo ao outro homem. O prefeito. Porque, seja lá o que ele faça para viver, o conhece. E o prefeito o conhece bem o suficiente para chamá-lo pelo nome e fazer um comentário sobre seus horários.

Considerando como nos conhecemos, não duvido dele.

Meus pensamentos me distraíram, então ainda estou segurando o copo quando ele para na minha frente no balcão. Seria estranho colocá-lo na superfície em vez de entregá-lo. Então, com relutância, estendo o braço para que ele pegue a bebida. Apoio uma mão no fundo do copo e a outra perto do topo, dando bastante espaço para que ele o pegue sem que a gente se toque.

Ele usa as duas mãos para pegar a bebida de mim. As pontas de seus dedos roçam minhas mãos enquanto ele o faz.

Mordisco o lábio inferior, contendo o som patético que quer sair da minha garganta. Me recuso a deixá-lo me ouvir.

Quero desesperadamente sentir seu toque de novo. E me sinto muito fraca por desejar algo que ele claramente não quer.

— Payton. — Sua voz soa baixa, em um tom que ninguém pode ouvir. —

Eu...

O que quer que ele esteja prestes a dizer é interrompido quando a porta da frente se abre. Nero fecha a boca, dá um passo para trás e se afasta de mim. De novo.

Engulo em seco.

— Sua comida será servida em um minuto.

Ele assente e volta para a mesa.

Quando Jean grita o nome dele para avisar que o sanduíche está pronto, ignoro seus movimentos ao se levantar para pegá-lo.

Finjo que ele não está a alguns passos de distância enquanto atendo o próximo cliente.

Digo a mim mesma que vou superá-lo em breve.

Me ocupo limpando o balcão quando meu telefone vibra dentro do bolso do avental.

Em geral, uso o celular para entretenimento. Não mantenho contato com ninguém além de quem trabalha neste café. Só eles me ligariam ou enviariam mensagens.

Franzo a testa, pego o celular e vejo que há mensagem de um número desconhecido.

***Desconhecido**: Olhe para cima, baby.*

Arregalo os olhos. Nero está sentado à mesa, com o telefone na mão. O prefeito está ocupado em uma ligação.

Meu telefone vibra novamente.

***Desconhecido**: Continue agindo como se não nos conhecêssemos.*

***Desconhecido**: Vou explicar depois.*

A mágoa que percorre meu corpo começa a se transformar em raiva, e

preciso me concentrar nas letras enquanto digito a resposta.

***Eu**: Não nos conhecemos.*

Coloco o telefone de volta no bolso.

Quer saber, isso é bom. Prefiro ficar brava a ficar triste.

O telefone vibra mais uma vez. Consigo ignorá-lo por dez segundos inteiros antes de pegá-lo novamente.

***Desconhecido**: Eu sei qual é o gosto do seu sangue virgem quando está pintado no meu pau. Nós nos conhecemos.*

Minhas bochechas esquentam e eu coloco o celular no bolso.

Não posso acreditar que ele acabou de dizer isso.

Me recuso a admitir que apertei as coxas quando li.

Boa notícia: não inventei tudo na minha cabeça, Nero é um homem real e realmente transamos.

Má notícia: ele é um idiota.

A porta da frente se abre de novo, me proporcionando uma distração.

— Oi, Pay! — Carlton acena enquanto vem até o caixa.

Meu coração acelera um pouco. Isso parece ruim.

— Oi, Carlton. — Tento cumprimentá-lo da forma mais normal possível, mesmo que meu sorriso pareça falso.

Não sei por que tê-lo na mesma sala que Nero me deixa tão ansiosa, mas deixa. É como assistir a um daqueles vídeos da natureza em que a gazela inocente fica pastando no campo sem saber que o leão está rondando atrás dela.

Carlton não é uma gazela superveloz, ele é apenas um cara legal. O tipo que seria devorado por um homem como Nero.

Sem aviso, minha mente conjura a imagem de como teria sido dar minha virgindade a Carlton.

Teria sido fofo. E lento. Provavelmente uma noite cheia de flores e talvez um jantar agradável. Não teria sido confusa e intensa.

Ele não teria ficado no canto escuro do meu quarto enquanto eu dormia.

Nem teria me provado como Nero fez.

Teria sido muito diferente. E não era isso que eu queria.

— Tudo certo? — Carlton pergunta, interrompendo meu devaneio.

Assinto.

— Sim, é que, ah, está sendo um dia daqueles.

— Entendi. Mas... — Ele faz uma pausa e ergue as sobrancelhas de forma conspiratória. — Tenho algo que pode deixar seu dia melhor.

— Ah, é? — Tento manter o foco em Carlton. Faço o máximo para não olhar por cima do ombro dele, mas meus olhos são atraídos para ver se Nero percebeu que alguém está falando comigo.

Com certeza percebeu, porque está encarando a parte de trás da cabeça de Carlton.

— Sim! — Carlton responde. — Porque... — Ele usa os dedos indicadores para fazer um rufar de tambores na bancada. — Conseguimos um show de abertura para uma banda hoje à noite! Uma banda de verdade!

Abro o primeiro sorriso genuíno do dia.

— Sério? Isso é muito legal!

—Exatamente! — Carlton pega o telefone do bolso de trás. — Então preciso do seu número, assim poderei te mandar um ingresso.

— Um ingresso?

— Não me diga que já se esqueceu. — Ele balança a cabeça de brincadeira. — Você disse que viria nos ver tocar. Lembra?

— Ah. Certo. — Penso na nota de cem dólares que Nero acabou de me dar. Nunca pensei que abriria mão de dinheiro, mas agora que ele está fingindo que não existo, parece errado ficar com ele. — Tenho algum dinheiro — comento, decidindo que gastá-lo em um ingresso para um show seria uma maneira fácil de me livrar dele.

— Shhh. — Carlton acena como se estivesse espantando uma mosca. — Você não precisa pagar. Recebi alguns ingressos de cortesia. Mas tenho que te enviar o ingresso por mensagem.

Mordo o lábio.

Uma parte de mim sente que não deveria aceitar. Mas eu disse a ele que iria. E nunca fui a um show antes. Não é como se Nero e eu estivéssemos namorando, já que estamos muito ocupados fingindo que não nos conhecemos.

Que se dane.

Me forço a permanecer focada no homem diante de mim e recito meu número para Carlton enquanto ele o digita em seu telefone.

Mal termino de dizer o número quando sinto o telefone vibrar.

Ele ainda está digitando alguma coisa, mas pego o celular esperando encontrar o ingresso.

***Desconhecido**: É sério que você acabou de dar seu número para esse cara?*

Engulo em seco, sentindo minha boca seca de repente.

Não é um ingresso.

***Desconhecido**: Quem é ele?*

Coloco o telefone virado para baixo no balcão, sentindo-o vibrar enquanto faço isso.

Não devo explicações a Nero. Isso não é da conta dele.

— Certo. — Carlton aponta o telefone para o meu, no balcão. — Clique no link que te enviei para ter acesso ao seu ingresso. Depois é só mostrar na porta e pronto!

Meu celular vibra de novo, o som amplificado já que está sobre a superfície dura, mas não olho para baixo. Desta vez, tenho certeza de que é a mensagem de Carlton.

— Quem... — começo, mas o barulho de uma cadeira sendo arrastada pelo chão faz com que eu me atrapalhe com a pergunta. — Hum, vocês vão abrir o show de que banda?

Carlton começa a me contar os detalhes, mas não presto atenção. Toda a minha energia está focada em não observar a aproximação de Nero.

Ele está segurando o telefone quando para perto de Carlton. Mas o rapaz está tão envolvido em sua história que nem percebe o homem infeliz logo atrás dele. — ...foi assim que soubemos — ele continua.

Os dedos de Nero se movem depressa na tela do celular.

Meu telefone vibra.

— ...então Dan mandou uma mensagem para eles no Insta...

E volta a vibrar.

— ...deve ser bem legal. Mas precisamos chegar lá...

E de novo.

— Você precisa atender? — Carlton gesticula para o meu telefone.

Balanço a cabeça.

— Não é nada.

Então, lançando um olhar para Nero, pego meu telefone e o coloco no bolso do avental sem olhar para a tela. O músculo em seu pescoço se contrai um segundo antes de eu sentir meu bolso vibrar com mais uma mensagem.

Felizmente, Carlton acredita na minha palavra e volta a me contar sobre a passagem de som, alheio à presença iminente de Nero.

Como ele conseguiu meu número?

Quando ele o conseguiu?

Por que é que ele nunca fez contato antes?

Por que ele está me mandando mensagem agora?

Meu bolso recomeça a vibrar e olho para ver Nero, com o telefone na orelha e os olhos estreitados em mim.

Este homem está me ligando enquanto está a um metro de distância?

Tateio o bolso antes que consiga apertar no botão lateral, enviando a

chamada para a caixa postal.

Sinto uma pequena onda de vitória. Mas ela some rapidamente.

— Ei. — A voz de Nero atrás de Carlton faz com que o homem menor se assuste e se vire. Mas tudo o que ele vê é um cara de terno falando alto ao telefone.

Me deixando uma mensagem de voz.

Os olhos de Nero estão em mim.

— Vou terminar o trabalho cedo hoje à noite. Nos vemos em casa.

Sem acrescentar mais nada, Nero desliga e volta toda sua atenção para Carlton.

— Você terminou aqui?

Prendo a respiração.

— Ah, sim. Me desculpe, cara. — Carlton dá um passo para trás e estende um braço. — Estamos apenas conversando, pode fazer o pedido.

Nero mantém o olhar fixo.

— Eu espero.

34

Nero

ESSE PUNK BABACA pisca para mim como se eu estivesse brincando, mas não estou. Não vou embora enquanto este idiota estiver aqui conversando com Payton.

— Sim, tudo bem. — Ele ergue as mãos enquanto se vira para encarar minha garota.

Sim, tudo bem.

Deus, quero dar um soco nele. Ou bater nele com a minha arma. Assim, ele estaria ocupado demais chorando para flertar com Payton.

— Quer o de sempre? — A voz dela me envolve.

Ou talvez eu devesse matá-lo.

— Você me conhece, querida.

Estou alcançando a Ruger na minha cintura antes mesmo de perceber o que estou fazendo.

Faço uma pausa, mas não a solto, debatendo o quanto eu estaria encrencado por matar esse punk idiota em plena luz do dia.

A Payton não iria gostar.

Volto a mão para a lateral do corpo. Bato os dedos na coxa enquanto esse idiota paga *pelo de sempre*.

— Me deixe pegar seu café. — Payton desvia o foco de mim, mudando de posição. — Vou levá-lo para o final do balcão.

— Tudo bem. — O cara coloca uma carteira surrada no bolso.

Que merda ele está pensando em falar com uma garota como a Payton? Ela é boa demais para ele. Completamente fora do seu alcance.

Ela é deslumbrante. Feminina. Gentil e doce. Ele nunca seria capaz de proporcionar a ela o tipo de vida que eu proporcionaria. O tipo de vida que ela merece.

Uma vida cheia de carros blindados e tiros.

Cerro os dentes, irritado com minha voz interna. Mas é o lembrete de que preciso para manter a boca fechada.

Observo a bunda de Payton enquanto ela se move, fazendo a bebida do cara, certo de que ela está demorando mais que o normal. Mas eu disse que esperaria, então cruzo os braços e apoio o quadril no balcão.

Sinto que estou fazendo um bom trabalho em ser paciente até que o idiota fala:

— Até mais tarde.

Quando ele pega a bebida de Payton, um grunhido audível me escapa.

Não. Não, você não vai vê-la mais tarde.

O homem tem que passar por mim para sair, então viro a cabeça com seu movimento, acompanhando cada passo. Ele olha para cima e faz contato visual, depois desvia por entre as mesas para não ter que passar perto de mim.

Que covarde.

— Posso ajudá-lo em algo, *senhor?*

A voz afiada de Payton vai direto para minhas bolas, e eu me viro para encará-la.

— Cuidado com o tom, baby.

— Ou o quê? — ela sibila antes de fechar a boca. Payton arregala os olhos, claramente surpresa consigo por fazer a pergunta.

— Você vai descobrir esta noite, menina linda. — Só ela pode me ouvir. E eu observo com fascinação enquanto ela engole em seco. Ela está tão afetada quanto eu. — Agora, me dê aquela torta de cereja.

— O quê?

Aceno na direção da vitrine de doces.

— A torta de cereja. Para viagem.

Ela vira a cabeça para seguir meu olhar e entreabre os lábios, mas os fecha novamente antes de falar.

Usando um pedaço de papel para pegar a torta, ela a coloca em uma

pequena embalagem, mas hesita antes de entregá-la.

— Há quanto tempo você tem meu número?

— Payton — resmungo o nome dela. — Aqui, não.

Seus lindos olhos brilham sob as luzes fortes e aproveito o momento para apenas olhar para ela. Realmente olhar.

Payton é extraordinariamente bonita. Seus olhos azul-marinhos, escondidos sob cílios grossos e cabelos bagunçados destacam sua beleza. Ela tem sardas nas bochechas que ainda não tive tempo de apreciar. Quero prendê-la sob meu corpo e traçar o padrão que elas fazem com a língua. E aqueles lábios. Caramba, esses lábios. *Eu os terei em mim em breve.*

As roupas não exibem sua forma, mas mesmo com o corte largo, não há como esconder suas curvas. E quando ela se vira, sua bunda linda é emoldurada pelas bordas daquela merda de avental branco. Isso me faz querer cobri-la com seda. Ou colocá-la em um vestido provocante, apenas para usar em casa.

Sorrio.

Ela poderia se vestir só para mim.

Ela semicerra os olhos com a minha expressão e coloca o pacote com a torta no balcão.

— Quanto eu te devo? — Quando fica claro que ela não vai me dizer o total, suspiro e tiro uma nota de vinte da carteira, trocando pela torta. Então, digo a ela: — Hoje à noite.

Me viro e encontro o prefeito prestando atenção em mim e sei que me expus demais.

Visto a máscara de indiferença enquanto caminho de volta para sua mesa.

— Garota bonita. — O prefeito inclina a cabeça na direção de Payton. — Estou de olho nela há um tempo, mas talvez você tenha me superado, não é?

Ele deixa a insinuação em aberto, esperando que eu confirme sua declaração. E mesmo que eu queira arrancar a pele de seu corpo por ousar chamá-la de bonita na minha frente, mantenho a expressão branda no rosto.

— Não faz meu tipo. Estou aqui só pela comida. — Ele não parece

totalmente convencido, mas dizer qualquer coisa a mais seria estranho.

Faço questão de olhar para o relógio.

— Tenho que ir. Abdul vai me mostrar algumas propriedades.

Como planejado, isso chama sua atenção.

— Ah, é? Você precisa me avisar se decidir passar adiante alguma coisa que eu possa gostar.

Assinto, me viro e saio.

Sem olhar na direção de Payton.

35

Payton

PELA TRIGÉSIMA VEZ, arrumo a mesma pilha de copos antes que o prefeito finalmente se levante da mesa. E continuo focada nesta tarefa até ouvir a porta da frente abrir e fechar.

A presença dele nunca me incomodou antes. Eu nem sabia quem ele era nas primeiras vezes que apareceu, até que ouvi alguém chamá-lo pelo título e juntei as peças.

Ele sempre foi amigável e simpático, isso antes de eu saber que ele conhecia Nero. E antes de ouvi-lo dizer que estava de olho em mim.

Reprimo um estremecimento. Pesquisei sobre ele. Sei que é casado. E duvido que sua esposa gostaria destes comentários, porque não parecia que ele estava brincando.

E ele conhece Nero...

Um nó se forma ao redor das minhas costelas, apertando até ficar difícil de respirar.

Não sou idiota. Sei que Nero deve estar envolvido em alguma coisa. Ninguém foge da polícia escalando a varanda de alguém se não estiver causando algum tipo de problema. Mas mesmo sabendo disso, sempre me senti segura com ele. E sei que deveria ser ainda mais perturbador na noite em que deixei a porta aberta e ele apareceu. Porque isso significa que ele devia estar me observando. Mas também significa que ele não cruzou aquela linha sem que eu o convidasse. Ele veio porque eu pedi. E ele aceitou o que ofereci porque eu quis.

Nada disso pareceu tão errado quanto vê-lo entrar aqui hoje e agir como se eu não fosse ninguém.

Sinto calor se acumular em meus olhos e percebo que estou fungando.

Entendo que Nero não esperava que o prefeito estivesse aqui. Era óbvio que eles não estavam planejando se encontrar. Mas ele não precisava agir como

agiu.

Não é o meu tipo.

Estou aqui só pela comida.

Pisco rapidamente e olho para o teto.

Não ouse chorar por ele.

Precisando me distrair, vou até a mesa para limpar os pratos que os dois homens deixaram para trás.

Jean se aproxima com um pano quando pego o último item e saio de seu caminho para que ela possa borrifar a mesa quando a ouço resmungar:

— Mafioso filho da mãe.

Um sorriso começa a se formar em minha boca, sua atitude cínica com relação a políticos sempre me diverte.

Esse sorriso desaparece quando paro e penso...

E se ela estiver falando sobre o Nero?

36

Nero

— OS DOIS ÚLTIMOS — falo para Abdul e abro a porta do carro.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Os dois?

— Foi o que eu disse.

Antes que ele possa fazer mais perguntas, me sento no banco do motorista e bato a porta.

Não estou bravo com ele, apenas irritado porque essas visitas demoraram muito.

Um olhar no relógio me diz que já passa das seis da tarde.

— Merda! — Piso no acelerador ao sair do estacionamento.

Estou inquieto para ligar para Payton e me certificar de que ela vai ficar em casa esta noite. Mas não o faço.

Principalmente porque tenho certeza de que ela não atenderia. E uma pequena parte de mim está esperando por sua desobediência. Ou melhor, as consequências dessas ações.

Sigo o fluxo do trânsito e um aroma doce e frutado permeia meus sentidos. *A torta.*

Uso o joelho para manter o volante firme, pego a sacola branca e tiro a torta com cuidado de lá.

Minhas narinas dilatam quando trago a massa ao nariz e respiro fundo.

Se eu pensar bem, *realmente bem,* consigo sentir o calor rosado de Payton, de onde sua mão segurou o papel.

Abro bem a boca, enfio metade da torta e mordo.

O sabor explode na minha língua. Doçura misturada com o azedo das cerejas.

Entreabro os olhos e preciso lembrar a mim mesmo que estou dirigindo

para não fechá-los por completo.

É tão bom.

Tem gosto dela.

Passo a língua pelas cerejas na metade não comida, percebendo que meu pau agora está completamente duro.

— Puta merda.

Ainda segurando o volante com o joelho, pressiono a outra mão no meu pau.

Olho entre o doce e a estrada à minha frente, e por mais do que um momento, considero a logística de me masturbar enquanto encho a boca com o resto das cerejas de Payton.

Pressiono o pau com mais força enquanto ele pulsa. E antes que eu faça algo realmente ridículo, enfio o resto da torta na boca, gemendo à medida que mastigo.

***

Quando finalmente chego ao bairro onde Payton mora, diminuo a velocidade e paro junto ao meio-fio no final da rua em que ela mora.

Odeio essa merda. Quero dirigir até a porta de sua casa.

Bem, o que eu quero fazer é arrastá-la daquele prédio pelos cabelos e levá-la para morar comigo. Minha casa parece ainda mais vazia desde aquela noite em que a vi pela primeira vez. E as razões para ficar longe dela estão ficando cada vez mais esquecidas.

Eu sou Nero.

Temido pelo submundo.

No entanto, aqui estou, me esgueirando do lado de fora da casa da minha namorada, como um adolescente quebrando o toque de recolher.

Namorada?

Puta merda. Perdi completamente o juízo.

Eu não tenho namorada desde... inclino a cabeça para trás e penso. Será que já tive? Talvez aquela garota da escola? E houve aquela outra com quem transei por quase um ano quando tinha vinte e poucos...

Não importa. É irrelevante. Porque Payton não é a porra da minha namorada.

Desligo o carro.

É difícil dizer, neste ângulo e distância, mas a porta da varanda de Payton parece fechada. Não é uma surpresa, considerando o olhar mortal que ela estava tentando me lançar mais cedo no café. Uma luz em suas janelas chama minha atenção. Ela deve estar em casa.

Me sinto tentado a arrombar aquele apartamento vazio do outro lado da rua para observar e absorver sua atitude. Mas há uma chance de ela tentar ir para aquela merda de show hoje à noite.

Seguro a maçaneta da porta com mais força do que o necessário e a abro com violência.

A audácia daquele filho da puta em pedir o número dela bem na minha frente. E ela deu.

Payton má.

Assim que coloco o pé na rua, um carro passa voando pela minha porta, com poucos centímetros de folga e, pela segunda vez hoje, fico tentado a sacar a arma.

Quando as luzes de freio iluminam a rua, percebo que ele tem luzes de néon no painel, indicando que é um veículo de aplicativo. E algo dentro de mim para.

Enquanto estou aqui, metade dentro e metade fora do meu veículo, a porta do prédio de Payton se abre e ela desce os degraus de concreto, atravessa a calçada e praticamente mergulha no banco de trás do carro.

O banco de trás de um carro dirigido por um estranho.

Pela porra de um estranho.

Volto para o carro, o ligo e saio antes mesmo que o motorista comece a se

mover.

Penso em pisar no acelerador, mas antes que possa avançar, paro.

Não posso tirar o carro da estrada e sequestrá-la.

Bem, eu gostaria.

Quero.

Mas não vou fazer isso.

Avanço pela rua e mantenho alguns carros entre nós.

Como estamos no meio da semana, há tráfego suficiente para me esconder. A escuridão me torna um dos muitos faróis no espelho retrovisor deles. Mas quando nos afastamos das ruas principais e nos dirigimos para a periferia da cidade, próximo ao tranquilo estádio de beisebol, percebo o erro no meu plano. E, certamente, o carro à minha frente faz mais uma curva, então diminui a velocidade ao se aproximar de um local que não conheço.

Há uma fila que dá a volta na quadra. Não tem lugar para estacionar.

O carro em que Payton está para e, no momento em que ela começa a sair do carro, ciúme e posse tomam conta de mim.

Ela está usando vestido. Ou saia. Seja o que for, é curto o suficiente para que suba quando ela se inclina para sair, mostrando um lampejo de pele clara acima das meias até as coxas.

Meias. Até. As. Coxas.

Meu pau está duro como pedra enquanto passo por ela.

Quero acabar com essa merda agora mesmo. Sair do carro, arrancá-la da calçada e jogá-la no porta-malas. Mas vejo quatro policiais do lado de fora do prédio ajudando na segurança e tenho certeza de que minhas ações não passariam despercebidas.

Embora eu tenha certeza de que escaparia impune, é exatamente o tipo de atenção que estou tentando evitar com Payton.

Seguro o volante com tanta força que ele range, e dou a volta no quarteirão seguinte até encontrar uma vaga para estacionar.

Minha raiva aumenta ao correr até o prédio e descobrir que Payton já

passou pela fila. Então olho para as quase cem pessoas e decido que não há como. O que significa que aquele imbecil deu a ela algum tipo de ingresso para a entrada lateral.

Furioso, vou para o fim da fila e espero como o resto desses idiotas. Este é um daqueles momentos em que eu gostaria que as pessoas comuns soubessem quem sou para que eu pudesse intimidá-las a me deixar passar.

Deveria ter cancelado com Abdul no momento em que Payton concordou em compartilhar o número dela.

Mas já fiquei bastante ausente por causa dessa mulher. Estou delegando mais. O que tem feito as pessoas falarem. Claro que a suposição que todos estão fazendo é que *há uma mulher.* E, neste caso, eles estão certos. Só que em vez de passar as noites na cama dela, eu as passo do outro lado da rua em que ela mora, esperando por vislumbres como um pervertido.

Está totalmente escuro e a temperatura caiu de forma drástica quando finalmente chego ao segurança.

— Cinto, senhor. — A voz grave me interrompe antes que eu passe pelos detectores de metal e fico feliz por ter decidido deixar a arma no carro.

Tensiono a mandíbula ao tirar o cinto, o telefone e a carteira do bolso, colocando tudo em uma bandeja.

Minha paciência está se esgotando e ficar encurralado aqui como gado está ficando cansativo.

— Está tudo certo. — O segurança indica que eu recolha meus pertences.

Pego o cinto. Então percebo que não é meu. É preto, não é de couro e está coberto de tachinhas prateadas. Coloco-o de lado e pego o meu, também preto, mas de couro legítimo e liso. Enquanto o coloco nos passadores da calça, observo a multidão ao meu redor. Muito preto. Muito couro. Muito cabelo comprido. Em todo mundo.

Que porra de show é este?

Sigo em frente, meu terno e mocassins se destacando neste mar de... o que é isso?

— Telefone? — uma mulher me pergunta. Ela tem mais ou menos a idade de Payton, cabelo curto e usa camisa polo vermelha, sinalizando que trabalha aqui. Como não respondo rápido o suficiente, ela mostra um scanner portátil. — Você está com seu ingresso?

Puta. Merda.

Tensiono a mandíbula.

— Não.

Ela levanta uma sobrancelha, então me dá uma olhada como se dissesse: *você o perdeu?* A moça se remexe.

— Você está aqui pelo show? Ou para aquela coisa do novo proprietário?

— O show — respondo antes que possa pensar melhor. Não sei quem é o dono, mas deveria ter inventado algo.

— Tudo bem. — Seu tom diz que ela não acredita em mim, mas aponta para o lado. — Vá até lá e compre um ingresso, depois volte aqui. Não vou te fazer passar pela fila de novo.

— Obrigado. — Minha voz soa mais áspera do que ela merece, mas estou a um passo de perder a cabeça.

Felizmente, a fila para comprar ingressos é curta e eu passo o cartão de crédito pela abertura do vidro antes que o cara possa me cumprimentar.

— Um ingresso.

Ele pega o cartão.

— Pista ou camarote?

Eu não estava esperando opções.

— Qual é a diferença?

— A pista permite que você fique em qualquer lugar no andar principal. O camarote também dá acesso aos níveis superiores.

— Camarote — digo a ele. Não sei onde Payton vai estar e não vou correr nenhum risco.

Me sinto de volta aos anos 1990 quando o cara me entrega um ingresso de papel, e me viro para voltar para a entrada.

— Legal. — Ela fica impressionada ao ler o ingresso. — Me dê sua mão esquerda.

— Por quê?

A mulher revira os olhos para mim. Em público. Para mim.

O que está acontecendo com a minha vida?

Ela pega uma pulseira verde neon.

— Para que as pessoas saibam que você pode subir.

— Elas não podem simplesmente olhar o ingresso?

É uma pergunta razoável, mas a mulher apenas pisca para mim.

Com um suspiro audível, levanto o braço esquerdo e posso jurar que ela passa a parte adesiva nos pelos do meu braço.

— Aproveite o show! — ela fala enquanto me afasto.

Finalmente entro no prédio, passo por uma entrada simples antes de adentrar em um espaço de show de bom tamanho. O andar principal só tem espaço para ficar em pé e está lotado. E como o cara do ingresso falou, há um camarote circulando metade do local, dando aos espectadores uma visão desobstruída.

Um apresentador anuncia que o show principal está prestes a começar, o que significa que passei todo o show da banda de abertura preso na fila.

Ainda tentando descobrir o que vamos ouvir, olho além do mar de pessoas para a grande faixa pendurada atrás da banda.

Söta Kakor.

Que merda é um Söta Kakor?

Então as luzes se apagam e o heavy metal começa.

37

Payton

A MÚSICA ESTÁ tão alta que posso sentir cada batida da bateria e cada acorde da guitarra vibrar em meu interior.

Nunca fui a um show, mas quando imaginei, não era assim. Nem era esse tipo de música.

Eu gosto. Gosto muito.

Perdi parte da apresentação de Carlton, mas ele é muito bom. Tem uma boa voz. E parecia à vontade com a guitarra vermelha pendurada no peito.

Quando uma série de luzes estroboscópicas pisca, fecho os olhos. As luzes a laser e os holofotes coloridos nos músicos são uma coisa, mas essas luzes piscando na multidão são demais para mim.

Absorvo a música enquanto finjo que não há uma multidão ao meu redor. Se pensar muito em todas as pessoas que estão aqui, vou entrar em pânico. Não que alguém tenha sido rude ou me olhado de alguma forma ruim, é apenas mais gente do que estou acostumada. E são principalmente homens. Sombrios, grandes, cabeludos e vestidos de preto da cabeça aos pés. Mais um motivo pelo qual encontrei um lugar para ficar junto à parede dos fundos.

Não preciso estar perto do palco, nem quero estar próximo às pessoas pulando loucamente umas nas outras. Além disso, prefiro não ter estranhos atrás de mim. E com o camarote se projetando na parte de cima, este local parece quase privado.

Cruzo os braços e balanço a cabeça com a batida. E mesmo com o ritmo rápido sobrecarregando meus sentidos, como sempre acontece quando fecho os olhos, minha mente vaga para Nero.

Mas hoje, os pensamentos fazem meu coração doer.

Não sei o que pensar sobre tudo o que aconteceu no café.

E quando ele deixou aquela mensagem ridícula na caixa postal... *vou sair*

do trabalho mais cedo hoje à noite. Te vejo em casa., eu sabia que não podia ir para casa depois do trabalho. Essa constatação ficou mais clara quando li as mensagens que ele me enviou enquanto eu conversava com Carlton.

***Desconhecido**: Me responda.*
***Desconhecido**: Payton.*
***Desconhecido**: Juro por Deus, se você sorrir para ele...*
***Desconhecido**: Você não vai à porra do show dele.*
***Desconhecido**: Termine essa conversa.*
***Desconhecido**: Isso não é bom para a saúde dele a longo prazo.*

Acabei adicionando seu contato ao meu telefone. Não porque pretendo usá-lo, mas ver o *desconhecido* tornava as mensagens mais assustadoras.

Então, para evitar algum tipo de confronto em meu apartamento, me vi mais uma vez pegando o ônibus até o shopping para gastar os cem dólares que Nero me deu. Mas em vez de comprar sabonete líquido, fui à Marshall's e passei três horas revirando as araras em busca de uma roupa para usar hoje à noite.

No caminho, pesquisei no Google e encontrei fotos de shows da Söta Kakor para que eu pudesse ampliar as pessoas na multidão e ver o que elas usavam. As imagens estavam embaçadas, mas consegui ter uma ideia. E estando aqui pessoalmente, me sinto muito bem com minhas compras.

Quando estava entrando naquele Uber, comecei a me preocupar que talvez minha roupa fosse muito... chamativa. Agora vejo que minhas escolhas não têm nada a ver com algumas das coisas que vi as mulheres usando. Não me entenda mal, elas estão incríveis. Sensuais pra caramba. Mas fazem com que minha *skater skirt* até o meio da coxa pareça roupa de freira.

A saia foi um achado, pois era do meu tamanho. O mesmo aconteceu com a blusa de lã cinza escuro. O decote canoa não é muito baixo, mas ajuda a chamar a atenção para meu seio e afasta o foco da minha cintura não tão fina.

O ponto alto da roupa, o detalhe que me faz sentir sexy, algo com que não

estou acostumada, são as meias pretas até a coxa.

Já as vi em filmes e em revistas, mas nunca pensei que fossem algo que uma garota como eu pudesse usar. Achei que ficariam muito apertadas e causariam uma dobra estranha no meio da perna, mas essas são macias e elásticas, e há algo na parte interna que as mantém no lugar. Além disso, as faixas grossas servem como um amortecedor entre minhas pernas, então não estou sofrendo por estarem raspando uma na outra a cada passo.

Alguém esbarra em mim e eu abro os olhos depressa.

— Desculpe! — o cara grita e continua em frente, em missão para chegar a algum lugar.

Dou um passo para trás com minhas botas pretas e fico ainda mais perto da parede.

Estou pensando em dar mais um passo para ficar encostada nela quando uma mão pressiona a lateral do meu corpo de leve.

Supondo que a pessoa esteja apenas tentando me alertar que está passando atrás de mim, tento dar um passo à frente. Mas a pressão desliza pelas minhas costelas até a frente do meu corpo, e a mão se espalha pela minha barriga, me segurando no lugar.

O pânico surge dentro de mim, e estou prestes a me abaixar para afastar a mão quando sinto um corpo nas minhas costas. E um perfume masculino ardente com o qual estou muito familiarizada me envolve.

Nero.

Sinto o sopro quente em minha bochecha quando ele aproxima a boca do meu ouvido.

— Você foi uma garota má, Payton.

O calor se acumula em meu núcleo ao senti-lo. Ao ouvi-lo.

Então me lembro de que estou brava com ele.

— Vá embora — sibilo, olhando para frente.

— Não. — Seus lábios roçam minha orelha, provocando um arrepio em meu couro cabeludo.

— Não? — tento grunhir, mas meu corpo traidor recua para o calor do dele.

— Não, baby. Você queria conversar. Então vamos conversar.

— Está um pouco barulhento aqui — digo, ainda olhando para a frente.

— O quê?

Suspiro, pois ele está confirmando meu ponto.

— Eu disse que... — Viro a cabeça para olhar para ele — está...

Seus lábios se unem aos meus.

38

Payton

O CHOQUE DO seu beijo faz com que eu tente me afastar, mas a outra mão se espalha pelo meu pescoço e queixo, me mantendo no lugar.

E porque sou fraca, me deixo derreter em seu calor.

Apenas por um momento, absorvo a sensação de seus lábios quentes pressionados contra os meus.

Mas só por um momento, porque não posso me permitir esquecer como ele me tratou hoje, então me esforço para me afastar, empurrando-o para longe.

— O que você está fazendo? — pergunto quando ele abaixa a mão, mesmo que seu aperto firme em volta da minha cintura mantenha meu corpo contra o dele.

— Estou te lembrando a quem você pertence.

Suas palavras enviam uma onda de emoções através da minha alma.

Se isso fosse verdade.

A tristeza me envolve e viro a cabeça para o palco e para longe de Nero.

Seu braço livre circula meu peito, descansando o antebraço sobre o topo dos meus seios.

— Você não deveria me virar as costas, menina linda. — Nero pressiona a bochecha na lateral da minha cabeça e sua respiração bagunça meu cabelo.

— Por que você está falando comigo? Achei que eu deveria ser o seu segredo. — Minha voz falha nas últimas palavras, e espero que o volume da música seja suficiente para impedir que Nero ouça.

Ele inclina a cabeça para baixo até que seus lábios estejam junto ao meu ouvido.

— Você é o meu segredo.

Aquelas cinco palavras atravessam o calor que seu corpo está me dando.

Seus braços me apertam mais, como se ele soubesse que vou tentar me

afastar.

— Você é meu segredo, porque ser minha te coloca em perigo.

O quê?

Nero curva os dedos enquanto me abraça por trás.

— Tenho inimigos que adorariam me atingir te machucando.

— Inimigos? — repito a palavra como se nunca a tivesse a ouvido antes, porque pessoas normais não têm inimigos.

Acho que também não sou normal, porque Arthur... minha mãe... eles são inimigos para mim.

— Não sou um bom homem, Payton. Nunca se esqueça disso. Estou tentando manter distância *por você*. Porque não quero ser o responsável por te arruinar. — Ele desce a mão em minha barriga e sou surpreendida pelo toque repentino de pele contra pele.

Automaticamente, estendo a mão e seguro seu antebraço para detê-lo. Mas a sensação de seus dedos deslizando sob o cós da minha saia é divina. Então, não tento impedi-lo, apenas me agarro a ele.

— Se o que você está dizendo é verdade, por que está aqui? — Minhas palavras são baixas, mas Nero se envolve ainda mais em mim.

— Porque o perigo não me impede. — Seus dedos descem mais, deslizando para minha calcinha. — E você merece punição.

Cada nervo do meu corpo está em chamas.

— Punição?

— Sim, baby, punição. — As pontas dos dedos dele roçam os pelos entre minhas pernas.

— Não é punição suficiente que você continue roubando minhas calcinhas?

Ele solta um suspiro e afasta a mão do meu peito.

— Você quer dizer essa? — Sua mão reaparece na minha frente, com uma calcinha amassada.

Tento ignorar seus dedos que deslizam cada vez mais para perto de onde

quero que estejam.

— Me devolva isso.

— Eu te devolvo se você me der a que está usando agora.

Abro a boca.

— Você não pode estar falando sério.

Ele mordisca a lateral do meu pescoço.

— Estou, sim.

— Não vou tirar a calcinha em público.

— Sim, baby, você vai. — Ele desliza a mão para cima, longe do meu centro. — E se apresse, ou vou ser obrigado a tirá-la por você. Isso chamaria muito mais atenção.

Minhas bochechas estão em chamas. Mas meu núcleo está latejando.

Nada disso deveria me excitar. Sua atitude. A ameaça de me punir por algo que ele não tem controle. Mas não posso controlar como meu corpo responde a Nero. E, para ser honesta comigo mesma, não quero. Quero entregar o controle a ele.

— Tire-a, Payton. Agora.

Em vez de me forçar, Nero afasta o corpo do meu. O ar fresco preenche o espaço onde ele estava, e sinto sua falta em um nível ainda mais profundo.

O estresse me atinge enquanto me preocupo que ele possa se virar e ir embora.

Mas quando olho para trás, o vejo tirando o paletó.

Claro, ele está usando um paletó.

Levo um segundo para olhar para ele e, assim como hoje cedo, ele está incrivelmente bonito.

E totalmente fora de seu ambiente.

Nero avança novamente, pressionando minhas costas.

— Aqui. — Antes que eu possa reagir, ele coloca uma parte do paletó sobre meu ombro e a outra sobre o dele, criando uma barreira improvisada entre nós e a multidão à nossa direita. — Não é perfeito, então tente ficar quieta.

Uma onda de desejo me atinge.

Eu o odeio. Não deveria deixá-lo chegar perto de mim, muito menos... isso.

Sei que deveria apenas seguir em frente, desaparecer na multidão, mas não o faço. Quase me convenço de que só estou seguindo suas ordens pelo prazer que ele está prestes a me dar. Nada mais.

Sou uma mentirosa.

Verifico para ter certeza de que ninguém está olhando para nós, passo as mãos nas laterais das minhas coxas até conseguir enganchar meus dedos no topo da calcinha. Então a puxo lentamente para baixo.

E para baixo.

Até que ela cai, ficando presa nas minhas botas para não tocar o chão.

Eu me agacho e luto por um momento para tirá-la.

Assim que me levanto, Nero coloca o paletó de volta sobre meu ombro.

— Essa é a minha garota. — Posso sentir o estrondo de seu peito nas minhas costas. E a dureza de seu pau na minha bunda.

— E agora? — Arqueio para ele, sem olhar para trás.

— Agora. — A mão que estava escondida no paletó desliza sobre minha barriga. — Você paga.

A multidão grita em uníssono junto à batida e com os braços erguidos. E é então que Nero desliza a mão pela frente da minha saia, seus dedos não param até pressionarem meu clitóris inchado.

Dou um grito de surpresa, mas o som desaparece.

— Puta merda, baby. Você está tão molhada. — Ele roça os dedos ao redor antes de me penetrar. — Tão pronta para mim. — Eu gemo com a intrusão. — Uma transa e você já está cheia de tesão. Te transformei na putinha perfeita, não é?

39

Nero

SUA BOCETA SE contrai ao redor do meu dedo e eu preciso de mais.

Penetro outro dedo nela. E com a outra mão, abro o zíper.

O plano era roubar sua calcinha, tocá-la até que ela ficasse excitada e depois deixá-la pedindo por mais. Mas esse plano foi por água abaixo muito antes de eu sentir o quanto a sua boceta estava encharcada. Agora que sua umidade está escorrendo pelos meus dedos...

Payton apoia seu peso em mim.

Recuo o quadril, abrindo espaço para tirar o pau da calça sem abrir o cinto.

Com o paletó bloqueando minhas ações de um lado e sua saia as bloqueando pela frente, só tenho que me preocupar com alguém passando pelo nosso lado esquerdo. Porque se alguém olhar muito de perto e vir qualquer parte da bunda de Payton, terei que acabar com essa pessoa.

Penetro meus dedos mais fundo e pressiono a mão em seu clitóris enquanto acaricio meu pau. A sensação de sua boceta escorregadia nos meus dedos me deixa dolorosamente duro.

— É isso, baby? Só uma vez com meu pau e agora você precisa de mais?

Ela se contorce sob o meu toque.

— Quem disse que não tive outro pau desde você?

A raiva me toma por completo.

— Eu disse. — Curvo os dedos e pressiono a mão com mais força, apertando sua boceta. — Se alguém pensar em enfiar o pau em você, vou cortar a cabeça e colocar o crânio em uma estaca do lado de fora da sua varanda. — Acaricio meu pau com mais intensidade. — Então, tenha isso em mente, coisinha linda.

Payton ofega, mas não fica tensa com a minha ameaça. Não, ela treme. De dentro para fora.

— Você gosta disso? — sussurro, meus movimentos ficando mais longos.

Ainda com os dedos curvados dentro dela, mexo a mão e o movimento rápido para frente e para trás causa fricção da palma em seu clitóris.

— Nero!

— Isso mesmo, diga meu nome, baby. Mas não muito alto, lembra? — Dobro um pouco os joelhos para conseguir usar a ponta do meu pau na bainha de sua saia. Quando me levanto, o deixo bater entre suas coxas, fazendo Payton se contrair de surpresa, apertando meus dedos mais uma vez.

Queria que ela estivesse nua para que eu pudesse ver cada centímetro dela, mas isso... puta merda. Tê-la à minha mercê, cercada por estranhos... faz o líquido pré-ejaculatório vazar do meu pau.

Me movo para frente e meu pau desliza entre suas coxas lisas enquanto a boceta quente queima meu pau.

— Puta merda — Payton arfa.

Movo os quadris para trás e depois para frente mais duas vezes, e estou quase pronto para gozar.

Payton fica tão quieta, que é como se ela não tivesse sido afetada. Mas seus lábios estão entreabertos, os olhos estão desfocados e o peito sobe e desce com respirações frenéticas.

— Tão molhada para mim. — Afasto meu pau de suas coxas e o acaricio novamente. Mas, desta vez, mantenho a cabeça pressionada contra ela. — Você está perto? Quer gozar, Payton?

Ela assente e seu cabelo cai de trás da orelha para cobrir o lado do rosto que eu posso ver.

Deixo a mão parada dentro dela, mesmo enquanto continuo a me masturbar.

Uso a lubrificação dela para deslizar a cabeça do meu pau entre suas nádegas.

— Eu disse para você não vir aqui esta noite. Mas você não me ouviu. — Deslizo o pau para cima e para baixo, a ponta esfregando sua entrada mais

íntima. — Então você não vai gozar. — Seus músculos contraem e suas nádegas tentam segurar meu pau. — Não sem eu estar dentro de você. — Solto minha ereção e me inclino para deslizar dois dedos em seu calor. — Não tenho tempo para te preparar. — Movo os dedos para cima, esfregando a lubrificação em seu ânus. — Vou te dar um dedo. — Pressiono a ponta em sua umidade e a penetro. — É isso. — Acaricio seus músculos e a sinto relaxar. — Talvez dois. — Adiciono mais um, mas sem mover a outra mão, que continua pressionando seu clitóris. — Puta merda, baby. Você quer muito isso.

— Por favor. — Payton muda de posição.

— Por favor, o quê? — Mal consigo pronunciar as palavras.

— Por favor, Nero. — Ela fecha as mãos na lateral do corpo, mas depois as levanta e arranha meu braço. — Eu preciso de você.

Puta merdaaa.

Não há nada que ela dissesse que me afetaria mais.

Ela precisa de mim.

E eu preciso dela.

Aperto meu pau e o masturbo mais rápido.

— Por favor! — ela grunhe, e suas unhas cravam meu braço.

Aquela pequena pontada de dor é suficiente para que a primeira gota de esperma saia de mim.

— Isso mesmo, minha menina. — Esfrego a mão no seu clitóris. — Se segure. — Movo os quadris para frente e outra explosão de esperma lubrifica o caminho. — Aguente e você poderá gozar.

Mal consigo falar, pois estou focado no meu pau enquanto tento quebrar a resistência de seu anus apertado.

É demais.

Apoio a testa em seu ombro e meu pau pulsa duas, três vezes mais, preenchendo-a com meu gozo.

Com a cabeça do pau em sua bunda e meus dedos enterrados em sua boceta, ela goza.

Seu corpo inteiro treme e minhas bolas se apertam dolorosamente.

Inclino a cabeça para cima a tempo de ver a expressão em seu rosto.

Ela está de olhos fechados, os lábios entreabertos e as bochechas coradas. Payton parece a personificação da paixão.

Toco a lateral de seu pescoço com os lábios e, embora ela esteja perdida em êxtase, seu corpo relaxa de encontro ao meu. E meu pau desliza um pouco mais.

Puta merda.

Capto um movimento com a visão periférica perto do nosso lado descoberto. Olho para cima e encontro um rosto familiar.

O homem do café.

O cara que deu o ingresso para Payton está parado a apenas alguns metros de distância. As luzes coloridas do show cintilam em sua expressão chocada.

Ele continua observando e então eu retiro a mão de dentro da saia de Payton lentamente, desenhando uma linha invisível de umidade em seu estômago. Quando meus dedos ficam visíveis por cima do cós, abro a mão, segurando-a contra mim.

Ele emana raiva e indignação, mas continua parado ali, impotente.

Sorrio em seu pescoço e movo meu pé, fazendo com que ela abra um pouco mais as pernas. Seus músculos relaxam o aperto em meu pau, e eu me libero de sua bunda.

Payton solta um gemido delicioso, que apenas eu posso ouvir, mas meus olhos permanecem no homem enquanto meu gozo começa a escorrer dela.

A música está alta demais para que alguém ouça qualquer coisa, mas vejo os olhos do punk se desviarem para baixo.

Só então ele se vira e vai embora.

40

Payton

A MÚSICA CONTINUA a bombardear meus tímpanos, mas mal consigo ouvi-la sobre as batidas do meu pulso e da respiração pesada de Nero na minha orelha.

Não posso acreditar...

Fecho os olhos com mais força, como se quisesse bloquear a realidade do que acabei de fazer. E o quanto gostei disso.

Nero tira a mão do meu clitóris excessivamente sensível e posso sentir a umidade em minha pele quando ele a afasta da minha saia.

Meu corpo continua a tremer pelo orgasmo alucinante que acabei de ter e, se não fosse por seu braço me segurando, eu desabaria bem aqui.

Sentir seu pau saindo da... *ah, caramba,* saindo da minha bunda, é muito estranho. Sacana. Respiro fundo e a sensação do que escorre de dentro de mim esquenta ainda mais minhas bochechas.

Quase odeio o quanto me sinto sexy com isso. Mas algo que me faz sentir tão bem, tão desejada, não pode ser de todo ruim.

Talvez o que Nero disse sobre uma *transa* me transformar em puta seja verdade.

É outra coisa da qual tenho certeza de que deveria estar chateada. Mas ele disse isso com aprovação. Como se a maneira como meu corpo se preparou para ele o deixasse orgulhoso.

Nero volta a apoiar a testa em meu ombro e afasta as mãos. Posso sentir o movimento atrás de mim e imagino que ele esteja... se ajeitando.

Com medo do que vou ver, me forço a abrir os olhos.

Tenho que piscar por causa das luzes, mas quando me ajusto a elas, percebo que ninguém parece estar olhando para nós. *Ainda bem.*

Nero geme e endireita a postura, levando o paletó junto. Depois de vesti-

lo, ele passa os braços ao meu redor, me abraçando contra o peito e apoia o queixo no topo da minha cabeça.

Eu me entrego ao abraço.

— Vou te levar para casa. — Suas palavras ecoam em um murmúrio nas minhas costas.

— Está bem — murmuro de volta. — Daqui a pouco.

— Daqui a pouco — ele repete, mostrando que me ouviu, e dá um beijo no topo da minha cabeça.

Eu não deveria deixá-lo me levar para casa. Ou me tocar. Mas, claramente, não faço as coisas que deveria.

E se ele entrar no meu apartamento, talvez eu possa fazer com que ele fale mais sobre o que disse antes. Sobre inimigos e não ser um bom homem.

Então ficamos juntos, assistindo a uma banda da qual nunca ouvi falar, nos misturando à multidão.

Depois de um tempo, inclino a cabeça para trás.

— Nero?

Ele afasta o queixo do meu cabelo e olha nos meus olhos.

— Sim, baby?

— Posso pegar minha roupa de baixo de volta?

No segundo em que seus lábios começam a se curvar em um sorriso, sei a resposta que ele vai me dar.

— Não.

Mesmo sendo o que eu esperava, semicerro os olhos.

— Não?

— Não, Payton, você não pode pegar sua *roupa de baixo* de volta.

Ele diz *roupa de baixo* como se fosse o termo errado. Mas chamar de *calcinha* em voz alta não é algo para o qual estou pronta.

— Você disse que me devolveria a outra — argumento.

Ele estala a língua.

— Claramente, você não está ouvindo.

— Você disse...

Ele me interrompe.

— Eu disse que não sou um bom homem, Payton. Isso inclui mentir. Porque você nunca vai pegá-la de volta. E também vou ficar com a que você acabou de me dar.

Semicerro os olhos novamente.

— Como vou saber que você não está mentindo sobre isso também?

Ele dá de ombros.

Aperto os lábios.

— Está dizendo que eu não deveria confiar em você?

Ele aperta os braços ao meu redor.

— Você não deveria confiar em mim. Mas estou pedindo que confie mesmo assim. — Nero pressiona o nariz no meu cabelo e inspira. — Vou mentir, trapacear, roubar, matar e fazer o que for preciso para te proteger. Mas nunca vou mentir para você sobre quem eu sou. Entendeu?

— Entendi. — Suspiro, ignorando todos os alertas dessa declaração. — Mas posso ao menos usá-las para ir para casa?

Ele ri.

— Não. Já está pronta para ir?

Assinto e me afasto de seu abraço. Quando flexiono os músculos da perna e do quadril, sinto a dor *ali*.

Um passo... um passo é tudo que preciso para sentir mais *dele* escorrer por minhas coxas.

— Nero — reclamo, e o olhar em seu rosto me diz que ele sabe exatamente qual é o meu problema.

Mas ele não para, apenas entrelaça seus dedos nos meus e me puxa atrás dele.

Minha salvação é a escuridão, tanto dentro quanto fora do clube, que deve esconder o estado em que estou.

Ao passarmos por trás da multidão, a música atual termina e, em vez de

pular direto para a próxima, o vocalista se dirige para a plateia.

— Eu amo vocês, Minneapolis! — Um grito ecoa pela multidão com a menção à nossa cidade. — Nesta próxima, vamos fazer um pouco diferente. Vamos cantar em sueco.

Outro grito alto ecoa, me distraindo, então não percebo que os passos de Nero diminuíram até que bato em suas costas.

Antes que eu possa me desculpar, ele aperta minha mão e continua andando no ritmo anterior.

Chegamos ao saguão e saímos pelas portas da frente. Então ele para mais uma vez.

Consigo pressionar a mão livre em suas costas para não bater nele.

— Você está bem? — questiono.

Ele resmunga, então olha para os dois lados antes de me puxar em direção a dois seguranças esperando o show terminar.

— Ei, sr. Terno. Gostou do show? — a mulher pergunta a ele com um sorriso malicioso no rosto.

Ela é jovem, bonita e tem um corte de cabelo moderno. Não gosto do jeito como ela olha para ele.

Dou um passo para que Nero e eu fiquemos lado a lado, então solto sua mão e seguro seu antebraço.

O movimento não passa despercebido, e vejo o sorriso da mulher se ampliar.

Tudo bem, então ela está se divertindo comigo, não intimidada. E não tenho certeza de como me sentir sobre isso.

Mas então Nero pressiona o braço ao lado do corpo, prendendo o meu. E sei exatamente como me sentir.

— Foi uma experiência e tanto.

Preciso de um momento para me lembrar da pergunta da mulher depois que ele responde e, quando lembro, sinto as bochechas esquentarem. Espero sinceramente que ela mantenha o olhar no rosto bonito de Nero e longe de

qualquer coisa que possa estar acontecendo abaixo da barra da minha saia.

— Fico feliz em ouvir isso. — Seus olhos se voltam para mim. — Precisa de alguma coisa?

— Só queria saber se o Hans está aqui esta noite. — Nero pergunta.

Sei que não o conheço muito bem, mas algo em seu tom parece estranho.

A mulher endireita a postura enquanto olha para seu colega.

— Pensei que você tivesse dito que não estava aqui para a reunião dos proprietários...

— Não estou. — Sua falsa simpatia evapora com essas palavras.

A funcionária olha para mim, mas estou tão confusa quanto ela.

— Tenha uma boa noite. — Nero abaixa o queixo e me arrasta para longe.

— O que foi aquilo? — pergunto quando estamos longe dos seguranças.

— Nada.

— Quem é Hans?

Ele fica quieto por alguns momentos e então suspira.

— Ninguém que você queira conhecer.

Aperto os lábios, mas decido acreditar em sua palavra.

A caminhada até o carro passa em um turbilhão de pensamentos enquanto finjo que o ar frio não está gelando minha bunda nua.

Nero entra em um pequeno estacionamento e me leva até a porta do passageiro de um carro esportivo rebaixado, provavelmente caro.

Ele solta minha mão para abrir a porta, então fica de lado para que eu possa entrar. Mas não o faço.

— Se não queria que eu te levasse para casa, não deveria ter vindo até aqui.

Reviro os olhos.

— Como se você fosse me deixar fazer qualquer outra coisa.

Nero sorri.

— Garota esperta. Agora entre.

— Nero... — Aperto as coxas e então sussurro: — Vou sujar o banco.

Ele baixa os olhos lentamente e sinto como se pudesse ver através da minha saia.

— Você está suja, Payton? — Ele dá um passo à frente, acabando com a distância entre nós. — Meu gozo ainda está escorrendo de dentro de você?

Inclino a cabeça para baixo, deixando o cabelo cair em volta do rosto enquanto admito:

— Sim.

Nero geme e me segura pelos quadris.

— Se você acha que isso me incomoda, está muito enganada.

Me remexo.

— Nero.

Ele solta um longo suspiro.

— Tudo bem. — Ele tira o paletó e o estende sobre o assento.

— Não posso me sentar nisso!

Ele semicerra os olhos ao se levantar.

— Por que não?

Aponto para o terno.

— É... caro — digo sem jeito.

— Payton, entre na porra do carro.

— Mas...

— Entre. — Ele aponta para o carro. — Esprema cada gota do meu gozo no assento. Caramba, passe os dedos por ele e desenhe corações no painel. Não dou a mínima.

Meu rosto se contrai com a imagem mental.

— Isso é...

Ele segura meu queixo.

— Sei que temos muito o que conversar, mas vou te dizer uma coisa sobre mim agora. Uma coisa na qual você só precisa acreditar, certo?

— Certo...

— Eu sou rico.

Quase rio. A maneira como ele diz isso é tão... desinteressada.

Mas então ele continua, sem me deixar desviar o olhar.

— Sou muito, muito rico. Tenho milhões no banco. Outros milhões em locais menos *oficiais*. E cinco vezes isso em propriedades. — Engulo em seco. — Você poderia incendiar o carro, jogá-lo no rio Mississippi, e isso não causaria abalo nas minhas finanças. Você poderia rasgar meu terno feito sob medida e transformá-lo em belos absorventes de seda, e eu não daria a mínima. Você poderia...

— Tudo bem! — Eu grito a palavra para fazê-lo parar.

Mas ele não para.

— Você nunca vai ter que se preocupar com dinheiro. — Abro a boca, mas ele a fecha com a mão. — Não por mim. E não por você.

Mantenho os lábios pressionados enquanto o encaro.

Que sonho seria não ter que me preocupar com dinheiro. O que eu não daria por isso.

Mas por mais que ele esteja agindo de forma obcecada por mim agora – seja lá qual for o motivo – quando isso passar, estarei de volta à minha pobreza de sempre.

— Entre no carro, Payton. — Nero pontua seu comando com os lábios nos meus em um beijo breve, mas intenso. E mais do que qualquer coisa que ele diz, o beijo me faz calar a boca.

41

Nero

A VIAGEM ATÉ o apartamento de Payton passa rapidamente e em silêncio.

Não tenho certeza se ela está quieta por causa do que eu disse ou pelo desconforto de estar sentada com meu esperma e sua umidade grudados em sua pele.

Mudo de posição no assento, desejando não ter colocado o paletó no banco, desejando ter sua marca quando ela não estiver comigo.

Mas suponho que se eu a deixasse sujar o assento, nunca mais deixaria ninguém se sentar no banco do carona.

— Hum. — Payton levanta a mão, apontando o dedo para a porta da frente do seu prédio enquanto passo por ela.

— Eu sei onde você mora, baby.

— Sim, mas... — ela não termina a frase, a implicação óbvia enquanto passamos por várias vagas de estacionamento vazias.

— Não vou estacionar bem na frente de onde você mora. Isso seria como pintar um alvo. — Posso sentir seu olhar em mim, e mais perguntas pairando no ar entre nós. — Lá dentro, conversamos — digo a ela.

Payton não diz mais nada, e encontro uma vaga para estacionar dois quarteirões adiante.

Se eu fosse um cavalheiro, a teria deixado na porta, mas não vou perdê-la de vista. Nem dar a ela a chance de fugir.

Não que ela fosse longe.

— Espere por mim — digo, desligando o carro.

Ela espera enquanto dou a volta e abro a porta para ela. Não há ninguém por perto, pelo que posso dizer, mas não esqueci o vislumbre de perna que vi quando ela saiu daquele Uber mais cedo, e não vou me arriscar a deixar alguém

dar uma espiada quando ela está nua por baixo da saia.

Payton coloca a mão macia na minha e me deixa ajudá-la a sair.

Deixo o paletó para trás, entrelaço nossos dedos novamente e caminhamos pela calçada vazia até a casa dela.

— Quase sinto que devo fazer você subir pela varanda — ela provoca quando passamos pelo prédio em direção aos degraus da frente.

— Engraçadinha.

Payton inclina a cabeça para mim, e eu quase tropeço.

O sorriso em seu rosto é o mais genuíno que já vi . E há algo muito comovente nisso.

Provavelmente porque passei horas olhando para seu rosto enquanto ela estava em casa ou no trabalho, e esta é a primeira vez que ela parece realmente feliz. Isso me faz desejar mais.

Mais dela.

Mais de seus sorrisos.

Mais de sua felicidade.

Mais de tudo que ela tem para oferecer.

Quero ser o *único* a fazê-la se sentir assim.

Seja qual for a minha expressão, faz o sorriso sumir de seu rosto.

— O que foi?

— Nada. — Minha voz está rouca, mas finjo que não.

Ela aperta meus dedos como se estivesse tentando me confortar.

Pela segunda vez em questão de segundos, ela me desequilibra.

Ela está tentando me confortar?

Sinto um desconforto. E não é pelo fato de ela parecer capaz de me ler. Estou inquieto porque quase parece que ela se importa comigo.

Isso poderia ser possível?

Estive com mulheres. Senti desejo e fui desejado. Já tive mulheres que queriam estar comigo, ficar comigo. Mas não era por *minha* causa. Sempre tinha relação com a minha conta bancária, posição de poder ou mesmo a rebeldia de

estar com um cara mau. Sempre tinha a ver com o que eu poderia dar a elas.

Já faz... faz muito tempo desde que alguém se importou.

Distraído por pensamentos de afeto, pego uma chave do bolso e a uso para destrancar a porta do prédio.

— Humm, Nero?

Seguro a porta aberta e a guio através dela com uma mão em suas costas.

— Sim?

— Como você conseguiu a chave do meu prédio?

Desvio o olhar para a chave que acabei de usar.

Ah. Certo.

Eu não tinha a intenção de revelar que a tinha, mas como o segredo foi revelado, dou de ombros.

— Tenho uma empresa de segurança.

Payton arqueia as sobrancelhas.

— Você tem?

Ela parece mais impressionada com isso do que quando eu disse que sou rico.

— Tenho — afirmo. — Elevador ou escada?

A pergunta faz com que seus ombros caiam.

— Escada — ela suspira a palavra. — Não confio no elevador deste prédio.

Um som de desgosto escapa de mim. Odeio que ela viva aqui. Há muito espaço na minha casa, e ela deveria estar lá. Não aqui.

Entramos na escada estreita e o cheiro de massa malfeita paira no ar.

Preciso tirá-la deste lugar.

Payton começa a subir os degraus à minha frente.

— Então, o que sua empresa de segurança faz?

— Tudo — respondo. Mas minha atenção está focada nas pequenas marcas visíveis na parte interna de suas pernas.

Quando ela olha por cima do ombro para mim, assinto.

— Fazemos de tudo, desde fechaduras de portas a sistemas de segurança completos, desenvolvimento de software e mão de obra especializada.

— Isso é bem legal. — Ela espera no último degrau. — Como se chama?

Curvo os lábios de um lado e coloco a mão em suas costas para mantê-la em movimento.

— Nero’s.

Ela tenta parar, mas continuo empurrando-a até a porta.

— Sério? — Ela parece irritada.

Espero, fingindo que não tenho a chave do apartamento, enquanto Payton abre a porta e entra.

— Não gostou do nome? — Tranco a porta atrás de mim.

Payton tenta dar de ombros.

— Obviamente, é um bom nome. Mas você me fez esperar semanas para saber, e agora descubro que há uma empresa inteira com o seu nome. — Ela se abaixa para abrir o zíper das botas, e não perco a leve careta em seu rosto. — Quero dizer, é realmente legal que você seja dono de uma empresa. Acho que só estou com um pouco de ciúmes por tantas pessoas saberem quem você é. — *Ciúmes?* Payton tira a segunda bota. — Como o prefeito — ela resmunga antes de se virar para mim. — A propósito, ainda estou com raiva de você.

— Por que eu conheço o prefeito?

Ela cruza os braços.

— Porque você agiu como se eu não fosse nada.

A frase me atinge.

— Você não é nada.

A tristeza permanece em seus olhos, e o sorriso desapareceu por completo.

Eu me aproximo e emolduro seu rosto bonito com as mãos grandes.

— Você significa algo, Payton.

Ela pisca. E pisca de novo.

— Está bem. — Seu sussurro não é convincente.

— Vá tomar um banho. — Dou um beijo suave em sua testa. — Vamos

conversar depois.

Posso ver sua dúvida, e não sei se é porque ela não acredita em mim ou se acha que não estarei aqui quando ela sair do banho. Mas pretendo provar que ela está errada em ambos os casos.

42

Payton

HESITO POR UM segundo antes de trancar a porta do banheiro.

Morar sozinha significa que raramente fecho esta porta, muito menos a tranco, mas me sinto exposta. Por dentro e por fora. Foi um dia muito longo, e se eu não me sentisse tão suja, literalmente, eu cairia na cama. Felizmente, não tenho que trabalhar amanhã. Pretendo dormir doze horas. Pelo menos.

Tiro as roupas e as coloco em uma pilha no chão em frente à pia, sem olhar para as meias novas que estão manchadas.

Deixo a água esquentar, escovo o cabelo e o prendo em um coque no topo da cabeça. Não quero lidar com cabelo molhado, se vamos conversar quando eu sair.

Conversar.

Mordo o lábio inferior e me apresso para entrar no banho.

Fique firme, Payton.

Não consigo.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

Entro embaixo do jato, deixando a água lavar minhas emoções turbulentas.

Ainda estou magoada por Nero ter me ignorado no café.

E estou confusa com a reação que ele teve com Carlton quando estávamos apenas conversando.

Também sinto vergonha do quanto gostei que ele apareceu no show.

Nero me encontrou. Veio atrás de mim. Ele me tocou, me deixou sentir o quanto me desejava.

Mas, quando se junta tudo, não faz sentido. Ou faz, mas significa que ele quer transar comigo, mas não quer que ninguém saiba.

Me afasto da água, apoio a testa na parede e deixo o fluxo cair pela lateral do meu corpo e costas.

Tento manter os pensamentos intrusivos longe. Tento afastá-los enquanto me dizem que isso é o que mereço. Que nunca serei mais do que o segredo de alguém.

Pelo menos, pude escolher quem.

O ar fresco gira ao meu redor, uma brisa flui além da cortina e viro a cabeça para encontrar Nero entrando no box.

A visão de seu corpo nu me obriga a parar e observá-lo. Não importa o quanto eu possa estar confusa sobre esta situação, não há dúvida de que ele é lindo.

Ele é construído como um... bem, como um guerreiro. Ou talvez um soldado antigo. Músculos rígidos e pele marcada. Força e violência entrelaçadas em um adversário formidável.

Ele é duro onde sou suave. Resistente onde não sou. E se eu pudesse me dar ao luxo de fazer terapia, tenho certeza de que seria capaz de lidar com esses sentimentos de insegurança. Mas, como isso não é possível, só me resta confiar em seu olhar e acreditar que ele me acha tão atraente quanto eu o acho.

Nero fecha a cortina atrás de si e me viro automaticamente para encará-lo.

Mesmo que meu cérebro esteja gritando que não conheço esse homem, meu coração me diz para agarrá-lo com força.

Seus olhos percorrem meu corpo, catalogando todas as minhas partes, mas sem demora. Ele encontra meu olhar novamente.

Não há muito espaço aqui, então, mesmo estando em extremidades opostas da banheira, estamos perto.

Em silêncio, ele estende a mão e começa a soltar meu cabelo do coque. Seus dedos são gentis, e ele consegue soltá-lo sem me machucar.

— O que está fazendo? — finalmente pergunto quando ele coloca o elástico preto no pulso.

Com as pontas dos dedos em minhas têmporas, ele inclina minha cabeça para trás, molhando meu cabelo na corrente de água.

— Estou lavando seu cabelo.

Semicerro os olhos.

— Por quê?

— Porque eu quero.

Ele inclina minha cabeça para trás mais uma vez, e acho que vamos fingir que seu pau não está duro agora.

Nero pega o frasco de shampoo e o coloca na mão.

Ele se afasta um pouco.

— Venha aqui.

Dou um passo em sua direção, saindo da água. Pela primeira vez que consigo me lembrar, alguém lava meu cabelo.

Seus dedos esfregam os fios, friccionando de leve o couro cabeludo e provocando arrepios na minha coluna.

Ele passa as mãos pelo comprimento e volta sua atenção para a raiz. O toque é tão terno que preciso respirar fundo, esperando manter as lágrimas sob controle.

Não sei como lidar com as inconstâncias dele. Mas uma parte de mim sabe que estou suficientemente destruída por dentro para aceitar isso. Para aceitar o que ele está disposto a dar, porque se parece muito com amor.

— Para trás.

Mantenho os olhos fechados e deixo que ele me guie de volta para a água, onde continua com seu toque suave, enxaguando o shampoo.

Suas mãos em meus ombros me avisam que devo dar um passo à frente novamente.

E, desta vez, eu o observo. Analiso seu rosto e o olhar terno enquanto ele passa condicionador em meu cabelo, sem pressa para separar as mechas e passar os dedos por elas para garantir que não estão embaraçadas.

Mais uma vez, ele me coloca de volta sob a água e enxágua o produto do meu cabelo.

Mas não para por aí.

Nero se abaixa e pega o sabonete facial.

Espero que ele me entregue o frasco. Mas é claro que não o faz.

Ele pega uma pequena quantidade e esfrega as pontas dos dedos.

— Feche os olhos, baby.

Meu corpo obedece, e eu inclino a cabeça para trás, dando a ele uma visão melhor do meu rosto. Quando seu toque desliza sobre minhas bochechas, sinto outra lágrima traiçoeira escapar do meu olho.

— Shh. — Ele enxuga a lágrima com o polegar. — Estou aqui para cuidar de você.

Em vez de me acalmar, suas palavras me deixam mais nervosa.

Quero perguntar o motivo, mas, em vez disso, murmuro:

— Achei que tinha trancado a porta.

Ele enxuga outra lágrima.

— Você trancou. E vou deixar passar dessa vez.

É uma coisa controladora de se dizer, mas ainda faz com que os cantos da minha boca se curvem em um sorriso.

Lábios quentes pressionam os meus, mas antes que eu possa beijá-lo de volta, ele se afasta.

— Enxágue o rosto, Payton.

Precisando de um momento para mim, viro as costas para Nero e faço o que ele mandou.

Seu corpo pressiona minhas costas e ele envolve minha cintura com o braço, me mantendo no lugar. Inclino a cabeça para fora da água e abro os olhos para ver a outra mão de Nero alcançar a esponja pendurada na torneira.

Ele passa a mão pela minha barriga e a afasta. Então ouço o frasco do sabonete sendo aberto.

Quando olho por cima do ombro, vejo Nero apertando muito o frasco.

— Não use tanto — eu o repreendo de leve.

Ele o fecha.

— Vou comprar mais para você.

Balanço a cabeça, porque não há motivo para discutir, e me derreto na

sensação de Nero passando a esponja na parte de trás dos meus braços e nas minhas costas. Ele leva um tempo para esfregar círculos suaves em cada nádega. E estou tão absorta no momento que não me lembro de ficar envergonhada quando ele desliza a mão entre elas.

Nero continua a lavar cada centímetro das minhas pernas, abaixando-se atrás de mim. Mais uma vez, meu constrangimento não se inflama. Nem mesmo quando ele me diz para me virar e encará-lo para que possa lavar meus pés.

É como se devesse me sentir muito mais autoconsciente. Sei que não tenho um corpo condizente com o do tipo de garota que um cara como ele normalmente sairia. Me sinto mal por pensar nisso, porque sei que nossos corpos não dizem nada sobre quem somos. Mas uma coisa é saber de algo e outra é acreditar.

De alguma forma, me sinto querida quando estou com Nero.

Me sinto segura.

Mas então me lembro desta tarde e meu estômago revira.

— Por que você fingiu não me conhecer? — sussurro a pergunta.

Nero enxágua a esponja e me entrega.

— Vou te contar.

Eu a pego, desligo o chuveiro e penduro a esponja de volta no lugar.

Ficamos em silêncio à medida que ele me seca com uma das toalhas e permanece nu e molhado no ar frio, aparentemente sem se afetar.

Quando ele termina, visto o pijama de algodão simples e me aconchego na cama.

Nero apaga as luzes enquanto se dirige para o quarto. A última lâmpada se apaga um momento antes de o colchão afundar ao meu lado.

— Vire de lado. — A mola da cama range sob nosso peso combinado. — Sua cama é pequena pra cacete.

Quase pergunto sobre o tamanho da cama dele, porque claramente deve ser maior que a minha, mas não o faço. Apenas me viro de lado.

Ele se mexe algumas vezes e então me puxa para perto de si, vestindo

apenas uma boxer. Seu peito cobre minhas costas inteiras. Sua pele é puro calor de encontro à minha.

— Vou te contar uma coisa. — As palavras de Nero roçam o topo da minha cabeça. — Mas depois quero que você me conte algo.

— Certo — concordo, piscando.

O braço em volta da minha cintura se ajusta até que seus dedos estejam encaixados entre minhas costelas e o colchão.

— Tenho uma empresa de segurança. É real. E ganho dinheiro com isso. — Seu peito se expande em uma inspiração lenta. — Mas não é o que realmente faço.

— O que você faz?

— Coisas ruins.

— Você machuca pessoas?

Posso senti-lo assentir no travesseiro.

— Às vezes.

— São pessoas maldosas?

Ele suspira.

— Geralmente sim, mas isso não torna certo o que eu faço.

Penso no que Jean disse esta manhã e umedeço os lábios.

— Você é um mafioso?

O braço em volta da minha cintura tensiona.

— Pode-se dizer que sim.

— E é por isso que você não quer que a gente fique junto?

— Payton — sua voz ressoa através de mim. — Quero que fiquemos juntos. Esse não é o problema.

— São seus inimigos — repito o que ele disse antes.

— Isso mesmo. Não é seguro estar associada a mim.

— O que isso significa? — Odeio me sentir submissa. Mas preciso saber onde estou.

— Estou tentando descobrir.

— Vai me contar mais sobre o que você faz?

— Ainda não — ele responde com sinceridade.

— Eu realmente não sei o que significa ser “mafioso” — admito.

— Humm — ele murmura. — Por que usou essa palavra?

Mordo o interior da bochecha, sem querer entregar minha chefe, mas se ela sabe o suficiente sobre Nero para dizer isso, então talvez não seja um grande segredo.

Ou talvez ela esteja nesse mundo também?

Seu polegar acaricia minha barriga.

— Minha chefe disse algo depois que você e o prefeito saíram hoje. Mas eu não sabia a qual de vocês ela estava se referindo.

Nero dá uma risada.

— Não reconheci mais ninguém lá dentro, mas se ela disse isso, recomendo manter um bom relacionamento com ela.

Estremeço.

— Ela já é assustadora o suficiente, não preciso de motivos extras para temê-la.

Nero se aninha em meu cabelo.

— Vou te proteger.

Emito um som duvidoso.

— Como vai me proteger se tem que fingir que não me conhece?

Ele fica em silêncio por um tempo.

— Como eu disse, vou resolver isso.

Obviamente, quero saber mais. Quero saber tudo. Mas esse pode ser um daqueles momentos em que *a ignorância é uma bênção* que eu deveria aproveitar.

— Minha vez — a voz de Nero é como uma canção de ninar, fazendo com que me aconchegue ainda mais em seu abraço. — Me diga por que você ainda era virgem.

A pergunta destrói o muro de calma que eu estava começando a construir.

— Apenas... nunca aconteceu.

— Tem mais. — Ele diz isso com confiança. — Você não guardou sua virgindade por todo esse tempo sem motivo. E quero saber qual é.

— Tem razão — sussurro.

Fecho os olhos.

E me permito lembrar.

***

Minhas mãos amassam o jornal enquanto leio e caminho.

Se vão continuar cortando minhas horas, vou precisar encontrar um emprego novo.

Passo o dedo por um anúncio de emprego em uma das grandes panificadoras da cidade, e lembro a mim mesma que tenho um diploma na mesa de cabeceira do quarto e, em dois dias, terei dezoito anos. O que significa que poderei começar a trabalhar em tempo integral.

E com o dinheiro que escondi nos livros didáticos antigos, não vai demorar muito para que eu possa me mudar. Espero que para muito, muito longe.

Não me incomodo em tirar as chaves da bolsa enquanto caminho pela curta entrada e passo pelo carro de Arthur. Ele nunca tranca a porta. O que eu odeio. Mas sempre tenho esperança de que alguém invada o lugar e o mate antes de roubar a TV que, com certeza, ele está assistindo.

Inclino a cabeça para evitar o confronto, abro a porta e entro. Mas não há ninguém na sala.

Cruzo os dedos, torcendo para que eu possa chegar ao quarto sem ser vista e me esgueiro em direção às escadas que levam ao segundo andar.

Estou no meio do caminho quando ouço vozes.

— Posso fazer isso aqui? — Uma voz que reconheço como sendo de Bobby, um dos amigos de Arthur, questiona.

— No quarto dela? — meu padrasto pergunta. — Você gosta de edredom com babados e essas merdas?

Edredom com babados?

Eles estão no meu quarto?

Paraliso.

Por que eles estariam no meu quarto?

— Sim. — Bobby ri. — É que transmite aquela vibe *virgem.*

Me sinto nauseada.

Por que eles estão falando sobre virgens? No meu quarto?

— Olha, você está pagando pela primeira vez dela, mas se quiser fazer aqui, são mais cem. E terá que fazer isso quando a minha velha estiver trabalhando. Ela não vai dizer nada quando eu mostrar o dinheiro, mas vai ter um ataque se eu contar antes.

— Fechado. — Ouço um som de batidas de mãos. — Seiscentos e terei a chance de comer aquela boceta adolescente primeiro.

Arthur ri com o amigo.

— Não antes do fim de semana. No caso de ela tentar desabafar com alguém a respeito, não quero problemas com estupro ou qualquer outra merda. Quando ela tiver dezoito anos, vai ser só a palavra dela contra a sua. E com a reputação que a mãe dela tem, ninguém vai acreditar nisso.

Recuo um passo e meu pé escorrega do degrau.

Solto o jornal para me agarrar ao corrimão.

Me movo o mais rápido que posso, desço os degraus e corro para a porta.

As vozes deles estão aumentando atrás de mim, e sei que tenho que sair de vista. Se eles me virem agora e descobrirem que ouvi... o que eles disseram...

Com o peito arfando, viro a maçaneta o mais devagar possível e abro a porta.

Coloco um pé para fora.

As vozes soam mais altas.

Segundo pé fora.

Posso ouvir os passos deles.

Estou fechando a porta quando os vejo na escada.

Todo o meu corpo paralisa.

Não posso fechar a porta, pois eles podem me ver. Se eu fechar e correr, estarei morta... sem dinheiro. Sem roupas. E mesmo não sendo o que quero, sei o que preciso fazer.

Abro a porta, fingindo que acabei de chegar.

Eles estão no meio da escada, mas não olho para cima. Apenas passo os braços em minha cintura.

— Que merda você está fazendo em casa? — Arthur grita.

— Estou d-doente — gaguejo a primeira desculpa que consigo pensar. Do jeito que meu estômago está revirando, não posso dizer que é mentira.

— Nojenta — ele zomba.

Ouço Bobby rir enquanto os dois caminham direto para a cozinha.

Subo as escadas e entro no quarto. E mesmo que eu queira gastar meu tempo higienizando cada centímetro que eles possam ter tocado, não posso.

Preciso fazer as malas.

Agora.

Porque vou embora hoje à noite.

***

O peito de Nero sobe e desce contra as minhas costas. É o único sinal de que ele ouviu minhas palavras enquanto eu as pronunciava.

— Fiquei com medo por muito tempo depois que fugi. E o pensamento de alguém me tocar... — Pressiono contra ele e seu braço me aperta ainda mais. — Eu não estava pronta. Depois, não sabia como fazer.

O colchão balança quando Nero se deita de costas.

— Venha aqui.

Me viro e me aconchego a ele enquanto Nero ajeita os cobertores em volta

dos meus ombros. Apoio a cabeça naquele ponto entre o ombro e o peito. Entrelaço a perna na dele.

Os braços de Nero me envolvem em um abraço.

— Mas então te conheci — digo as palavras. Na expectativa de que ele entenda o quanto já significa para mim. — E pareceu que era a hora certa.

— Eu deveria tê-lo feito sofrer. — As palavras de Nero são roucas, como cascalho sobre lixa.

— O quê?

Ele me abraça com mais força.

— Sinto muito.

— Já passou — digo, tranquilizando-o. — Levei mais tempo do que planejei, mas consegui controlar a experiência. E não importa o que aconteça depois que você *resolver as coisas*, não me arrependo de tê-la dado a você.

— Vou garantir que você nunca se arrependa.

Sua mão grande acaricia meu cabelo úmido.

— Vá dormir, baby.

Um suspiro escapa de mim.

— Boa noite, Nero.

43

Nero

É PRECISO CADA gota de autocontrole para permanecer imóvel enquanto Payton adormece aconchegada a mim.

Estou fervendo de raiva.

Raiva e arrependimento, porque lamento a morte rápida de Arthur mais do que lamento qualquer outro pecado que já cometi.

Deveria tê-la deixado assistir. Deveria tê-la deixado cuspir em seu rosto enquanto ele sufocava até a morte.

O arquivo que King me deu sobre Arthur mostrava a maioria de seus amigos como falecidos. E aquele desgraçado do Bobby, é melhor que também esteja morto.

Pressiono o nariz em seu cabelo e sinto um leve senso de realização por ter incendiado a casa, apagando-a da existência.

Payton se mexe enquanto dorme, se aconchegando ainda mais ao meu lado.

Preciso fazer o certo por ela.

Mas isso significa mantê-la longe do meu mundo e de mim.

É o que ela merece.

44

Payton

SEI QUE ESTOU sozinha antes mesmo de abrir os olhos.

Há um sentimento único em um quarto quando está vazio. E agora que tive Nero em meu apartamento algumas vezes, mal posso acreditar que não senti sua presença naquela noite em que deixei a porta aberta para ele.

Me viro de bruços e pressiono o nariz no colchão, inspirando. Mas o único cheiro que consigo sentir é o aroma residual do meu sabonete de rosas. *Se ele vai tomar banho aqui regularmente, preciso que traga o próprio sabonete.* Há algo na maneira como Nero não deixa vestígios que me faz sentir um pouco louca. Faz aquela vozinha na minha cabeça questionar se ele realmente existe. Que talvez eu ainda seja virgem e esteja enlouquecendo, não me apaixonando.

Bufo alto e me levanto da cama.

Me apaixonando.

Não, isso seria loucura.

Não posso estar me apaixonando tão depressa por ele.

Esfrego os olhos para afastar o sono e vou até a cafeteira, quase não prestando atenção enquanto meço a água e o pó.

É tudo tão estranho. Porque, sinto que entendo Nero, mesmo que não conheça os detalhes de sua vida. Quero dizer, ele basicamente admitiu ser mafioso na noite passada. Mas isso significa a mesma coisa para todos? Ele faz parte da máfia real? Como nos filmes? Com armas, rivais e policiais?

Considerando o que ele falou sobre seus inimigos e o fato de que carros de polícia procuravam por ele na noite em que nos conhecemos...

Enquanto a cafeteira trabalha, desbloqueio o celular, abro o navegador e digito *Nero Security* na pesquisa. Ele disse que era o nome de sua empresa e a tela é preenchida com os resultados da *Nero's Security Company.*

O segundo link é o site oficial da empresa, então clico nele.

Nunca visitei um site de empresa de segurança antes, mas parece bem padrão. E não me surpreende que o esquema de cores seja preto e cinza. Mas quando clico na guia *Sobre nós,* não há fotos de funcionários, nem detalhes sobre o proprietário. Fala apenas o básico. Fundada há quinze anos. Escritórios em oito estados. Principais prêmios para coisas da indústria que não entendo.

Volto para o navegador e digito *Proprietário da Nero's Security Company Minneapolis* e novos resultados aparecem na tela. Clico em um que parece um site de notícias e vejo a primeira foto de Nero. Ele está de terno, com uma expressão séria no rosto e em frente a um prédio de tijolos, apertando a mão do... prefeito.

Intrigada, leio o artigo.

O contrato da cidade de Minneapolis para usar a Nero's Security Company nos novos projetos de construção foi fechado... Algumas especulações sobre o relacionamento entre o prefeito de Minneapolis, Oscar Devon, e Nero, o proprietário da Nero's...

Meus olhos voam pelo resto das palavras, mas não há qualquer menção ao sobrenome dele.

Pesquiso mais variações, mas nada do que digito me dá mais informações sobre ele.

Quando o aroma do café finalmente penetra em meu cérebro, olho para baixo e vejo que a cafeteira já parou. Me pergunto há quanto tempo estou parada aqui.

Guardo o celular no bolso da calça do pijama, abro o armário acima da cafeteira e pego minha caneca favorita. É feita de cerâmica pesada, pintada de amarelo e com o logo do Parque Nacional do Grand Canyon.

Nunca estive lá. Nem mesmo saí do Meio-Oeste. Mas a encontrei em uma loja de artigos usados há alguns anos e ela me traz uma estranha alegria. Porque alguém foi lá e, mesmo que a caneca seja minha agora, sinto que ela guarda as memórias do dono original. Como se eu fechasse bem os olhos e pudesse fingir que sou o tipo de pessoa que também tira férias.

Algum dia.

Você nunca vai se preocupar com dinheiro. Não por mim. E nem por você.

As palavras de Nero na noite passada se agitam em meus pensamentos.

Posso ser ingênua, mas não sou tão tola a ponto de pensar que ele falou sério.

O vapor da caneca deixa meu olhar turvo enquanto tomo o primeiro gole.

Nero disse muitas coisas na noite passada, e acredito que ele me contou a verdade – sobre ele e sua vida –, mas pude sentir sua hesitação. E, quer essa hesitação tenha sido mesmo pela minha segurança ou por algum outro motivo, o fato é que ele não está aqui esta manhã.

Suspiro, me viro para ir para a sala de estar e decido passar o dia de folga como de costume: no sofá, assistindo a programas de culinária.

Dou dois passos quando um retângulo preto me chama a atenção.

No chão, entre o balcão e a porta, há um envelope.

— Como?

Deixo a caneca de lado, me agacho e o pego.

É pesado. E a textura me diz que é feito de papel cartão grosso. Não é do tamanho de um envelope normal. É mais curto e mais largo.

Olho em volta, como se alguém fosse aparecer e dizer: *ei, isso é meu.*

Não há nada escrito na frente e, virando-o, vejo que não está lacrado.

Mordo o lábio enquanto penso se devo abri-lo. Mas está no meu apartamento e não consigo imaginar Nero deixando-o cair por acidente.

Volto a olhar para a bancada. Talvez ele tenha deixado para mim, mas quando fechou a porta, caiu.

Talvez?

Exasperada comigo mesma, resmungo:

— Ah, meu Deus, abra logo!

Levanto a aba e puxo um único pedaço de papel, feito do mesmo cartão grosso e preto.

Há um pequeno símbolo em relevo dourado na parte inferior da página que

se parece um pouco com a letra “A” dentro do sol.

Pisco, sem entender, então meus dedos registram letras em relevo do outro lado do papel.

Quando viro, minha boca se abre.

É um convite. Um convite super chique para uma festa de aniversário. Do Nero. Hoje à noite.

45

Nero

— PARECE RESPEITÁVEL, CHEFE — Rocco fala e inclina a cabeça para mim.

Arqueio uma sobrancelha.

— Isso deveria ser um elogio?

Ele sorri.

— É o objetivo disso tudo, certo?

Suspiro, ajusto as abotoaduras e entro no banco de trás do SUV blindado.

Não consegui me convencer a usar smoking esta noite. Já me sinto velho o suficiente fazendo quarenta anos, não preciso usar roupa de pinguim para piorar tudo. Então optei por *all black*. Sapatos, calça, cinto de couro, camisa de botão de manga comprida e colete preto sob medida para se ajustar perfeitamente, com as abotoaduras de ônix preto que roubei do cadáver do meu antigo chefe.

Então, pode não ser o traje de gala habitual, mas para quem importa, envio a mensagem que preciso. E essa mensagem é *poder*.

Rocco se afasta da minha casa, e me acomodo no banco, me preparando para uma noite de bajulação e irritação.

Odeio essa merda de fingir ser alguém que não sou. Fingir ser alguém *respeitável*. Mas tudo faz parte do disfarce. E sei que precisa ser feito.

Um suspiro ameaça escapar da minha boca, mas eu o reprimo. Daqui até o final da noite, não posso mostrar um único sinal de fraqueza. Não posso deixá-los ver o cansaço que sinto e que só parece diminuir quando estou com Payton.

Payton.

Observo a paisagem enquanto nos aproximamos da cidade e penso em Payton.

Minha pequena virgem.

A garota inocente, treze anos mais nova que eu.

Deveria me sentir um lixo pelo que estou fazendo com ela e com sua vida.

Mas a ganância sempre supera minha culpa. E quando se trata de Payton, sou ganancioso o tempo todo.

Só preciso resolver mais algumas coisas antes de arrastá-la para a escuridão comigo.

46

Payton

— É AQUI? — A mulher que dirige o carro pergunta enquanto reduz a velocidade e para atrás de uma fila de carros elegantes.

Olho para o imenso edifício de pedra.

— Acho que sim. — Então olho novamente para todos os veículos caros à nossa frente. — Deve ser.

Nunca estive no Centro Histórico de Minnesota antes. Eu esperava uma casa antiga ou algo assim. Mas isso não é uma casa. É um museu completo.

Estremeço e, pela milionésima vez, me pergunto se deveria ter mandado uma mensagem para Nero hoje.

Mas mandar o quê?

Você realmente quis me convidar?

Ele não teria deixado um convite se não quisesse que eu viesse.

Por que não me contou sobre essa festa ontem à noite, quando estávamos conversando?

Nero distribui informações como se estivesse morrendo, então trazer à tona uma festa de aniversário provavelmente seria tortura para ele.

— Quer esperar? Ou quer que eu te deixe aqui? — a motorista pergunta, sua hesitação evidente no tom de voz.

O carro dela é bom pelos meus padrões, mas o veículo à nossa frente é um Maserati.

— Humm... — Não tenho certeza de como responder. Por um lado, sim, quero sair agora para poder fingir que também vim dirigindo um veículo de luxo que vale mais do que toda a minha existência. Por outro, não quero andar daqui até a porta com meus sapatos novos.

Mexo os dedos dentro dos sapatos de salto alto, já sentindo o aperto, pois são muito estreitos.

Pesando as opções, decido que meus pés vão doer de qualquer maneira, então é melhor economizar a humilhação de chegar em um Uber.

— Vou descer aqui.

— Tudo bem! — Ela nem pergunta se tenho certeza, claramente feliz por se livrar de mim e ir pegar um novo passageiro.

Assim que abro a porta, minhas pernas nuas são recebidas pelo ar gelado.

Encolho os ombros por causa do frio, adiciono uma gorjeta para a motorista no aplicativo e, em seguida, coloco o telefone na bolsa, ignorando intencionalmente a quantia de dinheiro que gastei hoje. Mas esta é a última despesa, porque espero que Nero me dê uma carona para casa. E também espero que a festa tenha *open bar*.

Começo a caminhar o longo trecho da calçada, olhando para a frente e evitando as janelas escuras dos veículos enquanto passo por eles.

Não consigo poupar energia para me preocupar com o que eles podem pensar de mim, estou nervosa o suficiente só de entrar na festa.

Gostaria que ele tivesse conversado comigo sobre isso para que pudéssemos chegar juntos. Mas talvez ele estivesse... *constrangido?* Embora essa não pareça a palavra certa. Não consigo imaginar Nero constrangido. Mas essa coisa pode ser tão nova para ele quanto para mim. Obviamente, não a parte do sexo, mas talvez a do relacionamento.

À medida que me aproximo dos degraus que levam ao prédio, sigo atrás de um casal glamoroso.

O homem está usando smoking, mas a mulher está com um vestido curto vermelho, o que me dá uma sensação de alívio.

Depois de encontrar o convite esta manhã, peguei o ônibus e voltei para a Marshall’s. Quando estive lá ontem, um vestido preto incrível de lantejoulas chamou minha atenção. Era mais curto do que eu normalmente me atreveria a usar, tinha um decote profundo em V e mangas compridas. Apenas por diversão, experimentei, quando estava procurando a roupa para ir ao show. E mesmo que fosse mais justo do que eu pensava, o tecido ajustado era agradável e as

lantejoulas disfarçavam o inchaço dos meus quadris e barriga.

Felizmente, ainda estava lá hoje. Então eu comprei. Assim como comprei esse sapato azul-gelo incômodo. É lindo e combina perfeitamente com a bolsinha de mão que encontrei, mas juro que meus pés já estão sangrando.

Enquanto subo os degraus, resisto à vontade de estremecer tanto quanto de puxar a bainha do vestido. Não posso nem pensar em como o vestido é curto ou vou começar a suar de nervoso.

No caminho, comecei a me preocupar que talvez devesse ter optado por algo longo, não que eu soubesse onde procurar por algo assim, mas o vestido da mulher na minha frente é ainda mais curto que o meu.

Ainda tenho muita preocupação esta noite, mas, pelo menos, o vestido não será uma delas.

Há seis homens vestidos com paletós iguais no topo da escada. *Nero's security* está bordado na frente. Devem fazer parte da equipe de segurança. Faz sentido que Nero use a própria empresa para sua festa, mas seis deles? Parece exagero.

Mafiosos.

Engulo em seco, sentindo a garganta raspar de repente.

Esta festa vai estar cheia de homens perigosos como Nero?

— Convite? — Uma voz profunda chama minha atenção para a direita.

Um homem denorme estende a mão para mim.

— Ah, sim. Só um segundo. — Tento sorrir, mas de repente me sinto aterrorizada. Só quero entrar e encontrar Nero. Sei que vou me sentir melhor quando estiver ao lado dele.

Inclino a cabeça para baixo enquanto abro a bolsa, e meu cabelo cai sobre o rosto.

Optei por deixá-lo ondulado esta noite e ficarei feliz em usá-lo como escudo mais tarde, mas estou enfrentando problemas com os dedos trêmulos para tirar o convite da bolsa sem a obstrução da minha visão.

Afasto o cabelo do caminho e encontro o convite entre o celular e o *gloss*.

Um leve constrangimento aquece minhas bochechas quando tenho que desdobrá-lo, já que era grande demais para caber na bolsinha. Não queria ter feito isso, mas agora estou feliz, pois quase o deixei em casa.

Ele pega o convite, examinando-o por um segundo antes de me dar o mesmo tratamento e franzir as sobrancelhas.

— Está sozinha?

— Hum, sim. — Pareço incerta, porque não esperava essa pergunta.

— A maioria das mulheres está aqui como acompanhante.

— Ah. — Isso parece uma coisa estranha de se dizer. — Bem, estou aqui com o Nero.

O homem semicerra os olhos, me examinando. Não sei bem o que ele vê, mas fica um pouco mais ereto e faz sinal para que eu siga adiante.

Estou prestes a estender a mão para pegar o convite de volta, mas ele o coloca em uma caixa ao seu lado. *Droga, queria guardá-lo.*

Fico um pouco surpresa quando, alguns passos depois, tenho que entregar a bolsa para inspeção e passar por um detector de metais antes de entrar no prédio.

O ar quente do interior é bem-vindo e respiro fundo algumas vezes para ajudar meus músculos a relaxarem.

Há várias pessoas entrando ao mesmo tempo que eu, então sigo o fluxo até o espaço do evento. À medida que nos aproximamos, as placas são quase desnecessárias, já que o burburinho das vozes se espalha pelo piso de mármore.

Diminuo os passos até parar. Fico boquiaberta.

Nada poderia ter me preparado para a grandiosidade deste lugar.

O salão está lotado. Algumas pessoas se misturam, outras estão em volta de mesas altas e redondas em conversas mais profundas. Há um bar ao lado de onde estou e mais um do outro lado do salão.

A música sobrepõe as conversas e, se não estou enganada, há um quinteto montado no canto.

Quando penso que não poderia ficar mais impressionada, olho para cima.

Os tetos são altos, tanto que há um modelo de avião em tamanho real suspenso acima da multidão.

Uau.

Estou completamente fora de ambiente. E a única maneira de sobreviver a esta noite é com álcool.

Vou direto para o bar. Observo as pessoas na fila à minha frente e percebo que elas não pagam pelas bebidas. E nem há um pote de gorjeta. Hum.

— O que posso te servir? — a bartender me pergunta, e percebo que não pensei no que gostaria.

— Ah, hum... — Eu paro e tento catalogar todas as garrafas expostas atrás dela.

O canto de sua boca se ergue em um sorriso.

— Posso te ajudar a decidir, se quiser.

Meus ombros relaxam com alívio.

— Sim, por favor.

Ela ri.

— Primeira pergunta, você quer pouco ou muito álcool?

— Muito — admito com um sorriso.

— Doce ou não?

— Doce — respondo rapidamente.

Ela assente.

— Tenho exatamente o que você precisa.

Ao vê-la despejar bebidas que não conheço em uma coqueteleira, desisto de tentar acompanhar o que ela está fazendo e me viro para poder examinar o salão em busca de Nero.

Ele é alto, então sinto que deveria ser capaz de encontrá-lo. Mas eu não sou, e há muitas pessoas aqui.

Para o aniversário de Nero.

Mais uma vez, meu estômago dá um nó. Nunca estive em uma festa assim, ou perto de tanta gente. É bastante intimidador.

— Aqui está.

Arregalo os olhos ao ver o lindo martíni azul sobre o balcão. Há sal ao longo da borda e uma rodela finíssima de limão flutuando na superfície.

— Vou chamá-lo de baby martini-margarita. — A bartender sorri. — E eu estava admirando seus sapatos quando você entrou na fila, então decidi fazer uma bebida para combinar.

— É maravilhosa. — Balanço a cabeça, espantada com sua atenção aos detalhes.

Quando começo a abrir a bolsa, me preparando para dar o restante de dinheiro que tenho, ela apoia a mão no balcão. — Não podemos aceitar gorjetas esta noite.

— Mas...

— Não se preocupe, este trabalho paga mais do que os dois últimos juntos, então está tudo bem.

— Se você tem certeza...

Ela sorri.

— Tenho. Aproveite.

Agradeço, levanto a bebida com cuidado e tomo um gole. E então, tomo um maior.

A bartender já começou a fazer sua próxima bebida, mas ela pisca para mim quando murmuro a palavra *uau*.

Não sei por que ela estava sendo tão amigável comigo, talvez ela consiga perceber que estou deslocada. Mas, independentemente do motivo, fico feliz por sua gentileza.

Saboreando a bebida, caminho pela multidão, mas não vejo sinal de Nero.

Esta é a festa dele. Era de se pensar que ele seria fácil de encontrar. Ou, pelo menos, que haveria uma concentração maior de pessoas com ele no centro. Mas não há nada disso. Então fica andando a esmo, me movendo devagar e de maneira casual enquanto olho para os lados à procura do aniversariante.

Meu corpo oscila no passo seguinte. Olho para baixo, alarmada, e percebo

que quase acabei a bebida.

Ao me lembrar de que a única coisa que comi hoje foi um pouco de ramen, prometo interceptar um dos garçons que vi andando por aí com bandejas de petiscos. Se a comida for tão boa quanto esta bebida, será a melhor coisa que já comi.

E é então, com a mente totalmente focada em comida, que vejo o perfil que poderia reconhecer há quilômetros.

Cabelo escuro, penteado para trás, barba espessa e bem-cuidada emoldurando o queixo forte e uma postura de comando. Não há dúvida de quem manda aqui. E agora que o encontrei, me pergunto como demorei tanto. Sua energia é palpável. É como se eu pudesse senti-lo, mesmo com uma dúzia de pessoas entre nós.

Conforme a multidão se movimenta, ele aparece e some da minha visão, mas continuo seguindo em frente, desviando de um homem que se move em minha direção.

Nero ainda não me viu, mas minha boca já está curvada em um sorriso.

Mal posso esperar para lhe desejar feliz aniversário.

Todas essas pessoas estão aqui por ele, para celebrá-lo. E ele pode dizer o que quiser sobre o tipo de homem que é, mas se eu fizesse uma festa de aniversário para mim, convidando todas as pessoas que já conheci, não preencheria metade deste espaço. Caramba, não ocuparia nem a minha sala de estar. E isso tem algum valor. Ou deveria.

Sua boca está se movendo enquanto ele fala com o homem à sua frente, então eu diminuo o passo.

Não quero interrompê-lo. Seria rude e constrangedor.

Pensando que seria melhor não me aproximar de forma sorrateira, dou a volta até que esteja de frente para ele, dando-lhe a chance de me ver antes que eu o alcance.

Meu coração bate muito rápido e o nervosismo atinge a estratosfera.

Tomo outro gole da bebida para tentar me acalmar.

Vai ser bom.

Solto um suspiro e me aproximo.

A multidão se move novamente, e desta vez sou recompensada com um vislumbre do corpo inteiro de Nero. Vestido dos pés à cabeça em preto, ele parece incrivelmente bonito. Seu peito parece esculpido dentro daquele colete.

Um lampejo de vermelho chama minha atenção.

Unhas vermelhas.

Unhas vermelhas compridas e brilhantes, presas a dedos esguios que pressionam o colete dele. Bem sobre o coração.

Eu paro.

Meu coração acelera por um motivo totalmente novo.

A multidão se move novamente e um nó se forma na minha garganta.

Aconchegada ao lado de Nero, há uma mulher deslumbrante, cujas pernas esbeltas, quadris e cintura são exibidos em um vestido vermelho justo. Os seios grandes desafiam a física do decote sem alças, e seu cabelo preto está preso em um coque elegante. Ela parece ter saído de um set de filmagem.

E ela está tocando Nero.

Eu me aproximo, tentando entender o que estou vendo.

Talvez eles estejam apenas conversando.

Talvez ela seja uma daquelas pessoas muito afetuosas com os amigos.

Não que eu queira que ele seja amigo de outra mulher.

Talvez não seja o que parece.

Repito essa última frase na cabeça várias vezes enquanto olho para o rosto de Nero, esperando desesperadamente por algum sinal de que isso seja apenas um mal-entendido.

Enquanto observo, posso ver que ele não está prestando atenção nela. Mas também não a está afastando. Ele está ocupado conversando com aquele outro cara.

Palavras antigas ecoam do fundo da minha mente, me dizendo que sou estúpida. Sem valor... e parece que Nero as ouve.

Seu foco se desloca sobre o ombro do outro homem, e nossos olhos se encontram.

Sinto como se tivesse um peso sobre meu corpo. E não é nada confortável.

Enquanto ele me encara de volta, sua expressão não muda. Ele não sorri para mim. Não estremece ao ser pego. Ele não faz nada para reconhecer que me vê.

Avanço um passo, querendo falar com ele. Querendo que ele me diga que tudo vai ficar bem. Mas ele desvia o olhar, voltando a se concentrar no homem à sua frente.

Paraliso, minha mandíbula tensiona, meus muros se fecham com firmeza ao redor do coração e algo dentro de mim se quebra quando percebo que é a mesma reação que tenho quando estou prestes a ser atingida.

A vergonha, o medo e a tristeza se fundem dentro de mim.

E quando um movimento chama minha atenção, desvio o olhar para ver a mão de Nero se curvar ao redor do quadril da mulher.

Desta vez, quando vacilo, tenho que estender a mão para me equilibrar no braço de alguém que está ao meu lado.

Murmuro um pedido de desculpas, mesmo quando minha mente começa a entrar em modo de sobrevivência.

A mão de Nero permanece no lugar e, com o seu toque, a mulher se vira ainda mais para o corpo dele.

Meus olhos já estão cheios de lágrimas não derramadas, mas eu as contenho, esperando que talvez haja uma explicação. Que ele irá sorrir, acenar para mim e dizer que tudo isso é uma piada.

Mas ele não está olhando para mim.

Ele nem sequer lança um olhar em minha direção.

Meu coração afunda mais no peito, se apertando para parecer menor, para sentir menos.

E enquanto isso, Nero fica ali, fingindo que eu não existo.

47

Nero

UM RECONHECIMENTO ATINGE meus sentidos.

É a sensação que tenho quando algo muda.

O sr. Gintley continua falando, mas paro de ouvir.

Meus instintos me mantiveram vivo até agora. E aprendi da pior maneira a confiar neles. A confiar em mim mesmo.

E só em mim.

Mas esses instintos não foram fortes o suficiente, não essa noite. Porque a última coisa que espero ver aqui é Payton. *Minha Payton.*

Décadas de prática escondem minha surpresa, mas meu cérebro não consegue processar o que estou vendo.

Payton está aqui.

Payton está *aqui*.

Na minha festa de aniversário.

Em público.

A raiva borbulha sob o meu choque.

Ela não estava ouvindo nada do que eu falei?

Não deixei claro que me conhecer era perigoso?

Tensiono o maxilar.

Preciso tirá-la daqui.

Nikki arrasta suas garras sobre meu peito, e observo os olhos arregalados de Payton baixarem para acompanhar o movimento.

Merda.

Deixo meu olhar baixar também.

Para o decote de Payton em exibição, e o tecido justo e brilhante, agarrado a cada uma de suas curvas.

Um vestido curto pra cacete, mostrando muito mais pele do que deveria.

Essa roupa vai render um castigo para sua bunda.

Quero ir até ela. Quero gritar para todos saírem para que eu possa colocar um pouco de juízo em sua cabeça, no meio da sala.

Mas não posso fazer nada disso. Porque não posso chamar a atenção para ela.

E não posso deixá-la chamar atenção para *nós*.

Preciso fazê-la. Fazer com que ela se afaste de mim sem dizer uma palavra.

Uma espécie de escuridão espessa preenche meu peito, porque sei o que fazer. Sei o que vai funcionar.

Outra mulher poderia ir até lá e jogar uma bebida na minha cara, ou me confrontar aqui mesmo, na frente de todos os convidados. Mas Payton não é assim, ela já se machucou muitas vezes. Ela é frágil demais. Não vai se defender.

É por isso que ela precisa de mim. Porque *eu vou* defendê-la. Farei qualquer coisa por ela. Mas agora, preciso partir seu coração. E isso me deixa furioso.

Com os olhos de Payton em Nikki, deslizo a mão pelas costas da minha acompanhante e firmo os dedos ao redor de seu quadril. A sensação do corpo magro faz minha pele coçar. Não é o corpo que quero tocar. Não é o corpo que minhas mãos têm gravado na memória.

Mesmo a vários metros de distância, consigo ver Payton empalidecer.

Sinto muito, baby.

Ela viu, exatamente como eu precisava que acontecesse. E o sr. Gintley viu, assim como eu precisava que *ele* visse.

O homem não para de falar, mas sei que viu meu foco mudar. E agora, em vez de se perguntar o que chamou minha atenção, ele está olhando para minha mão no corpo de Nikki e se distrai olhando para os seios dela.

Nikki está tão desesperada que reage como uma porca no cio, me agarrando ainda mais.

Era de se imaginar que, a essa altura, ela entenderia o acordo. Fica óbvio

que está na hora de seguir em frente com o nosso arranjo.

Desvio meu olhar de Payton antes que ela me pegue encarando. E assisto enquanto ela fica em meu campo de visão, a dor emana dela.

Mas não me mexo ou reajo. Mal respiro até que a vejo se virar e sair. E me odeio mais do que nunca.

48

Payton

ENGULO O RESTO da bebida em dois goles enquanto me afasto da cena atrás de mim.

Isso não pode estar acontecendo.

Isso não pode estar acontecendo.

Estou um pouco instável quando coloco a taça vazia em uma mesa, deixando-a cair enquanto continuo me movendo.

Só preciso sair daqui.

Agora mesmo. Antes de desabar em lágrimas no meio desta festa.

Meu coração dá um solavanco.

Ele é...

Pisco contra as lágrimas que continuam a se acumular em meus olhos.

Ele é um homem ruim. Assim como disse que era.

49

Nero

EU A DEIXO sair do meu campo de visão e tiro o telefone do bolso.

— Com licença, preciso atender — interrompo o sr. Gintley no meio da frase.

Ao pressionar a mão nas costas de Nikki, ela entende a dica e dá um passo à frente para se aproximar do seu novo alvo.

Ninguém me ligou, mas eles não sabem disso. E com alguns toques rápidos, a linha chama.

Aceno para uma pessoa que reconheço da prefeitura, mas me afasto quando King atende.

— O que houve?

Ele sabe que eu não ligaria, a menos que fosse algo importante.

— Me encontre — é tudo o que digo.

King encerra a ligação, mas mantenho o telefone na orelha, dando a ilusão de que estou falando com alguém.

Mais algumas pessoas inclinam suas taças em minha direção em sinal de reconhecimento, mas nenhuma tenta falar comigo enquanto estou fingindo estar em uma ligação.

Ao observar os olhares, percebo que é uma mistura interessante de pessoas. Claro, é minha festa. Mas as pessoas aqui são contatos do trabalho ou da sociedade, e não me conhecem bem o suficiente para se sentirem à vontade perto de mim ou são pessoas que realmente me conhecem para saber que deveriam me temer.

— Sim. Cuide disso — digo para ninguém antes de guardar o telefone no bolso no momento em que King me alcança, com um copo na mão.

— Nero — sua saudação é formal, mantendo nossa fachada amistosa, mas distante. — Feliz aniversário.

Ele estende a mão livre e eu a aperto.

— Obrigado.

Automaticamente, ajustamos nossas posições para ficarmos perto da parede e com a visão livre das costas um do outro.

— Como está a festa? — King mantém o volume baixo, e sei que ninguém pode nos ouvir acima da música e das vozes monótonas.

— Preciso que você pegue um artefato para mim e o coloque no depósito. Com cuidado.

King gira o líquido âmbar no copo antes de dar um gole.

— Algo que vou reconhecer? — ele finalmente pergunta.

— Sim. — Meus dedos formigam e minha vontade é fechá-los em punho, mas os mantenho soltos. — Coco e mel.

Ele arqueia a sobrancelha, revelando o quanto está surpreso com meu pedido.

— Aqui? — ele pergunta para confirmar, e eu assinto.

Mesmo que ninguém possa nos ouvir, não vou arriscar dizer o nome dela em voz alta neste ambiente. Sei que ele vai entender o que estou querendo dizer, já que a única vez que usamos as palavras *coco* e *mel* juntas foi naquela manhã do lado de fora do Twin's Café.

— Tem certeza? — ele pergunta.

E sei que ele não está perguntando se tenho certeza de que Payton está aqui. Ele está perguntando se tenho certeza de que quero que ele a tranque em um depósito até que eu possa colocar as mãos nela.

— Positivo. — Então reitero: — Com cuidado. — Porque este não é um dos nossos sequestros habituais. A única tortura que ela vai sentir é a ardência da minha mão em sua bunda nua. E talvez meu pau dentro também.

King assobia baixo, mas não diz mais nada.

Quando ele começa a se afastar, seus olhos passam rapidamente sobre meu ombro e depois voltam para mim. Em um aviso.

Me viro para ver quem está se aproximando, e agradeço a Deus por ter

conseguido fazer Payton sair a tempo. Este homem é o motivo exato pelo qual não a quero em meu mundo.

O homem loiro de olhos penetrantes e arrogância exagerada para diante de mim.

— Mikhail — digo o nome dele, mas mantenho as mãos ao lado do corpo quando ele oferece a dele. — O que está fazendo aqui?

Ele sorri, virando a palma da mão para cima antes de baixá-la.

— Não posso vir desejar feliz aniversário a um colega de negócios?

— Não. — Meu tom é neutro, mas nós dois sabemos que não estou brincando.

Nikki, que veio com ele, volta para o meu lado. E mesmo que ela esteja fazendo exatamente o que paguei para fazer, eu a odeio por isso.

Mikhail dá de ombros.

— Que pena, eu estava começando a me divertir. — Seus olhos percorrem toda a extensão de Nikki.

Não sei se ele está tentando insinuar algo ou me provocar, mas não dou a mínima se ele dormir com ela. Agora, se ele olhar na direção de Payton, vou arrancar mais do que seu dedo.

— Lamento ouvir isso. — Levanto a mão direita e faço um gesto com dois dedos.

Mikhail observa, finalmente mostrando cansaço em suas feições. Características estranhamente semelhantes às de um homem que matei quinze anos atrás.

Quatro dos meus homens aparecem ao nosso redor, os ternos escuros se misturando à multidão.

— Isso é completamente desnecessário. — Mikhail tenta manter um sorriso no rosto, mas consigo sentir sua raiva.

E eu adoro isso.

— Dê o fora da minha festa.

50

Payton

PELA QUINTA VEZ em poucos segundos, enxugo os olhos.

Mantenho a cabeça baixa e sigo pela multidão. Só quero ir embora.

Quero ir para casa e fingir que nada disso aconteceu. Fingir que nunca conheci Nero.

A multidão começa a dispersar, então finalmente olho para cima, esperando ver a ampla entrada do espaço do evento. Mas, em vez disso, vejo uma parede.

O quê...

Confusa, dou meia-volta.

Você só pode estar brincando comigo.

O avião pendurado no teto abobadado está do lado errado da sala. A entrada em arco gigante fica do lado oposto.

Não, não, não.

— Champanhe?

Pisco para o garçom que apareceu ao meu lado.

— Não, obrigada — respondo automaticamente antes de notar a bandeja que ele está segurando. — Na verdade, sim, por favor.

Ele me dá um sorriso educado, indicando a bandeja.

Hesito por um segundo antes de colocar a bolsa debaixo do braço e pego uma bebida em cada uma das mãos.

O garçom não se importa com o meu comportamento. Ele se afasta e passa para o próximo convidado sem dizer mais nada.

Se eu fosse uma pessoa normal que tivesse álcool em casa, não precisaria beber assim agora. Mas não gosto de desperdiçar dinheiro com bebida, e esta noite pede que eu fique bêbada, então o mínimo que Nero pode fazer é me fornecer álcool.

Nero.

Meu coração quase para ao pensar em seu nome. Como resposta, levanto uma das taças de champanhe e a bebo de uma vez. As bolhas se agitam em minha garganta.

Uma mulher sai da parede à minha frente, e eu semicerro os olhos.

É quando percebo que já estou mais bêbada do que pensava, porque ela acabou de sair de uma porta.

O alívio me invade e, enquanto me apresso em direção a ela, vejo a placa indicando que é o banheiro feminino. No caminho, encontro outra mesinha para colocar a taça vazia e uso a mão livre para empurrar a porta.

O nível de ruído cai quando a porta se fecha atrás de mim, e sou recebida por um banheiro grande e pouco iluminado, mais luxuoso do que qualquer outro que já vi.

O piso de mármore continua por toda parte, as paredes são cobertas por um papel de parede floral escuro e as cabines são pequenas salas individuais com portas de madeira do chão ao teto.

Meus saltos batem no chão enquanto me dirijo à porta de uma cabine aberta, trancando-a atrás de mim.

Se controle, Payton.

Pressiono a bunda na porta e me inclino para frente, com cuidado para não derramar a taça cheia.

Na privacidade recém-encontrada, deixo minha respiração falhar.

Só uma vez.

Vá para casa. E então você pode perder o controle livremente. Você pode chorar até vomitar se quiser. Mas não até chegar em casa.

O banheiro é tão luxuoso que a cabine tem uma prateleira presa à parede em vez de um gancho na porta para a bolsa ou casaco. Coloco a bebida na prateleira, tiro o telefone da bolsa e abro o aplicativo da Uber.

Levo apenas alguns segundos para solicitar a corrida e, felizmente, é uma hora movimentada da noite, então há muitos carros disponíveis. Seleciono um

que está a apenas cinco minutos de distância e confirmo.

Respiro fundo, pego a segunda taça de champanhe e a bebo tão rápido quanto a primeira.

51

Payton

CERTO, A SEGUNDA taça pode ter sido um erro. Meus passos estão ainda mais instáveis enquanto saio do banheiro feminino e volto para a festa. Embora meus pés estejam latejando um pouco menos e mesmo que minha visão esteja ligeiramente embaçada pelas lágrimas que ainda estão se acumulando em meus olhos, acho que posso sair daqui sem ter que um colapso.

Tiro um segundo para me orientar e olho ao redor do espaço lotado, decidindo que talvez seja melhor contornar o salão. Passar pelo meio exigiria muita manobra, e meus tornozelos não estão prontos para isso.

Propositadamente, não olho na direção onde vi Nero, ou onde acho que o vi, de qualquer maneira. Não vou conseguir vê-lo abraçando outra mulher mais uma vez e manter a compostura.

Um grupo de pessoas à minha esquerda se reúne em torno de um dos garçons.

Meu estômago está vazio, a não ser pela bebida, mas a ideia de tentar comer algo faz meu interior revirar.

Me viro para longe da comida e solto o ar.

Acho que vou pelo outro lado.

Ergo a cabeça para não esbarrar em alguma bandeja e uma figura grande chama minha atenção.

Ele não está fazendo nada de espetacular, apenas caminha em minha direção ao longo da parede dos fundos. Deve estar a cerca de seis metros de distância, mas há algo nele...

O homem me lembra um pouco Nero. A maneira como sua postura está ereta, a energia que ele emana e o fato de que é bonito.

Quando seus olhos encontram os meus, viro o rosto, um reflexo que não consigo evitar.

Mas então isso me atinge, e volto a olhá-lo.

Meu sangue gela quando o reconheço.

Ele entrou no café naquela manhã. Ele foi todo simpático, me perguntou qual era a minha bebida favorita e me deixou uma gorjeta enorme.

Dou um passo para trás.

Eu disse a esse homem qual era a minha bebida favorita, e então Nero apareceu e pediu o mesmo latte.

Eles devem se conhecer.

Não pode ser coincidência ele estar aqui.

Os dois se conhecem.

Dou mais um passo para trás e meus pés oscilam nos saltos altos.

Desde aquela primeira noite, quando Nero entrou em meu apartamento, sempre senti que ele estava me observando. Eu o senti por perto. E mesmo quando duvidei que tudo fosse real, me confortou sentir que alguém se importava.

Mas enviar outra pessoa para me verificar... mandar esse homem grande e intimidador ao meu local de trabalho...

Pânico e tristeza me atingem, tornando difícil respirar.

Enviar outra pessoa torna tudo muito diferente. Muito ruim.

Como ele pôde fazer isso?

Como ele pôde me enganar assim?

É tão idiota. Tanto que fere meus sentimentos. Mas pouquíssimas pessoas são legais comigo. Quando esse estranho me perguntou qual era a minha bebida favorita, foi... não sei. Foi estranho, mas ainda era outra pessoa neste mundo fazendo uma pergunta sobre mim. Me fazendo me sentir interessante.

Mas foi outra mentira. Este homem, como todo mundo, não se importa comigo.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha.

Ao ver minha emoção, ele diminui a velocidade e levanta as mãos. Provavelmente deve ser um gesto de paz, mas exibir suas grandes mãos assim só

me lembra o quanto ele é mais forte que eu.

Quanto Arthur é mais forte que eu.

E Nero...

Um som triste escapa dos meus lábios.

Por que ele tinha que me fazer sentir tão segura?

Por que ele teve que despedaçar a ilusão em que eu vivia?

Eu não percebi... não notei o quanto me senti insegura durante toda a minha existência patética até Nero invadir minha vida. Então ele me envolveu em seus braços e juntou meus pedaços, me fazendo sentir segura. *Segura!*

Gostaria de nunca ter conhecido esse sentimento.

O homem dá um passo para mais perto e eu pisco, deixando as lágrimas escaparem livremente.

Há uma distância considerável entre nós, mas continuo a recuar à medida que ele se aproxima.

Algo em seu modo de agir me diz que ele não está aqui apenas para me pedir para ir embora.

É quando me dou conta.

Nero é um mafioso. E aposto que esse homem também é.

Meu coração começa a bater ainda mais rápido quando o medo surge para combinar com minha tristeza.

Eu não sei de nada. Mas e se eu já souber demais?

O homem dá mais um passo à frente e meus instintos assumem o controle.

Sem pensar *em mais nada,* me viro de costas para a parede e sigo direto para a multidão.

Esbarro em algumas pessoas enquanto passo, mas ninguém parece notar, pois estão muito absortos em conversas animadas.

Me atrevo a olhar para trás, esperando que ele esteja junto à parede dos fundos, me observando sair.

Mas é o tempo que preciso para confirmar que ele está me seguindo.

E ele está perto.

Meu Deus.

Acelero o passo. O álcool me ajuda a bloquear a dor que os sapatos me causam.

— Com licença. — Passo por outro grupo, andando mais rápido em uma pequena seção livre. — Me desculpe. — Coloco a mão no ombro de um homem mais baixo, fazendo-o se virar enquanto passo pelo outro lado.

Não quero chamar a atenção para a minha fuga. Causar uma cena não seria bom para mim, tenho certeza.

É tentador olhar para trás para verificar se meu perseguidor está lá, mas não me atrevo. Preciso me concentrar em sair.

Um espaço se abre diante de mim, mas a sensação de dedos roçando meus ombros acaba com o pequeno alívio que sinto.

— King! — Uma voz ecoa ao meu lado e os dedos se afastam.

52

King

PUTA MERDA.

Com uma expressão neutra no rosto, paro a perseguição e cumprimento o idiota que gritou meu nome.

— Brenton. — Aperto sua mão. — Bom te ver — minto.

A maioria das pessoas nesta sala já sabe quem sou, mas não quero que Payton saia por aí com meu nome nos lábios. Não que eu ache que ela faria algo com isso, mas nunca se sabe.

— Não sabia que você estaria aqui! — Brenton cutuca o homem ao seu lado. — Este é King Vass, o cara de quem eu estava falando. Com todo o dinheiro.

Clássico.

— Prazer em conhecê-lo. — Inclino a cabeça de leve enquanto dou um passo para trás. — Guarde uma bebida para mim. Tenho que cuidar de algo bem rápido.

É mentira, mas o sorriso de Brenton fica maior do que nunca e ele não para de assentir.

Provavelmente, ele é um cara decente. Possui uma vinícola ao sul da cidade. Mas esse é o problema, ele é um cara decente. E não preciso de peso morto na minha vida.

Mantenho o sorriso no rosto e continuo andando na direção em que estava indo, examinando a multidão em busca de Payton.

Eu estava *tão perto.*

Poderia tê-la alcançado. Meus dedos tocaram o tecido do vestido, mas hesitei. Isso porque Nero não foi específico.

Para ser justo, ele não estava em posição de me dar uma instrução completa, mas assim que senti o tecido sob meu toque, vacilei. Porque, o que eu

deveria fazer de fato?

A mulher já estava chorando quando a vi. Mesmo que ela estivesse se movendo depressa e em silêncio, as pessoas provavelmente a notaram. E uma mulher chorando em uma festa é memorável. Adicione uma figura conhecida, eu mesmo, abordando-a no meio de uma festa, e isso seria inesquecível. Exatamente o que Nero está tentando evitar.

Sem mencionar o fato de que ele está mais desequilibrado que o normal. Principalmente quando se trata de Payton. Ele pode não reagir bem se eu tocá-la. Que merda, ele provavelmente não reagiria bem se eu tocasse qualquer parte dela. O que levanta a questão: como devo levá-la para uma sala privada depois que Nero já fez algo para deixá-la chateada?

Ainda procurando, finalmente capto o brilho de seu vestido e xingo baixinho quando vejo que ela já passou pela entrada do salão e está esperando a porcaria do elevador.

Se aquelas portas se fecharem antes que eu chegue até ela, Payton vai desaparecer.

Mas se eu conseguir ficar sozinho com ela no elevador... isso pode funcionar.

53

Payton

MEU POLEGAR FICA branco quando pressiono o botão do elevador com mais força para chamá-lo.

— Vamos lá. Vamos lá. — imploro, na esperança de que o elevador suba mais rápido.

É cedo para ir embora, então não há mais ninguém esperando, o que agradeço. Se alguém tentasse conversar comigo agora, eu provavelmente desabaria.

A necessidade de olhar para trás em busca de *King* provoca arrepios em meu pescoço. Mas é este elevador ou nada. Não há como fugir daquele homem e de jeito nenhum vou tentar as escadas. O passo dele deve ser duas vezes maior que o meu, ele me alcançaria em pouco tempo. Sozinha.

Mudo o peso para outra perna, o movimento melhora as dores no pé.

O sinal sonoro anunciando que o elevador chegou me assusta tanto que deixo escapar um gritinho.

Legal, vamos adicionar vergonha à lista de emoções com as quais já estou lidando.

Assim que as portas se abrem o suficiente para que eu consiga passar, começo a entrar, mas quase colido com alguém, e então eu grito.

A garota que está saindo também grita, me assustando tanto quanto eu a assustei.

— Caramba, Krissy. — O homem mais velho ao lado dela está balançando a cabeça.

A garota ri e dá um tapinha no peito dele.

— Ela me assustou.

A moça é linda, mas mal parece ter idade para beber e está usando um vestido que faz com que o meu pareça muito comportado.

— Desculpe — murmuro. As duas se afastam para que consigamos passar.

A interação quase me faz esquecer que estou sendo perseguida. Mas depois de apertar o botão para o térreo, olho para cima e vejo King.

Meu estômago se aperta, e eu desvio o olhar apenas por tempo suficiente para apertar o botão para o saguão e o outro para *fechar a porta.*

Quando olho para cima novamente, King está se aproximando de mim.

Aperto o botão repetidas vezes, o mais rápido que posso.

King está a meio caminho do elevador, com a mandíbula e os punhos cerrados.

As portas começam a se fechar.

— Por favor, por favor, por favor — imploro, apertando o botão.

King está se aproximando.

Se aproximando.

E então, ele estende a mão.

E as portas se fecham.

Escorrego contra a parede do elevador, minha respiração ofegante e entrecortada. Mas quando o elevador começa a descer, percebo que a parede em que estou apoiada é de vidro, e King está na grade, olhando para mim. Um momento antes de eu desaparecer de sua vista, o vejo xingar e avançar em direção às escadas.

***

O pânico me consome quando as portas se abrem, então não perco um segundo e saio correndo em direção à rua, esperando não encontrar ninguém desta vez.

Verifiquei o progresso do Uber dentro do elevador, e ele deve estar chegando. Eles aguardam apenas alguns minutos, mas é mais do que suficiente. Se eu não sair nos próximos sessenta segundos, talvez nunca mais saia.

O saguão é grandioso, e há um lance de quatro degraus para descer até

onde os seguranças estão.

Estou preocupada demais com King me perseguindo para notar que começou a chover e que muitas pessoas entraram e saíram, deixando rastros de água nos degraus elegantes de pedra.

No meio do caminho, meu sapato me faz escorregar.

Estendendo os braços, conseguindo me agarrar ao corrimão, mas não rápido o suficiente. O impulso me faz cair de bunda no degrau. A dor atinge minha coluna.

Dói.

Muito.

Mas essa não é a razão pela qual mais lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Acabou.

Estou farta de... tudo isso. Da minha vida inteira.

Dois dos seguranças se dirigem até mim, provavelmente para ajudar. Mas não quero a ajuda deles.

Não quero a ajuda de ninguém.

Sentada no degrau por mais um momento, me inclino e tiro os sapatos. Nunca mais quero ver essas porcarias de novo.

Passos ecoam pelo saguão atrás de mim, e estou sem tempo.

Estremecendo, uso o corrimão para me levantar.

Então faço a única coisa em que sou boa.

Eu corro.

54

Nero

MEUS OLHOS SE fixam nos de King no segundo em que ele volta para a festa. E quando ele balança a cabeça, minha raiva explode em uma fúria ardente.

Não parei de olhar para o relógio desde que ele saiu, então sei exatamente que horas são. E sei que tenho que ficar aqui por mais noventa e quatro minutos.

Mas assim que eu puder, só tenho um lugar para ir: ensinar uma lição a Payton.

55

Payton

NÃO CONSIGO PARAR de chorar.

Me sinto tão idiota.

Tão boba.

Passo a mão pelo pescoço e as lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto pego a maior mala do armário.

Ele me disse que não era um homem bom. Como sou idiota, acreditei em tudo que ele disse, menos nisso.

Enxugando mais lágrimas, começo com os itens essenciais e coloco todo o conteúdo da gaveta de roupas íntimas na mala.

Ele me disse que mentiria e trairia para me manter segura. Ele disse exatamente assim, mas não juntei as coisas. Porque, na minha concepção, ele estar com outra mulher não me mantém segura. Isso me machuca.

Paro e coloco a mão no peito, como se isso pudesse amenizar a dor.

Não ameniza.

As lágrimas continuam a cair, mas não paro de fazer a mala.

Não posso ficar aqui.

Não quero ir embora. Mas não posso ficar.

A vida já é difícil o suficiente sem precisar ficar constantemente com medo.

Eu deveria saber. Fiz isso por anos. Caramba, ainda sinto um arrepio quando vejo alguém que se parece com Arthur. A ideia de ele aparecer na minha porta não é menos aterrorizante hoje do que foi há dez anos.

Não acredito que Nero me mataria. Não com as próprias mãos. Mas se ele decidir que sou uma ponta solta... ou se um de seus inimigos me viu esta noite... ninguém vai ligar que ele não se importa comigo. Eles vão me matar quando descobrirem que sou inútil.

Não vou ficar sentada esperando.

Pelo menos, desta vez, sou adulta e tenho um pouco mais de dinheiro guardado. Não muito – na verdade, quase nada – mas é o suficiente para comprar uma passagem de ônibus para fora do estado e ficar em um hotel barato por um mês enquanto procuro outro emprego e começo a receber um salário.

Paro ao abrir a gaveta de pijamas. Talvez eu consiga ver o Grand Canyon. O Arizona é longe de Minnesota. Além disso, a região da costa é cara. Uma pequena cidade no sudoeste, com um restaurante que esteja contratando, seria a perfeição.

Com sorte, nunca mais verei Nero ou Arthur na vida.

Meus lábios tremem e eu os aperto.

Continuo a dizer a mim mesma que não quero mais ver Nero. E que essa ideia não me faz sentir prestes a morrer.

Abro a gaveta e começo a pegar meus pijamas. Enterrei o baby-doll que estava usando na noite em que Nero tirou minha virgindade no fundo da gaveta. E enquanto tiro as roupas de cima, me pergunto se devo jogá-lo no lixo. Vê-lo só vai me causar dor.

Mas não encontro o short e a blusa. No lugar, encontro duas notas de cem dólares novinhas.

Os soluços começam de verdade agora.

Isso parece sujo.

Parece que ele está me pagando, como se eu fosse algum tipo de prostituta.

Mas, ao pensar na palavra, os fragmentos da noite começam a me vir à mente.

Os vestidos ultracurtos. O comentário do segurança de que a maioria das mulheres está aqui com um acompanhante. A notável diferença de idade e atratividade dos casais.

Elas eram...?

Mas então havia Nero. Ele era perfeitamente compatível com aquela mulher. Os dois eram deslumbrantes. Extremamente bem-vestidos. Elegantes.

Em forma.

Dou um passo, até sentir a cama atrás de mim e desabo no colchão. O ponto dolorido na minha bunda se manifesta. Mas não é nada comparado à dor que sinto por dentro.

Me sentindo mais derrotada que nunca, me deito na cama e me viro de lado.

Ainda estou com este vestido ridículo. Em pensar que estava tão orgulhosa dele há apenas algumas horas. Mas agora, ele parece tão falso quanto as promessas de Nero.

Coloco as mãos na boca e as lantejoulas arranham minha pele, mas não tenho energia para tirá-lo.

Fecho os olhos.

Me certifiquei de que as portas estavam trancadas quando cheguei em casa. Até arrastei o sofá para que ele impeça que a porta se abra. Mas, na verdade, não estou preocupada de que Nero apareça esta noite. É seu aniversário, e ele está comemorando.

Mas sei que logo ele virá. É por isso que vou embora antes do amanhecer.

Só preciso descansar os olhos por alguns minutos.

56

Nero

OS PNEUS CANTAM quando piso no freio, parando bem em frente ao prédio de Payton.

Não vou mais me esconder.

E ela não vai mais morar aqui.

A raiva que percorre meu sangue só aumentou desde que olhei nos olhos da minha garota esta noite. Raiva dela. Raiva de Mikhail. Raiva de mim mesmo.

Saio do carro, vou até a porta da frente e uso minha chave para entrar no prédio.

Meus passos ecoam nos degraus até o segundo andar, com a chave do apartamento dela nas mãos.

Ainda não é meia-noite e os sons da cidade e dos aparelhos de TV soam no corredor, vindos de outros apartamentos.

Ótimo, ruído de fundo para abafar o que está por vir.

Giro a chave, sinto o clique e depois viro a maçaneta.

Há certa resistência quando empurro a porta, o que faz meus lábios se curvarem em um sorriso sinistro.

Se Payton quer brincar no meu mundo, então vamos brincar para valer.

57

Payton

— O QUÊ... — A pergunta se transforma em um grito quando meu corpo é arrastado com força pelo colchão.

Uma grande mão segura meu tornozelo, fazendo com que minhas costas cobertas de lantejoulas se agarrem nos lençóis.

Quando tento chutar com a perna livre, outra mão me mantém imóvel.

Mesmo sem vê-lo, sei que é Nero, mas isso não impede que o medo surja.

— Não! — grito, lutando contra seu aperto.

Pisco rapidamente contra a claridade, sem noção de quanto tempo se passou. Adormeci com as luzes acesas e agora elas estão me cegando enquanto tento entender o que está acontecendo.

— Por favor! — eu soluço. — Sinto muito.

Minha visão está embaçada, mas consigo ver Nero parado ao pé da cama, imponente, vestido todo de preto enquanto me arrasta em sua direção.

Sua risada sombria arrepia minha pele.

— Ainda não, você não sente. Mas vai.

Meus pulmões lutam para puxar o ar.

É isso.

É assim que vou morrer.

Nas mãos do homem que tirou minha virgindade. O medo que sinto há uma década finalmente se torna realidade. Mas é um homem diferente do que sempre temi.

Tento me libertar de seu aperto.

— P-por favor! Me deixe sair! — Movo as mãos para os lados, procurando por uma arma que sei que não está lá.

— Sair? — Nero zomba. — Você nunca mais sairá do meu campo de visão.

Ofego.

Espere. O quê?

Repito suas palavras em minha mente.

— Você não vai...?

Seu aperto em meus tornozelos aumenta, mesmo que eu esteja deitada.

— Não vou o que, Payton?

Engulo em seco.

— Você não vai me matar?

Sei que é a coisa errada a dizer quando ódio puro cobre seus traços.

Em um movimento rápido, ele endireita minhas pernas, torce as mãos e me vira de bruços.

Desorientada, não tenho tempo para lutar, porque ele prende minhas pernas entre as coxas.

Ele resmunga quando me remexo contra seu aperto, mas isso não faz nada para me liberar.

Em resposta, a barra do meu vestido sobe, revelando meu short rendado. E meu rosto fica vermelho de vergonha, porque é azul-claro, combinando com os sapatos e a bolsa que comprei para esta noite. Uma roupa que comprei para ele.

— Nero — imploro. Não tenho certeza de pelo que estou suplicando.

Perdão? Liberdade? Minha vida?

Ouço um clique e meu corpo fica rígido.

Conheço esse som.

É o som distinto da lâmina de um punhal sendo aberta.

Minha breve esperança se esvai. Ele deve ter querido dizer que eu nunca sairia do seu campo de visão viva.

— Não vou contar a ninguém — eu soluço. — Prometo. Não direi nada a ninguém.

Metal frio desliza sobre a minha pele, na curva da minha nádega.

— O que você não vai contar, Payton?

O pavor borra a minha visão.

— Nada — ofego. — Não vou contar nada a ninguém.

O metal se move, a lâmina desliza por baixo da renda, com a ponta para cima em direção às minhas costas.

— Não estou preocupado com o que você poderia dizer. — Sinto uma pressão e o tecido cede, o elástico na parte superior é cortado. Em seguida, outro movimento, e ele corta a calcinha dos dois lados. — Estou mais preocupado com o que você pode fazer.

Uma de suas mãos pressiona o centro das minhas costas, me prendendo ao colchão. Mas não é necessário. O medo e a confusão me deixaram paralisada.

Ele levanta a renda, e eu o imagino segurando o tecido enquanto o puxa lentamente para cima. O tecido, agora solto, segue seu movimento, se amontoando em minha entrada e se arrastando sobre meu clitóris.

A onda de prazer é tão forte e tão inesperada que eu gemo.

Ele grunhe, mas não diz nada. Um único dedo desenha uma linha na pele sensível, e sei que ele está traçando o hematoma da queda que já está se formando.

O suspiro que ele solta é cheio de desapontamento, e sinto isso em meu âmago.

— Sinto muito — me sinto compelida a sussurrar.

— Ainda não — Nero sussurra de volta, e então ele bate na minha bunda.

A dor se amplia em um flash brilhante, e eu respiro fundo. Mas então sua mão está de volta, acalmando a dor e pressionando apenas o suficiente para me lembrar do hematoma. De alguma forma, isso também está acendendo um fogo dentro de mim.

Um gemido escapa da minha boca enquanto meus sentidos lutam entre a dor e o prazer. Entre lutar e ceder.

— Não me toque — tento gritar, mas minha voz sai fraca.

A mão desce até minha bunda, o cabo da faca ainda está lá. O lado plano da lâmina contra minha pele macia.

Ele recua, então meus joelhos estão entre suas coxas, me mantendo

aprisionada.

Com um aperto em minhas nádegas, ele me abre.

Tenho meio segundo para sentir o hálito quente antes que sua língua passe por mim.

Meu corpo estremece com o contato, e ele afrouxa o aperto apenas para bater de novo.

— Fique quieta — ele grunhe. — Se você se cortar com esta faca, não vai gostar das consequências.

Paraliso novamente, sentindo a ponta da lâmina roçar a parte inferior das minhas costas.

Fecho as mãos no tecido embaixo de mim.

— Saia de perto de mim.

— Não. — Nero enterra o rosto em mim novamente, desta vez passando a língua em meu ânus.

Minha boceta se contrai com tanta força, que receio gozar só com esse toque.

— Pare! — grito, com lágrimas nos olhos, mesmo enquanto ele me lambe novamente.

Não quero que ele pare. Quero que ele faça amor comigo. Quero que ele me toque daquela maneira que me faz sentir especial. Quero ser a única mulher que ele vê.

Mas não sou.

A noite de hoje provou isso.

— Eu te disse — Nero resmunga enquanto se endireita e agarra meu vestido. — Você teve uma chance de me dizer não. Mas não disse. Em vez disso, você me deu sua virgindade. — O tecido em meus ombros é puxado antes que ele corte o vestido e o sutiã. — Agora, você é minha. — O ar fresco flui sobre minhas costas. — Até o dia em que nós morrermos.

Nós?

— Mas... — Meu corpo está vibrando e não consigo controlar meus

pensamentos.

— Mas nada — Nero grita, arrastando meu corpo de volta para ele até que meus quadris estejam bem na beirada da cama. Com as pernas penduradas para fora, bato os joelhos na estrutura da cama enquanto meus dedos tentam se firmar. Sua mão volta a me segurar, então não consigo colocar os pés no chão.

— Mas você estava com ela! — grito. A memória de sua mão no quadril dela queima em meu cérebro.

— Ela não é nada! — ele grita de volta.

— E o que eu sou? — grito novamente.

— Eu já te disse — Nero grunhe, deixando todo o seu peso cair sobre minhas costas. — Você é minha.

Com uma investida forte, ele afunda seu pau dentro de mim.

58

Nero

PAYTON ESTÁ ENCHARCADA, e meu pau desliza sem resistência em sua boceta.

Ela fica tensa debaixo de mim, seu corpo e mente em guerra – querendo me odiar enquanto também quer que eu vá mais fundo.

— Saia de cima de mim! — ela grita, mesmo enquanto sua boceta pulsa ao redor do meu pau.

Ela quer me odiar. Mas não consegue. Não pode.

E vou provar isso a ela.

Porque Payton está perto.

Muito perto.

E não estou aqui para jogar limpo.

Enfio a mão entre ela e o colchão, sem parar até sentir seu clitóris firme nos meus dedos.

Ela arqueia o corpo debaixo de mim, e quanto mais se contorce, mais sua boceta aperta meu pau.

— P-pare com isso! — Payton geme.

Agarro seu cabelo com a mão livre, puxando sua cabeça para trás até que nossas bochechas fiquem próximas.

— Por quê? — sussurro em seu ouvido.

— Porque, e-eu vou...

— Faça isso. Goze para mim. — Esfrego as pontas dos dedos em seu clitóris, e ela explode.

Sua excitação molha meus dedos e sua boceta provoca o meu gozo.

Cerro os dentes e resisto ao impulso de me deixar levar.

Estamos só começando.

59

Payton

MEU CORPO INTEIRO está tremendo, o orgasmo me atinge por completo.

— Isso mesmo. — Nero lambe minha bochecha, seu aperto em meu cabelo é tão implacável quanto o pau duro enterrado dentro de mim. — Me sinta. — Ele move os quadris com mais força de encontro à minha bunda. — Saiba que sou eu dentro de você. — Ele mordisca meu pescoço. — Eu que te incendeio.

Resisto ao aperto em meu cabelo, o puxão firme nas raízes é uma distração bem-vinda do que está acontecendo entre minhas pernas.

— Você me disse que ia trair. — Odeio o quanto minha voz soa triste. — Mas não pensei que fosse dessa forma.

Um estrondo baixo vibra de seu peito.

— Não é assim. — Ele solta meu cabelo, e eu encosto a testa na cama. Mas suas mãos me acompanham, os dedos fazendo círculos suaves no meu couro cabeludo. — Eu não estava com ela desse jeito.

Tento ignorar a forma como seu toque me conforta. Assim como a plenitude de seu pau me preenchendo.

— Você a deixou te tocar. — Minha garganta dói.

— Nunca mais vou permitir. — A mão em minha boceta fica imóvel, mas ele ainda está pressionando meu clitóris, tornando difícil pensar.

— Você a estava tocando. — Faço um esforço para falar, e minhas palavras soam como uma acusação.

— Você não está me ouvindo. — Posso sentir sua frustração, mesmo enquanto seu pau pulsa. — Ela estava lá para distrair a multidão. Ela foi contratada para manter o foco das pessoas e não se perguntando onde eu passaria a noite.

Contratada.

Eu estava certa. Ele pagou.

— Você dormiu com ela?

— Isso não é importante.

— Você dormiu? — volto a gritar. Minha raiva supera a mágoa.

Nero se afasta um pouco de mim, e só então percebo como os botões de sua camisa estavam cravados em minhas costas. Ele ainda está vestido.

— Você quer saber se eu comi aquela vadia, Payton? Minha menina linda quer mesmo saber disso?

Ele segura meus quadris e, de repente, me levanta do colchão. Automaticamente, empurro os cobertores e mal consigo me segurar quando Nero usa os quadris para me puxar para frente.

Seu pau está ainda mais profundo agora, e com ele todo dentro de mim, movo as mãos no colchão. A textura macia de sua calça na parte de trás das minhas coxas entra em conflito com os músculos rígidos por baixo. Algo cai no chão, e só posso imaginar que seja o punhal.

— Sim, baby. Eu comi — ele cospe as palavras e a admissão me machuca. — Eu transei com ela.

Nero me segue até a cama. Ajoelhado atrás de mim.

— Me deixe em paz.

Suas mãos apertam meus quadris.

— Quer saber como foi? — Seu tom está tão cheio de raiva que me assusta.

Balanço a cabeça, porque não, não quero saber de mais nada.

Na posição em que estamos, Nero envolve os braços no meu peito e me puxa até ficarmos ajoelhados e com os corpos unidos.

Ele arranca meu vestido e o sutiã arruinados. Me deixa completamente nua, enquanto ela ainda está vestido.

— Foi esquecível — ele sussurra em meu ouvido.

Então, pela primeira vez desde que entrou em mim, ele recua até que somente a cabeça de seu pau esteja em mim. Agarro sua cintura com as pernas,

me agarrando a ele.

— Não foi nada.

Nero contrai seu pau, fazendo meu clitóris pulsar.

— Qualquer uma com quem já estive não significa nada. Porque elas não são você.

Ele avança na última palavra.

Abro a boca em um grito silencioso. Movo as mãos atrás de mim, tentando encontrar algo para segurar. Tentando encontrá-lo.

Pego as laterais de sua camisa e torço os dedos no tecido.

Uma de suas mãos sobe para segurar meu pescoço e a outra pressiona minha barriga com força, fazendo-o parecer ainda maior dentro de mim.

O gemido de prazer de Nero quase me leva a outro orgasmo.

— Eu comi outras mulheres. — Ele estoca mais uma vez. — Mas não desde que te conheci. — Seus quadris se afastam. — E as anteriores não significaram nada. — Outro impulso forte para a frente. — Eu nunca fiz amor com elas. — A mão na minha barriga cai. — E nunca matei por elas.

Matou por elas?

A mão na minha garganta sobe mais, então ele segura a parte inferior do meu maxilar, mantendo minha cabeça imóvel.

— Só farei amor com você. — Seus quadris são impulsionados e a ponta dele bate em mim. — E matarei por você com prazer. Quantas vezes forem necessárias.

Um flash de luz rompe a névoa de luxúria que preenche meu cérebro, e eu pisco.

Não pode ser.

O anel de ouro...

Minha garganta aperta.

Não pode ser.

Garota estúpida.

Vaca inútil.

Desperdício de espaço.

Patética.

Aquele anel no meu pescoço.

Aquele homem me aterrorizando.

Me ameaçando.

Aquele anel representando a razão pela qual fui forçada a ir embora.

O motivo pelo qual estive completamente sozinha.

Aterrorizada por anos.

Prendo a respiração e encaro o anel de Arthur.

O anel que está entre os dedos de Nero.

— Ele se foi, baby. — Nero esfrega sua bochecha na minha.

Meus olhos ardem.

— Você... você o matou?

Nero vira a mão para cima, deixando o anel rolar em sua palma.

— Matei.

Alívio maior do que qualquer emoção que já senti, me consome.

O aperto de Nero em minha garganta me firma. E muda tudo. Apagando muita história naquele momento único.

— Ele se foi? — As lágrimas rolam dos meus olhos.

— Sim. — Nero beija meu ombro, e eu desabo em seu abraço. Meu corpo perde a capacidade de me sustentar.

Arthur se foi.

Nero envolve o braço em minha cintura, me abraçando e me deixa chorar.

— Ele nunca mais vai te machucar. — Nero pressiona os lábios em minha têmpora, movendo a língua para capturar mais lágrimas.

60

Nero

O GOSTO DE suas lágrimas faz meu pau pulsar dentro dela.

— Eu te disse, você é minha e vou te proteger. — Lambo outra lágrima, saboreando-a. — Qualquer um que te machucar vai deixar de existir.

Seu corpo treme, e eu a seguro com mais firmeza.

Meu pau não deveria estar tão duro assim. Mas os pequenos espasmos ao redor dele são demais para serem ignorados, e eu saio apenas um pouco dela e depois me movo para dentro.

Para fora, depois para dentro.

De novo e de novo, com estocadas leves enquanto Payton chora em meus braços.

Ela dá um soluço e a última coisa que eu esperava ouvir chega aos meus ouvidos.

— Obrigada. — Payton respira fundo e fala mais alto. — Obrigada.

Meu pau incha e eu movo os quadris para trás, saindo de dentro dela.

Agarro seus ombros e a viro para me encarar, emoldurando seu rosto com as mãos.

— Diga isso de novo.

Seu olhar é amplo e brilhante quando ela me olha nos olhos.

— Obrigada por matá-lo.

Segurando-a com firmeza, uno nossas bocas. O gosto de sua verdade me preenche.

Payton não luta contra mim ou resiste. Ela se abre.

Com a língua enroscada na minha, seus dedos estão frenéticos à medida que ela puxa minhas roupas.

Mas não há tempo para isso. Ela pode me deixar nu da próxima vez.

Afastando suas mãos, eu a empurro de costas e a sigo. Nossas bocas estão

coladas.

Payton levanta as pernas, envolvendo-as na minha cintura.

— Quero você dentro de mim. — Payton ofega contra meus lábios. — Preciso disso. — Ela agarra meus ombros, me mantendo próximo.

Um calor como nunca conheci cresce dentro do meu peito.

— Agora, Nero. Por favor! — Ela me puxa para mais perto. — Preciso de você agora.

Ainda há lágrimas em seu rosto e sua pele está corada em um tom de rosa profundo. Ela nunca pareceu mais poderosa.

Levanto os quadris para ter o espaço de que preciso e, quando meu pau é recebido por seu calor úmido e ganancioso, eu a penetro por inteiro.

Nossos corpos se conectam em um gemido. E a parte lenta acabou.

Meus quadris se movem depressa. Meu pau entra e sai. Minha calça desce a cada impulso.

— Você é minha. — Passo os braços por baixo de seus ombros, abraçando-a.

— Eu sou sua — ela ofega.

— Me diga que você entende.

Ela assente.

— Não haverá outras mulheres.

— Não há outras mulheres.

Ela estende a mão e acaricia meu cabelo antes de agarrá-lo com força. Como acabei de fazer com ela.

Sigo seu puxão e levanto a cabeça para olhá-la.

Seus seios roçam meu peito, saltando a cada investida, mas ela parece mais séria quando diz:

— Não haverá outras mulheres. Nada de tocá-las e nem deixá-las te tocar. De forma alguma.

Eu sorrio.

— Aí está a minha garota.

Ela puxa meu cabelo. — Diga.

Minhas bolas se contraem. Puta merda, ela é gostosa quando está excitada.

— Ninguém me toca além de você. E você é a única mulher que vou tocar novamente. — Sua boceta me aperta a cada promessa, e não consigo resistir a lamber em seus lábios. — Agora você.

— Você é o único homem que já toquei. — Ela olha nos meus olhos enquanto diz isso, e meu pau começa a jorrar. — O único homem que saberá como é a minha boceta. — Movo os quadris contra ela. — O único homem que vai me encher com seu sêmen.

Meu pau entra em erupção. E eu gozo profundamente dentro dela.

A base do meu pau pressiona seu clitóris e isso é tudo o que preciso para ela explodir ao meu redor.

61

Payton

MAL CONSIGO RESPIRAR. O peso de Nero me esmaga contra o colchão, mas não me importo. Gosto da sensação de estar presa debaixo dele.

Meus dedos estão cravados nos músculos dos seus ombros, subindo e descendo enquanto suas costas se movem sob meu toque. Aparentemente, ele está tendo tanta dificuldade para recuperar o fôlego quanto eu.

Nero geme quando move seu corpo. Espero que ele saia de cima de mim, mas eu deveria ter pensado melhor.

Ele recua os quadris e seu pau sai quase todo, então ele me penetra de novo.

Minhas costas arqueiam com sua invasão, estou muito sensível.

— Minha menina linda. — Sua boca está no meu ombro, e ele pontua sua declaração afundando os dentes em minha pele. — Vou ter que esperar um minuto antes de estar pronto para a segunda rodada. Mas vou te comer de novo quando chegarmos em casa.

Estou um pouco delirante, então levo um momento para processar.

— Casa?

Ele me ignora, traçando a língua na lateral do meu pescoço.

— Quero te marcar. Deixar as pessoas saberem que você é minha.

Do que ele está falando?

— Você acabou de me morder — digo a ele.

— Precisa ser permanente. — Nem sei se ele está falando comigo ou consigo mesmo. — Uma tatuagem. — Arregalo os olhos. — Mas teria que ser em um lugar visível. — Nero balança os quadris em minha direção, seu pau amolece lentamente dentro de mim. — Talvez na sua mão. — Ele ajusta os braços para que seu peso fique nos cotovelos, e ele possa me olhar.

Inspiro e balanço a cabeça.

— Eu não vou fazer tatuagem.

Ele grunhe.

— Veremos.

Quando ele finalmente se retira por completo, posso sentir nossa umidade, assim como da primeira vez.

Não consigo acreditar que é a segunda vez que transo. Bem, e o que quer que se chame o que fizemos naquele show...

Nero se recosta para poder arrastar um dedo pela minha entrada, fazendo meu corpo se contorcer.

— Tão linda — ele murmura.

A maneira como ele diz é tão genuína que esquenta minhas bochechas.

Como um simples elogio pode me fazer corar depois do que acabamos de fazer, eu nunca vou entender.

Ele solta um grande suspiro, então sai da cama.

— Vista-se. Podemos tomar banho em casa.

Ainda nua, pressiono os joelhos.

— Por que você continua dizendo isso? Esta é a minha casa.

Ele balança a cabeça enquanto veste a calça. E assim, ele está totalmente vestido.

— É, sim — repito como se ele não entendesse.

Seus dedos habilidosos fecham o cinto.

— Não é mais.

Desvio os olhos de suas mãos e olho para seu rosto.

— O que você quer dizer com isso?

— Você vai se mudar para a minha casa.

Nada que esse homem diz deveria me chocar, mas aqui estamos.

— Não, não vou.

Ele me olha nos olhos, e não há meio-termo em sua expressão.

— Sim, você vai. Esta noite. Agora. — Ele inclina a cabeça para a mala já começada no canto do quarto. — Você já está com as malas prontas.

Fico boquiaberta.

— Não posso.

— Pode.

— Nero, você não pode estar falando sério.

— Estou.

Eu o encaro. Ele está mesmo. Sério demais.

— Você está louco — murmuro.

Ele estende as mãos, agarra meus tornozelos e me puxa em sua direção. De novo.

Nero se inclina sobre mim, deixando nossos rostos a um centímetro de distância.

— Sou louco por você.

Seus lábios pressionam os meus, e devo estar tão louca quanto ele, porque não sinto nada além de conforto com suas palavras.

— Agora, se vista.

Nero segura minhas mãos enquanto se afasta, me ajudando a sentar.

Minha cabeça gira um pouco e me lembro de que estava prestes a ficar bêbada quando saí da festa. Embora pareça que acordar assustada tem algumas propriedades de sobriedade.

Nero está colocando a camisa para dentro da calça, e parte do meu cérebro diz para me cobrir.

Sentada, nua... a barriga volumosa em plena exibição sob as luzes brilhantes... na frente do homem mais gostoso que já conheci... é demais.

Mas a outra metade do meu cérebro registra o olhar sombrio de Nero. E não há nada além de calor neles. Calor, luxúria e necessidade.

— Não posso simplesmente ir morar com você — suspiro. Mesmo que eu nunca tenha desejado nada além disso, é ridículo.

Sua mandíbula se move como se ele estivesse mastigando as próximas palavras.

— Você vai. Você tomou essa decisão por mim quando entrou na minha

festa hoje à noite.

— Mas...

Ele balança a cabeça.

— No segundo em que você pisou naquele prédio, selou seu destino. — Nero vai até a cômoda e abre a gaveta de cima. Encontrando-a já vazia, ele passa para a próxima, depois pega as camisetas e as joga na mala. — Eu não estava pronto. Não queria fazer isso, Payton — ele grunhe.

Nero parece muito magoado. Por instinto, me enrolo no cobertor e vou até ele.

— Você não queria fazer o quê?

Ele está de costas para mim, então é fácil ver seus ombros curvados e a cabeça caída para a frente. É uma postura que conheço bem. É vergonha.

— Não queria tocá-la. Colocar minha mão no quadril dela assim, para que você visse... — Ele respira fundo. — Eu sabia o quanto isso te machucaria.

Os sentimentos daquele momento flutuam de volta para o meu peito, e eu seguro o cobertor com mais força.

— Então, por que fez?

Ele demora para se virar e me encarar.

Quando finalmente o faz, segura meu rosto, mantendo meus olhos nos seus.

— Porque eu precisava de tempo. Precisava que você se afastasse de mim antes que alguém soubesse quem você era para mim. — Sua testa toca a minha. — Eu continuo te dizendo, menina linda, sou um homem mau. Tenho inimigos que vão te matar ou fazer coisa pior para me torturar. E quando descobrirem o quanto eu te amo, eles vão lutar para serem os primeiros a chegar até você. E se alguma coisa acontecer com você... — Ele respira fundo. — Vou queimar esta cidade inteira.

Meu coração bate muito forte.

— Você me ama?

Nero assente.

— Devo amar. Não há outra explicação para como você me faz sentir.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e estou muito cansada de chorar, mas esta é a primeira vez...

— Ninguém... — Engulo em seco. — Ninguém nunca me disse que me amava.

O olhar em seus olhos suaviza um pouco.

— Nem a mim.

Imitando sua postura, estendo as mãos e as pressiono em suas bochechas.

— Eu te amo, Nero.

— Bom. — Seu peito se expande em uma respiração profunda. — Bom. — Eu fungo, mas ele balança a cabeça. — Chega de chorar.

Assinto, fungando mais um pouco.

Ele dá um beijo no canto da minha boca.

— Falaremos mais tarde sobre você fazer as malas como se fosse tentar me deixar.

— Está bem — sussurro, nossos lábios muito próximos.

Sua respiração sopra em minha bochecha.

— E nunca mais quero ouvir você me perguntar se vou te matar. — Suas mãos deslizam em volta do meu pescoço e ele me puxa para um abraço. — Eu arrancaria meu coração antes de te machucar.

Passo os braços por sua cintura e o abraço com força.

— Me desculpe, eu...

Ele me interrompe com um *shh*.

— Não vamos falar sobre isso. — Seus braços me apertam e depois ele me solta. — Agora se vista, baby.

Me movo rapidamente, pego uma legging e calcinha da mala e um suéter enorme desgastado.

Vou para o banheiro e faço o possível para me limpar antes de me vestir. Então me lembro da conversa que tivemos antes do *eu te amo* e coloco meus produtos de higiene pessoal em uma bolsinha.

Não posso acreditar que estou prestes a me mudar para a casa dele.

É loucura. Uma ideia terrível. Provavelmente a pior. Mas... o que eu tenho a perder?

Nero parece tão apaixonado por mim quanto estou por ele. E está me oferecendo tudo que eu sempre quis. Um lar. Proteção. Segurança. *Amor.*

Pode ser a escolha errada, mas vou aceitar. Se não fizer isso, se lutar contra e vencer, vou me arrepender todos os dias.

Ele matou Arthur.

Um sorriso descontrolado se estende pelo meu rosto e me afasto do espelho.

Talvez haja algo de errado em ficar feliz com a morte de um homem. Mas, uau, estou muito feliz.

Me recomponho e abro a porta. Nero está na cozinha, com a mala a seus pés e o sofá no lugar.

— Pronto — digo, mas ele não está olhando para mim.

— O que é isso? — ele faz a pergunta com a voz calma, quase assustadora.

Sigo seu olhar e vejo o envelope preto vazio sobre o balcão.

Coloco a bolsinha na mala. Ele está bravo porque isso o lembra da festa?

— Posso jogar fora se você quiser. — Dou de ombros.

Os olhos de Nero se erguem para os meus, semicerrados, como se ele estivesse tentando descobrir alguma coisa.

Me sentindo na defensiva, cruzo os braços.

— Se você não quisesse que eu fosse à festa, não deveria ter me deixado um convite. O que, aliás, foi uma maneira irritante de descobrir que era seu aniversário. — Perco o fôlego enquanto ando, meus braços caindo de volta para a lateral do corpo. — Feliz aniversário, a propósito.

Nero pega a mala com uma das mãos e segura meu cotovelo com a outra.

— Vamos embora.

Ele começa a me arrastar para a porta.

— Espere! — Eu me esforço contra seu aperto, estendendo a mão para

pegar a bolsinha no balcão.

Ele não espera, mas consigo pegá-la. Não é minha bolsa usual, mas coloquei todas as coisas importantes nela antes da festa.

Aproveito o tempo que Nero leva para abrir a porta para calçar um par de tênis preto.

Estou na metade da tarefa quando Nero me arrasta porta afora.

— Qual é a pressa? — Eu tropeço, mas seu aperto me mantém de pé.

— Eu não deixei aquele convite.

62

Nero

— O QUE VOCÊ quer dizer? — Payton pergunta, tentando acompanhar meus passos largos.

Não respondo, mantendo a atenção em nosso entorno.

Eu não deveria ter transado com ela. Deveria tê-la arrastado para fora da cama, jogado sobre meu ombro e levado para o meu carro. Mas, *não*. Suas coxas grossas e claras tinham que estar à mostra. Seu cabelo bagunçado e rosto manchado de lágrimas fizeram com que meu pau passasse de duro para aço.

— Nero? — Ela está correndo, mas a puxo até pararmos no topo da escada.

Solto seu braço, pressiono a mão em seu peito e a empurro contra a parede.

— Não se mova.

Ela assente e olho para cima enquanto me agacho. Em questão de segundos, puxo a perna da calça para cima, expondo o coldre no tornozelo, e pego a arma reserva.

Payton solta um suspiro atrás de mim, e espero encontrar seus olhos arregalados na arma, mas quando me levanto, encontro seu olhar observando ao redor, como se ela estivesse me ajudando a procurar ameaças.

Tenho um momento de orgulho antes de me lembrar de que a vida dela também foi assombrada por demônios.

Obrigada por matá-lo.

Mais orgulho incha meu peito, mas eu o afasto, porque agora não é hora. Vou dizer a ela o quanto ela é incrível mais tarde.

— Segure a parte de trás da minha camisa e fique perto — ordeno, e ela obedece.

Tenho dificuldade para segurar sua mão como gostaria, pois estou carregando a mala e a arma. Então, preciso que ela me toque.

Não há sons no andar de baixo, mas mantenho a arma em punho enquanto descemos a escada.

Estamos a alguns passos para sair.

— Estacionei bem na porta. — Viro a cabeça para dizer as palavras. Os nós dos dedos de Payton pressionam minhas costas enquanto ela se aproxima de mim. — Você vai entrar primeiro e fechar a porta.

— Certo.

Saio da escada e, sem ninguém à vista, seguimos juntos.

Estamos quase na saída quando uma porta no corredor atrás de nós se abre.

Giro e deixo a mala cair, usando essa mão para segurar Payton e mantê-la atrás de mim.

Um homem de meia-idade sai para o corredor, e eu grito:

— Volte para o seu apartamento!

Minha voz o assusta, e ele cambaleia antes mesmo de colocar os olhos em mim. Quando o faz, seus olhos se arregalam ainda mais.

É óbvio que este homem mora aqui, mas não vou tê-lo às minhas costas enquanto saio do prédio.

Payton puxa minha camisa.

— É o Fletcher.

Aponto a arma para a testa do homem. Não gosto que ela saiba o nome dele.

— Agora — falo entredentes.

O homem, *Fletcher*, praticamente cai em seu apartamento, batendo a porta ao fazê-lo.

Pego a mala e saio do prédio, correndo para o carro sem ver mais ninguém.

Abro a porta do passageiro, empurro Payton para o assento e a fecho com força.

O carro inteiro é à prova de balas. Se alguém me atacar agora, tudo o que ela precisa fazer é trancar as portas e esperar passar.

Provavelmente, deveria ter dito isso a ela.

Sigo para o lado do motorista, me acomodo no assento e jogo a mala por cima do ombro no banco traseiro.

— Cinto de segurança.

Enquanto Payton se afivela, ligo o carro e toco na tela do painel, iniciando uma chamada para Rocco.

O toque soa pelos alto-falantes do carro, e estou me afastando do meio-fio quando ele atende.

— Chefe?

— Quero que você estabeleça um perímetro completo da casa esta noite. — Não vendo tráfego, ignoro a placa de pare no final da rua. — Ou, não. Planeje isso para o futuro próximo.

— Pode deixar. — Rocco não entra em pânico, nem me pergunta o motivo, e essa é a razão de ele ser meu segundo em comando.

— E preciso de uma equipe separada para retirar tudo de um apartamento. — Digo o endereço de Payton de memória.

— Equipe de limpeza?

— Não. — Reduzo a velocidade apenas o suficiente para fazer uma curva acentuada à direita em uma das principais ruas que atravessam o centro da cidade. — Preciso que os itens pessoais sejam coletados. — Meus dedos apertam o volante. Quero dizer a ele para enviar algumas mulheres, as que empregamos para trabalho disfarçado, mas isso exigiria mais coordenação do que tenho tempo. — Certifique-se de que sejam cuidadosos. Qualquer coisa quebrada será reembolsada dez vezes.

Posso sentir os olhos de Payton em mim. Mas ela não tem voz nisso.

E ela vai odiar a próxima parte.

— Também preciso que você localize a proprietária do Twin’s Café.

Payton emite um resmungo de protesto, então coloco a mão em sua coxa para contê-la. — Dê um rolo a ela e diga que a Payton não vai mais trabalhar lá.

— N... — Payton começa.

Flexiono os dedos em sua perna, e ela se cala.

— Entendeu tudo? — Eu pergunto.

— Entendi — Rocco confirma.

— Ótimo. Você está na casa?

— Sim.

— Fique aí. — Acelero em um sinal amarelo. — Estou voltando agora.

Desligo e Payton não perde tempo para falar.

— Você não pode simplesmente me demitir por mim. Ou... — Ela gesticula. — Ou ameaçar a Jean e a Tamara, ou o que quer que tenha sido aquilo — ela resmunga. — Eu preciso desse emprego.

— Não, você não precisa.

— Nero...

Toco na tela, fazendo o carro se encher novamente com um toque de chamada.

— Um rolo é dinheiro, baby.

Isso interrompe seu discurso. Não estou ameaçando suas antigas chefes, as estou subornando.

O toque para quando a chamada é atendida.

— Puta merda, cara, você pode não gostar mais de sexo, mas alguns de nós gostamos — é a saudação de King.

Sinto o corpo de Payton enrijecer, e não sei se é pelo que King disse ou se ela reconhece a voz dele. Mas, para provar que ainda gosto de sexo, passo a mão por sua coxa até a costura entre as pernas. Sua boceta aquece a legging.

Meu pau pulsa e tenho que me forçar a lembrar por que liguei.

— Preciso de um favor.

— Claro que precisa — King geme. — Mas se você me pedir para tentar detê-la novamente, terei que recusar de forma respeitosa. Persegui-la me fez sentir um monstro.

A perna de Payton se move embaixo da minha mão enquanto ela se vira em seu assento.

— Não há necessidade. Ela está no carro comigo.

Há um momento de silêncio antes de Payton quebrá-lo.

— Hum, oi. — Ela levanta a mão em um pequeno aceno antes de se dar conta e segurá-la contra o peito, provavelmente constrangida por ter acenado para um telefonema. Foi fofo pra caramba.

— Oi. — King espera um momento. — Você sabe que o Nero é um idiota, não é?

Payton ri, e eu viro a cabeça para o lado para olhar para ela.

Ela tampa a boca com as duas mãos e arregala os olhos.

— Vou considerar isso como um sim. — A mordacidade das palavras de King é amortecida por um bocejo. — O que você precisa? Alguns de nós estamos tentando dormir.

— Pensei que você estava transando.

— Sim, nos meus sonhos. E eu estava comendo uma sereia brilhante.

— Como você faria isso...? — Balanço a cabeça, este não é o momento para me distrair. — Preciso que você pegue as imagens do lado de fora da porta de Payton.

— Qual período? — O tom de King é todo profissional agora. Olho para Payton. — Quando você encontrou o convite?

— Hum, foi de manhã, depois que fiz café. — Ela morde o lábio, parecendo insegura.

— O horário aproximado serve — eu a tranquilizo, acariciando sua coxa.

— Talvez por volta das dez? Estava no chão. Pensei que você tivesse deixado no balcão e caiu quando fechou a porta. Ou algo assim. — Odeio ouvir sua confiança se esvair. Como se tivesse feito algo errado.

Aperto a mão em sua coxa. Não sou muito bom em confortar alguém, mas a sinto relaxar toda vez que nos tocamos.

— Não estava lá quando saí por volta das cinco. E as portas estavam trancadas. Não havia sinal de arrombamento, então devem ter enfiado debaixo da porta.

— Entendi. — Consigo ouvir King digitar em seu laptop, o que significa

que ele estava trabalhando na cama antes de cair em sua fantasia subaquática.

— Envie o que você encontrar.

— Vai levá-la para sua casa? — ele pergunta.

— Estamos a caminho.

O carro fica em silêncio quando a ligação termina, mas não demora muito para que Payton volte sua atenção para mim.

— Você disse que fez aquela *merda* para me fazer sair da festa. — Ela diz *merda* como se me ver com aquela prostituta não tivesse partido seu coração. — Mas então por que você quis que ele, hum, me detivesse? — Ela usa a expressão que King usou.

— Porque eu não queria você perto de mim, mas também não podia te deixar vagando sozinha naquela multidão. O King não ia te machucar, ele ia te colocar em uma sala até que eu pudesse falar com você.

Me lembrando do choque que senti ao vê-la lá, aperto o volante com mais força, a ponto de doer.

Payton solta um suspiro.

— Então, se eu tivesse ido com ele... — Ela se interrompe, presumindo o resto.

Poderíamos ter conversado antes. Ela não teria chorado até dormir. Eu não teria que invadir seu apartamento.

O sinal à minha frente fica vermelho. Desacelero até parar e viro a cabeça para encará-la.

— É bom que sua reação não seja simplesmente ir com um estranho. King é uma das poucas pessoas em quem confio, mas você não sabia disso.

— Mas se eu tivesse...

— Não adianta pensar nos *mas*. Em retrospectiva, eu provavelmente teria ficado ainda mais puto com um de vocês se minha ideia tivesse funcionado. — Posso senti-la olhar para mim, então dou de ombros. — Ele estava fazendo o que pedi, mas se ele tivesse te tocado, eu teria que quebrar a mão dele. E se você tivesse ido com ele de bom grado... eu teria batido na sua bunda por se colocar

em perigo. — Flexiono os dedos.

— Sinto muito — ela sussurra.

— Eu sei, baby. Não estou mais bravo com você. Quem quer que tenha te passado aquele convite é o culpado. E não vou deixar isso barato.

Olho de relance e a vejo morder o lábio, certa de que tem mais perguntas sobre como isso aconteceu. Mas ainda não tenho as respostas.

Inspiro profundamente.

Já admiti que a amo pra cacete, o que foi bastante honesto.

— Não sinto muito por arrastá-la para esta vida comigo. Deveria sentir. É difícil, cruel e implacável, mas você é tão minha quanto a escuridão. E isso significa que você pertence a esse lugar. Comigo. — Afasto o olhar da estrada para encontrar o dela. E a compreensão que brilha em suas íris se enterra em meu peito. — Não vai ser uma vida tranquila, mas vai ser nossa. E não importa o que eu faça com outras pessoas, nunca vou te machucar. Nunca, Payton.

— Eu sei.

Um calor me preenche.

— Vou dar tudo que você quiser. Tudo mesmo. Mas ainda assim, não será nada comparado ao que você vai me dar.

— O que vou te dar? — ela sussurra.

— Paz.

A mão de Payton pousa na minha, e entrelaçamos nossos dedos.

— Você já me deu isso.

Suas palavras são tão baixas que aperto sua mão para que ela saiba que entendo, presumindo que ela esteja falando sobre Arthur.

A reação dela àquele anel não foi o que eu esperava. Não planejei pegá-lo enquanto estava transando com ela. Mas eu estava muito envolvido para fazer qualquer outra coisa. Mas um agradecimento choroso não estava na minha lista de possíveis reações.

Tenho certeza de que ela terá mais perguntas sobre isso. Mas agora não é hora.

Um grunhido baixo ecoa no carro, e ela levanta a mão livre para pressionar o estômago.

Semicerro os olhos para ela.

— Está com fome?

— Um pouco — ela admite. — Saí da festa antes de conseguir comer alguma coisa.

Nunca me preocupei com a fome de outra pessoa antes. E agora sei que preciso alimentar minha garota.

— Hambúrguer ou tacos?

— O quê?

— Você quer hambúrguer ou tacos? — repito. — Eu também poderia comer, e não tem muita coisa em casa.

— Eu gosto de qualquer... — ela começa, mas aperto seus dedos, fazendo-a suspirar. — Tacos.

Confiante de que ninguém nos seguiu, faço a próxima curva e fazemos um pequeno desvio.

Quando entro no estacionamento, mirando no *drive-thru*, Payton dá uma risadinha.

— O que foi? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Não sei por que é engraçado. É que eu não imaginaria você comendo aqui.

Aperto o botão para abrir a janela.

— Se eu decidir que sou bom demais para o *Taco Bell*, coloque uma bala na minha cabeça e acabe com meu sofrimento.

Uma pontada de dor no pulso me faz afastar o braço de Payton.

— O que...

Ela está me encarando.

— Você acabou de arrancar pelos do meu braço? — pergunto, incrédulo.

— Não brinque com assunto de morte — ela soa tão séria que sei que não

deveria sorrir.

Mas não consigo evitar.

Quando ela pega meu pulso novamente, eu me inclino para longe.

— Tudo bem, tudo bem! — Levanto as mãos e depois faço um gesto para o menu à nossa frente. — Já sabe o que quer?

63

Payton

COM UM PACOTE de tacos quentinhos no colo, observo, boquiaberta enquanto Nero passa por um portão que parece pertencer à entrada de um castelo.

Estamos a apenas dez minutos da cidade, mas poderia ser um mundo totalmente diferente.

Só tive vislumbres das casas gigantescas quando passamos, já que está escuro e as entradas parecem ter quilômetros de comprimento. A de Nero não é exceção.

O portão se fecha automaticamente atrás de nós, mas não perco de vista os dois homens parados nas proximidades.

Na primeira ligação que Nero fez ao sairmos do meu apartamento, ele disse algo sobre “perímetro completo”. Assumi que tinha algo a ver com segurança, então não fico surpresa ao ver mais homens andando pela propriedade quando nos aproximamos da casa.

Casa, não. *Mansão*.

A mansão de Nero se destaca na escuridão diante de nós. Tem dois andares, aproximadamente o tamanho do prédio onde moro, e a porta da frente parece larga o suficiente para entrar com o carro. O local é cercado por um paisagismo meticuloso, iluminado por aquelas luzes de chão que lançam sombras dramáticas sobre a arquitetura impressionante.

É linda.

Abro a boca para dizer isso quando um homem passa pela porta, com uma grande besta de quatro patas ao lado.

— Você tem um cachorro? — quase grito de empolgação.

Nero desvia o olhar para mim enquanto vira o carro em direção à porta da garagem aberta.

— Não exatamente.

— Mas... — Me viro para olhar para o cachorro, mas ele some do meu campo de visão.

— Os cachorros estão aqui para trabalhar.

— Ah. — Meus ombros caem.

Enquanto Nero desliga o carro, passo os olhos pelos outros veículos já estacionados na garagem.

— Você gosta de cachorros?

Mordo o lábio e concordo.

— Sempre quis um.

— Pensei que seu prédio permitisse.

Não me dou ao trabalho de perguntar por que ele sabe as regras do edifício onde moro.

— Não. Quero dizer, permite, mas ter um cachorro demanda muito gasto e eu não... eu ia querer mimá-lo. E sabia que não poderia.

— Que cachorro você queria?

— Eu ficaria feliz com qualquer um. — Sorrio. Soa mais triste do que eu pretendia, então balanço a mão. — Não quis dizer isso como um lamento. Só quis dizer que não sou exigente. Sempre pensei que, quando pudesse, iria ao abrigo e pegaria um cachorro pequeno, já que meu apartamento não é grande, mas os maiores também são divertidos.

Nero resmunga, e fico grata que a conversa acabou. Me sinto intimidada só de estar na garagem, não preciso de lembretes extras da minha pobreza.

Abrimos as portas ao mesmo tempo, e eu saio do carro com a comida na mão.

Ele me disse que era rico. Disse assim mesmo. *Sou rico.* Mas acho que não pensei o que isso realmente significava. Só imaginei que ele morasse em um condomínio muito bom. O que ainda seria intimidante. Mas este lugar... tento não olhar para o tamanho da garagem... é outro nível de riqueza. É o tipo de casa em que uma estrela de cinema com chef particular moraria.

A porta de Nero finalmente se fecha e quando ele dá a volta no carro para me encontrar, vejo que está com a minha mala e a linda sandália de salto azul que abandonei no saguão da Sociedade Histórica.

— Sabe — ele fala quando vê para onde estou olhando. — A Cinderela só deixou um sapato para trás.

Luto contra o constrangimento, revirando os olhos.

— Sim, e o Príncipe Encantado não invadiu a casa dela para encontrá-la.

Nero sorri.

— Os vilões sempre se divertem mais.

Meu Deus, ele fica lindo quando faz isso.

— Vamos, princesa. — Ele coloca os sapatos debaixo do braço, depois pega o pacote de taco, passando-o para a mesma mão que segura a mala. Isso me deixa de mão abanando e ele com a mão livre.

Ele estende a mão, e eu a pego.

Atravessamos a porta aberta e voltamos para a noite.

Achei que a garagem tivesse ligação direta com a casa, mas minha curiosidade sobre o trajeto é respondida quando um homem se aproxima para falar com Nero.

Ao ouvir a conversa, descubro que o nome dele é Rocco, embora Nero não nos apresente.

Meu primeiro instinto é ficar ofendida. Mas então me lembro de que, como os cachorros, esse cara está aqui para trabalhar.

Outro homem se aproxima e os três falam sobre posições, cronogramas e outras coisas que meu cérebro não entende entender.

Nero é rude com eles. Suas palavras são curtas e cada centímetro dele está cheio de tensão. O homem que sorriu para mim momentos atrás foi completamente substituído por esta versão mais dura e assustadora. Mesmo segurando uma sandália, um saco de fast food barato e uma mala surrada, ele parece intimidador.

Com os olhos em sua barba escura, acho que finalmente entendo.

Entendo-o. O perigo. A situação.

O que aconteceu com aquele convite hoje é só o começo.

Um calafrio sobe pela minha coluna e aperto a mão de Nero com mais força.

Ele não reage, só aperta meus dedos de volta. Mas é o suficiente para me lembrar de que estou segura, de que Nero pode me proteger. Ele fez parecer tão fácil quando puxou aquela arma do nada e me tirou do prédio como um soldado em missão de resgate.

Se encaixou no papel como se fosse algo comum. E olhando para os homens com quem ele está falando – com as armas à mostra, postura alerta e olhos que parecem estar evitando propositadamente me encarar – percebo que isso é normal. Para eles. Para Nero.

Não ouço o que ele diz, mas sei que terminou de falar porque está me guiando pelo pavimento até a porta da frente enquanto eu continuo admirando a casa.

A porta é aberta por alguém do lado de dentro, e eu quase ofego.

Minha comparação com a estrela de cinema estava certa. Sinto como se estivesse em um cenário de filme.

Os tetos são altos, dando espaço para um lustre gigantesco. O brilho de milhares de cristais cintilantes reflete na escadaria grandiosa bem à nossa frente.

— Uau. — É uma coisa boba de se dizer, mas é o melhor que consigo pensar.

Olho para todos os lados enquanto ele me guia pela casa.

— Vou te mostrar tudo com calma mais tarde — Nero me diz quando entramos em uma cozinha reluzente.

Acho que ele vai colocar a comida na mesa, mas em vez disso, vai até a geladeira e pega duas garrafas grandes de água.

— Vamos comer no nosso quarto, depois você pode dormir — ele explica.

— Só eu? — Tento não fazer beicinho.

— Infelizmente. Vou precisar ficar acordado enquanto resolvemos isso. —

Ele me entrega as garrafas e depois estende a mão para mim novamente. Ajeito as duas no braço e pego a sua mão.

Olho para ele.

— Gosto disso.

Ele olha ao redor.

— A cozinha?

Um sorriso surge em meus lábios.

— Ela também é boa, mas eu estava falando sobre dar as mãos.

— Fico feliz — Nero diz de maneira tão séria que eu dou risada.

Ele olha para mim enquanto nos leva a outra escadaria mais escondida atrás da cozinha.

— O que foi?

— O jeito que você falou foi engraçado.

— Como eu falei que *fico feliz*?

Ele está realmente confuso, e isso só torna tudo mais engraçado.

— Sim, porque você soou como a pessoa menos feliz do mundo.

O canto da sua boca se curva em um sorriso.

— Você é engraçadinha, não é?

Semicerro os olhos, optando por não responder, e Nero solta minha mão para me dar um tapa na bunda.

— Suba.

64

Nero

PAYTON CONTINUA A absorver tudo enquanto caminhamos para o nosso quarto – sem perguntas, sem parar para olhar nada, apenas observando em silêncio. E isso está começando a me estressar.

Quando abro a porta do quarto e ela entra na minha frente, ainda quieta, finalmente quebro o silêncio.

— Você gosta?

Ela olha por cima do ombro e assente.

— É um quarto muito bonito.

— E o resto da casa, gostou? — Como ela não responde de imediato, eu continuo. — Você pode mudar o que quiser. Móveis. Pintura. — Dou de ombros. — Podemos reformar todo o lugar ou apenas comprar algo novo.

Ela arregala os olhos.

— Por que eu iria querer reformá-la?

Não preciso olhar em volta para saber como é aqui. É escuro. Tudo preto. Uma cama enorme de dossel. Moderno e sem frescuras, incluindo as mesas de cabeceira e luminárias. Uma mesa comprida e uma única cadeira junto à parede. Ocasionalmente, uso-a como escrivaninha, mas na maioria das vezes permanece intocada. Um closet grande demais para qualquer pessoa preencher. E um banheiro igualmente escuro e impessoal.

— Podemos adicionar um pouco de amarelo — sugiro, sem jeito, me lembrando dos toques solares que ela tinha em seu pequeno apartamento.

Engraçado como apenas um pouco de cor pode fazer aquele lugar pequeno e ruim parecer mais um lar do que esta mansão onde moro há mais de uma década. Nunca tive problemas com o lugar... até agora.

— É muito bonito mesmo. — Payton passa os dedos pela roupa de cama.

Sabendo que ela é muito gentil para dizer algo ruim sobre minha casa,

deixo o assunto de lado, já decidindo o que farei a respeito.

— Aqui. — Coloco o saco de comida na mesa vazia e as coisas dela na frente do armário. — Me deixe pegar outra cadeira, então podemos comer.

Me movo rapidamente, encontro uma cadeira feia e antiga em um dos quartos de hóspedes nunca usados no final do corredor e a levo para o nosso quarto, onde encontro Payton arrumando os tacos em uma fila. Ela contestou a quantidade que pedi, mas transar com ela até sua submissão me consumiu muita energia e estou faminto.

Um silêncio confortável paira sobre nós enquanto comemos. Payton olha para mim com o canto do olho durante as primeiras mordidas, como se estivesse nervosa por comer na minha frente, mas logo se entrega à refeição, assim como eu.

Quando termina o segundo, ela limpa a boca com o guardanapo de papel e se vira na cadeira.

— O que você quis dizer quando pediu ao King para verificar as imagens?

Estava me perguntando quando ela iria perguntar sobre isso.

— Depois que te conheci, instalei câmeras no corredor do lado de fora da sua porta. — Digo isso sem um pingo de remorso.

— Ah. — Ela não parece surpresa. Ou chateada. — Você sabia que já encontrei o King antes?

Assinto, mastigando.

— Ele foi ao café uma manhã — ela elabora. — Ele te contou?

Engolindo o último pedaço, me viro para ficarmos de frente um para o outro.

— Eu estava no carro.

— Estava? — Ela arqueia a sobrancelha.

Concordo.

— Ele me deu aquele latte que você fez. Aquele que você disse que era o seu favorito.

Payton fica pensativa.

— Foi por isso que você pediu... naquele dia?

— Estava bom.

Isso me rende uma risada.

— De alguma forma, você me parece gostar mais de café preto, não de latte com frescuras.

Curvo os lábios em um sorriso, mas minha resposta é interrompida pelo toque do celular. É King.

Aperto para atender e coloco no viva-voz. Não haverá segredos entre Payton e eu.

— Conseguiu pegá-lo? — pergunto.

— *Pegá-la*.

— Ela? — Odeio não ter considerado que poderia ser uma mulher. Suposições estúpidas podem levar pessoas à morte.

King grunhe.

— Sim. A vadia tentou cobrir o rosto com um moletom de capuz e óculos de sol, mas consegui a identidade.

Os olhos de Payton percorrem meu rosto, observando a raiva tomar conta de minhas feições.

— Quem? — questiono entre os dentes cerrados.

King responde.

— O que você vai fazer? — ele pergunta, sabendo que não serei violento com uma mulher.

Abro as mãos e relaxo os ombros.

— Vou ligar para sua irmã.

65

Nero

BATO COM OS nós dos dedos três vezes na madeira pintada.

Este edifício, bem no centro de Minneapolis, não fica muito longe da antiga casa de Payton, mas é um mundo à parte. Há segurança na portaria. Carpete agradável no chão. Um elevador que funciona.

No entanto, o segurança pode ser subornado. As câmeras do elevador podem ser desligadas. E o piso macio significa que os outros residentes não nos ouviram caminhar pelo corredor. A cereja no topo do bolo é a pessoa duas portas abaixo, dando uma festa com música alta o suficiente para abafar o som do que está prestes a acontecer.

Bato os dedos na madeira, depois aguardo pacientemente enquanto ouço a porta ser destrancada e aberta.

Olhos pelos quais eu só sentia indiferença se arregalam quando encontram os meus. E observo uma série de emoções passarem por seu rosto.

Surpresa. Alarme. Cautela.

Nunca é uma coisa boa quando o líder do submundo aparece na sua porta sem aviso prévio, no meio da noite. A menos, talvez, que você seja uma prostituta querendo ganhar dinheiro.

Nikki está de legging e top curto, cabelo preso em um rabo de cavalo alto. Claramente, ainda não estava deitada. Ela coloca uma mão no quadril e apoia a outra no batente da porta.

— Nero, a que devo a honra? — Seus lábios se curvam em um sorriso que tenho certeza de que deveria ser sedutor. — Procurando um agrado de aniversário?

Eu tinha planejado flertar com ela. Deixá-la pensar que eu estava aqui para transar. Fazê-la me convidar para entrar.

Mas quando a olho, tudo o que vejo é a expressão devastada no rosto de

Payton e a forma como a cor desapareceu de suas belas feições.

Vejo as imagens das câmeras de segurança, onde Payton sai correndo da festa e escorrega nas escadas, machucando sua pele perfeita.

As marcas de lágrimas em suas bochechas.

A mala pronta no chão.

Eu a vejo encolhida em sua cama, desmaiada de tanto chorar.

E decido mudar meu plano.

Estendo o braço e a seguro pelo pulso. E quando ela recua, empurro mais a porta para abri-la.

— Ne... — ela começa.

— Cale a boca! — eu grito, avançando para seu espaço e forçando-a para trás.

Os lábios de Nikki se movem, mas ela não diz nada.

— Sério, Nero? — Uma nova voz me segue até o apartamento. — Ela parece uma vadia.

Aspen, a irmã caçula de King, fecha a porta com um chute e gira o trinco.

— Não é como se eu estivesse transando com ela — me defendo, dando uma olhada na mulher mais baixa. Seu cabelo e olhos têm a mesma tonalidade de castanho dourado que os de King.

— Ei! — Nikki esquece minha ordem de silêncio. — Que merda é essa? — Seu tom está cheio de indignação injustificada, e isso me faz desejar que ela fosse um homem só para que eu pudesse socá-la.

— Esta é a única chance que você vai ter — grunho para ela.

Mantenho a mão em seu pulso e a levo até a mesa de jantar que está diante de uma grande janela. Ela recua para uma cadeira, e eu continuo sua trajetória, até que ela esteja sentada nela.

— Fique aí. — Cansado de tocá-la, eu a solto e dou um passo para trás.

— O que está acontecendo? — Nikki reclama, fazendo Aspen bufar.

— O que está acontecendo... — Aspen dá um passo para o meu lado — Você estragou tudo.

— Eu não... — ela começa a negar.

Eu me inclino para frente.

— A única chance que você tem vai desaparecer se tentar mentir para mim.

Normalmente, não deixo minha raiva transparecer. Costumo manter uma máscara de completa indiferença, mesmo que esteja arrancando a língua de um homem. Mas agora, não consigo. Deixo toda a minha fúria em evidência.

Nikki se inclina sobre a mesa, tentando ficar o mais longe possível de mim. O medo está estampado em seu rosto.

Ótimo.

— C-chance de quê? — Nikki gagueja durante a pergunta.

— Uma chance de sobreviver a essa noite.

O som de seu suspiro ressoa pelo apartamento.

Posso ver que ela quer discutir, negar que haja qualquer motivo para eu querer matá-la.

Mas já estou aqui. Porque eu já sei.

E ela é esperta o suficiente para saber que não se pode atravessar meu caminho e continuar vivo. Ao dar essa única chance a ela, estou dando um presente que raramente ofereço. E estou fazendo isso porque não mato mulheres. Mas se ela me provocar, vou encontrar alguém que mate.

— Quem te mandou colocar o convite embaixo da porta? — Não especifico qual porta. Nós dois sabemos do que estou falando, e não vou pronunciar o nome de Payton aqui. Ela é boa demais para este lugar.

A boca de Nikki se abre e depois se fecha, seus olhos alternando entre mim e Aspen, provavelmente se perguntando quem ela é e por que a trouxe.

— Diga agora — eu rosno.

Nikki endireita as costas.

— Ninguém me mandou fazer isso.

Semicerro os olhos.

— O que você quer dizer?

Estou confuso, mas Aspen, não.

— Que triste. — Aspen estala a língua com uma risada. — Essa vadia estava tentando te separar da sua garota por motivos *pessoais*. — A ênfase em *pessoais* faz meu estômago revirar.

O pensamento de colocar meu pau em alguém que não seja Payton faz minhas bolas murcharem, não importa nossa história.

Como Nikki não nega, balanço a cabeça.

— Caramba, você é louca? — Estou ainda mais irritado. Pensar que era um inimigo tentando me atacar é mais fácil de engolir do que uma prostituta grudenta tentando arruinar meu relacionamento, fazendo parecer que eu estava traindo Payton. — Como você ficou sabendo sobre ela?

— O prefeito. — Nikki tem a audácia de dar de ombros, como se não fosse grande coisa.

— O prefeito? — Cada pedaço de informação me surpreende mais do que o anterior.

Como ele ficou sabendo?

— Tivemos um *encontro* na outra tarde. — Nikki se endireita na cadeira, tentando parecer composta. — Ele disse que te encontrou em um pequeno café. Mencionou que você estava agindo de forma obsessiva com a *garçonete*. — Ela diz isso como se fosse sujo, e como se ela não abrisse as pernas para ganhar a vida. — Não foi difícil conseguir o nome do lugar e da garota.

Tenho que matar o prefeito.

— Como você conseguiu o endereço dela? — Cada palavra tem gosto de morte na minha língua.

Nikki aperta os lábios antes de responder.

— Conheço um cara que trabalha para a Receita Federal. Uma ligação e uma promessa me deram o que eu precisava.

Meu peito se expande enquanto respiro fundo, tentando – e falhando – acalmar minha raiva.

— Você trouxe a tesoura? — pergunto a Aspen, mantendo os olhos em

Nikki.

Aspen a pega de dentro de sua jaqueta.

— Claro que sim.

— Corte tudo.

— Cortar o quê? — Nikki tenta empurrar a cadeira para longe de mim, mas prendo uma das pernas dela com o pé.

— Seu cabelo, Nikki. — Finalmente, a calma que normalmente alcanço se instala sobre mim. — Ela vai cortar todo o seu cabelo. E se você resistir, ela pode escorregar e cortar mais do que isso. Então, sugiro que aja de forma inteligente pela primeira vez na vida e fique bem quieta.

Aspen circula a cadeira até ficar atrás de Nikki, mantendo-se fora do alcance de chutes e arranhões.

— Não! — Nikki chora quando Aspen agarra seu longo rabo de cavalo. — Nero — ela estende a mão na minha direção. — Por que você não consegue ver como somos perfeitos um para o outro?

Me mantenho fora do alcance dela.

— Não somos nada um para o outro. — Aspen corta um pedaço grosso de cabelo e Nikki começa a chorar. — Você machucou a mulher que eu amo de propósito. Se fosse um homem, cortaria sua garganta. Mas, em vez disso, você vai se tornar invisível. — O rabo de cavalo cai no chão. — Não me importa para onde você vai, mas nunca mais quero te ver de novo. — Aspen agarra os tufos que sobraram e os corta rente à raiz. — E se você ousar olhar para minha mulher novamente, te farei desaparecer de verdade.

Aspen corta mais mechas enquanto Nikki soluça alto.

— Cresça! — Aspen sibila, cortando outra mecha.

— Nero! — Nikki soluça. — Eu te amo!

— Não, você não ama. Você não ama nada além de si mesma. E da sua aparência. É por isso que estou levando seu cabelo.

Aspen faz alguns recortes finais antes de recuar para avaliar seu trabalho.

— Pronto.

Assinto, satisfeito, e dou um passo para trás.

— Vou mandar meus homens virem em doze horas. Você não vai querer estar aqui quando eles chegarem.

Nikki está ocupada demais arranhando a própria cabeça para responder, mas sei que ela me ouviu.

Deixo Aspen dar alguns passos à frente antes de me virar e segui-la de volta para a porta.

Não há ninguém no corredor, nem sinal de que alguém ouviu alguma coisa, então mantemos nossos passos casuais e saímos.

— Então — Aspen arqueia uma sobrancelha para mim assim que chegamos à calçada. — O poderoso Nero se apaixonou.

— Você vai gostar dela.

— Espero que sim — ela resmunga. — Mas você não parece ter o melhor gosto para mulheres.

Ignoro o comentário.

— Onde está seu carro?

— Na esquina — ela responde, já caminhando naquela direção, e eu a sigo.

Aspen é durona, mas está aqui porque pedi, então não vou perdê-la de vista até que ela volte para o carro.

Ouvimos um som vindo de um beco quando passamos, e Aspen suspira.

— O coitado ainda está aqui.

Viro a cabeça, esperando ver um sem-teto, então não estou preparado para ver um cachorro malhado farejando o lixo.

Aspen continua andando, mas eu paro.

— O que você quer dizer com ainda?

Ela para, voltando para olhar o cachorro comigo.

— Ele estava revirando o lixo quando cheguei. Deve estar com fome.

— Você acha que ele é um vira-lata?

Aspen dá de ombros.

— Provavelmente. Gostaria de poder levá-lo para casa. Mas meu marido me mataria. — Viro a cabeça na direção dela, que me dispensa com a mão. — Meu Deus, você é tão cabeça dura quanto o King. É uma *expressão*.

— Melhor ser. — King e Aspen são a coisa mais próxima que tenho de família. Sei que King odeia o marido dela, mas se ele for violento, eu mesmo acabo com o cara.

Aspen revira os olhos para mim.

— Meu marido pode ser um idiota, mas ele não tem desejo de morrer. Tenho certeza de que até *ele* sabe que me machucar o levaria direto para a cova.

Resmungo e volto minha atenção para o cachorro.

66

Payton

A FRONHA É macia e fresca, e meu corpo se aconchega na sensação.

Uma garota poderia se acostumar com isso.

Abro os olhos, piscando contra a luz do sol que se insinua entre as cortinas pesadas que cobrem as janelas até o chão.

É o quarto de Nero. Em sua casa enorme.

Ou, como ele diz, *nossa casa.*

Não consigo acreditar em como ele disse essas palavras de forma tão espontânea ontem à noite. Como se fosse realmente minha também. Como se fosse normal e algo que as pessoas fazem todos os dias.

Conhecer um cara.

Transar duas vezes.

Se apaixonar.

Se mudar do seu apartamento minúsculo e miserável para esta casa de vários milhões de dólares, e reivindicar uma parte da propriedade.

Então viver feliz para sempre. Com o pequeno detalhe de pessoas tentando nos sabotar.

Ou algo assim.

Estico o braço na minha frente e passo a mão sobre a roupa de cama do outro lado do colchão.

Meu peito aperta de forma estranha, pensando em Nero fora a noite toda. Mas não é por ciúme, é preocupação.

Depois que King ligou enquanto estávamos comendo, e Nero ter dito algo sobre *convidar a irmã do King,* ele me contou sobre a mulher, Nikki. Me disse que a mesma mulher bonita que estava com as mãos em cima dele foi quem colocou o envelope por debaixo da minha porta.

Uma onda de possessividade me fez agarrar o braço dele. Não me

importava que tivéssemos resolvido o que aconteceu na festa. Nem que estivéssemos mais fortes do que nunca. Eu não queria que ele fosse até ela. Não queria que ela colocasse os olhos no meu homem nunca mais. Porque, embora Nero não tenha dito nada sobre a motivação dela, eu sabia que era pessoal.

Mas antes que eu pudesse discordar, ele segurou minha nuca e me beijou.

— O que é meu está fora dos limites. Você é minha. E as pessoas precisam entender as consequências de mexer com o que é meu.

Sem poder argumentar, fiz o que ele mandou: terminei de comer e fui para a cama.

Meus dedos batem no edredom.

Quero ligar para ele, mandar uma mensagem ou fazer algo para descobrir se ele está bem. Falar com aquela vadia não deveria ter levado a noite toda. Mordo o lábio. Tenho que confiar que isso não significa que algo ruim aconteceu.

Me levanto, decidindo ser paciente. Pelo que sei, ele pode estar em algum lugar desta casa, trabalhando em seu laptop ou fazendo o que quer que um mafioso com uma empresa de segurança faz.

Meus pés mal fazem barulho no tapete grosso que se estende debaixo da cama enquanto vou até a minha mala, ainda fechada na frente do closet.

Estava muito cansada ontem à noite para desempacotar minhas coisas ou tomar banho, então tenho que vasculhar o conteúdo desorganizado até encontrar uma legging e minha camiseta enorme de manga comprida.

Encontrei essa camiseta anos atrás. É roxo-claro, completamente diferente das cores neutras que costumo usar, mas achei que fazia meus olhos parecerem mais azuis. Então ela se tornou minha peça favorita.

Ao carregar minhas coisas para o banheiro, instantaneamente questiono a roupa que acabei de escolher.

Esta casa é tão elegante e tão grandiosa, que não sei como agir. As pessoas usam legging em casas como esta? Ou usam saia lápis e blusa social?

Coloco tudo na bancada de quase três metros de comprimento e solto um

suspiro. Não é como se eu tivesse uma saia lápis. Ou qualquer coisa que se possa chamar de blusa social... Nero está quase sempre de terno, mas talvez em casa ele fique mais relaxado. E, caso contrário, não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Resignada ao meu destino malvestido, alcanço o chuveiro para ligar a água. Então faço uma pausa, porque há várias torneiras e botões.

O box de mármore é grande o suficiente para cerca de seis pessoas, e mais chuveiros saem das paredes.

— Certo. — A palavra sai lentamente.

Primeiro desafio do dia: descobrir como tomar banho.

Escolho uma torneira, giro e pulo para trás quando meu braço é encharcado por um jato vindo de cima. Há doze jatos e um extra, já que não vi o redondo pendurado no teto.

Após várias tentativas, finalmente tenho uma quantidade normal de água jorrando da parede e a uma temperatura logo abaixo de escaldante.

Tiro as roupas, deixando-as no chão e entro no vapor.

E gemo.

Não é como se eu não tivesse água quente no meu apartamento, mas nunca ficava muito quente e nem durava o suficiente para tomar banhos longos como eu queria. Então, sem nenhuma vergonha, fico parada embaixo da água. Não faço nada além de aproveitar o fluxo.

O calor derrete as dores em meus músculos e, conforme meu cabelo fica encharcado, o estresse constante que pressiona minhas têmporas começa a desaparecer.

Sei que isso não deveria ser tão fácil. E não estou delirando o suficiente para pensar que não haverá mais dias difíceis em minha vida. Mas, pelo menos uma vez – uma única vez –, o destino decidiu me presentear com algo em vez de me tirar. E vou agarrar esse presente com as duas mãos.

Nero me ama.

Meus pulmões se contraem.

Alguém me ama.

Meu coração se enche.

Alguém me perseguiu.

Meus joelhos cedem, e eu apoio uma mão na parede enquanto me abaixo até estar sentada no chão quente e molhado.

Meu maior medo, desde que fugi de casa, era que Arthur ou minha mãe me encontrassem. Eu verificava cada canto escuro. Dormi com uma faca ao lado da cama por anos. Acordava chorando, implorando para que não me levassem de volta. Não queria que eles viessem atrás de mim. Eu temia a possibilidade. Mas...

Inclino o rosto para baixo e respiro fundo, a água caindo sobre mim.

Mas, por pior que fosse se eles me encontrassem, doía pensar que eles pareciam nem ao menos tentar. Isso me deixou com um vazio imenso no peito.

Eu teria tirado minha própria vida antes de voltar para aquela casa. Mas ser tão indesejada. Tão... descartável.

Um soluço sai do meu peito.

Nero veio atrás de mim.

Nero não me deixou sozinha.

Ele nunca vai me deixar.

O alívio de não ter que passar o resto da vida sozinha é tão avassalador que sinto que posso me afogar nele.

Nero pode ser louco, mas é meu. E ele me ama. Mesmo que seja errado, eu também o amo.

Inclino a cabeça para trás, deixando a água afugentar as lágrimas do meu rosto.

Nunca mais estarei sozinha.

Nero parado na minha porta.

Nero entrando no café.

Nero puxando meu corpo contra o seu em um show.

Nero lavando meu corpo no meu banheiro pequeno e apertado.

Nero invadindo meu apartamento para garantir que eu não saia.

Nero dizendo que me ama. Segurando minha mão na frente de seus homens. Chamando o lugar de nossa casa.

Permito mais um suspiro trêmulo. Mais um momento de indulgência antes de balançar a cabeça.

Chega de chorar.

Recuo até que meu rosto esteja fora do jato de água.

Chorar é exaustivo e, mesmo que tenha sido um pequeno surto, estou pronta para voltar para aquela cama grande e confortável.

Preciso me recompor e tomar banho.

Estou levantando quando vejo as prateleiras embutidas na parede.

Deixo escapar um som que é uma mistura de risada e choro enquanto estendo a mão e pego o frasco de sabonete líquido com aroma de rosas. Ao lado dele, há três tipos de shampoo e condicionador que parecem muito caros. Todos os frascos são em tons de rosa e todos têm perfume de rosas. Ao lado de tudo isso, há um sabonete facial de rosa mosqueta e dois grandes potes de esfoliante corporal, também de rosas.

Aposto que quando eu sair e mexer nos armários, vou encontrar uma loção para combinar com o sabonete líquido.

Inclino o pescoço e olho para o conteúdo da prateleira acima da minha. Não me surpreende que todos os frascos sejam de produtos masculinos, exceto por um pequeno, quase vazio, de líquido vermelho no canto.

Sorrio, porque sei que estava mais cheio do que quando ele o pegou.

67

Nero

O CHEIRO DE ROSAS chega ao meu nariz antes mesmo de eu chegar à porta do nosso quarto, e isso é suficiente para meu pau ficar duro.

Ajusto as canecas na mesma mão e arrumo meu pau meio endurecido antes de girar a maçaneta.

Olho ao redor do quarto e vejo a porta do banheiro aberta, mas está tudo escuro e silencioso. Sinto um leve desapontamento por não encontrar Payton no banho.

Então a vejo, e uma sensação de retidão enche meu peito.

Ela está parada na porta do closet, o cabelo úmido preso em duas tranças, a franja quase seca e um pouco rebelde. E seus olhos...

Fecho a porta atrás de mim com o pé.

Seus olhos estão cheios de um brilho que é metade excitação e metade nervosismo, e olhar para eles é como injetar prazer diretamente em minhas veias.

Sua camiseta roxa macia...

Engulo em seco.

Ela é tão bonita. Bonita pra caramba.

E sei que não fiz nada para merecê-la. Mas vou ficar com ela mesmo assim.

— Oi. — Payton levanta a mão em um pequeno aceno desajeitado, e eu sorrio.

Não é um sorriso forçado. Não é malicioso ou de escárnio. É um sorriso alegre.

Seus lábios se curvam para combinar com a minha expressão.

— Isso é café? — Ela inclina a cabeça em direção às minhas mãos.

— Sim. — Cruzo a distância entre nós e estendo as canecas para que ela pegue uma.

Ela franze o nariz em desagrado quando desliza a alça do meu dedo.

— O que há de errado? — pergunto.

Ela ergue as sobrancelhas.

— O quê? Ah, nada.

— Payton. — É apenas seu nome, mas ela sabe que estou pedindo para que me diga a verdade.

— Não é nada, juro. É só... — As bochechas dela ficam rosadas. — Essas canecas são tediosas.

Olho para a caneca em sua mão e depois para a minha.

— São canecas de café.

Ela bufa.

— Exatamente. Canecas brancas simples e tediosas.

— Ao contrário de...? — Já faz muito tempo desde que alguém se atreveu a olhar para mim como se eu fosse um idiota, mas é exatamente esse olhar que Payton está me dando. — O quê?

— Você vai mandar pessoas pegarem as minhas coisas, certo?

Assinto.

— Ótimo, então terei algo para contribuir com a casa. — Quando abro a boca para repreendê-la, querendo dizer que ela acrescenta mais do que suficiente apenas por estar aqui, Payton balança a cabeça. — Eu sei o que você vai dizer, mas me deixe fazer isso. Vou me sentir bem em compartilhá-las com você.

— Tudo bem. — Levanto a cafeteira. — Ainda quer um pouco de café, ou minhas canecas tediosas estragaram tudo?

Payton sorri.

— Acho que vou sobreviver.

Com cuidado para não espirrar nenhum líquido quente em suas mãos, encho nossas canecas e coloco a cafeteira na mesa lateral.

— Pensei que você poderia estar dormindo e gostaria de tomar café aqui.

— Estava pensando em voltar para a cama depois do banho, mas me distraí arrumando as minhas roupas. — Ela passa as mãos na base da caneca,

segurando-a perto do rosto. — Espero que esteja tudo bem.

— Linda, você pode fazer o que quiser aqui. Agora é sua casa.

Ela morde o lábio inferior por um segundo e, quando penso que pode dizer algo irritante, como *estamos indo rápido demais*, ela me surpreende ao não argumentar.

— Estou animada para ver o resto da casa. Parece ser muito legal. Especialmente o chuveiro. — Ela leva uma de suas tranças até o nariz. — Não sei quando você teve tempo de comprar todos aqueles produtos, mas o cheiro é incrível.

É ridículo sentir orgulho disso, mas sinto mesmo assim.

— Venho comprando desde a noite em que você me deu sua virgindade. Imaginei que em algum momento você viria para cá e usaria. E eu estava certo.

— Ah. — O rubor de Payton se intensifica. — Também pensei muito em você.

Toda vez que essa mulher fala, ela desperta novas emoções dentro de mim.

— Vamos. — Pego seu café e faço um gesto para o colchão. — Quero tomar esse café na cama.

Payton me segue. Quando ela está sentada de pernas cruzadas no meio da cama, devolvo a caneca e me sento encostado na cabeceira. Estamos quase de frente um para o outro.

Nós dois tomamos um gole da bebida.

— Desculpe, não tinha creme — digo, pensando que isso não é nada parecido com seu latte favorito.

— Tudo bem. Gosto de café de qualquer jeito.

Eu murmuro, sem saber ao certo se acredito nisso.

— Faça uma lista de todas as coisas que você gostaria de ter em casa.

Payton está balançando a cabeça antes mesmo de eu terminar.

— Não precisa fazer isso. Café preto é muito bom. Eu bebo assim em casa o tempo todo.

— Na sua antiga casa — eu a corrijo. — E não me refiro apenas ao creme.

Você precisa de coisas para comer quando não quiser pedir algo. E os ingredientes para fazer seus lattes de mel e coco.

— Bom, para fazer do jeito certo, eu precisaria de uma máquina de café expresso. E elas são absurdamente caras...

— Já tenho uma — eu a interrompo.

Sua boca se abre.

— Sério?

— Sério.

— Você sabe usá-la?

Me vejo sorrindo novamente.

— Não faço a menor ideia.

Ela parece ainda mais surpresa.

— Então por que você tem uma?

— Foi presente de boas-vindas do King. Ele disse que me fazia parecer mais inteligente.

Ela ri, e o som se aloja em meu peito.

— Isso poderia ser verdade se você a tivesse usado. — Ela toma outro gole antes de perguntar: — Vocês se conhecem há muito tempo?

Concordo enquanto penso em como começar.

— Eu tinha quinze anos quando nos conhecemos, e ele deveria ter em torno de dezenove.

— Então, faz muito tempo, *Sr. Acabei de Fazer Quarenta*.

Dou um olhar de falsa reprovação, e ela me dá um sorriso doce.

— Certo, então você tinha quinze anos...?

— Eu tinha quinze anos e trabalhava para os russos.

— Russos?

— Máfia russa. Bratva — explico. Sem segredos. — Comecei como mensageiro, levando dinheiro para eles quando era bem criança. Acho que eu tinha oito anos.

— Tão jovem — ela diz em tom triste, e eu dou de ombros.

— História típica. Vida familiar ruim. Atitude ruim. Atraído pelo dinheiro e poder da irmandade. Querendo pertencer a algo. — Posso ver a simpatia se formar nos olhos de Payton e, pela primeira vez, isso não me incomoda. — Quando conheci o King, eu era soldado, e ele trabalhava para os irlandeses fazendo praticamente a mesma coisa. Mas ele não era o tipo de *mafioso* comum. — Uso o termo de Payton do outro dia. — Ele vinha de uma família rica, não era um órfão sem sobrenome como eu.

— Sem sobrenome? — Payton me interrompe.

— Devo ter tido um em algum momento. Mas fui abandonado na porta da igreja muito novo. — Quando ela parece prestes a chorar, estendo a mão e aperto seu joelho. — Não é algo para se lamentar, baby. É o que é.

Ela coloca a mão sobre a minha.

— Mas é terrível.

Sorrio.

— E olha o que eu me tornei.

Payton revira os olhos.

— Ah, tá.

— De qualquer forma, nenhum de nós era o padrão. Antigamente, você tinha que ser parente de alguém para entrar, mas com o passar dos anos e as famílias se espalhando, eles foram forçados a relaxar as regras. Foi então que consegui. Mas o King não era órfão. Seus pais ainda eram casados na época. Mas ele estava entediado e era impetuoso. Então, acabou sendo aceito. Então, mesmo que devêssemos ser inimigos... — dou de ombros — nós nos conectamos. Nos tornamos amigos. Eu sempre tive um pouco de inveja dele, com aquela vida confortável. Mas nos dez anos que se seguiram, vi seus avós morrerem, seu pai ser assassinado e sua mãe o abandonar.

— Isso é horrível.

— Sim — concordo. — Minha vida foi difícil desde o início, mas eu estava acostumado. Não tinha um tapete debaixo de mim para ser puxado. — Aperto o joelho de Payton novamente, porque sei que ela entende.

— Vocês são tipo Romeu e Julieta — ela brinca.

Dou risada.

— Por favor, diga isso ao King na próxima vez que o vir.

— Vocês estavam destinados a se tornarem amigos.

— Sim, e nos tornamos, mas negamos isso. Nunca nos encaixamos na antiga hierarquia. Então, nas poucas vezes em que as famílias conseguiam conviver, acabávamos nos aproximando um do outro.

— Uma vez, ouvi dizer que almas gêmeas não são apenas para relacionamentos românticos. Você pode ter almas gêmeas de amizade.

— Não sei nada sobre almas gêmeas. E o King pode ser meu irmão. Mas você é minha vida. — Esfrego a mão em sua coxa. — Não tem comparação.

Ela aperta os lábios e, em vez de fazê-la responder, eu continuo.

— Não demorou muito para percebermos que havia traidores nas duas famílias. Só os idiotas pensavam que poderiam nos usar para passar algum código secreto. Mas King e eu não somos idiotas, então decifamos os códigos e decidimos fazer isso funcionar a nosso favor.

— Parece um filme. — Payton coloca a caneca contra o peito.

— Mas nos filmes, todo mundo é bonito. Você deveria ter visto esses caras velhos. Eles eram horríveis, por dentro e por fora. Os líderes das duas famílias eram pessoas corruptas e ruins. Eles nunca tiveram que trabalhar pelo que tinham. Nunca tiveram que lutar para sair da sarjeta. Nunca mataram um homem, a menos que pelo menos três pessoas estivessem segurando essa pessoa. Mas quando descobrimos o que mais eles estavam fazendo... — Minha raiva vem à tona, mesmo anos depois. — Eles estavam trazendo mulheres de outros países. Roubando-as. Vendendo-as.

— Tráfico humano — Payton sussurra.

— Eles esconderam bem. Apenas alguns membros estavam cientes disso, e é aí que os traidores entraram. Dois caras pensaram que talvez pudessem se separar, unir forças e construir um império em cima dessas mulheres. Foi quando King e eu fomos arrastados para a confusão. — Respiro fundo. — Eu não estava

mentindo quando disse que fiz coisas ruins. Eu faço. Mas isso, não. Não vendemos mulheres.

— Eu sei. — Payton não hesita. — Você não faria isso.

— Eu não faria isso — repito. — E também não deixaríamos que eles fizessem. Então, planejamos sair. Trouxemos apenas os homens em quem confiávamos, recrutamos mais alguns nas ruas e, quando tudo estava pronto... nós os massacramos. Nas duas famílias. — Payton assente e juro que vejo aprovação em seus olhos. — Atacamos na mesma noite, ao mesmo tempo e sem aviso prévio. A maioria morreu. Alguns fugiram. E outros se juntaram a nós. E então, juntos, nos tornamos a Aliança.

— Então, os russos e os irlandeses se foram, e agora você e o King controlam tudo?

— A maioria das pessoas acha que sou apenas eu. Uma organização como esta é mais eficaz quando parece que um homem a comanda. As pessoas não podem pensar que é uma democracia. Não se pode dar a elas a chance de tentar nos colocar uns contra os outros. Então, tinha que ser um de nós, e o King não queria que fosse ele. Naquela época, seu pai já tinha morrido, mas ele ainda tinha irmãs e uma mãe por perto. Era mais seguro para elas se ele não aparecesse. E, considerando que os irlandeses que poderiam expô-lo morreram naquela noite, foi fácil para ele ficar escondido.

— E quanto às pessoas que ele recrutou? Elas não saberiam que ele também estava no comando?

Viro a mão, e ela entrelaça seus dedos com os meus.

— A maioria desses caras também está morta. — Ela aperta minha mão. — Nos meses seguintes, muitas pessoas vieram atrás de nós... de mim, querendo assumir o trono que eu criei.

— Mas você o manteve.

Eu sorrio.

— Sim.

— E King é como um sócio silencioso que ninguém conhece.

— Basicamente.

Ela parece pensar bem sobre isso antes de aceitar.

— E ele é próximo da irmã? Aquela que foi com vocês ontem à noite?

— Se por próximo, você quer dizer que ela o irrita constantemente e o obriga a fazer coisas que ele não quer, então, sim.

Isso me rende outra risada, mais contida.

— É bom saber. Admito que não entendo todas as outras coisas, mas está claro que King é importante para você. E me sinto mal por ter tanto medo dele. — Abro a boca, mas ela aperta minha mão. — Mas, saber que ele é próximo da irmã o faz parecer mais... normal.

— O King está longe de ser normal — falo sério. — Mas ele é uma das poucas pessoas em quem eu confiaria sua segurança. Então, por favor, não tenha medo dele.

— Não vou. E se você diz que devo confiar nele, vou confiar.

— Obrigado.

Estou acostumado com as pessoas fazendo o que eu quero. Mas elas fazem isso porque eu pago ou porque temem as consequências de me desobedecer. Ter esse tipo de cooperação baseada apenas na confiança... é um sentimento completamente diferente.

O polegar de Payton roça na palma da minha mão.

— Obrigada por me contar. Tenho certeza de que há muitos homens em sua posição que não fariam isso, mas estou feliz por você não ser assim.

Eu me inclino para frente.

— Não haverá segredos entre nós, Payton. Nem mentiras. Sem meias verdades. Se você me perguntar, vou responder. E se eu te perguntar, você vai fazer o mesmo.

Observo enquanto ela aceita.

— Como o Arthur morreu?

Eu deveria ter esperado por isso. Mas não vou voltar atrás na minha palavra.

— De uma forma terrível. Mas não o suficiente.

— O que você quer dizer?

Deixo minha memória vagar pelos detalhes daquela noite.

O medo em seus olhos.

Os gritos quando comecei a arrancar seu dedo. O número de puxões que dei.

A dor que ele deve ter sentido.

A maneira como seus olhos se arregalaram enquanto ele se engasgava com o próprio membro.

— Fiz isso antes de você me contar... — Meu peito se expande enquanto respiro fundo, tentando acalmar minha raiva crescente. — Se eu soubesse que ele estava planejando te vender, eu o teria feito sofrer por semanas. Não meros minutos. Eu teria... — Penso em todas as coisas que usaria para torturá-lo. Todas as maneiras cruéis de prolongar seu tormento. Mas não preciso colocar esses pensamentos na mente de Payton. — Eu o teria feito implorar pela morte em vez de surpreendê-lo com ela.

— Você fez isso antes de eu te contar...? — Ela não parece chocada, apenas pensativa. — Imaginei que esse seria o caso, a menos que fosse imediatamente após eu te dizer e antes da sua festa. Então, você foi para Dakota do Norte?

Ótimo momento para eu implementar a regra de não ter segredos.

— Na primeira noite em que dormimos juntos, acordei no meio da noite e voei direto para lá. Eu tenho um avião. E eu piloto — esclareço.

— Mas eu não tinha te contado tudo...

— Eu sabia o suficiente depois que ouvi seu pesadelo no sofá na noite em que nos conhecemos. — Sua boca abre e fecha. — Eu sabia que ele tinha te machucado. E isso era tudo que eu precisava saber.

Ela assente e a vejo engolir em seco.

— A minha mãe estava lá?

— Não. Ela estava trabalhando. Nós a deixamos em paz e incendiamos a

casa. Mas se quiser que ela tenha o mesmo destino, é só dizer.

— Não — ela sussurra. — Ela nunca fez nada para me machucar, mas também nunca interveio para me ajudar. Então ela pode ficar onde está. É o que ela merece.

Payton continua balançando a cabeça, com a respiração quase ofegante, então eu pego a caneca de suas mãos e coloco junto com a minha na mesa de cabeceira.

— Venha cá. — Me movo na cama até ficar deitado de costas, com os braços abertos.

Payton se aconchega ao meu lado.

— Obrigada, Nero.

Meu braço se aperta ao redor dela.

— Você não precisa me agradecer, Payton.

Ela se aconchega ainda mais ao meu lado.

— Mas vou.

Fecho os olhos.

— Eu daria tudo por você.

Sua mão pressiona meu coração.

— Mas nunca vou te pedir isso.

68

Payton

MEU TRAVESSEIRO SE move, fazendo com que eu solte um grunhido de insatisfação antes de perceber o som fraco de um telefone vibrando.

— Shh, baby. — Uma mão grande acaricia minhas costas, e eu mantenho os olhos fechados enquanto enterro o rosto no calor de Nero.

— O que foi? — Sua voz é baixa quando responde, e a ouço em estéreo através de seu peito. — Sim. — Sua mão não para enquanto ouve. — Ele está aqui agora? — Outra pausa. — Tudo bem. Vamos descer.

Abro os olhos quando ele se refere a *nós*.

O peito de Nero se expande enquanto boceja.

— Você dormiu? — pergunto, mexendo as mãos e os pés para acordar.

Ele ergue o braço e o imagino olhando o relógio.

— Duas horas ininterruptas.

— Duas? Não me lembro da última vez que tirei um cochilo, muito menos de duas horas. — Bato meus dedos contra seu esterno. — Bem, acho que o seu não conta como um cochilo se você ficou acordado a noite toda. É mais como finalmente ir para a cama. Totalmente vestido — acrescento, lembrando que ele está usando tudo menos o paletó e os sapatos. Suas meias pretas estão no meu campo de visão e me pergunto, por um segundo, se ele sente cócegas.

Ele boceja novamente.

— Apareceu uma coisa quando estava vindo para casa ontem à noite.

— Coisa ruim? — Me dou conta de que é uma pergunta estúpida. Qualquer tipo de coisa que surge na calada da noite com certeza é ruim.

Nero coloca a mão sobre a minha, parando o movimento dos meus dedos.

— Houve rumores sobre alguns idiotas tentando entrar nos negócios, e agora que dois dos meus homens foram encontrados mortos em Chicago, preciso resolver o assunto.

Pressiono a mão com mais firmeza em seu peito.

— Sinto muito pelos seus homens.

— Obrigado, baby. — A mão nas minhas costas desce por uma das minhas tranças.

— Por que eles estavam em Chicago? Achei que todos os seus, hum, negócios fossem aqui nas Cidades Gêmeas.

— A maior parte é. O comando de Chicago é de outra pessoa, mas fazemos negócios com ele. E foi em uma dessas remessas que a merda aconteceu.

— Então você tem que ir para lá?

Posso sentir seu corpo se mover quando ele assente.

— Vou voar de manhã. Deve ser só por alguns dias.

Um cobertor de tristeza me cobre.

— Vou sentir sua falta.

— Também vou sentir a sua. — Os lábios pressionam o topo da minha cabeça. — Mas tenho algo que pode te ajudar a passar o tempo enquanto eu estiver fora.

— Sério? — Inclino a cabeça para trás para que eu possa olhar para seu rosto bonito.

— Sério. Mas precisamos descer.

Lembrando sua conversa ao telefone sobre *alguém estar aqui*, franzo a testa.

— Espero que não seja um guarda-costas. Isso não é exatamente *companhia*.

Nero puxa minha trança.

— Não é isso que eu tenho para te mostrar. Mas você terá seguranças. No plural. E quando eu não estiver em casa, você não vai a lugar nenhum sem eles. — Ele dá outra puxada. — Estou falando sério, Payton. Não vá nem para o quintal sem avisar alguém antes. Entendeu.

— Entendi. — A coisa do quintal parece ridícula, mas posso ouvir em sua

voz que não adianta discutir. — É por causa daquela mulher que me mandou o convite ou por causa de Chicago?

— Nem uma coisa, nem outra. As duas. — Nero suspira. — É assim que vai ser de agora em diante. Mas você vai se acostumar e quando isso acontecer, nem vai mais notá-los.

O conceito me parece estranho, mais uma vez como um filme, mas ele me avisou desde o início que estar com ele seria perigoso. Acho que é apenas parte disso.

— Tudo bem — aceito.

— Tudo bem — Nero repete.

Fico me perguntando como vou passar o tempo.

— Vai ser estranho não fazer nada. Trabalho desde os quatorze anos.

Nero grunhe.

— Vou providenciar cartões de crédito em seu nome, mas qualquer coisa que você precisar, é só me dizer.

Mordo o lábio. Morar aqui é uma coisa. Receber um cartão de crédito, com um limite que tenho certeza de que nem consigo imaginar... é outra totalmente diferente.

Nero me dá um tapa na bunda e rola para longe de mim para sair da cama.

— Tenho certeza de que você vai se manter ocupada.

Eu o sigo para fora da cama, pensando no que vou fazer o dia todo enquanto ele estiver fora.

— Vou precisar alimentá-los?

— Quem?

— Os seguranças — esclareço.

— Não. Você simplesmente os ignora.

Franzo a testa, mas seguro a mão que Nero me oferece.

— Parece rude.

— Eles estão aqui para trabalhar, não para baixar a guarda para comer sanduíches. — Ele abre a porta, me conduzindo para fora do quarto. — E eles

vão ficar do lado de fora.

— O dia todo? — Estamos nos aproximando do inverno, deixá-los ao relento parece mais rude do que ignorá-los.

— Confie em mim, menina linda, fazer a ronda no quintal é o melhor emprego que já tiveram. Pago mais do que as empresas de mercenários de onde a maioria deles veio, e não há terroristas tentando explodi-los todos os dias.

— Esse é um bom ponto — admito. — Mas eles não sentem frio? — Não posso deixar de perguntar, mesmo quando meus olhos vagueiam pela casa.

Tenho quase certeza de que esta é uma escadaria diferente daquela que usamos na noite passada.

— Vou te levar para conhecer a propriedade quando voltar, assim você pode ver que eles têm uma casa completa, do outro lado da garagem, com bastante aquecimento e comida.

— Sério? — Olho para ele antes de me concentrar nos degraus.

— A maioria dos lugares com segurança vinte e quatro horas tem. O número vai mudar quando precisarmos aumentar o turno, como agora, mas sempre há pelo menos quatro caras trabalhando em turnos e escalas de dez dias. Então, é mais fácil e seguro para eles morarem aqui. — Ele me puxa para uma parada quando chegamos ao piso inferior. — E se você precisar deles, é só abrir uma porta e gritar. O trabalho mais importante deles agora é te proteger, e eles sabem disso. — Ele usa a mão livre para erguer meu queixo. — Entendeu?

— Entendi.

Nero pressiona seus lábios nos meus. Apenas uma vez. Mas estou quase ofegante quando ele se afasta.

— Agora, a sua surpresa.

Pisco. Tinha me esquecido completamente da surpresa.

— O quê...?

Ouço um tilintar. Um pequeno tilintar metálico em algum lugar da casa. E meu coração para.

Nero assobia e o tilintar fica mais alto. Acompanhado pelo som

inconfundível de patas de cachorro em pisos duros.

— Você não fez isso, não é? — Suspiro, e meus olhos já estão se enchendo de lágrimas antes que a criatura mais linda do mundo apareça.

— Ah, meu Deus, Nero — eu me ajoelho. — Você não fez isso.

Os grandes olhos castanhos do cachorro se alternam entre mim e Nero quando ele se aproxima. Ele é coberto por um pelo marrom-claro e tem as patinhas brancas mais fofas. É de porte médio e sua magreza o faz parecer um pouco menor do que realmente é.

— Oi, garotinho. Ou garotinha — sussurro, estendendo uma das mãos para que ele cheire.

— É *ele*.

Seu rabo, coberto pelo mesmo pelo marrom, dá uma sacudida hesitante, e eu quase ofego com um soluço.

— Qual é o nome dele? — Não consigo parar de sussurrar, preocupada de que falar muito alto o assuste.

— Ele não tem. — Nero se agacha ao meu lado. — Mas estava pensando que ele tem cara de Toto.

Respiro fundo enquanto assinto.

— Tem — eu rio e choro. — Se Toto estivesse em pernas de pau.

— Se você não gostar dele...

Viro a cabeça para olhar Nero com um olhar indignado. Embora a seriedade certamente esteja suavizada enquanto minhas emoções continuam a refletir em meu rosto.

— Eu amei.

O rosto de Nero se ilumina em um daqueles sorrisos fofos.

— É mesmo?

Um focinho úmido cutuca minha mão, e eu viro a cabeça para olhar para Toto.

— Sim.

— Você o ama tanto quanto me ama?

O cachorro abre caminho entre nós, dando voltas ao meu redor e abanando o rabo vigorosamente, seu corpo ágil se curvando a cada movimento.

Eu sorrio.

— Mais.

69

Nero

MEUS OLHOS PERMANECEM firmes na bunda de Payton enquanto ela se inclina na porta dos fundos do pátio.

— Toto! Venha cá, garoto! — ela chama.

Desistindo de olhá-la, eu me movo para ficar ao lado dela e olho pelas portas francesas.

— Não é que eu esteja reclamando, mas o que você está fazendo?

Payton se assusta.

— Ah! — Ela se endireita e coloca as mãos no peito. — Eu não te ouvi chegar.

— Claro que não. Você estava ocupada demais balançando essa bunda gostosa.

Ela revira os olhos para mim e bate palmas quando o vira-lata vem correndo em direção à porta.

Depois de convencer Toto a entrar no meu carro ontem à noite, eu o levei até a casa King e pedi que seu veterinário examinasse o cachorro. King sempre teve cães e cuida bem deles, então em vez de procurar um veterinário, usei o dele.

Eu precisava ter certeza de que este cachorro estava saudável e não tinha chip indicando que ele pertencia a outra pessoa antes de entregá-lo a Payton. Porque, se eu desse um cachorro a ela que morresse no dia seguinte, ela provavelmente me mataria. E se ela descobrisse que alguma família estava sentindo falta dele, é claro que ela ia querer fazer a coisa certa e devolvê-lo. O que partiria seu coração, e eu teria que me punir.

Mas além de estar sujo e com fome, o veterinário disse que Toto estava bem. Ele deve ter três ou quatro anos. E provavelmente pertenceu a alguém em algum momento, já que é educado e conhece comandos básicos, mas seu corpo

malnutrido, unhas rachadas e pelos emaranhados sugeriam que ele estava sozinho há um tempo.

Felizmente, King também chamou sua tosadora para limpar o cachorro, tanto que mal o reconheci quando ele veio pelo corredor em nossa direção.

Tive um momento de dúvida, pensando que talvez Payton quisesse escolher o próprio cachorro, mas suas lágrimas e declaração de amor deixaram óbvio que fiz a coisa certa. E quando contei a ela como Aspen e eu o encontramos revirando o lixo, Payton começou a chorar de novo. E me apaixonei ainda mais por ela.

Nunca pensei muito em me casar. Realmente não queria uma esposa, mas imaginei que acabaria tendo uma. E nas poucas vezes que pensei nisso, sempre presumi que seria com uma mulher durona. Alguém que raramente sorria e que estivesse nisso pelo dinheiro e status. Alguém que não derramaria lágrimas por nada além de manipulação egoísta.

Eu não poderia estar mais distante da realidade. Porque não fui feito para ninguém *além* de Payton.

Esta mulher que mostra seu coração sem rodeios.

Que se preocupa se seguranças vão passar fome ou frio.

Que demonstrou mais emoção nas últimas vinte e quatro horas do que eu mostrei nos últimos vinte e quatro anos.

Ela não suaviza minhas arestas. Ela se encaixa nelas.

A maciez para a minha dureza.

Minha melhor metade, em todos os sentidos.

Recuamos quando o cachorro derrapa na soleira e Payton pega um petisco do novo recipiente que decora a ilha da cozinha.

Foi um presente de King, junto com uma cama para o cachorro, coleira, guias, brinquedos e um exemplar de *Cães para Leigos*, que tenho certeza de que era para ser uma piada para mim e não para Payton.

— Você me disse para não sair — Payton continua nossa conversa, e levo um segundo para me lembrar do que estávamos falando.

Sua bela bunda inclinada na porta.

— Não era exatamente isso — murmuro, mas deixo passar. Também não quero que ela fique parada em portas abertas, mas fui eu quem deu um cachorro que vai precisar fazer xixi no quintal várias vezes ao dia. — O que você acha de jantar e um filme?

Payton morde o lábio e olha para Toto, que agora está deitado de lado no chão frio, ofegando por sua recente aventura ao ar livre.

Percebendo sua relutância, eu explico.

— Não vamos sair de casa.

***

— Nossa! — Payton passa a mão pelo encosto do grande sofá de couro. — Achei que íamos assistir a um filme na sala de estar.

Aperto um botão e as cortinas que cobrem a parede da frente se abrem para revelar uma grande tela, fazendo Payton ofegar.

Infelizmente, tive que passar a maior parte do dia em meu escritório, preparando as coisas para minha viagem não planejada a Chicago. As coisas da Aliança são fáceis, porque sou o chefe, não importa onde eu esteja, mas houve algumas reuniões da empresa de segurança que tive que remarcar. Contratei pessoas competentes para preencher cada função, então não preciso passar muito tempo no escritório, mas é claro que justamente essa semana eu precisaria estar lá. O que significa que não pude levar Payton para conhecer a casa como prometi. E poderia ter sido prático fazer isso hoje à noite, mas comer macarrão entregue em casa e depois assistir a um filme com ela grudada ao meu lado parecia uma ideia melhor.

— Isto é bastante impressionante. — Payton para do outro lado da sala, observando as fileiras de sofás e grandes poltronas reclináveis.

— Você pode vir assistir a filmes aqui quando quiser.

— Eu não saberia ligar nada. — Ela olha para o projetor no teto.

— Se eu não estiver em casa, tudo o que você precisa fazer é me ligar e eu te ajudo. Assim como qualquer outra coisa na casa que você precise de ajuda. A não ser a máquina de café expresso.

Ela sorri.

— Que tal eu te ensinar a usar a máquina quando você me ensinar a usar isso?

— Combinado. — Vejo outra pergunta se formar. — O que foi?

— Tem algum lugar que você não queira que eu vá?

— Na casa? — Ela assente, mas já estou balançando a cabeça. Percebo que ela está perguntando por que não quer ultrapassar os limites, não porque pretende me desafiar. — Pode ir aonde quiser. Abra as gavetas, use o que encontrar. O único lugar onde você não pode ir é ao arsenal, mas é porque está trancado.

— Tem um arsenal?

— Mais de um — respondo. — Rocco, meu homem de confiança, é o único, além de mim, que tem acesso. Mas vou adicionar seus dados biométricos ao sistema depois que você estiver treinada.

— Treinada? — Sua voz fica mais aguda e sei que a estou sobrecarregando.

— Sim, treinada. — Diminuo a distância entre nós e coloco a mão em sua bochecha. — Eu sou sua arma. Se precisar assustar alguém, diga que você é minha. — Passo o polegar em sua pele macia. — Vou te manter segura, Payton. — Beijo sua testa. — Mas você ainda vai aprender a atirar.

Payton solta um suspiro e me dá um pequeno aceno.

— E aposto que você vai ser uma excelente atiradora.

Ela solta uma risada enquanto eu consigo aliviar o clima.

— Acho que vou aprender todo tipo de coisas novas.

— Vai mesmo. E por falar em novidades, tem um telefone novo e laptop para você em nosso quarto.

— Mas eu já tenho um telefone.

— Baby, seu telefone era uma porcaria. — Ela fica boquiaberta com meu insulto, mas sabe que estou certo. — Se quiser manter o número antigo, eu troco. Mas já transferi seus dados para o novo, então está tudo configurado e pronto para funcionar. O mesmo com o laptop.

— Você... — ela se interrompe e suspira. — Eu ia dizer que não precisava fazer isso, mas você já fez. Então, obrigada. — Payton me dá aquele sorriso suave de apreciação que aquece meu interior.

— De nada — digo a ela. — E amanhã, ao meio-dia, você tem uma reunião virtual com um designer de interiores.

Seu sorriso desaparece.

— O quê?

— Pode instalar seu laptop no quarto, na cozinha ou onde preferir. Mas também mandei trazer outra mesa para o meu escritório. Podemos compartilhá-lo até que você tenha o seu. Ou podemos expandir aquele e compartilhá-lo.

— O que... compartilhar? — Ela pisca como se isso fosse ajudá-la a entender. — Por que eu tenho que me encontrar com um designer?

— Porque você precisa reformar este lugar.

— Eu não... Nero, isso é... — Ela olha ao redor da sala de cinema extravagante. — Isso é ridículo.

— Não é. — Seguro seu cotovelo, guiando-a para um dos sofás macios. — Eu não construí esta casa, eu a comprei. Contratei um decorador para mobiliá-la. Não sou apegado a nada disso.

— Mas eu gosto — ela insiste enquanto se senta no sofá.

Balanço a cabeça, seguindo-a.

— Comece pelo quarto.

— Mas...

— Desculpe, querida, você não vai vencer essa. — Eu a puxo para o meu lado. — O quarto tem a minha cara. Não a nossa. — Beijo sua testa. — Precisa do seu toque.

70

Payton

O RONCO SUAVE de Toto é o pano de fundo perfeito para o fim de um dia espetacular.

Tenho a sensação de que vai haver muitos dias espetaculares daqui para frente.

Passar o tempo com Toto, nos conhecendo, foi melhor do que eu jamais poderia imaginar. Claro, mesmo nos meus devaneios, eu ainda estava vivendo em uma casa pequena e antiquada, não morando em uma mansão, com um chefe da máfia.

Meu chefe da máfia.

Me aconchego ainda mais ao lado de Nero, relaxando enquanto a cena familiar de Dorothy adormecendo em um campo de papoulas se desenrola na tela.

O braço em volta dos meus ombros se aperta e Nero grunhe:

— É isso.

Levanto a cabeça com suas palavras roucas.

— O quê?

Ele já está se desvencilhando de mim.

— Não consigo mais esperar.

— Esperar pelo quê?

Nero não responde, apenas se levanta do sofá e se ajoelha na minha frente.

— Venha aqui.

Não tenho tempo de obedecer, pois ele me segura pelos quadris e me puxa até que minha bunda esteja na beira do sofá. Abro as pernas para que ele fique no meio delas.

— Está tudo bem? — Humor e desejo enchem minha voz, porque ele parece um homem com um propósito.

— Vou ficar bem quando te provar.

Ele passa o braço em volta da minha cintura, me puxando para mais perto. Até que nossos corpos colidam e sua boca se choque contra a minha.

O calor explode em meu centro quando Nero se ajusta. Sua língua exige entrada enquanto seu pau duro roça a costura da legging.

Meus quadris se movem, seguindo a pressão à medida que abro os lábios para permitir que sua língua toque a minha.

Gememos ao mesmo tempo e as vibrações se entrelaçam, nos aprisionando em uma gaiola de desejo.

Meus seios parecem pesados. Doloridos. E quero arrancar o sutiã. Preciso que as roupas desapareçam para que eu possa sentir os pelos de seu peito nos meus mamilos.

Só de pensar nisso, sinto um arrepio da coluna até os dedos dos pés.

Nero passa os dedos pelas minhas costas até se engancharem no topo da minha legging.

— Levante — ele exige, interrompendo o beijo por tempo suficiente para pronunciar uma palavra.

E então seus dedos começam a puxar.

Uso seu corpo para firmar o meu enquanto levanto a bunda, e ele puxa a calça pelos meus quadris, deixando só a calcinha.

Demora um pouco, mas ele a tira e a joga de lado. Então alcança a bainha da camiseta, puxando-a sobre minha cabeça.

Seus olhos encontram os meus.

— Fale de novo.

— Hum... — Estou ofegante. Não me lembro do que estávamos falando. Estávamos conversando sobre algo?

Nero empurra as alças do sutiã dos meus ombros, puxando-o para baixo.

Meus seios estão expostos e a fina camada da calcinha é a única coisa que resta para me cobrir. E já está encharcada.

— Diga que me ama. — Ele se inclina para frente, levando um dos

mamilos à boca.

Caramba, eu o amo.

Ele mordisca meu mamilo, me fazendo gritar.

— Diga, menina linda. — Ele lambe o outro.

— Nero! — Cravo os dedos em seu cabelo, precisando de algo para segurar enquanto ele o suga. — Eu te amo. — Desço as mãos até que estejam emoldurando seu rosto. Sinto os músculos de sua mandíbula se moverem sob minhas mãos enquanto ele chupa. — Eu te amo muito.

Com um grunhido, Nero libera meu mamilo para me beijar.

Seus lábios são exigentes, e eu me submeto feliz.

— Deite-se. — Ele pega uma almofada do outro lado do sofá e a coloca nas minhas costas. Então, quando ele pressiona meu peito, me recosto nela, com a cabeça apoiada no encosto.

Estou muito exposta. O pequeno pedaço de tecido entre minhas pernas e o sutiã em volta da minha cintura deveriam parecer ridículos, mas em vez disso, me sinto sexy. E desejada.

Nero passa as mãos grandes pelas laterais do meu corpo, quadris e pernas... até que ele esteja de joelhos, me admirando.

— Tão perfeita.

Tento me sentar, querendo tocá-lo de volta, mas ele pressiona a mão na minha barriga, me empurrando para baixo.

Nero me encara com olhos flamejantes.

— Fique quieta.

Ele leva as mãos até os botões da camisa, e me esqueço de respirar.

Este homem! Este homem que eu amo, que tem minha vida nas mãos, é admirável.

Enquanto ele tira a camisa, os ombros se movem e os músculos, tensionam. Decido que da próxima vez que estivermos juntos, vou beijar cada uma de suas cicatrizes. Vou memorizá-las e aprender suas histórias. Vou suavizar as lembranças com meus lábios.

Em vez de desabotoar a calça como eu esperava, Nero se inclina para baixo.

Caramba.

Eu me endireito de novo.

— O que você está fazendo?

Ele pressiona a mão entre meus seios, me empurrando de volta para baixo.

— Você sabe o que estou fazendo, Payton. Eu disse que queria te provar. — Ele coloca uma mão na minha coxa para me manter aberta, então desliza a outra sobre minha barriga até pressioná-la em meu monte. — Deveria ter feito isso da primeira vez. — Ele umedece o lábio inferior enquanto passa o dedo médio na minha boceta. — Deveria ter feito isso com seu sangue de virgem escorrendo do meu queixo.

— E-eu nunca...

A não ser por ontem à noite, quando ele lambeu seu ânus, uma vozinha me lembra, e meu interior se agita com a memória.

Nero passa os dedos na borda da calcinha, puxando-a para o lado e expondo minha umidade.

— Isso é bom. — Sua testa desce para o ponto macio logo acima da minha boceta. — Você é uma garota muito boa. — Observo suas costas se expandirem enquanto ele inspira profundamente, gemendo ao soltar o ar. — Tão linda. — Ele move minhas pernas até que as coxas estejam sobre seus ombros. — E vou chupar essa boceta linda até você me implorar para te comer.

Estou tão nervosa e excitada que meu corpo inteiro parece vibrar.

— Por favor! — Já estou implorando, e ele nem começou. — Por favor, quero que você me co... — Meu apelo se transforma em um gemido estrangulado quando sua língua lambe meu clitóris.

Ele não começou de forma gentil.

Não houve provocação.

Apenas me devorou.

Nero crava os dedos na pele macia das minhas coxas, seu aperto se

intensifica, me segurando com firmeza contra seu rosto enquanto meu corpo se contorce.

Então suas lambidas ficam mais longas. Sua língua pressiona com mais força. Passando da minha entrada até o feixe de nervos que pulsa.

É muito melhor do que eu imaginava. Muito bom. Tão íntimo. Tão sacana.

Um dedo me penetra, fazendo meus braços se estenderem. Meus dedos torcem as pontas de seu cabelo, e eu seguro com firmeza.

— Nero!

Minha pele parece tensa demais.

Seu dedo desliza para fora, e eu olho para baixo enquanto ele endireita a língua e faz o possível para dentro de mim.

— Ah, nossa!

Ele ergue os olhos, encontrando os meus, e não posso esperar mais. Não aguento mais.

— Por favor, Nero — eu ofego. — Por favor, me coma!

Em vez de parar, ele prende a boca sobre minha boceta e chupa meu clitóris. A pressão envia raios através do meu núcleo.

Ele afasta as mãos e posso ver seus ombros se movendo, acompanhados pelo som de um zíper baixando.

Estou tão perto de gozar. Meu orgasmo está logo ali.

— Depressa! — imploro.

Nero afasta a boca de mim e move o corpo para cobrir o meu.

— Você quer gozar neste pau, baby?

— S-sim!

Ele abre a boca, mas em vez de dizer qualquer coisa, ele geme alto enquanto move os quadris para frente.

Seu pau me estica, e meu corpo só espera até que ele esteja na metade do caminho para que ondas de prazer me atinjam.

Contraio a boceta ao redor de seu pau, e ele coloca a mão entre nós, acariciando meu clitóris à medida que grito. E ele me penetra por inteiro.

71

Nero

TER A BOCETA escorregadia de Payton pulsando em volta do meu pau enquanto ela goza é a melhor visão que tive.

Estou o mais fundo que posso ir.

Mantendo a mão em seu clitóris, apoio a outra em seu ombro, puxando-a para meu pau enquanto movo os quadris. Me acomodando ainda mais fundo.

— Isso mesmo. — Sua boceta me aperta. — Isso mesmo, baby. Goze em mim. Cubra meu pau com sua doce umidade.

Meu polegar e indicador acariciam seu clitóris.

— É demais! — Payton geme, mas suas costas estão arqueadas, procurando por mais.

— Não é o suficiente, baby. — Eu me inclino e a beijo. Seu gosto se mistura entre nós. — Nunca é o suficiente.

Ela está tremendo.

— Eu já...

Afasto os quadris e os empurro lentamente para frente.

— Você já o quê?

Ela pisca para mim. Os olhos se arregalam a cada estocada.

— Diga. — Empurro os quadris para frente com mais força desta vez.

Payton umedece os lábios e minhas bolas se contraem.

— J-já gozei.

Ouvir a palavra *gozar* em sua voz ofegante é quase o suficiente para que eu faça o mesmo.

— Você vai gozar de novo. — Solto meu aperto sobre ela para que possa tirar a calça.

Demora um pouco, mas consigo liberar uma perna sem sair do calor de Payton.

— Não posso — ela diz.

Mas sei que não é verdade.

Sei que ela está perto de novo.

Levanto a perna livre para que meu pé fique apoiado no chão. Então a puxo para mais perto da borda do sofá.

Um gemido me escapa.

— Puta merda, Payton. — Eu a seguro firme, movendo os quadris para frente. — Você é tão gostosa.

Ela arranha meus ombros e eu caio para frente.

Com os braços de Payton em volta do meu pescoço e suas pernas em minhas costas, inspiro o cheiro dela e forço meus quadris a desacelerarem. Para prolongar nosso prazer.

— Você está molhada pra cacete, baby. Sua boceta está encharcada para mim.

Payton geme, movendo os quadris para cima, e sei do que ela precisa.

— Você quer meus dedos em você de novo? É disso que você precisa, baby? Você precisa gozar?

Payton assente, seu gemido é doce e suplicante.

— Tudo bem, menina linda. — Deslizo uma mão entre nós, com a respiração fora de controle. — Vou te fazer gozar. — Acaricio seu clitóris com os dedos escorregadios pela sua umidade. Cada vez mais rápido. Cada vez mais forte. — Quero sentir isso — grunho. Meu orgasmo também está perto. — Quero sentir seu gozo saindo de você. — Lambo sua têmpora. A memória de suas lágrimas dança em minha língua. — Agora, baby. — Invisto contra ela e, em seguida, saio quase por completo. — Goze para mim agora.

Obediente, Payton contrai a boceta, me segurando enquanto inclina o pescoço para trás em um grito.

E a sensação de tudo isso... a visão de tudo... a ideia de que da próxima vez que eu gozar vai ser enterrado naquela garganta bonita... é o que me leva ao limite.

Meus músculos se contraem e, mantendo apenas a cabeça dentro de sua boceta, meu pau começa a jorrar esperma.

Depois de três impulsos, empurro os quadris para frente. Levando meu gozo para dentro dela. Sinto meu pau pulsar um pouco mais.

— Puta merda — eu grunho contra seu pescoço. — Caramba, mulher. Isso... — paro, tentando recuperar o fôlego.

— Foi intenso. — Posso ouvir o riso na voz de Payton e meus lábios se contraem em uma expressão correspondente.

— Isso deveria ter sido lento e delicado — resmungo na lateral de sua cabeça. — Eu estava planejando ser gentil.

Payton ri e seus seios saltam contra meu peito.

— Eu não te amo porque você é gentil.

Eu me afasto para olhá-la.

— Por que você me ama?

— Porque você é meu.

Os sentimentos inundam meu peito... puta merda.

Tenho que engolir em seco.

Tenho que fazer isso mais uma vez.

Não há um único momento em minha vida em que eu tenha sentido lágrimas de felicidade. Eu já ouvi falar sobre elas. Já vi em filmes, li em livros, mas sempre me pareceu um absurdo.

Mas não é.

Lágrimas foram arrancadas do meu corpo através da dor, medo e raiva. Mas não desde que eu era criança. Não desde que eu era vulnerável. Não desde que me tornei quem sou hoje.

Payton estende a mão e, com gentileza, passa o polegar sob meu olho.

Observo, fascinado, a umidade nele. Uma pequena gota do meu coração bem ali, para nós dois vermos.

Não estou envergonhado. Payton me reivindicou. Ela me reivindicou como eu a reivindiquei. Então, agora somos um. E nunca mostrarei qualquer

dúvida ou constrangimento sobre meus sentimentos por ela.

Ela levanta o polegar e eu a encaro, prendendo a respiração enquanto ela o leva para os lábios. Sua língua sai para lamber a lágrima.

Sinto vontade de chorar de novo, pela beleza do ato e certeza dos meus sentimentos.

Então ela sorri com o dedo na boca.

— Posso ver por que você gosta disso.

Sua voz é leve. Feliz. Cheia de amor.

E é tudo para mim.

72

Payton

UM SINAL SONORO baixo me traz para a consciência e para.

— Desculpe — Nero sussurra, dando um beijo no meu cabelo. — Volte a dormir.

Deslizo a mão que está repousando em seu peito para o lado dele, e o aperto em um abraço parcial. — Só mais um minuto.

Seu peito ressoa sob minha orelha.

— Você deixou de ser uma pessoa matinal bem rápido.

De olhos fechados, sorrio com sua provocação.

— Nunca fui uma pessoa matinal.

Uma mão grande faz círculos nas minhas costas.

— Então por que você estava trabalhando em um lugar como o Twin’s?

— Não sei se é a hora ou outra coisa, mas os locais de café da manhã parecem ter menos assédio de clientes. — Eu bocejo. — Ou talvez seja apenas o fato de que eles não estão bêbados. Mas nas poucas vezes que trabalhei em bares, não foi divertido.

O suspiro de Nero passa por entre meu cabelo.

— Sinto muito por ter perguntado.

Tento olhá-lo, mas ele move a mão para o lado da minha cabeça, me mantendo no lugar.

— Não foi tão ruim. — Eu me acomodo em seu peito.

— Nunca mais alguém vai te tocar. Se tentarem, vão morrer.

Provavelmente, eu não deveria sorrir com essas palavras, especialmente porque sei que ele está falando sério, mas não consigo evitar.

— Volte a dormir.

Algo bate na parte de trás da minha perna, seguido por um tilintar metálico enquanto Toto sacode a cabeça.

O peito de Nero se move, e sei que ele está arqueando o pescoço para olhar para o cachorro que, aparentemente, se enfiou na cama na noite passada.

— Pequeno folgado. — Seu tom não contém nenhuma censura real, então ele se acomoda de volta no travesseiro.

— Você tem que se levantar?

— Sim. Só me deixe te abraçar um pouco mais.

— Está bem. — Fecho os olhos e deixo o calor e o cheiro de Nero me embalarem de volta ao sono. — Vou sentir saudade.

— Eu também. — É a última coisa que ouço antes de adormecer.

***

Algo frio pressiona minha bochecha.

Tateio, fechando ainda mais os olhos para evitar a luz brilhante que enche o quarto.

Uma língua lambe minha mão.

— Que nojo! — Eu rio, olhando para o rosto peludo de Toto pairando sobre mim.

Sua boca está aberta e parece que ele está sorrindo para mim.

— Bom dia, amigão. — Ele bate a cabeça na minha mão. — Quer carinho? — pergunto enquanto uso as pontas dos dedos para coçar o ponto atrás das orelhas do cachorro.

Toto inclina todo o seu peso em meu toque e a gratidão por Nero preenche todo o meu ser.

Eu realmente amo aquele homem louco.

O sentimento é rapidamente seguido pela necessidade de fazer xixi.

Enquanto me movo lentamente, aprecio a dor entre minhas pernas.

Toto me segue até o banheiro, farejando tudo enquanto eu me alivio.

— Vou te levar para fora em um minuto — digo, pois não quero que ele faça xixi no chão.

O cachorro abana o rabo ao ouvir minha voz, mas continua explorando.

Termino e vou até a pia rapidamente.

Uma folha de papel me chama a atenção enquanto lavo as mãos.

É um bilhete do Nero, claro. E é exatamente como eu esperaria que sua caligrafia fosse.

Bom dia, menina linda.

Devo ficar fora por algumas noites, mas volto para casa assim que puder.

O Robert está lá embaixo. Ele é sua sombra e estará na casa. Pode confiar nele enquanto eu estiver fora.

Não mime muito o Toto. E não tire esse colar.

Até que meu nome esteja tatuado em sua pele, ele deve permanecer onde está.

E não esqueça da sua reunião com o decorador. Comece pelo quarto.

Te amo.

N.

Sinto um nó no estômago e levo a mão ao pescoço. Meus dedos encontram um pequeno pingente.

Desviando o foco do papel, olho para o meu reflexo no espelho.

Olhos sonolentos.

Cabelo bagunçado.

Regata amassada.

E um colar dourado no pescoço.

Acaricio a superfície do pingente, sentindo as saliências em relevo.

Não posso acreditar que dormi enquanto ele colocava isso em mim. Mas, por outro lado, no ramo dele, as pessoas devem aprender a ser bem sorrateiras.

Me inclino para o espelho e levo um momento para reconhecer o que estou olhando. O pingente de ouro é circular. Metade é um coração anatomicamente correto e a outra, uma rosa. As duas metades se fundem perfeitamente. Pressiono

a mão sobre o metal, deixando minha pele aquecê-lo.

Ele é meu coração. Eu sou sua rosa.

Toto late e isso me faz pular.

— Tudo bem, tudo bem, estou indo.

Me movo o mais rápido que posso para escovar os dentes e vestir algo confortável. Nero disse que posso confiar em Robert, mas isso não significa que não tenha medo de ficar sozinha com outro homem.

***

Nero*: Pousei. Te ligo hoje à noite.*

***

Nero*: Bom dia, baby.*

Payton*: Bom dia. Espero que tenha dormido bem.*

Nero*: Você não está aqui. Então é impossível.*

Payton*: Também estou com saudade.*

***

Nero*: Me envie uma foto do seu café da manhã.*

Payton*: Bom dia para você também. (Foto de café e um bagel.)*

Nero*: Boa menina.*

Payton*: Quer uma foto do café da manhã do Toto também?*

Nero*: Vou passar essa. Só queria ter certeza de que você estava comendo. Não tenho dúvidas de que o cachorro está recebendo comida suficiente.*

Payton*: (Foto do Toto ao lado do prato, com restos de comida espalhados pelo chão.) Você não está errado.*

***

***Nero**: Eu deveria ter te trazido comigo.*

***Payton**: Isso significa que você não vai voltar para casa hoje?*

***Nero**: Não. Me desculpe. Isso virou uma confusão terrível.*

***Payton**: Faça o que precisa fazer e não se preocupe com a gente. Estaremos bem aqui.*

***Nero**: Eu te amo.*

***Payton**: Que bom.*

***Nero**: Payton…*

***Payton**: Eu te amo mais.*

***Nero**: Payton…*

***Payton**: Caramba, está bem, eu te amo exatamente do mesmo jeito.*

***

***Payton**: Toto acabou de rolar!*

***Nero**: De propósito?*

***Payton**: Sim, de propósito. Fiz uma piada, e ele simplesmente rolou! Alguém deve ter ensinado alguns truques para ele.*

***Nero**: Sabia que ele era inteligente.*

***Payton**: Você acha que tem alguém procurando por ele? Não acho que conseguiria me separar dele se…*

***Nero**: Ninguém vai tirar esse cachorro de você.*

***Nero**: Se ele pertencia a alguém, a pessoa perdeu esse privilégio quando o abandonou nas ruas.*

***Nero**: Nunca vou deixar ninguém levá-lo.*

***Payton**: Eu te amo.*

***

***Nero**: Da próxima vez, você vem junto.*

***Payton**: Toto vai poder ir também? É permitida a permanência de*

cachorros no prédio?

***Nero**: Sou o dono do prédio. Então, sim, Toto pode vir. Espero que ele não se importe com a viagem de avião.*

***Payton**: Podemos fazer nosso primeiro voo juntos. Será um momento de união mãe-filho.*

***Nero**: Vou te ensinar a pilotar.*

***Payton**: Ah… não, obrigada.*

***Nero**: Não é negociável.*

***Payton**: Você quer que eu seja uma piloto atiradora?*

***Nero**: Quero você viva.*

***Payton**: Que tal começarmos com você me ensinando a dirigir?*

***Nero**: Considere feito.*

***

Toto solta sua bola de tênis azul, depois dá quatro voltas e se deita sobre o tapete.

— Pelo menos, um de nós está cansado — resmungo, me jogando de volta no sofá.

Eu não deveria estar entediada. Esta casa é enorme e tem tudo o que eu poderia querer, mas já faz uma semana que Nero partiu e só consigo assistir a uma certa quantidade de filmes sozinha.

Não estou acostumada com tanto tempo livre. Mesmo com a assinatura de e-books que ele configurou no meu telefone, todos os serviços de streaming no laptop e respondendo constantemente a e-mails sobre cores e padrões do decorador, ainda estou entediada. Nem consigo me lembrar da última vez em que não estava trabalhando em tempo integral, ou mais do que isso. Mesmo antes dos dezoito anos, trabalhava em dois empregos de meio período. Olhando para trás, é um milagre que eu tenha conseguido me formar no ensino médio.

Me formar...

Mordo o lábio, me perguntando se Nero aceitaria que eu fosse para a faculdade.

Essa é uma pergunta estúpida. Claro que ele aceitaria. Ele provavelmente pagaria para me admitirem em alguma faculdade da Ivy League se eu pedisse. Mas não é o que eu quero. Uma faculdade comunitária seria boa, eu acho. Ou talvez aulas on-line se tivermos que nos preocupar com segurança.

Mordo o lábio novamente.

O que eu estudaria?

Minha mente gira, mas não consigo encontrar uma resposta. Nem fazer uma lista de opções. Eu nem sei quais são meus interesses.

Cães?

Balanço a cabeça, feliz por ninguém poder ler meus pensamentos.

Payton, o que você quer estudar na faculdade? Humm, não sei, cachorros?

Me viro para o lado e olho para Toto.

Não quero ser veterinária. Não tenho estômago para isso.

Com toda a honestidade, Nero provavelmente vai me encorajar a estudar, mas não acho que ele me deixaria trabalhar.

Falando em ouvir pensamentos, minha professora de Estudos Femininos do ensino médio estaria riscando todas as *notas dez* das minhas antigas tarefas se ouvisse isso.

Mas não me importo.

É bom ser provida.

É bom ser cuidada.

É bom relaxar de verdade pela primeira vez na vida.

Bato os dedos no sofá.

Então, se não preciso do dinheiro e não vou usar o diploma para um emprego em tempo integral, o que me sobra?

Toto mexe as patinhas, e percebo que já está sonhando.

E se... mordo o lábio novamente.

E se eu pudesse fazer algum tipo de trabalho voluntário? O que quer que isso signifique.

— Por que é tão difícil? — reclamo em voz alta.

— O que há de errado? — A voz de Robert faz com que eu me sobressalte, o que desencadeia um ataque de latidos em Toto, que acordou.

Luto para me sentar. Toto corre pela sala procurando o perigo. E Robert está parado na entrada, parecendo achar graça.

Coloco a mão no peito.

— Você me assustou.

— E o seu cachorrinho também.

Reviro os olhos para o que se tornou sua frase favorita.

Decidindo que a ameaça foi neutralizada, Toto escolhe um novo local no tapete, dá algumas voltas e então se deita.

— O que te faz pensar tanto? — Robert pergunta enquanto se senta em uma cadeira do outro lado da sala.

Ele tem trinta e poucos anos, parece uma mistura entre um fuzileiro naval e urso pardo, e depois da primeira tarde juntos, quando percebemos que ele é tão desajeitado com as mulheres quanto eu sou com os homens, toda a estranheza foi embora.

Ele é legal, mas leva seu trabalho muito a sério, então, mesmo que eu adorasse passar o dia conversando, sei que ele só se permite sentar por cinco minutos, depois é hora de voltar à patrulha.

— Só estou tentando descobrir o que fazer da vida. — Faço uma careta assim que as palavras saem da minha boca, percebendo o quanto soa idiota.

Robert levanta uma sobrancelha.

— Um homem bonito, rico e superprotetor não é o suficiente?

Olho para ele com o canto do olho.

— Ele é meu.

Robert ri.

— Aterrorizante não está na minha lista de atributos para um marido dos

sonhos.

— O Nero não é aterrorizante.

— Ah, claro. Como você quiser.

— O que você queria ser quando crescesse? Sempre foi... militar? Ou seja lá como se chama essa profissão? — Provavelmente é uma pergunta pessoal demais, mas estou faminta por conversa.

— Na maior parte do tempo. Acho que assisti muito *Comandos em Ação*. — Ele dá de ombros. — E você? Deve ter havido algo que você quisesse fazer.

— Claro. Mas acho que as chances de me tornar bailarina profissional são muito pequenas neste ponto. — Meus sonhos extravagantes pararam quando fiz nove anos. Depois disso, só sonhava em sair de casa. Não havia ilusões de que eu me tornaria algo grandioso.

Lendo meu humor, Robert se levanta da cadeira.

— Bem, crises existenciais parece coisa de melhores amigos, então vou voltar ao trabalho.

Meu sorriso é vacilante, e assim que Robert sai da sala, o deixo morrer.

Pena que não tenho um melhor amigo.

Toto ronca alto.

— Desculpe, amigo, você não conta.

Olho para a parede e decido que tenho um melhor amigo. Nero.

Pego o telefone no bolso, querendo me sentir conectada.

Mas então hesito.

O que realmente quero é que ele volte para casa. E para isso, ele precisa terminar o que está fazendo lá. Se eu o estiver incomodando toda vez que quiser conversar, ele vai demorar muito mais.

Mas quero conversar com alguém.

— Tem certeza de que não consegue falar? — pergunto a Toto.

Ele não responde.

Suspiro e abro a lista de contatos no meu novo telefone.

Como prometido, Nero transferiu todas as minhas informações do telefone

antigo. Não que houvesse muita coisa.

Meus contatos são quase todos colegas de trabalho e meus chefes, especificamente para quando ficava doente e precisava ligar ou encontrar um substituto para o meu turno.

Não tenho nada em termos de redes sociais. Quando você foge de casa para escapar de pais abusivos, não pode criar perfis para manter contato com colegas do ensino médio. Não que eu tivesse algum.

Não é como se as pessoas fossem ruins comigo. Eu não fui vítima de *bullying*. Simplesmente não havia ninguém para sentir minha falta, então ninguém com quem manter contato.

Fugi no meio da noite e duvido que houvesse uma única pessoa, além da minha mãe e Arthur, que soubesse que fui embora. Bem, a não ser, talvez, minha chefe na época. Me senti mal por ter abandonado o trabalho sem dizer nada. Mas não valia o risco de uma ligação. E ela não era legal.

Me concentro nos nomes em meu telefone e vejo que Nero adicionou vários novos. Rocco, que ainda não conheci oficialmente. Robert. Giles, o apoio de Robert. Um número está rotulado como veterinário, e presumo que seja quem atendeu Toto.

O nome de King me faz parar. Aquele homem ainda me assusta, então ter suas informações de contato ao alcance dos dedos parece um pouco estranho. Ele foi bastante amigável quando entrou no café naquela manhã em que Nero, aparentemente, estava sentado no carro.

Provando meu latte pela primeira vez.

Mas tê-lo me perseguindo naquela festa elegante... parecia que meu coração ia se dissolver de tão forte que batia.

Deus, foi uma noite horrível.

Até que não foi...

Rolo para o topo dos nomes novamente e me pergunto o que estou fazendo. Procurar por um amigo no telefone é como ficar na frente da geladeira aberta esperando uma pizza, quando se sabe muito bem que só tem leite vencido,

geleia e um frasco de molho Ranch.

Meu polegar faz uma pausa, então desliza na outra direção.

Betsy, garçonete.

Branden, cozinheiro.

Cole, ajudante de cozinha.

Darlene...

Olho para a lista alfabética.

Onde está o Carlton?

Tento pensar qual é o sobrenome dele, como se talvez estivesse listado ao contrário. Mas, não. Não sei o sobrenome dele, também não sabia quando ele me deu o número.

Nós trocamos mensagens. Ele me mandou o ingresso do show. Eu tenho que ter o número dele.

Digito o nome de Carlton na barra de pesquisa.

Nada.

Como poderia...

Nero.

Obviamente, foi Nero.

Meu telefone começa a tocar e quase grito de novo, me segurando antes de acordar o cachorro.

Nesse ritmo, Nero não terá que se preocupar com o quanto seu mundo é perigoso, porque certamente vou morrer de um ataque cardíaco nos próximos três meses.

— Oi! — respondo com a voz muito animada.

— O que há de errado? — A voz de Nero imediatamente se torna tensa, e eu suspiro.

— Nada. Só fui surpreendida pelo toque do celular.

— Humm — ele murmura. — O que fez hoje?

— Não muito. — Faço o meu melhor para não parecer ingrata. — Brinquei com o Toto, que atualmente está desmaiado. Li um pouco. Escolhi um

tecido para substituir as cortinas que estavam ótimas em nosso quarto.

— Isso é bom. — Nero não me faz perguntas detalhadas sobre o tecido e me pergunto se ele também está tendo um dia ruim.

— Está tudo bem com você? — pergunto.

— Sim.

Ceerto. Claramente, ele não quer se aprofundar, tudo bem. Conversamos todas as noites, então consigo perceber que ele está de mau humor porque ainda não voltou para casa.

— Podemos encontrar um hobby para mim quando você voltar? — A pergunta escapa dos meus lábios.

— Um hobby? — Sua voz soa um pouco mais engajada, a ideia de um hobby atrai sua atenção. — No que você estava pensando?

— Esse é o problema! — Volto para o sofá, deixando a cabeça tombar até ficar olhando para o teto. — Eu nem sei quais são minhas opções.

— Vai ficar tudo bem, Payton. Podemos conversar sobre isso.

— Bem, essa é a questão também, preciso de alguém para conversar. Porque quando você não está aqui, não tenho amigos.

— Eu não sou seu *amigo*, Payton. — Nero usa sua voz séria.

— Eu sei, eu sei. — Aceno, mesmo que ele não possa me ver. — Você é meu melhor amigo. Mas o que quero dizer é que não tenho outros amigos. E agora que não estou no trabalho o dia todo, não tenho nenhuma interação humana. Quero dizer, o Robert é ótimo. Mas ele nunca fica e conversa comigo. Porque ele está *trabalhando*. — Me esvazio um pouco mais. — Desculpe, estou reclamando.

— Quando eu disse que não era seu amigo — a voz de Nero está repentinamente cheia de uma certa satisfação. — Quis dizer que somos mais que amigos.

— Ah. Bem. — Minhas bochechas começam a esquentar e fico feliz que ele não possa me ver. — Você ainda é meu melhor amigo.

Nero solta aquele ronronar que vibra em seu peito quando está satisfeito.

E isso me incomoda, porque ele não me disse que sou sua melhor amiga também.

— Falando em amigos — digo. — Percebi que você apagou o número do Carlton do meu telefone.

Há um momento de silêncio e, de repente, parece que Nero está aqui, na sala comigo. Sua energia masculina turbulenta é tão densa que quase posso senti-la.

— Você não vai mais ver aquele idiota.

— Ele é praticamente meu único amigo! — argumento, sem nem sequer ter certeza do porquê. Eu não me importava com Carlton, mas não é como se fosse buscar uma amizade com ele.

— Ele não é seu amigo. E você nunca mais vai vê-lo.

— Por quê?

— Porque ele quer te comer! — Nero grita.

Eu zombo. A ideia é absurda.

— Esse é um. — A voz de Nero é um rosnado.

— Um o quê?

— Um centímetro, baby. Continue falando sobre outros homens e, no final desta conversa, você vai me dever cada centímetro do meu pau enterrado no seu traseiro.

Minha boceta pulsa com suas palavras irracionais, tornando difícil falar.

— E-Ele não quer...

— São dois. Continue com isso e terei que voar para casa agora.

— Bem... eu... — Prendo a respiração.

Antes de conhecê-lo, nunca pensei em fazer *isso*. Mas depois do que ele fez no show...

Meu peito está quente.

Só de lembrar da sensação de ter a ponta de seu pau *lá*, minha respiração acelera.

— Puta merda. — Suas palavras soam roucas. — Você quer isto? Quer que

eu coma essa bunda, baby? Quer que eu te pegue por trás?

— E-eu não sei.

— Puta merda — ele xinga novamente. — Cacete, Payton. Estou duro como uma rocha.

Tento rir, mas estou muito excitada para isso.

— Minha calcinha está molhada.

Um gemido profundo reverbera pelo telefone. — Não se toque.

— O quê? Mas...

— Não, você causou isso e vai ter que sofrer comigo. — Ele geme de novo, e sei que ele está ajustando seu pau. — Hoje à noite, se eu não estiver em casa, você vai subir para a nossa cama, me ligar pelo *Facetime* e gozar em seus dedos enquanto eu assisto. Entendido?

— Sim. — Ele não deve estar em uma posição onde possa se masturbar agora, então acho que é justo eu esperar também.

— E se você precisar de alguém para conversar quando eu estiver fora — ele continua — posso pedir a Aspen.

— Nero — eu suspiro. — Eu não a conheço.

— Vocês se dariam bem.

— Talvez, mas você não pode simplesmente mandar alguém e dizer para ser minha amiga.

— Claro que posso — o homem convencido diz. — Mas para que você precisa dela? Sou seu melhor amigo, lembra?

— Me lembro que você não disse que sou sua melhor amiga também — resmungo, sem ver sentido em negar meu aborrecimento.

Sem segredos.

— Payton, você é tudo para mim. Meu amor. Minha menina linda. Minha melhor amiga. — Me derreto com suas palavras. — E quando eu chegar em casa, se você quiser ter mais pessoas por perto, podemos fazer alguns amigos.

Isso me faz rir.

— Como?

— Não faço a menor ideia. Colocando um anúncio ou algo assim.

— Ah, meu Deus, Nero. Você é um caso perdido.

— Também te amo. — Ele diz com facilidade. — Tenho que ir. Mas peça a um dos caras que vá te buscar um café ou algo assim.

— Tudo bem. — Aperto os dedos ao redor do telefone, desejando que fosse a mão dele que eu estivesse segurando. — Eu te amo.

Desligar fica mais difícil a cada dia.

É ridículo o quanto sinto pena de mim mesma. Minha situação nunca esteve melhor. Nunca chegou nem perto.

Mesmo com Nero fora, falo com ele todas as noites. Trocamos mensagens o dia todo. Eu envio a ele fotos de Toto, e ele me envia mensagens me dizendo para comer e perguntando o que estou fazendo. É a maior atenção que já recebi. Mas agora que sei como é dividir a cama com ele, não quero dormir sozinha. Não quero simples telefonemas.

Eu o quero.

Me levanto do sofá. Toto desperta com meu movimento, e nós dois saímos para encontrar Robert.

Para nossa sorte, ele atravessa a varanda dos fundos assim que nos aproximamos da porta.

Eu a abro e Toto corre atrás de uma folha que cai antes de se aliviar na grama.

Quando Robert percebe que estou parada na porta, ele para também.

— Precisa de algo?

Um plano se forma...

— Ah, sim. — Sinto um pouco de culpa pelo que estou prestes a fazer, mas preciso sair um pouco desta casa antes que eu enlouqueça. — Nero disse que tudo bem se você me levasse para tomar um café.

Robert olha para a cozinha.

— Você não faz o seu o tempo todo?

— Não é a mesma coisa. É *melhor* quando alguém o faz. Tipo quando

você ganha comida de graça. Sempre tem um sabor diferente do que quando você tem que pagar por ela.

Robert não se mexe.

— Vou mandar alguém buscar.

Balanço a cabeça.

— Eu vou junto. Preciso sair um pouco.

— Nero disse que você podia ir? — A dúvida está escrita em seu rosto.

E ele deve estar em dúvida. Sei muito bem que Nero não quis dizer para eu ir junto. Mas também sei que estou perto de ter um colapso mental e preciso mudar de cenário.

— Podemos ir a um drive-thru. Eu entro no carro na garagem e não saio até estarmos em casa de novo. — É a coisa mais exagerada em que consigo pensar, mas Nero é um cara exagerado.

— Sem ofensa, mas tenho que perguntar a ele. — A maneira como Robert diz *sem ofensa* me diz que ele não se importa se eu ficar ofendida.

Enquanto ele envia uma mensagem para Nero, chamo Toto de volta e finjo que não estou cruzando os dedos para que eu tenha permissão para ir.

Então eu cruzo de novo, porque quando Nero descobrir, ele vai ficar furioso.

***

Levou vinte minutos para nos prepararmos para sair, e passei um tempo considerável tentando convencer Robert a me deixar levar Toto, mas ele recusou.

Decidida a aceitar a derrota, usei o tempo que Robert precisou para organizar os homens para correr até meu quarto e trocar de roupa.

Sei que não vou sair do carro. E sei que todas as janelas são escuras. É estúpido, mas de pé aqui na garagem, usando tênis, minha melhor calça jeans, sutiã, regata branca lisa e um moletom preto com capuz que encontrei em uma das gavetas de Nero, me sinto pronta para o público.

Puxo o tecido do moletom até o nariz. Não tem o cheiro dele. Mas tem o cheiro do seu sabão em pó, o que é melhor do que nada.

Mantenho o tecido pressionado sobre a boca, porque, de repente, sou atingida pela memória de estar revirando o closet à procura de uma calcinha para vestir e acabei encontrando o esconderijo daquelas que ele roubou de mim.

E se ele fica com a minha calcinha, eu fico com este moletom. Mas quando ele chegar em casa, vou fazê-lo usar por alguns dias para que, da próxima vez que ele for viajar, terei algo com seu cheiro.

— Certo, Payton — Robert chama do lado de um dos grandes SUVs pretos. — Você fica aqui atrás. — Ele abre a porta traseira do lado do motorista.

Sigo sua direção e subo, afivelando o cinto de segurança depois que ele fecha a porta.

Meu telefone está no bolso do moletom, junto com uma nota de vinte dólares que ainda tinha na carteira. Duvido que me deixem pagar minha bebida, mas não queria presumir que outra pessoa pagaria por ela.

Robert abre a porta do passageiro ao mesmo tempo em que um homem que só conheço como Giles se senta no banco do motorista. Digo olá, mas ele apenas resmunga uma resposta.

Quando vejo mais dois seguranças entrando em outro SUV, começo a me sentir mal. Não queria que isso se tornasse um grande empreendimento com dois veículos e quatro homens. Só queria um pouco de ar fresco. Falando figurativamente, porque duvido que me deixem abrir a janela. Robert provavelmente colocou travas de segurança para crianças.

Os motores roncam, a porta da garagem começa a subir, e meu tempo para reconsiderar acabou, porque estamos saindo.

Não é nenhuma surpresa que façamos o trajeto em silêncio. Mas isso não me incomoda. Observo a paisagem e absorvo tudo.

Quando cheguei aqui, já era tarde, estava escuro e eu estava exausta dos acontecimentos desastrosos da festa de aniversário e das *atividades físicas* subsequentes em meu apartamento. Então não pude apreciar o bairro.

As árvores são grandes, as folhas que restam estão em tons ardentes de vermelho e laranja. Está frio. Quase naquele ponto de congelamento. Mas o céu azul brilhante e o sol enganam, fazendo pensar que está quente lá fora.

Seguimos nosso caminho, passando por propriedade após propriedade, cada uma tão impressionante quanto a anterior. Parece surreal que é aqui que moro agora.

Por fim, acabamos em uma rua que reconheço como a que nos levará à cidade.

Espero que Giles vire em direção a Minneapolis, a linha do horizonte brilhando à direita, mas ele vira para o outro lado, seguindo o outro SUV que nos leva em direção ao subúrbio.

Faz sentido quando penso nisso. Provavelmente, é a escolha inteligente por razões de segurança.

Meus dedos traçam involuntariamente um padrão na minha coxa. Este pode ser um dos momentos mais estranhos da minha vida, viajando em comboio armado de dois carros apenas para tomar um café. Mas mesmo com o modo estranho, estou me sentindo eu mesma novamente.

Eu amo Nero. Amo a vida que estamos criando juntos. Mas são muitas mudanças. E, em minha experiência pessoal, mudança sempre foi ruim. Geralmente, horrível. Definitivamente, difícil. Então, embora eu esteja feliz com essas mudanças, é muito para absorver. E estar aqui fora me faz sentir um pouco normal. Um pouco como a antiga eu.

— Entendido. — A voz de Giles me assusta.

Quando olho para a frente, vejo o veículo à nossa frente entrar na fila do drive-thru, contornando o canto dos fundos do prédio de tijolos e saindo de vista. Mas nós não seguimos. Ficamos parados na entrada.

Robert se vira para me olhar.

— Você sabe o que quer?

Assinto, reconhecendo o logotipo de grão de café e da lua crescente na frente da cafeteria.

— Os outros caras vão pedir também?

Ele balança a cabeça.

— Eles vão passar pela janela de retirada e esperar do outro lado. Assim, não podemos ser bloqueados.

Minha boca se abre em um “O” silencioso enquanto a culpa me atinge.

— Me desculpe. Não sabia que isso seria tão complicado.

Pelo menos é fim de tarde e não vejo outros carros tentando entrar na fila.

— Faz parte do trabalho. — Robert dá de ombros para o meu pedido de desculpas. — E é bom manter a equipe treinada.

Giles resmunga novamente, desta vez concordando. Mas me sinto um pouco pior.

— Levar uma mulher para tomar café provavelmente não era o que você tinha em mente quando fez todo o seu treinamento.

Robert ri.

— Você não é apenas uma *mulher*. Você é a mulher do chefe.

— Não torna menos entediante.

— De jeito nenhum é entediante — ele argumenta. — É a natureza do trabalho. Ou você não faz nada, ou está lutando pela sua vida.

Faço uma careta.

— Parece horrível.

— Todos vamos morrer de alguma forma. Prefiro cair lutando a apodrecer em uma casa de repouso até que toda a besteira que fiz ao meu corpo finalmente me alcance — Robert diz isso com naturalidade, e sei que ele está falando sério.

— Amém — Giles resmunga.

É a primeira vez que ouço sua voz, e é tão rouca que é quase difícil de entender. Me faz pensar se uma das *besteiras* que ele fez com seu corpo envolve cigarros.

Já vi aqueles comerciais. *Talvez cair lutando* não fosse tão ruim.

Giles tira o pé do freio e avançamos.

Fazemos a curva para seguir paralelamente à parte de trás do prédio e vejo

que, de fato, o veículo à nossa frente está na outra extremidade da pequena fila do drive-thru, metade dentro e metade fora, nos esperando. E não posso deixar de me perguntar se eles pediram alguma coisa ou se simplesmente passaram direto.

Espero que tenham pegado algo. Todo mundo merece um agrado.

Giles abre sua janela, e eu me inclino para a frente.

— Gostaria de um mocha grande com castanha assada, por favor. — Vejo Robert fazer uma careta. — E um *pup cup*? — Seu rosto se contorce ainda mais.

— Que merda é *pup cup*?

— É um copinho de chantilly. Para o Toto — sussurro a última parte quando a voz começa a falar pelo alto-falante.

Sorrio para mim mesma ao ouvir Giles fazer o pedido com a voz rouca. Fico um pouco chateada que os caras não pediram algo, mas não surpresa.

Quando paramos na janela de retirada, consigo sentir os aromas maravilhosos de uma cafeteria e isso me conforta.

Não sinto falta das roupas cheirando a café, mas de estar rodeada de café e comida. Ainda que alguns dos meus empregos tenham sido ruins, o Twin's era um bom lugar para trabalhar. Ninguém me tratava mal. Nunca me mandaram sorrir. E nunca passei fome enquanto trabalhava lá.

Coloco a mão na barriga, sentindo a maciez e, pela primeira vez, ao pensar no meu corpo, sorrio.

Este é o corpo de alguém que não passou fome.

Este é o corpo que me tirou do inferno para forjar uma vida do nada.

Este é o corpo que deixou a porta da varanda aberta para que pudéssemos aproveitar o ar tempestuoso do outono enquanto assistíamos ao nosso filme favorito.

Este é o corpo que me levou a Nero.

E é o corpo que o atraiu para mim.

Este corpo é amado.

Cheia de gratidão, tiro o telefone do bolso e digito uma mensagem rápida

para Nero.

— Aqui. — Robert pega minha bebida de Giles e a oferece para mim.

Aperto *enviar*, coloco o telefone de volta no bolso e a pego. O revestimento de papel no copo mantém a temperatura certa para que não queime minhas mãos.

— E... a bebida do Toto. — Robert diz como se fosse a frase mais absurda que ele já pronunciou.

Pego o pequeno copo de chantilly e sorrio.

— Ele vai adorar.

— Você sabe que temos um pouco desse negócio de chantilly em casa, não sabe?

— Não é a mesma coisa.

— Sim, sim. Comida grátis. — Ele balança a cabeça e se vira para frente.

O primeiro SUV sai e nós o seguimos de volta para casa.

Levo o mocha à boca, querendo muito experimentá-lo. Mas sei que vai estar muito quente e não quero queimar a ponta da língua e estragar toda a experiência. Então, assopro a pequena abertura na tampa e observo a janela enquanto deixamos o subúrbio para trás.

Estou pensando em como o Toto vai ficar fofo com pedaços de creme grudados no focinho quando meu telefone toca com uma mensagem.

Estamos quase chegando ao nosso bairro, mas sei que é Nero e quero responder.

Tento equilibrar os dois copos em uma mão. Mas derramar qualquer um deles neste veículo caro parece má ideia. Então, me inclino para colocar a bebida no porta-copos perto de meus joelhos. Com o rosto entre os bancos da frente, sinto o carro inteiro balançar.

Uma luz ofuscante explode à nossa frente e o barulho é ensurdecedor.

Fecho os olhos, sem entender o que acabou de acontecer.

Então, tudo acontece de uma vez: Giles pisa fundo no freio e sou jogada contra o cinto de segurança.

Aperto os copos de papel por reflexo, e ambos cedem.

A dor que atravessa meu ombro, onde o cinto de segurança pegou, é ecoada no calor que cobre minha mão direita.

E então tudo faz sentido.

Encaro o para-brisa enquanto a bola de fogo se contrai para mostrar a carcaça queimada do primeiro SUV.

Robert está gritando alguma coisa.

A arma está em suas mãos.

Giles gira o volante e o veículo dá um solavanco para frente quando ele pisa no acelerador.

Robert grita mais alguma coisa.

Para mim.

Mas meus ouvidos estão zumbindo e não consigo ouvi-lo.

— O quê? — tento perguntar, mas minha garganta não funciona.

Ele começa a gritar algo sobre se abaixar, mas um som de estalo abafa suas palavras. E vejo, horrorizada, quando o para-brisa fica branco na frente de Giles.

Robert estende uma mão para trás e empurra minha cabeça para baixo.

O cinto de segurança está preso, então me abaixo o máximo que consigo.

Pisco para o chão, vendo a bebida se infiltrar no tapete.

Outro estalo. Desta vez, é mais alto. E respingos vermelhos salpicam o estofamento ao meu redor.

Algumas gotas caem em minhas mãos. Estão quentes. E a náusea se mistura ao meu terror crescente.

— Puta merda!

Ao ouvir a voz de Robert, olho para cima.

E gostaria de não ter feito isso.

Giles...

Sua cabeça...

Lágrimas escorrem dos meus olhos.

Há muito sangue.

— Nero — chamo o nome dele.

Mas ele está muito longe para ajudar.

Tiros enchem o carro.

Me forço para afastar os olhos do corpo imóvel de Giles.

Mas Robert não está atirando pelo buraco no para-brisa. Ele está atirando na janela do motorista.

O vidro à prova de balas finalmente cede. Um tiro escapa do carro um segundo antes de dois veículos grandes colidirem contra nós. Amassando a porta ao meu lado.

Silêncio.

Um silêncio puro preenche minha mente enquanto a escuridão engole minha visão.

Flashes de angústia perfuram minha consciência enquanto meu mundo gira.

O banco abaixo de mim se levanta.

O carro capota.

73

Nero

— VOCÊ VAI FICAR aqui — digo a Rocco, esfregando a mão no rosto. — Vigie o depósito esta noite e, se ficar tranquilo, volte para casa.

— Entendido.

— E ligue para a pista de pouso. Avise que estarei lá em algumas horas.

Ele assente e se vira para fazer a ligação.

Senti meu celular vibrar há alguns minutos, então o pego para olhar a mensagem.

É da minha garota. Claro que é.

***Payton**: Amo a maneira como você me ama.*

Uma emoção, aquela que só associo a ela, me atinge em cheio.

— Avise que estou indo para lá agora — digo a Rocco. Não vou mais esperar.

Meus polegares voam sobre a tela.

***Nero**: É tão fácil quanto respirar.*

74

Payton

AGONIA.

Minha cabeça. Minhas mãos. Meus ombros. Quadris. Meu corpo inteiro. Tudo dói.

Tento abrir os olhos. Tento me lembrar do que aconteceu.

Ah, Deus, por que minha cabeça dói tanto? Meus membros parecem pesar mil quilos.

Há um som alto.

Pelo menos, acho que é alto. Minhas orelhas parecem estar cheias de lama.

Tento abrir os olhos novamente quando algo molhado escorre em meu rosto.

Tento passar a mão para limpar, mas não consigo. Minhas mãos não estão funcionando.

Pisco de novo, minha visão está embaçada e tento entender o que estou vendo.

Estou no banco de trás. Mas... meu estômago embrulha. Giles está no teto e seu sangue pinga sobre o corpo imóvel de Robert.

Outro estrondo abafado faz meu assento vibrar.

Não é do teto.

O carro está de lado. Giles e eu ficamos presos na parte de cima.

Tento olhar para Robert, deitado de encontro à janela que se estilhaçou no chão. Mas não consigo dizer se ele está vivo.

O pânico aperta meu peito.

Alguém fez isso por minha causa.

Esses homens estão mortos por minha causa.

Outro estrondo. Um impacto? E a luz invade o interior nebuloso do carro.

Ouço vozes novas, que nunca ouvi antes.

Tento chamar. Tento implorar a Robert por ajuda. Mas as palavras não se formam. Meu cérebro não coopera.

Quando mãos me agarram, eu grito.

Grito o mais alto que posso.

E dói muito.

As novas vozes sibilam para mim.

Elas me libertam, e eu me choco em seus braços.

Mais dor. Mais medo.

E quando as vozes agarram meus braços e me arrastam pelos destroços, eu luto.

Chuto. E me contorço. Estendo a mão queimada para arranhar os rostos à minha frente.

Eu sempre fugi. Mas desta vez, eu luto.

Porque agora, tenho coisas a perder.

Tenho alguém que sentirá minha falta.

O som do toque do celular penetra através do medo.

E eu luto com mais força.

Meus pulmões se enchem de agonia por causa dos meus gritos.

Meus músculos doem a cada movimento.

Mas então um braço envolve meu pescoço por trás.

E não consigo mais gritar.

Porque meu corpo está falhando.

E não consigo respirar.

75

Nero

AGUARDO A RESPOSTA de Payton.

Ela sempre responde. No mesmo instante. Me fazendo sentir como se ela estivesse esperando por mim. Esperando por qualquer motivo para falar comigo.

Ansioso para vê-la, vou até a porta da frente da cobertura, com Rocco me seguindo para que ele possa me deixar no aeródromo.

A porta pesada se fecha atrás de mim com um clique, e ainda estou olhando para o celular quando as portas do elevador se abrem e entramos.

Estamos começando a descer quando meu telefone emite um som de notificação.

Mas não é uma mensagem de texto.

É um alerta. A notificação vermelha brilha no topo da tela.

Um temor preenche meu estômago quando a abro.

— Quais veículos temos em circulação hoje? — pergunto, sem demonstrar emoção.

Rocco está ao meu lado, olhando para a mesma coisa que eu.

O aplicativo que abri preenche a tela com quadradinhos representando todos os veículos, informando status e posição.

E um deles desapareceu.

Não há sinais de acidente, nem um motor parado, nada. Simplesmente sumiu.

A mensagem que recebi mais cedo de Robert surge em minha mente.

Robert: *Tudo bem ir buscar um café?*

Ele não poderia ter querido dizer...

Meu telefone vibra e vejo outro quadrado ficar cinza.

Um frio sobe pelos meus pulmões e toco no veículo.

Um texto aparece na minha tela, mostrando os alertas conforme eles acontecem.

Para-brisa perfurado.

Não pode ser. Isso significaria...

Vidro do motorista perfurado.

Impacto detectado.

Capotamento detectado.

Vidro traseiro perfurado.

Clico na função GPS.

Jesus Cristo.

Meu peito dói. Tenho que lembrar meu corpo de respirar.

É perto de casa.

É muito perto de casa.

No mapa, há um ponto vermelho onde o outro veículo costumava estar. *Costumava estar.* Bem ao lado da localização atual do veículo danificado.

Alguém explodiu a porra do meu carro?

Penso sobre a primeira notificação do sensor no segundo veículo.

Para-brisa perfurado.

O vidro à prova de balas foi perfurado.

As paredes do elevador se fecham ao meu redor.

E minhas mãos começam a tremer.

Não me lembro da última vez que minhas mãos tremeram.

Com movimentos bruscos, abro a lista de contatos e ligo para Payton.

Eu deveria ligar para outra pessoa.

Chamar meus homens.

Deveria dizer a Rocco para ligar para alguém.

Mas algo... algo dentro de mim está se contorcendo.

O telefone toca.

E toca.

E toca.

Minha mão livre está fechada com tanta força que os dedos doem. Outro toque.

E quando estou saindo do elevador, a ligação é atendida.

— Pay...

Mas sou respondido pelos gritos dela.

Gritos que rasgam meu peito.

Gritos que dilaceram minha alma.

— Eles a pegaram. — As palavras sufocadas de Robert se misturam com o som do terror de Payton.

E sinto algo que não sentia há vinte anos.

Medo.

Um medo avassalador.

— Quem? — exijo.

Robert tosse.

— QUEM? — Meu grito reverbera pelo saguão.

— Mik... — Ele tosse novamente. — Foram os homens de Mikhail.

Então ouço algo pior do que os gritos de socorro de Payton.

O silêncio.

E começo a correr.

Ouço sons de pneus cantando, ao mesmo tempo em que ouço Robert soltar o telefone enquanto ofega por ar.

Ao chegar na rua, desligo e disco outro número.

Espere, baby.

Vou te buscar.

King atende.

— Oi.

— Reúna todos.

— O que acon...

— TODOS!

76

Payton

MINHA CABEÇA BATE em alguma coisa, e eu aperto os olhos por causa da dor.

Ouço risadas masculinas perto de mim.

— Você viu como aquela coisa explodiu? — uma voz animada pergunta.

— Todos vimos, idiota.

— Acertamos em cheio! — O primeiro homem não se detém.

Abro os olhos devagar e o chão abaixo de mim balança um pouco. Acho que estou deitada no chão, no fundo de algum veículo grande. Meus joelhos estão dobrados e o tapete áspero arranha minha bochecha.

Minhas mãos estão presas, uma faixa grossa de fita adesiva envolve meus pulsos e uma nova onda de pânico toma conta de mim.

Estão me sequestrando.

Fecho a boca para conter um gemido. Não quero fazer barulho, pois não quero que saibam que estou acordada.

Pelo menos, estou de lado. Meu corpo inteiro dói, mas o lado esquerdo está muito pior. Provavelmente porque foi desse lado que as caminhonetes nos atingiram.

Forço meus olhos a se concentrarem na porta traseira à minha frente, precisando ficar acordada.

Mas isso significa pensar.

Giles está morto.

Os dois homens no primeiro SUV... nem sei os nomes deles, mas também estão mortos.

E Robert.

Minha garganta se aperta ainda mais.

Robert pode estar morto também.

E é tudo culpa minha.

Tudo porque eu queria sair de casa.

Porque eu não entendia.

Lágrimas escorrem dos meus olhos.

Eu fui avisada. Nero me disse várias vezes que era perigoso. Mas eu não compreendia. Não de verdade. E agora, sou responsável pela morte dessas pessoas.

O motorista faz uma curva muito rápida, me fazendo bater com a cabeça, o que provoca manchas pretas em minha visão.

Respirando através da dor, encaro a maçaneta da porta.

Talvez eu pudesse segurá-la e abrir a porta traseira.

Mas e se não funcionar e eu apenas alertá-los de que estou acordada?

A derrota se abate sobre mim e mais lágrimas enchem meus olhos.

Mesmo que a porta se abrisse, o que eu faria? Sairia rolando como um dublê? Apenas para ser atropelada por qualquer carro que esteja logo atrás de nós.

Não.

Nero virá atrás de mim.

Ele vai me encontrar.

— Espero que o chefe saiba o que está fazendo — o outro homem resmunga.

Alguém solta um suspiro.

— É melhor não deixar ninguém mais ouvir você dizendo isso.

— Do que você está falando? — a primeira voz pergunta.

— O Nero não vai ficar de braços cruzados — o homem resmungão responde.

Há silêncio por um longo momento antes que o primeiro homem fale novamente, só que ele não está mais rindo.

— Quem foi que acabamos de pegar?

— A mulher dele.

Ninguém responde enquanto uma energia espessa preenche o interior do carro.

É medo.

E não é só meu.

77

Nero

MEU TELEFONE ESTÁ em uma das mãos enquanto acelero o avião recém-adquirido. Eu precisava de algo mais rápido e quando este for dado como desaparecido, tudo estará acabado.

Rocco está em uma ligação ao meu lado, a merda em Chicago esquecida.

King teria dado o pontapé inicial, usando um codinome para ativar recursos locais, mas preciso que Rocco acerte os detalhes finais.

Meus olhos vão e voltam entre a velocidade de voo e o ponto na tela do meu telefone. O ponto que me mostra a localização de Payton.

Não tenho certeza de como ela se sentiria sobre o rastreador que coloquei no pingente em seu colar, mas quando isso me levar direto até ela, tenho certeza de que vai me agradecer.

Ainda não decidi se vou contar que mandei fazê-lo com o anel de Arthur. Ela pode não gostar. Mas o troféu pertence a ela.

E ela me pertence.

Depois de hoje, quando a levar de volta para casa, vou colocar um rastreador sob sua pele.

E se Robert não morrer por conta própria, eu mesmo vou despedaçá-lo e alimentar Toto com seus pedaços.

A cada segundo que passa, me sinto mais enjoado.

Meu pior pesadelo está se desenrolando diante de mim. O ponto se afasta cada vez mais de nossa casa. E se aproxima mais da casa de Mikhail.

Filho da puta.

O idiota esquece que conheço aquela casa e que já fiz isso antes.

Mas desta vez, vou matá-lo. Como eu deveria ter feito desde o início. Então vou incendiar tudo.

Com dedos ágeis, me afasto da tela de rastreamento por um segundo para

fazer outra ligação.

Assim que começa a tocar, coloco no viva-voz e volto a acompanhar Payton.

O agente federal atende.

— Isso deve ser bom.

— Preciso de um favor.

— É mesmo? E eu preciso manter meu emprego.

— Nós dois sabemos que isso é mentira.

— Justo. Mas eu gostaria de evitar ir para a prisão.

Ser um agente federal na prisão seria difícil. Mas sendo um dos melhores lutadores de MMA do *underground* que já vi, duvido que ele tivesse muitos problemas.

Ele suspira.

— O que é?

— Preciso manter uma estrada livre.

— Por quanto tempo?

Olho para o ponto e sua velocidade diminui.

— Vinte minutos.

— Onde?

Digo a ele o nome da rua e das transversais, especificando o comprimento necessário.

O bairro é muito parecido com o meu. Os quarteirões, se é que podem ser chamados assim, são longos. E retos. Então, meu plano deve funcionar.

— O que você vai fazer por mim? — ele pergunta.

— Que tal matar Mikhail? — Mantenho a voz tranquila.

O agente federal ri.

— Considerando o endereço que você acabou de me dar, tenho a sensação de que você vai fazer isso de qualquer maneira.

— Então eu te devo uma.

Ele suspira.

— Não quero uma guerra no meu quintal, Nero. Não posso ignorar isso.

— Não vai haver guerra.

— Não?

— Isso é um extermínio.

Ele fica em silêncio por um momento.

— O que aconteceu?

Abro a boca, mas tenho que engolir em seco antes de conseguir pronunciar as palavras.

— Ele pegou a minha mulher.

— Puta merda — o agente federal murmura. — Tudo bem, certo. Vou bloquear as coisas por aqui e manter meus rapazes fora do seu caminho. Mas vinte minutos é tudo o que posso te dar. — Posso ouvi-lo digitar em um teclado. — Quando vai começar?

Olho para o GPS e o ponto agora parado no rastreador de Payton.

— Vou pousar em trinta minutos.

— Pousar? O que é que você vai...

Eu desligo.

Aguente firme, baby. Estou quase chegando.

78

Payton

O RESTO DA viagem foi passado em silêncio.

Tentei descobrir uma maneira de soltar minhas mãos, mas não havia como fazer isso sem fazer barulho. Talvez não haja como fazer isso de forma alguma.

O carro está seguindo em uma velocidade mais baixa nos últimos minutos. Fecho os olhos quando eles fazem uma curva acentuada no que suponho ser a entrada de carros.

Chegamos.

Onde quer que seja.

O carro para e quando as portas da frente começam a se abrir, eu me esforço para acalmar a respiração.

Não tenho armas. Não tenho ideia de como me defender, não contra homens como estes. Então, meu grande plano é fingir que ainda estou desacordada. Talvez, se acharem que estou inconsciente, eles apenas me coloquem em algum lugar e me deixem em paz.

Não tenho grandes ilusões de fuga. Mas prefiro esperar por Nero sozinha, me fingindo de morta, a falar ou interagir com quem quer que seja o responsável por isso.

Eles não me querem morta. Se esse fosse o objetivo, teriam explodido os dois veículos.

Não, eles querem me usar como isca. Estão tentando atrair Nero.

E vai funcionar.

Só espero que dê terrivelmente errado para eles.

A porta se abre e tento relaxar a expressão. Não faço ideia de como uma pessoa desmaiada deve parecer ou quanto tempo deve ficar inconsciente depois de ser sufocada. Mas com base nos filmes de ação que vi, as pessoas podem ficar desacordadas por minutos ou horas.

O ar frio sopra sobre mim, fazendo doer os machucados que cobrem cada centímetro da minha pele exposta.

Um homem solta um suspiro irritado.

— Tudo bem, vamos levá-la para dentro.

Mãos que, infelizmente, estão se tornando familiares me agarram com força.

— Espere — outra voz interrompe, acompanhada por um som abafado, como se o homem tivesse acabado de usar o dorso da mão para bater no peito de outra pessoa. — Este aqui pode carregá-la.

A pessoa para.

— Fique à vontade.

Quase pulo quando uma nova mão me pega.

Permanecer como peso morto é muito mais difícil do que eu esperava, mas de alguma forma consigo. O homem me levanta e me joga sobre seu ombro. Com a bunda para cima e a cabeça e os braços pendurados em direção ao chão, é mais difícil respirar, mas lutar faria com que tudo doesse mais, então fico o mais relaxada possível.

Ele me sacode a cada passo e sinto as lágrimas escorrerem dos cantos dos meus olhos até a testa e o cabelo.

Estou tentada a piscar para afastá-las, para tentar ver o que me rodeia, mas não ouso abrir os olhos, pois não tenho certeza se alguém está perto o suficiente para ver.

De qualquer maneira, não importa muito. Mesmo que eu trace um caminho para fora da casa e encontre uma maneira de sair de um quarto desocupado, nunca serei capaz de correr. O acidente de carro me machucou.

E o pulsar da minha cabeça me avisa que posso ter uma concussão. A pressão sanguínea invertida só exacerba a dor.

As portas se abrem e se fecham.

Sou levada alguns degraus acima. Depois, alguns abaixo. E então o homem para.

Ouço uma batida, outra porta se abre e começamos a nos mover novamente.

Alguém bate palmas devagar e imediatamente o odeio.

— Então, é ela? — O homem é sarcástico e presumo que seja o responsável. — Diria que ela tem uma bunda linda.

Um som que não estou esperando ecoa pela sala.

Salto alto.

Algo dentro de mim começa a se desenrolar. Mulheres ajudam mulheres. Isso pode...

Uma mão segura meu cabelo e puxa minha cabeça para cima.

Começo a gritar, mas meu protesto é silenciado quando algo duro atinge minha bochecha e o canto da minha boca.

A pessoa me solta antes que eu tenha tempo de focar nela, e minha cabeça cai de volta e bato o nariz nas costas do homem.

— A vadia estava fingindo. — A voz feminina é cheia de tanto ódio que não consigo entender. — Ela está acordada.

— Ora, ora. Não é assim que se trata uma ilustre convidada, Nikki.

O nome desperta uma lembrança em meu cérebro, mas então o homem que me segura se inclina para frente, e eu deslizo de seu ombro, caindo em um sofá desconfortável.

Um choro patético me escapa.

Por dentro e por fora, tudo parece quebrado.

Quanta dor uma pessoa pode sentir?

De todos os abusos que sofri nas mãos de outras pessoas, este é o pior.

Os saltos ecoam em minha direção novamente, e eu estremeço. Em resposta, a mulher ri, repleta de ameaça.

— Já chega — o homem fala e ouço um rangido. Acho que ele se sentou.

— Essa vagabunda me custou meu cabelo! — ela grunhe, se aproximando.

— Eu disse que já chega! — Seu tom muda de casual para psicótico com tanta suavidade que perco a última gota de controle que tinha sobre mim mesma.

Tremores percorrem meu corpo e, sem motivo para fingir ser forte, eu me enrolo em posição fetal. O medo e a agonia são demais.

Me esforço para clarear minha visão.

Estamos em um escritório excessivamente masculino. Há uma enorme mesa de madeira entalhada do outro lado da sala, provavelmente a seis metros de mim.

Quero olhar ao redor, observar todo o lugar, procurar saídas, mas meu cérebro está muito confuso. Então, mantenho o olhar fixo nas pessoas atrás da mesa. Um está sentado. O outro está de pé ao seu lado.

Nunca vi esse homem antes. Seus cabelos loiros oleosos e feições parecidas com as de um rato o fariam parecer um vilão em qualquer cenário.

A mulher que me atingiu apoia a mão nas costas da cadeira dele e a reconheço.

Não posso acreditar que um dia achei que ela e Nero formavam um bom casal. Ao vê-la aqui, ao lado do homem sinistro e desconhecido, sei que ela pertence a este lugar. Com o vilão. O verdadeiro vilão.

Nojo cresce dentro de mim. Qualquer mulher que cause dano de forma voluntária a outra mulher merece o pior tipo de punição.

Não sei a que ela se referiu ao dizer que perdeu seu cabelo por minha causa. Mas ela está quase careca e isso a faz parecer ainda mais feroz.

Ela semicerra os olhos quando me vê olhando.

— Tem algo a dizer?

— Apenas que é e-engraçado. — Preciso pigarrear. — Você me chamar de vagabunda.

O homem cai na gargalhada. E a mulher, Nikki, dá um passo em minha direção antes que ele a segure pelo braço.

— Não é engraçado, Mikhail!

— É hilário. — Ele sorri para mim, e isso esfria qualquer satisfação que eu tenha sentido com o insulto. — Posso ver por que o Nero gosta dela. — Seu sorriso se transforma em algo que suponho que deveria ser algo mais suave. —

Sinto muito por termos nos encontrado assim, Payton Vawdrey. Você não fez nada contra mim. E peço desculpas por termos te machucado. — Ele dá de ombros. — Mas certas necessidades precisam ser atendidas. Está na hora do Nero morrer.

Balanço a cabeça.

— Ele vai te destruir.

79

Nero

OS PNEUS CANTAM quando tocam o asfalto. E eu luto com os controles, chegando mais rápido e mais íngreme do que o normal.

Mas estou com pressa.

Rocco apoia as mãos no painel de instrumentos enquanto somos sacudidos de encontro aos cintos de segurança.

Como prometido, não há carros à vista. Nem na estrada à minha frente. Nem visíveis nas longas calçadas quando passamos por elas.

A rua está vazia.

Silenciosa.

À espera.

Desafivelo o cinto antes que o avião pare. E um sorriso perverso surge em meus lábios quando vejo que acertei em cheio ao estacionar bem na frente da entrada da propriedade de Mikhail.

— Quer que eu a vire? — Rocco pergunta.

O trecho à nossa frente faz uma curva e não há como decolar novamente nessa direção.

Balanço a cabeça.

— Vamos deixar assim. Um pequeno presente para o Tye resolver.

Estamos prontos conforme nos encaminhamos para a saída.

Nós nos equipamos durante o voo: coletes à prova de balas, uma Glock no lado esquerdo da cintura, outra na mão e carregadores extras em todos os bolsos.

Rocco puxa a alavanca para baixar os degraus na lateral do avião, de costas para o alvo.

E enquanto desço, um movimento borra a linha das árvores à minha frente. Vejo dezenas de homens – vestidos de preto da cabeça aos pés e armados até os dentes – atravessando os quintais em minha direção.

Isso. Esse é o meu elemento.

Espero no meio da rua enquanto os homens se posicionam ao meu redor.

— Ninguém toca nela. — Projeto minha voz para que eles me ouçam. — Todo o resto morre.

Eles assentem.

Até que um dos homens, um pouco mais alto que os outros, caminha pela rua em nossa direção.

Sessenta armas automáticas se voltam para ele.

King as ignora, erguendo o queixo em minha direção.

Meus homens olham para mim, alguns com as sobrancelhas arqueadas, obviamente se perguntando o que esse idiota de Wall Street está fazendo aqui.

Meu nervosismo diminui um pouco mais.

— Não esperava uma visita pessoal.

King sorri.

— Não perderia por nada. — Então ele ergue um tubo de metal pesado no ombro. — E você se esqueceu da chave.

Sem perder o ritmo, ele se vira, mira o lançador terra-ar para o portão reforçado que bloqueia a entrada da propriedade de Mikhail e libera o míssil.

80

Payton

— CHEFE! — UMA VOZ alarmada chama a atenção de Mikhail.

Usando toda a minha força, me obrigo a ficar sentada, bem a tempo de ver um homem pálido correr pela porta aberta.

— Ele está aqui? — Mikhail pergunta com a voz animada.

Uma explosão responde à sua pergunta.

81

Nero

MEUS HOMENS PASSAM pela fumaça e se enfileiram pelo portão aberto, e depois se espalham pelas laterais.

Sinalizo para os três melhores atiradores.

— Para cima.

Eles assentem e correm ao redor do avião, subindo as escadas e indo para a asa antes de se estenderem sobre o topo da fuselagem.

Não é a primeira vez. Eles sabem atirar em qualquer coisa que se mova.

A porta da frente, que fica a cem metros do avião, se abre. Mas antes que os homens de Mikhail possam disparar um único tiro, eles caem.

Tiros certeiros dos atiradores de elite.

O ritmo da investida aumenta e nos aproximamos da casa.

Estou com a arma no coldre.

Esta parte não é para mim. Este é o momento em que homens buscam vingança pelas três vidas que perdemos.

Eles querem o pedaço de carne dele e vão pegá-lo.

King entra no prédio logo à minha frente. Seu lançador de foguetes foi descartado em algum lugar do quintal, mas a pistola está pronta para uso.

Ele se separa dos homens quando se dividem em equipes. Eles podem não conhecê-lo, mas não precisam. King acabou de provar que é um de nós.

Um trio caminha à minha frente. Um deles leva um tiro na perna, mas fica de pé enquanto derruba nosso oponente.

A carnificina é satisfatória. As poças de sangue me lembram que estou no controle. Que esta é a minha operação. E que vou ter sucesso.

Inalando uma baforada de fumaça de pólvora, inclino a cabeça para trás e grito:

— MIKHAIL!

82

Payton

A VOZ DE Nero ecoa pela casa, os tiros tornam tudo ainda mais ameaçador.

O cara que entrou correndo antes da explosão aproveita a oportunidade para sair, indo na direção oposta ao grito de Nero.

— Covarde! — Mikhail diz.

Estou olhando para a porta, esperando que ele apareça, então não percebo Mikhail se aproximar até que ele esteja quase em cima de mim.

Tento escapar, mas sou muito lenta, e ele agarra meu cabelo.

— Você não vai a lugar nenhum. — Ele não me dá tempo para me levantar, apenas me puxa pelos cabelos para fora do sofá.

Eu grito. A dor extrema enche meus olhos de lágrimas.

Pensei que não tinha mais lágrimas para chorar. Mas acho que provei que sempre é possível haver mais.

Luto para permanecer com os pés firmes, e tudo que consigo é tropeçar ao longo do caminho.

Este parece ser o momento perfeito para aquela mulher, *Nikki*, me atacar, mas quando Mikhail para em frente à sua mesa, nos girando de frente para a porta, eu a vejo avançar de forma sorrateira em direção à saída.

— Para onde você pensa que vai? — Mikhail grunhe para Nikki.

Ela para, surpresa, mas mantém a expressão de vadia no rosto.

— Estou indo embora! Você disse que ia matar a vagabunda e fazer Nero pagar!

— É isso que estou fazendo! — Mikhail grita, aquela insanidade polida ressoando na superfície.

Nikki estende um braço em direção à porta aberta.

— Você não o ouviu? Ele está matando todo mundo! E vai te matar...

Um estalo alto, tão perto do meu ouvido que faz meu cérebro tremer, enche a sala.

Olho, sem entender, enquanto o sangue se espalha pelo peito de Nikki. Sua blusa de seda elegante está encharcada em meio segundo. O lindo tom de creme se transforma em um vermelho profundo.

Ela tropeça, caindo contra a parede, depois desaba no chão, desaparecendo atrás do sofá como se nunca tivesse existido.

Meu corpo começa a tremer.

Cada músculo. Cada tendão. Cada célula vibra de medo.

Vou morrer.

Meus pulmões começam a se contrair. Não consigo respirar.

Vou morrer.

Um soluço se aloja na minha garganta.

Não quero morrer.

Não estou pronta.

Um som irregular rasga meu peito.

Não estou pronta.

Não posso...

E então Nero aparece.

Parado na porta. Cercado por uma névoa de fumaça causada pela arma de fogo.

Ele está parado.

Aqui.

Comigo.

Alívio libera meus pulmões e eu respiro profundamente.

Ele está aqui.

Mais lágrimas rolam pelas minhas bochechas.

O cano quente de uma arma pressiona minha têmpora.

Tudo bem.

Me concentro em respirar.

Tudo bem.

Ele está aqui.

Olhando nos meus olhos, Nero joga a arma no chão.

Ele está comigo.

Ele veio por mim.

Os cantos da minha boca se erguem em um sorrisinho.

Achei que teríamos mais tempo.

Mas se é isso, se vamos fazer isso juntos, então vou ficar bem.

Podemos ir agora.

83

Nero

POSSO VER NOS olhos dela. Ela acha que acabou. Que este é o dia em que morreremos.

Mas não é.

Entro no escritório, mantendo as mãos expostas, e fecho a porta atrás de mim.

— Você não a quer. — Não faço nada para esconder a fúria que corre em minhas veias. Não há sentido em fingir calma. — Você quer a mim.

Mikhail usa seu aperto no cabelo de Payton para colocá-la na sua frente.

— Mas essa é a questão. Acho que quero vocês dois. — Ele se inclina para mais perto de Payton e coloca o nariz em sua cabeça, inspirando.

Dou um passo à frente, e ele coloca a arma com mais força na têmpora dela.

— Jogue a segunda arma.

Posso sentir minha pulsação acelerada por todo o corpo, mas faço o que ele manda.

Mantendo os olhos em Payton, verifico cuidadosamente se a trava de segurança está ativada antes de jogar a arma no chão, a alguns metros à frente dela.

Ela está com o rosto todo manchado de lágrimas. Machucada. Coberta por arranhões. O lábio cortado. Há sangue seco na linha do seu cabelo. Suas mãos estão amarradas e sua postura demonstra que ela está cheia de dor.

Mas está viva.

E nunca esteve mais bonita.

Respiro lentamente.

Mikhail já ia morrer. Mas agora que ele colocou suas mãos imundas nela. Agora que ele tentou cheirar suas rosas. Ele está totalmente acabado.

— Seu pai estava bem aí quando cortei a garganta dele — digo, totalmente desarmado. — Estávamos ali, frente a frente, e ele era tão estúpido que não desconfiou de nada. Mas você. — Abaixo meu queixo. — Você sabe que está prestes a morrer. E isso é o suficiente para mim. — Dou um passo à frente. — Mas não vou só acabar com a sua vida. Vou acabar com a sua existência. — Dou outro passo. — Seus homens estão mortos. Seu dinheiro será meu. Ninguém jamais mencionará seu nome. Nunca. Porque a sua memória vai desaparecer junto com seu último suspiro. Então, hoje, agora mesmo, você vai sofrer as duas mortes de uma vez. E eu vou entregá-las.

Dou mais um passo e o cano da arma se afasta de Payton e mira em mim.

— É melhor você me matar com o primeiro tiro — digo a ele.

Então me lanço em sua direção.

E ele atira.

84

Payton

O SOM É ensurdecedor.

O tiro passa muito perto do meu ouvido.

Um corte vermelho rasga a manga de Nero, mas não o para.

Mikhail solta meu cabelo com um empurrão, e perco Nero de vista quando meus membros exaustos cedem e caio no chão, aterrissando de joelhos.

Há um segundo tiro.

E um terceiro.

Olho para cima. E uma parte da minha alma se esvai quando vejo um dos tiros acertar o peito de Nero.

Ele dá um passo para trás.

Tento me arrastar em sua direção e meus dedos encontram algo duro.

Olho para baixo e vejo a arma que Nero jogou.

Sem pensar, seguro a arma pesada. A fita em volta dos meus pulsos torna impossível imitar os movimentos dele.

— Por que você não morre? — Mikhail grita.

Quase cega de tanto chorar, eu me viro e caio sentada no chão, levantando a arma.

Não penso duas vezes. Nem miro. Apenas puxo o gatilho.

E um instante depois, sangue vermelho-escuro jorra do pescoço de Mikhail.

Ele solta a própria arma e estende as mãos para cobrir o buraco em sua garganta. Mas o sangue escorre por entre seus dedos.

Ele cai de joelhos.

Antes que a arma caia em meu colo, Nero está lá. Ele a pega com uma mão e pressiona a outra em minha bochecha.

— Estou aqui. — A voz de Nero é baixa.

— Nero. — Minha voz treme. — Eu o matei. Eu o m-matei.

Seu polegar roça minha bochecha, então ele se levanta, se vira e aperta o gatilho. Ele dispara a arma repetidas vezes, até esvaziar o pente no corpo caído de Mikhail.

Nero desliza a arma no coldre, então se agacha ao meu lado.

— Eu o matei.

Balanço a cabeça, mas ele segura meu rosto com suas mãos grandes, mantendo meu olhar no dele.

— Eu o matei — ele repete. — Eu fiz isso. Não foi você. — Ele me beija de leve. — Não foi minha menina linda.

Amor enche meus olhos.

Nero me beija mais uma vez e suas mãos caem do meu rosto.

Sinto um puxão em meus pulsos antes que a fita seja rasgada.

— Vamos, baby. — Ele afasta meu cabelo. — Minha garota corajosa. — Ele toca meus lábios com os dele. — Temos que ir. — As palavras de Nero são suaves, mas urgentes.

Tento me levantar, mas meu corpo não coopera. Estou cansada. De tudo.

— Shh — Nero me acalma. Nem tinha percebido que estava chorando. Mas nem tento parar. — Vou te pegar no colo.

Ele passa os braços por baixo das minhas pernas.

Eu luto, mas consigo abraçá-lo, fazendo o possível para me segurar.

Enquanto ele me levanta, tento conter o gemido de dor, mas ele ainda escapa.

— Sinto muito — Nero sussurra diversas vezes enquanto me abraça contra o peito e me carrega para fora da sala.

Minhas pálpebras estão pesadas.

Tento mantê-las abertas, mas elas continuam se fechando.

— Você está bem. — Nero beija minha testa. — Você está bem, baby. — Ele me abraça mais apertado. — Vejo que está usando meu moletom. Não conseguiu ficar longe das minhas coisas, não é? — Ele me beija novamente. —

Se as suas me servissem, eu as usaria também. Não me importaria se estivesse coberta de flores amarelas, dormiria nelas todas as noites em que estivesse longe de você.

Há outras vozes agora. Todas masculinas. E tento olhar ao redor para tentar entender o que aconteceu, mas a primeira coisa que vejo é uma grande mancha de sangue marcando uma parede.

Então decido que não preciso ver.

— É tudo culpa minha. — Mal consigo pronunciar as palavras, mas preciso dizê-las.

— Não. — Nero me abraça mais forte. — Não é. Esta casa toda estava com os dias contados. O mundo vai ficar melhor sem eles.

Nero se move, atravessando uma porta lateral.

— As chaves estão lá? — Ele faz a pergunta para alguém que não consigo ver.

— Sim, chefe.

— Ótimo, abra a porta do passageiro. Vou levá-la para casa. — Ouço a porta de um carro se abrir. — Diga a todos para irem embora.

— Entendido.

Nero me coloca no banco, tomando um tempo para me afivelar.

Antes de fechar a porta, eu o ouço dar um último comando.

— Incendeie.

85

Nero

OS HOMENS JÁ estão descendo a estrada quando tiro o carro de Mikhail da garagem. Já usamos nossos vinte minutos e é hora de ir embora.

O espelho retrovisor mostra nuvens escuras de fumaça se erguendo das janelas da mansão. E mesmo que eu fosse adorar que esse carro esportivo vermelho, símbolo de masculinidade frágil, fizesse parte dessa confusão ardente, saber que vou mandá-lo para o ferro-velho como um último “vá se foder” para Mikhail me faz sentir melhor.

Payton geme um pouco ao se acomodar no banco, e eu me certifico de fazer a curva lentamente enquanto saio para a rua.

— Estaremos em casa em breve, amor. — Apoio a mão de leve em sua coxa, sem saber onde ela está sentindo dor e sem querer causar mais danos.

Sua mão pequena cobre a minha, então entrelaço nossos dedos.

Ela aperta minha mão.

— Isto é um avião?

Ela murmura a pergunta um momento antes de sua cabeça tombar para trás.

***

A médica e a assistente estavam esperando na porta quando chegamos em casa.

Liguei para ela enquanto estava no avião, pois sabia que Payton estaria machucada pelo acidente de carro. Mas nenhum planejamento ou experiência poderia me preparar para ver minha garota assim. Deitada em nossa cama, só com roupa de baixo, com hematomas cobrindo a maior parte de seu corpo.

Payton acordou enquanto nós a despíamos, mas não fez perguntas, apenas

assentiu quando eu disse que a médica iria examiná-la. E estou feliz por ela ter sido esperta o suficiente para trazer uma mulher como assistente. Porque, se outro homem tentasse dar uma olhada em Payton agora, eu provavelmente arrancaria a cabeça da pessoa, profissional de saúde ou não.

— Vou fazer um ultrassom para verificar se há fraturas, mas é só por precaução. Não acho que tenha nada quebrado — a médica diz enquanto prepara um laptop na mesa de cabeceira e acena para mim. — Enquanto fazemos isso, você será suturado.

Se não fosse pelos olhares constantes que Payton estava lançando para minha manga rasgada, eu teria me esquecido de que fui baleado. Foi de raspão. Apenas um ferimento superficial, mas não vou dar a ela mais uma coisa com que se preocupar. Então me sento ao pé da cama, com o braço machucado virado para longe de Payton, e deixo a assistente fazer seu trabalho.

Payton continua quieta, respondendo perguntas sobre níveis de dor, movendo partes do corpo conforme solicitado, e eu ignoro o fato de que a assistente acabou de aplicar lidocaína no meu braço sem perguntar. Provavelmente é o melhor, porque tiros simples ainda são péssimos para limpar, e tenho coisas melhores para focar do que suprimir a dor.

Como a expressão de Payton.

É tão cheia de culpa e tristeza que faz meu peito doer.

A dor vai passar. Mas essas emoções...

O que ela está pensando?

Ela está arrependida de ter me conhecido?

Ela me culpa? Me odeia?

E se ela pedir para ir embora?

E se ela disser que quer voltar para sua antiga vida?

Tensiono o maxilar.

Não vou deixar.

Isso é o que vai acontecer. Não vou deixar. Vou fazê-la ficar e lembrá-la de que me ama.

Quando meu braço está enfaixado, me viro para ela e coloco seus pés no meu colo.

O olhar desolado ainda está em seu rosto quando a médica finalmente se levanta.

— Sei que não parece, mas você é uma garota de muita sorte, srta. Vawdrey — a médica diz, dando um tapinha em sua mão, e eu odeio não ter um sobrenome para dar a ela. — Não vejo nenhum sinal de fratura e as escoriações devem cicatrizar bem. — Meus olhos se movem para as ataduras em volta dos pulsos de Payton, onde a fita machucou sua pele macia. — A concussão é a questão mais séria, mas tudo que você precisa fazer é descansar. — A médica olha para mim. — Mantenha-a na cama. E hidratada. Luzes brilhantes podem incomodá-la, então mantenha-as baixas. A dor de cabeça é normal. Vou deixar analgésicos para ela tomar, e você pode começar a dá-los em algumas horas, já que dei uma dose quando você chegou aqui. — Concordo. — Acima de tudo, a mantenha calma, e ela ficará bem.

— Certo. — Minha voz sai rouca, pois não a uso por algum tempo. — Pode me ajudar a vesti-la antes de sair?

Payton balança a cabeça.

— Baby. — Me ajoelho ao lado da cama. — Há menos chance de eu te machucar se elas ajudarem.

Ela balança a cabeça novamente, então suspiro e deixo a equipe médica ir embora.

Mantenho Payton à vista enquanto pego uma pequena pilha de roupas – calcinha limpa, calça de moletom e uma das minhas camisetas. Trabalhamos devagar, mas juntos a vestimos com roupas limpas.

Quando tento fazê-la se deitar, ela se arrasta pela cama para que possa se encostar na cabeceira.

— Você precisa se deitar.

Ela balança a cabeça, segurando minha mão.

Espero que seja um bom sinal. Se ela quisesse me deixar, não iria querer

me tocar.

— E-eu sinto muito. — Sua voz irrompe em soluços, e instantaneamente vou para a cama com ela, puxando-a para se sentar no meu colo.

— Shh, baby, não. Você não tem nada pelo que se desculpar.

— É tudo culpa minha! — ela soluça, e as lágrimas rolam por suas bochechas.

Mantenho um braço ao redor dela, segurando-a junto a mim, e uso o outro para segurar seu queixo de leve, fazendo-a me olhar.

— Payton, baby. — Eu beijo o canto de sua boca. — Você não começou esta guerra. Eu comecei. Há quinze anos, quando massacrei a família de Mikhail. Ele era apenas um garoto, então o deixei viver. — Balanço a cabeça. — Eu disse a ele que seu pai era um merda e acreditei que ele se tornaria alguém melhor. Isso é comigo. Eu deveria ter acabado com a vida dele junto com o resto da família, mas não o fiz. — Beijo o outro canto de sua boca, sentindo sua tristeza. — E tenho que viver com isso. Tenho que viver sabendo que cada marca neste corpo lindo só está aí por culpa minha.

Ela balança a cabeça.

— Não é.

Pressiono minha testa contra a dela.

— É. E eu sinto muito.

— Mas... — Sua respiração falha. — Os seguranças. G-Giles. E o outro carro. — Ela segura a frente da minha camisa. — E...

— Não é culpa sua. — Eu a aconchego em meus braços. — Sei que isso soa insensível, mas os homens que trabalham para mim não esperam uma vida longa. Eles sabem no que estão se metendo. E sabem o que morrer no trabalho fará para as famílias deles. — *Dinheiro. Muito dinheiro.*

— Mas se eu não tivesse enganado o Rob... — Sua voz falha e, pela primeira vez no que parece uma eternidade, dou uma boa notícia a ela.

— Robert está bem.

Ela inclina a cabeça para trás para olhar nos meus olhos, tentando ver a

verdade em minhas palavras.

— Ele está bem — repito. — Ou vai ficar. Até que eu o mate por te colocar em perigo.

— Ele está bem mesmo? — ela pergunta, ignorando minha ameaça.

Se isso não fosse perturbá-la ainda mais, com certeza eu colocaria uma bala na cabeça do idiota. Mas agora ele me deve uma. Tem uma dívida vitalícia comigo, e vai pagá-la sendo a sombra dela pelo resto da vida.

Tiro o celular do bolso e envio uma mensagem rápida.

— Ele está bem, você vai ver.

Deixo o aparelho de lado e seguro seu rosto.

— Me diga o que você precisa que eu faça.

Payton pisca os olhos marejados para mim.

— O que você quer dizer?

— Me diga o que você precisa — imploro. — Me diga como posso compensar o que aconteceu. Me diga o que quer, menina linda. Me diga, e eu farei. O que for preciso para te manter ao meu lado.

Meu coração está acelerado, o medo subjacente continua a me atormentar.

Payton levanta a mão, colocando-a sobre a minha em sua bochecha.

— Quero um grande casamento.

Abro a boca, mas não digo nada.

Sob a palma da minha mão, sua bochecha se curva em um pequeno sorriso.

— Diga isso de novo — peço, rouco.

— Você já me salvou. De muitas maneiras. — Sua expressão de dor suaviza. — Não precisa fazer mais nada, a não ser continuar me amando. — Meu coração se aperta tanto que parece que vai se desmanchar. — E eu gostaria de um lindo vestido de noiva. Uma daquelas saias bufantes dos programas de TV. E flores. Muitas flores.

— Muitas flores — concordo, fechando os olhos e visualizando tudo exatamente como ela descreve. — Com Toto levando as alianças.

Como se fosse uma deixa, ouço uma batida suave na porta do quarto.

— Entre. — Abro os olhos e mantenho os braços ao redor de Payton, mantendo-a no lugar.

A porta se abre, e Payton ofega ao ver o rosto de Robert na porta, machucado, mas bem, como prometido.

Ele inclina a cabeça e recua, permitindo que Toto abra caminho pela porta antes de fechá-la, nos deixando sozinhos.

As unhas de Toto arranham o chão antes que ele se jogue na cama, se contorcendo ao lado de Payton.

— E música ao vivo — completo.

Payton assente, coçando a orelha de Toto quando ele se deita sobre minhas pernas e com a cabeça no quadril dela.

— E comida. Muita comida.

— Claro. — Eu beijo sua testa.

— Agora me deixe te perguntar. — Inspiro seu perfume, a essência de sua beleza me preenchendo. — Payton Vawdrey, quer se casar comigo?

— Me deixe responder. — Ela se inclina para trás, capturando meu olhar cheio de amor. — Sempre vai ser você.

EPÍLOGO I

Payton

— BEM, EU DIRIA que ele provavelmente vai engolir a língua. — Aspen sorri, deslizando a tiara delicada de joias em meu cabelo. — E se ele não fizer isso, vou mandar meu irmão bater nele depois da cerimônia.

Seguro sua mão, minhas unhas bem cuidadas brilham em um rosa pálido.

— Obrigada. — Ela revira os olhos, mas não a solto. — Sério, obrigada. Por tudo.

Nos seis meses desde *o incidente,* Aspen se tornou minha primeira amiga de verdade.

Nem sempre foi fácil. Às vezes, pensei que ela poderia querer me jogar pela janela. Ou jogar uma casa em mim. Mas agora, passamos quase todos os fins de semana juntas, fazendo compras e comendo ou coordenando a próxima grande arrecadação de fundos da qual ela participa. E com sua ajuda e o dinheiro de Nero, expandimos dois dos abrigos de animais locais, fornecendo-lhes comida de qualidade e instalando ar-condicionado nas salas dos canis.

— Pare de me agradecer e vá se casar. — Aspen dá um aperto rápido na minha mão, que é basicamente seu jeito de abraçar, antes de sair do quarto.

Dou um passo para trás e me olho no espelho uma última vez.

Como prometido, trabalhei com nosso designer de interiores para reformar a casa, começando pela suíte master.

Mantivemos a cama preta de dossel robusta, mas a cobrimos com tecido cinza transparente, conferindo uma sensação fluida. Isso, misturado com a roupa de cama amarela e branca, torna o lugar perfeito para nos aconchegarmos. Cobrimos as paredes com papel de parede cinza e dourado e substituímos as cadeiras por poltronas de veludo verde-esmeralda com encosto alto para que possamos nos sentar de maneira confortável quando estivermos com vontade de fazer um lanche ali.

Está perfeito. E, aos poucos, estamos trabalhando no resto da casa.

Meus saltos ecoam nos degraus enquanto desço a escada principal.

Robert arregala os olhos e solta um assobio.

— Bem, vamos lá.

Como meu guarda-costas pessoal, ele também se tornou um dos meus melhores amigos. Sei que a proximidade constante começou sob uma ameaça à sua vida, mas gosto de pensar que ele também gosta de mim. E estou feliz por ter alguém para me levar até o altar.

Quando chego ao térreo, estico o pé para mostrar meus sapatos vermelhos.

São um pouco exagerados, combinados com meu vestido de princesa coberto por centenas de flores de seda. Mas exagerado é exatamente o que eu queria. Exatamente o que nunca pensei que teria.

E mesmo que nossa lista de convidados seja pequena, as pessoas mais importantes das nossas vidas estão aqui, e podemos compartilhar nosso amor entre amigos.

Amigos.

Robert me entrega o buquê, e eu o aperto com dedos trêmulos. As rosas vermelhas, amarelas e laranjas foram o único pedido de Nero. Ele disse que eu deveria sempre ter cheiro de rosas. E que deveria estar sempre rodeada de cor. Porque sou seu ponto de luz todos os dias.

Quando fungo, Robert balança a cabeça.

— Não comece a chorar ainda. Espere até que o chefe tenha a chance de te ver.

Solto um suspiro e assinto.

— Está bem. Estou pronta.

***

Nero

Eu não estava pronto.

Nunca estarei.

Meu peito se expande com orgulho, amor e muita alegria quando Payton caminha pelo corredor coberto de pétalas em direção a mim.

Eu sabia que essa seria uma das minhas memórias favoritas dela, por isso insisti em fazer a cerimônia aqui, em nossos jardins. Porque virei todos os dias, pelo resto da minha vida, só para reviver este momento.

Seu vestido. O cabelo. Os brilhos reluzindo em cada centímetro dela não têm nada a ver com o olhar em seus olhos.

Pura adoração.

Um amor que não mereço.

Quando ela me alcança, coloco a mão em sua bochecha.

— Você está linda.

Uma lágrima escorre do canto do seu olho, mesmo quando sinto seu sorriso sob meu toque.

— Você também está muito bonito — ela sussurra.

O pastor pigarreia e Toto late, mas nunca fui de seguir as regras, então a beijo. Selando nossas promessas para sempre.

EPÍLOGO 02

Payton

— ESTA É, SEM dúvida, minha viagem favorita — digo a Nero enquanto olhamos para o pôr do sol.

Com a cabeça em seu ombro, posso senti-lo rir.

— Sério, sra. Nero? O Grand Canyon é melhor do que nossa lua de mel em Belize?

Ainda fico arrepiada toda vez que alguém me chama assim, *sra. Nero.* Especialmente quando é ele.

— Férias na praia é coisa do passado — brinco. — Isto... — estendo o braço — é magia verdadeira.

Um dos raios do sol reflete em minha aliança de casamento, enviando uma profusão de luzes para o grosso círculo de rubis. E penso na gravação interna. *Não há lugar como o lar.*

Deslizando para fora do banco, fico de joelhos na grama na frente de Nero.

— O que você está fazendo? — ele pergunta, mas suas pálpebras estão baixas porque ele sabe exatamente o que estou fazendo.

Em vez de responder, pressiono a mão em seu pau, que está endurecendo rapidamente. O tecido fino de seu short esportivo não esconde nada.

— O parque ainda está aberto, baby. Podemos ser pegos.

Pisco para ele, puxando o elástico do short até que eu consiga agarrar seu pau e puxá-lo para fora.

— Então, acho melhor sermos rápidos, não é?

Nero tensiona a mandíbula. Ele quer. Sei que quer. Mas teme que alguém me veja com seu pau na boca.

E sei que ele vai dizer exatamente isso – mencionar a equipe de segurança que está esperando do outro lado dos pinheiros – então o faço ficar quieto, colocando meus lábios ao redor dele.

— Puta merda — Nero sibila e estica a mão para agarrar meu rabo de cavalo.

Sorrio e seus quadris se movem.

— Acha que um boquete em uma das sete maravilhas do mundo fará dessa a minha viagem favorita também?

Assinto, levando-o mais para dentro.

— Puta merda. — Seu pau pulsa na minha boca. — Você está totalmente certa.

Sem me avisar, Nero aplica pressão na minha nuca. Mas eu sabia que ele faria isso, porque sei do que ele gosta, então já havia relaxado a garganta e liberado a tensão no pescoço.

Quando ele me leva para baixo, vou até o fim e o tomo profundamente.

— Merda! — Ele puxa minha cabeça para trás e seu pau escapa dos meus lábios. — Você está bem...

A expressão no meu rosto mostra a ele o quanto estou bem.

— Droga, eu te amo. — Nero usa o aperto em meu cabelo para me puxar para cima, me beijando de uma forma eletrizante. O aperto aumenta e todo o meu corpo se acende enquanto ele me guia de volta para baixo. — Hora de você engolir esse pau, baby. Me deixe gozar nessa garganta e quando voltarmos para o hotel, vou te comer até você desmaiar.

— Promete? — Sorrio, lambendo seu pau.

— Eu nunca mentiria para você — Nero geme enquanto empurra minha cabeça para baixo, e eu o engulo com voracidade enquanto o céu explode em cores ao nosso redor.

FIM

AGRADECIMENTOS

Se você chegou até aqui, obrigada do fundo do coração sinuoso.

Eu sabia que queria me aventurar na escuridão, e Nero foi o guia perfeito. Espero que tenha gostado e que tenha ficado tão chocado durante a “cena do dedo” quanto eu fiquei ao escrever.

Um enorme obrigada para minha mãe, Karen. Você me deu o primeiro livro de romance. Você me ajudou a editar meu primeiro romance. E aqui estamos, DEZ livros depois, aperfeiçoando nossa rotina. Então, obrigada pelas horas e horas de leitura. E pelas horas em que você me ouviu tagarelar sobre enredos. E por abraçar algumas das ideias perturbadoras que tive para este livro.

Obrigada, Kerissa, por ser tão boa. Sério, você é a melhor. E não sei onde estaria sem sua ajuda, feedback e amizade.

Obrigada, Brittni Van, por ser quem é. E por ser uma ótima editora. Estou absurdamente feliz por te conhecer.

Obrigada, Ellie, por se juntar ao time Tilly. Somos uma bagunça, mas somos uma bagunça legal, e estou feliz por tê-la a bordo.

Obrigada, Lori Jackson, por dar vida ao Nero através de capas com caras bonitos e discretas, e por aguentar minha mente caótica.

Obrigada, Mandi, pelo apoio constante e telefonemas.

Obrigada, sr. Tilly. Sei que provavelmente você preferiria fazer qualquer outra coisa a me ouvir explicar o enredo deste livro mais uma vez, mas você suporta mesmo assim, e eu te agradeço.

Obrigada à minha irmã, Lindsay – Goofhead, por estar sempre animada com tudo que escrevo.

Obrigada, G. Marie, Elaine Reed e S.L. Astor por formarem um ótimo grupo de apoio. Começamos com sprints de escrita e nos tornamos muito mais.

Obrigada, Cat Wynn, por ouvir cada mensagem de voz que te envio. E por me deixar co-apresentar o podcast Tall Dark & Fictional com você. (Jogada

sutil.)

Obrigada, Mikayla, por ser um ponto alto em meus dias e por ler Nero antecipadamente, me contando todas as suas reações. Se alguém quiser enviar livros a ela, confira sua Lista de Desejos @lovemikaylaeve

Obrigada, Stephanie e Liz, por serem minhas leitoras iniciais com olhos de águia. Vocês tiram muito estresse dos meus ombros.

Obrigada a toda a equipe ARC. Não posso agradecer o suficiente. A energia e incentivo de vocês são únicos, e eu os amo.

Obrigada, Jen, pelo trabalho na promoção de Nero e, no geral, por me aguentar.

Obrigada à minha agente, Katie, por trabalhar para colocar este livro nas mãos de leitores estrangeiros antes mesmo de ser publicado.

Obrigada, pai, por contar aos seus amigos que escrevo livros safados. Você me perguntou se te incluí nos agradecimentos, e aqui está. Vamos ver quando você encontrar. E obrigada, Roxie, por ler essa história primeiro!

Obrigada, Ali, por ler Nero antes e por ser uma pessoa incrível.

Obrigada ao resto da minha família. Eu venho das melhores pessoas. E é por isso que consigo ser eu. Escrever como eu. E ser confiante.

E, como sempre, minha vida não seria o que é hoje se não fosse por todos os meus apoiadores incríveis.

Obrigada, Banshees.

Obrigada, Ginger e Kanani, Vegas foi melhor por causa de vocês.

Obrigada, Annie - minha OG - e Cici, pelas palavras doces.

Obrigada, Nikki, pelos vídeos incríveis e por me deixar usar seu nome para esta vadia.

Obrigada, Payton, por me deixar roubar seu nome para este livro. Ficou perfeito.

Obrigada, Sam e Ashley, e Rachel, e B.J. e Suga Dicks, quero dizer, Dominique.

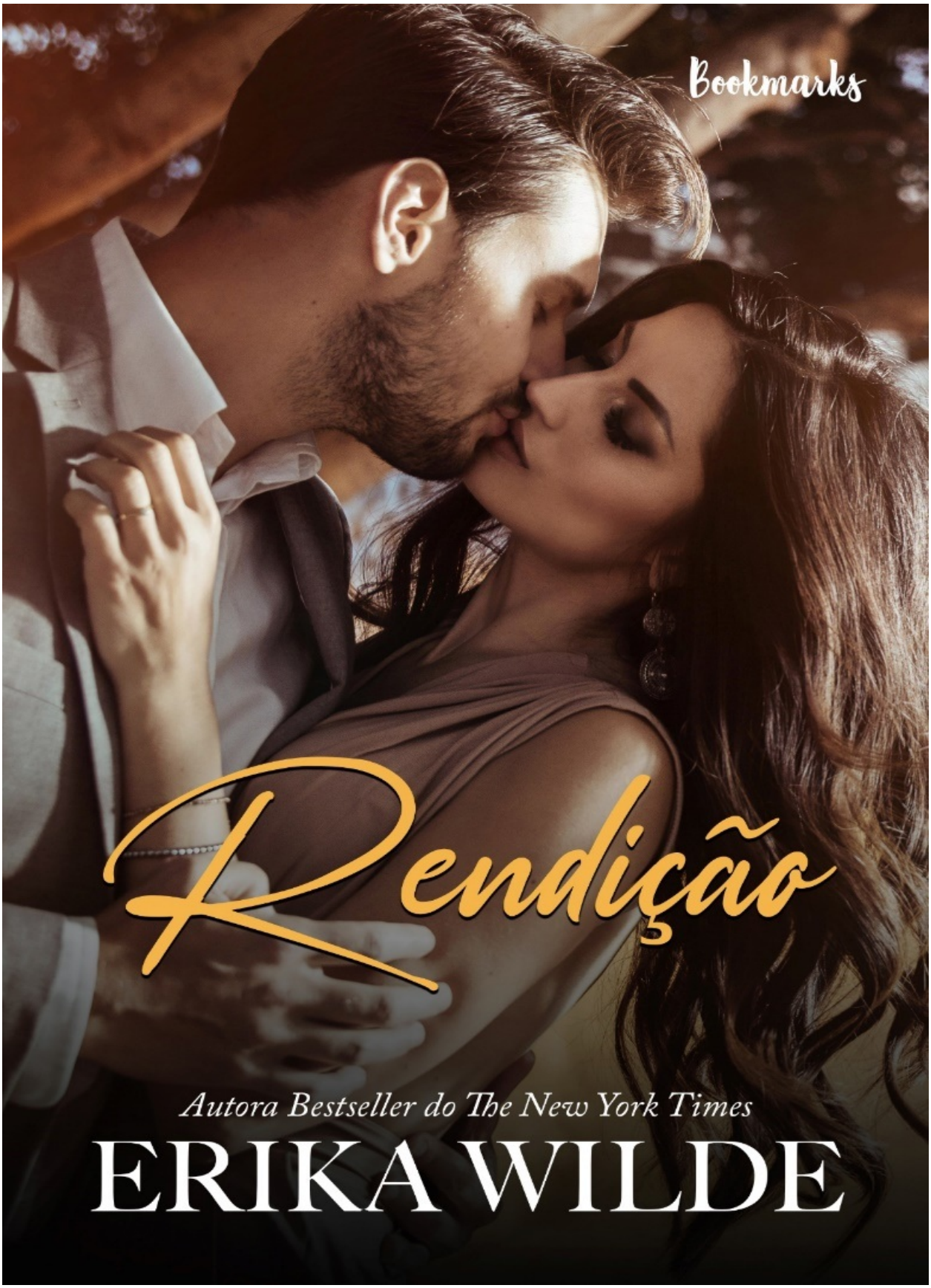
Obrigada, Melinda, Chula e Karen, pelo apoio constante.

Obrigada, Outra Karen, Anna e Betsy, por sempre aplaudirem tudo o que faço.

E obrigada a todas as pessoas que não mencionei. Só tenho certa capacidade cerebral restante agora, e sei que estou deixando de fora muitas pessoas especiais. Mas, por favor, confiem em mim quando digo que também os agradeço. É uma honra poder escrever histórias para vocês. E continuarei fazendo isso enquanto puder.

Até a próxima! Nas palavras da minha avó: seja bom. Mas se não conseguir ser bom, divirta-se.

LEIA TAMBÉM:


Bookmarks
Rendição
Autora Bestseller do The New York Times
ERIKA WILDE

SINOPSE:

Uma dívida a ser paga... na forma de sua rendição.

Rico e poderoso, Maddux Wilder construiu seu império com uma ideia em mente: se vingar do homem que matou seus pais. Mas ele nunca imaginou que a filha de seu inimigo, Arabella Cole, se ofereceria para pagar a dívida. Inocente e cativante, Maddux não consegue resistir ao seu fascínio ou à luxúria que ela desperta.

Quando Arabella sacrifica sua vida para salvar o pai, sua intenção é odiar o homem que agora a possui. Mas por trás do exterior rude e grosseiro de Maddux, ela descobre um homem atraente. Aquele que a faz arder de necessidade e desperta desejos profundos e proibidos que ela não pode negar.

O que começa como um ato de vingança se torna algo muito mais poderoso. E ele precisa decidir se deve sacrificar seu objetivo de vida em favor do sentimento que está florescendo.

Rendição é uma versão sedutora e moderna de A Bela e a Fera.

UM

A NOITE DE hoje era especial. Depois de catorze longos anos, Maddux Wilder finalmente conseguiria concretizar a vingança que vinha tramando e planejando contra o homem responsável pela morte dos seus pais. Theodore Cole não fazia ideia de que estava prestes a comer na mão de Maddux, o que deixaria a retaliação ainda mais doce.

Maddux sorriu consigo mesmo ao servir a dose de uísque enquanto esperava a irmã e o irmão aparecerem no escritório particular da cobertura, que ficava no último dos cinco andares do imenso armazém que ele havia reformado, modernizado e transformado em um prédio multifuncional e conveniente, no qual morava com eles. Cada andar tinha seu projeto e propósito... desde o térreo, onde ficava a área comum e o salão luxuoso em que seria realizado o baile de caridade hoje à noite, ao segundo andar, onde cada um deles tinha escritórios delimitados para cuidarem dos negócios. O terceiro, quarto e quinto andar eram reservados para moradia.

Hunter, seu irmão, morava no terceiro, enquanto a irmã, Tempest, ocupava o andar de cima. Como havia idealizado todo o projeto, Maddux reivindicou o último piso para si e o transformou em um apartamento de cobertura que incluía um terraço e uma vista de trezentos e sessenta graus de Nova York.

Corretores de imóveis o chamaram de louco por comprar o prédio em ruínas na precária região dos armazéns do Brooklyn, sendo que poderia ter adquirido, sem muito esforço, um quarteirão inteiro na Quinta Avenida, em Manhattan. Mas ser um daqueles esnobes da cidade nunca fez seu estilo, por isso investiu nos arredores. Assim, valorizaria a vizinhança aos poucos – um plano que já estava em execução.

Ele tinha bilhões no banco, graças ao sucesso da MadX-Tech, mas, no fundo, gostava de morar perto de onde cresceu, pois aquilo o lembrava de suas raízes, do lugar de onde veio e, mais importante, dos falecidos pais imigrantes

que trabalharam duro para sustentar a família antes de terem a vida prematuramente interrompida. Morar ali o mantinha humilde em face da quantia obscena que ele havia acumulado em tão pouco tempo.

Mas só porque a fachada do armazém parecia desgastada – e ele havia contratado dois homens para limpar o lixo e as pichações que apareciam ao redor do prédio diariamente até todo o bairro ter sido renovado –, não significava que poupou quaisquer despesas do lado de *dentro* durante a reforma. Incluindo um sistema de segurança de ponta para assegurar que as únicas pessoas que entrassem no prédio tivessem realmente sido convidadas. Incluindo os homens e mulheres que chegariam em breve para o baile. A única forma de passar pela segurança era ter o nome na lista de convidados, além de um documento que confirmasse quem eles eram.

Colocou o copo vazio em uma mesa de madeira redonda e polida e se serviu de uma segunda dose do líquido âmbar-escuro, achando divertido que o *crème de la crème* da sociedade de Nova York nem sequer tivesse titubeado quanto a vir ao Brooklyn para o opulento baile de caridade Wilder Way, porque sempre foi o evento mais aguardado do ano. Qualquer um que fosse rico, poderoso ou influente queria ser visto no baile luxuoso, acompanhado de perto pela coluna Page Six do *New York Post*.

Sim, o poder que vinha com o dinheiro e a riqueza era uma droga inebriante da qual todo mundo queria um pouco, mas para Maddux, acumular a fortuna sempre foi um meio para um fim. Algo que serviu de combustível para o desejo de destruir o homem que não teve piedade ao dilacerar a família de Maddux. Por anos, vinha controlando a raiva, refinando a fúria em algo mais deliberado e preciso, esperando pela oportunidade certa.

Agora, a vingança estava tão próxima que podia praticamente senti-la.

— Começou a comemoração sem a gente? — a irmã, Tempest, perguntou com aquela voz doce e melodiosa assim que Maddux levou o copo aos lábios.

Engoliu a bebida, observando a irmã deslumbrante desfilar ao entrar na sala com seu estilo dramático que nunca deixava de chamar a atenção por onde

passava. Veio seguida pelo irmão, Hunter, puxando o colarinho da camisa branca e mudando a expressão ao dar um sorrisinho incomodado.

— Estava mesmo na hora de vocês apareceram —Maddux disse, servindo a eles um copo do mesmo uísque que havia degustado. Aproveitou e encheu o dele no processo. Sim, soou ríspido e meio babaca, mas os irmãos, que ele havia criado sozinho, eram tudo para ele. Os dois eram, literalmente, as duas únicas pessoas no planeta que ele amava.

— Levou uma vida para eu conseguir endireitar esta porcaria de gravata borboleta, e ainda assim, parece que ela está me enforcando — Hunter resmungou, irritado e lançando um olhar enviesado para Tempest. — Odeio esses eventos de gala, e só estou usando esse smoking idiota porque não quero parecer um mendigo que acabou de sair da rua com uma calça jeans e camiseta.

Tempest caminhou até Hunter e, suspirando, empurrou a mão dele para longe do pescoço. Então fez alguma coisa que afrouxou a gravata o suficiente para aliviar a expressão mal-humorada, uma vez que agora ele conseguia respirar.

A irmã deu um tapinha no peito de Hunter, acalmando-o.

— Sabe, se você tivesse uma mulher por perto, ela teria dado um jeito nessa gravata assim como eu. — Ela foi direta. Tempest sempre dava um jeitinho de lembrar, tanto a Maddux quanto a Hunter, de que precisavam encontrar uma boa garota e sossegar.

Como se isso fosse acontecer algum dia. Por ora, ainda não havia aparecido ninguém que tivesse despertado seu interesse por tempo suficiente para que quisesse assumir um compromisso definitivo. Mas também, ele não marcava encontros e escolhia as companhias femininas especificamente com o propósito de transar, sempre optando pelas mais propensas a tendências um pouco mais depravadas no quarto. Mulheres eram facilmente seduzidas pela aura misteriosa e pelo rosto bonito e esculpido com o qual ele sabia ter sido abençoado, mas elas sempre se afastavam por causa do humor taciturno, do comportamento brusco e da falta de afeto e atenção.

Todas pensavam que podiam domar a fera, mas isso jamais aconteceria. Não havia espaço na vida para a emoção suave e fajuta chamada amor.

— Quanto a *eu* estar alguns minutos atrasada — Tempest prosseguiu, dando um giro teatral que fez a saia do vestido ondular em torno de suas pernas antes que ela parasse em uma pose majestosa —, *este* nível de magnificência leva tempo.

A irmã *estava* magnífica e incrivelmente bela. Não havia como negar. O vestido de gala que ela escolheu para o baile, cujo tema era contos de fadas e finais felizes – ideia de Tempest, não dele –, era de um vermelho profundo que combinava muito bem com a personalidade e o nome impetuoso. Mas como irmão mais velho, Maddux não evitou o olhar feio para o decote profundo que expunha demais o colo ou para a quantidade de perna exposta no desenho da parte da frente do vestido.

— Meu Deus, Temp, essa fenda na perna poderia ficar ainda mais alta? — ele resmungou.

Ela piscou os longos cílios pretos para ele.

— Ah, meu querido irmão, com certeza poderia — ela respondeu naquele tom fofo e paciente que aperfeiçoou ao longo dos anos para usar com ele, porque sabia que o irritava pra caramba. — Mas achei melhor deixar um *pouquinho* para a imaginação — adicionou com uma piscadinha atrevida.

Hunter riu.

— No idioma ranzinza do Maddux, isso quer dizer "*você está maravilhosa*, Tempest".

Os lábios vermelhos e brilhantes se curvaram em um breve sorriso de agradecimento.

— Obrigada.

O olhar do irmão percorreu o rosto bonito, os traços delicados realçados pelo cabelo escuro preso em um penteado intrincado e arrematado por diversas pedrinhas brilhantes e grampos de pérola. Maddux não deixou passar despercebido o olhar melancólico na expressão de Hunter e se preparou para o

que o irmão diria antes mesmo que ele abrisse a boca.

— Você se parece tanto com a mamãe — Hunter falou para a irmã mais nova, a voz rouca com o tipo de emoção que ele sentia em raras ocasiões. Aquela noite, com certeza, era uma delas. — Ela ficaria muito orgulhosa da mulher que você se tornou.

Maddux sentiu a garganta se fechar e viu a tristeza e as lágrimas se formarem nos olhos da irmã, algo que ela conteve corajosamente, lançando aos dois um sorriso trêmulo para dispersar o momento sentimental que havia se instalado entre eles.

— E vocês estão muito galantes nesses smokings.

Maddux arqueou uma sobrancelha.

— Galantes? — ele zombou do termo antiquado. — É sério?

— É *muito* sério, Maddy — ela respondeu, voltando ao atrevimento típico quando usou o apelido que deu a ele da primeira vez que falou seu nome. — Pelo menos, eu jamais cometeria o erro de te chamar de Príncipe Encantado.

Ela riu da própria resposta, e Hunter deu uma risadinha em solidariedade, porque aquele era o último termo que usariam para descrever Maddux, que era mais uma fera cruel do que o homem dos sonhos de qualquer mulher.

— Mas pelo bem do tema do baile dessa noite, “galante” funciona muito bem. — Ela deu um aceno de cabeça, o que fez os longos brincos de rubi que pendiam de suas orelhas dançarem sobre o pescoço delgado. — Contos de fadas e felizes para sempre — lembrou a ele.

Maddux conseguiu conter um revirar de olhos enquanto entregava o uísque aos dois.

— Falando nisso, você fez um trabalho excelente no salão de baile — ele elogiou a irmã, que foi a responsável por coordenar o tema do evento e a escolha de toda a decoração.

Horas atrás, e por pura curiosidade, Maddux foi dar uma olhada na preparação do local, e ficou maravilhado com a transformação e os detalhes que encontrou. Ao entrar no salão, sentiu como se tivesse sido transportado para uma

terra mágica em um mundo completamente diferente.

— O baile de caridade deste ano vai entrar para a história, sem dúvida — Tempest disse, soltando um longo suspiro.

— Por vários motivos — Hunter adicionou com seriedade, agora que os três estavam muito cientes do que aconteceria em algum momento da noite. Para os irmãos Wilder, o evento não seria apenas brincadeira e diversão.

Solene, Maddux assentiu.

— Sim.

— Ele roubou nossos pais de nós e arruinou a nossa vida, Maddy — Tempest disse em um suspiro contido, o lábio inferior tremendo de leve. — Faça com que ele pague.

— Farei — prometeu e apertou a mão da irmã com carinho, mesmo que uma parte sua soubesse que nada, jamais chegaria perto de compensar a devastação brutal e cruel que Theodore Cole infligiu à vida deles catorze anos atrás. Mas Maddux faria tudo o que estivesse em seu poder, algo que acumulou em grande quantidade ao longo de anos de espera e de planejamento estratégico, para se certificar de que o homem *desejasse* estar morto.

Hunter ergueu o copo no pequeno círculo que formaram, um ao lado do outro.

— À mamãe e ao papai — ele brindou.

— À mamãe e ao papai — Maddux e Tempest repetiram com todo o coração.

O som dos três copos tilintando juntos ecoou pelo escritório e cada um engoliu a ardente coragem líquida.

A armadilha estava armada, as engrenagens já estavam em movimento e, até o fim da noite, Maddux teria dado o golpe de misericórdia em Theodore Cole.

DOIS

ARABELLA NÃO SE lembrava da última vez que esteve tão animada com alguma coisa como naquela noite para ir ao elegante e exclusivo baile de caridade Wilder Way. Ao olhar pelas janelas escuras da limusine que o pai alugou e observar o Brooklyn passar, ela se encheu de expectativa até estar praticamente se remexendo no assento.

Ainda não acreditava que estava indo a um dos maiores e mais sofisticados eventos beneficentes do ano, do qual sempre lia na Page Six do *New York Post* no dia seguinte enquanto sonhava sobre como seria usar um belo vestido de gala e fingir ser uma princesa por uma noite. Depois de anos se imaginando no evento da Wilder Way, ficou muito surpresa quando se deparou com o convite em relevo dourado na mesa do pai, há mais de um mês, sendo que ele nunca recebeu um.

Não fazia ideia de como ele conseguiu um convite para o baile, mas o tema do evento, contos de fadas e finais felizes, tocou a garotinha romântica e deslumbrada dentro dela. Aquela que ainda esperava que o Príncipe Encantado aparecesse e a fizesse derreter.

Foi naquele momento, quando tocou a caligrafia dourada, que Arabella soube o que queria ganhar no aniversário de vinte e cinco anos, do qual o pai andava perguntando. Não queria mais joias, bolsas de grife nem presentes escandalosamente caros e pouco práticos que nunca usava. O pai encontraria uma forma de lhe dar a lua e as estrelas caso pedisse, e mesmo sabendo que era muito sortuda por ter um pai que a adorava, não eram coisas extravagantes e tangíveis que desejava.

Não, ela queria mais independência e o tipo de liberdade que não incluía ter que sempre entrar em contato com ele para informar seu paradeiro. Mas precisava confessar: uma parte sua sentia culpa pelos pensamentos egoístas. O pai sempre foi muito bom. E Arabella se preocupava com ele, já que, há pouco

tempo, foi diagnosticado com angina, um sintoma de doença cardíaca. Embora estivesse estável, ela sabia que qualquer aborrecimento poderia levá-lo a uma crise.

Depois que a mãe morreu, Arabella foi muito protegida enquanto crescia, e estava louca para explorar todo o potencial do mundo em vez de ficar na bolha acolchoada que o pai criou ao redor. Sabia que ele jamais atenderia a um pedido daquele. Era protetor demais para isso. Então pediu a única coisa que sempre desejou. Pediu para ir ao baile.

E ela jurou que aquela noite seria o começo de uma fase nova e mais aventureira. Como um tema de contos de fadas e felizes para sempre podia ser algo senão uma experiência mágica e fascinante?

Infelizmente, a única coisa estragando a noite era o homem sentado ao seu lado, Gavin Scott, o braço direito de seu pai nos negócios há anos. Theodore Cole insistiu que ele a acompanhasse. Essa foi a única exigência do pai. Como desde o começo ele se demonstrou estranhamente relutante ao atender seu pedido, Arabella concordou com a condição, mesmo sabendo que era uma artimanha para forçá-la a reconhecer o interesse de Gavin.

Tentou não deixar esse pensamento arruinar sua animação. O pai já tinha tentado até o método de cutucões suaves para empurrá-la na direção de Gavin de forma romântica, e mesmo ela aceitando sair com ele algumas vezes, nenhuma fagulha surgiu entre os dois, nem mesmo quando ele a beijou. O que mais a desanimava era o fato de o homem ser presunçoso, agressivo e egoísta demais para seu gosto... não que o desinteresse o dissuadisse. Era como se Gavin visse a atitude fria e desinteressada de Arabella como um desafio em vez de aceitar que ela não gostava dele, mesmo com as tentativas do pai de juntá-los.

Não havia como negar que Gavin era bonito. Ele tinha o cabelo loiro-claro e os olhos verdes, mas a aparência não compensava a personalidade narcisista, nem o fato de ele agir como se Arabella lhe pertencesse. Isso a irritava demais, porque ela não era sua propriedade. No entanto, hoje, com o propósito de ser civilizada e aproveitar a noite, sorriria e fingiria que não tinha começado a

desprezar Gavin, seu ego desagradável, a maneira familiar com que a tocava e o jeito dominador e possessivo.

Ainda olhando pela janela, afastou os pensamentos problemáticos para que não arruinassem o bom humor, mas sabia que, em algum momento, teria que abordar o assunto com o pai e dizer exatamente o que sentia por Gavin. Não seria uma conversa fácil, uma vez que ele o via como o filho que nunca teve e esperava que os dois pudessem formar o casal perfeito.

Na limusine, o pai e o braço direito conversavam em voz baixa e, na maior parte do tempo, Arabella ignorou o assunto, como costumava fazer quando estava com os dois – geralmente, eram negócios sobre os quais não tinha a menor ideia, nem interesse. Mas um comentário que o pai fez bem baixinho a pegou desprevenida. Escutou com um pouco mais de atenção enquanto continuava fingindo estar fascinada pela paisagem.

— Depois de todos esses anos... ainda não faço ideia de como acabei na lista de convidados do baile — ele murmurou, parecendo estranhamente desconfortável, o que não era uma palavra que Arabella usaria para descrever o pai, sempre objetivo e confiante.

— Não importa, Theo — Gavin respondeu de forma arrogante de seu lugar. — Alguém deve ter dado o seu nome para a pessoa que organiza o evento, e ninguém do alto-escalão percebeu o... erro — ele disse, como se escolhendo as palavras com cuidado, pois Arabella estava com eles. — Considere como um bom sinal, porque há conexões a serem feitas nesse baile que não teríamos acesso de outra forma.

— É melhor valer a pena — o pai resmungou. — Ir a esse evento idiota me custou uma bela fortuna.

— Só fique longe do Wilder e tudo vai ficar bem. Isso deve ser bem fácil — Gavin assegurou. — Além do mais, ele não vai fazer nada que possa criar uma cena na frente de mais de trezentas pessoas.

— É, talvez você tenha razão — o pai concordou, suspirando.

Arabella não pôde ignorar a última parte da conversa, considerando que

Gavin basicamente indicou que algo ruim aconteceria com o pai caso ele cruzasse com Wilder. Sem mencionar o fato de que talvez tivessem sido convidados para o evento por engano. Finalmente, virou a cabeça e olhou para o longo assento de couro em que o pai estava sentado diante dela e de Gavin.

A preocupação aumentou quando viu a expressão carrancuda do pai. Então, falou:

— Existe alguma razão para o senhor não ter sido convidado para o evento, pai?

O olhar assustado do homem se fixou no dela.

— O que foi que você disse? — A pergunta pareceu irritá-lo, e ela o observou espantar a agitação inicial ao balançar a mão. — Não... É claro que não.

Não era comum duvidar de algo que o pai dizia, mas essa foi uma das poucas vezes em que aconteceu. Por isso, insistiu:

— Então por que está preocupado com alguém fazendo cena?

— É assunto de negócios, Ari — Gavin se intrometeu, a voz tão condescendente quanto à forma com que dava batidinhas em sua mão. Parecia tratá-la como criança. — Não é nada com que você precise preocupar essa cabecinha bonita. Só aproveite o baile e deixe que nós, homens, lidemos com coisas que não te dizem respeito.

Sua mandíbula cerrou de irritação, e ela fuzilou Gavin com os olhos, mesmo sabendo que não era uma expressão muito lisonjeira. Ele era muito babaca. De propósito, soltou a mão da dele, odiando a forma com que a tratava. Era como se a achasse uma idiota e cabeça de vento.

Mesmo começando a noite muito animada, não podia negar que algo pareceu estranho, apesar das garantias do pai. O fato de Gavin ter acabado de sugerir possíveis preocupações quanto aos negócios que poderiam surgir essa noite, com certeza não aliviou a inquietação.

Não conseguia imaginar em que tipo de situações controversas o pai poderia ter se metido. Desde que se entendia por gente, ele era sócio da

Addingwell Financial e havia contratado Gavin há cerca de catorze anos, mas nunca falou algo mais técnico sobre o trabalho. Mantinha os negócios separados do tempo que passava com ela. E quando Ari perguntava por que ele não falava do trabalho, ele dizia que gostava de manter o foco nela e no relacionamento deles quando estava em casa.

Era uma desculpa bem simples de se acreditar, mesmo que a resposta vaga só servisse para aumentar a curiosidade sobre o que o pai fazia na área de finanças. É claro, era algo que rendia a ele uma boa quantia, pois tinham uma vida muito confortável. E dinheiro nunca pareceu ser problema quando o assunto era comprar o quisessem.

O pai olhou pela própria janela e voltou a resmungar baixinho. As últimas duas palavras que ela ouviu foram “Maddux Wilder”, e o nome foi dito com inegável desdém. Dessa vez, Arabella manteve a boca fechada e não fez perguntas, pois sabia que Gavin lhe daria outra resposta insultante e, sendo sincera, estava com medo de acabar fazendo algo muito impulsivo e pouco elegante, como dizer a ele para ir se ferrar.

Então ficou quieta, com as mãos cruzadas com força sobre o maravilhoso tule e das pedrarias cor de champanhe que compunham o vestido. Tinha ouvido o nome Maddux Wilder antes, normalmente ligado ao baile anual, mas foram poucas as vezes em que ouviu o pai mencioná-lo em uma conversa com Gavin. E nunca deu importância a isso.

A limusine desacelerou atrás de uma fila de carros quando se aproximou do que parecia ser um velho armazém, trazendo Arabella de volta ao presente. Quando chegaram ao prédio de aparência surpreendentemente comum em uma área de baixa renda, o segurança que cercava o local direcionou o motorista para o estacionamento subterrâneo.

— Meu Deus — Gavin disse, a palavra cheia de desgosto e desprezo. — Olhe para esse lugar.

O tom grosseiro e desagradável irritou Arabella, e a moça semicerrou os olhos em sua direção. Não podia negar que havia se imaginado chegando a uma

mansão opulenta nos limites da cidade, mas não ia fazer qualquer julgamento antes de entrarem. Pelas fotos que viu dos últimos eventos, o interior era sempre luxuoso e extravagante.

— Não há necessidade de ser grosseiro — ela retrucou, odiando a atitude hipócrita dele. — Caso não tenha percebido, a área pela qual passamos está sendo restaurada e modernizada para revitalizar o bairro.

Os cantos da boca de Gavin se curvaram em um sorriso altivo.

— Você sempre teve uma visão muito ingênua do mundo, Ari. Confie em mim, não importa quais reformas sejam feitas, essa parte da cidade nunca foi e nunca será digna da elite mundial.

— Chega, Gavin — Theodore falou com a voz surpreendentemente severa, tentando suavizar o clima entre eles. — Que tal vocês deixarem as diferenças de lado e aproveitarem a noite?

Ela abriu um sorriso meigo.

— É o que pretendo fazer, pai. — Não deixaria Gavin estragar nada nessa noite mágica e especial. Ou seja, ela se livraria dele assim que a oportunidade surgisse.

A limusine parou e um manobrista de smoking abriu a porta de Arabella. Ele estendeu a mão para ajudar a mulher e o vestido enorme e volumoso a saírem do veículo. Seu pai e Gavin vieram logo atrás. Poucos passos depois, as credenciais foram verificadas pela segurança e então foram escoltados por um imenso tapete vermelho que levava ao prédio.

Lá dentro, a transformação foi imediata e espetacular. Arabella arfou ao absorver a decoração estonteante e arrebatadora do que deveria ser uma área aberta e simples quando não estava sendo usada para o evento anual de caridade. Ela mal começou a apreciar os arredores quando Gavin a agarrou pelo cotovelo, apertando com força suficiente para que ela se encolhesse.

— Preste atenção, Arabella — ele disse de forma impaciente ao conduzi-la em direção a um grupo de convidados onde o pai já conversava com alguns homens. — Você está sempre com a cabeça nas nuvens, mas não quero que nos

separemos, nem que você se perca no meio dessa multidão.

Ele estava falando sério? O comentário idiota a fez revirar os olhos. Infelizmente, o gesto foi um desperdício, já que ele estava olhando para frente.

— Sou uma mulher adulta de vinte e cinco anos, Gavin — lembrou a ele, torcendo o braço para que o homem fosse forçado a soltá-la. A julgar pela mandíbula cerrada, ele não gostou do ato de rebeldia. — Não sou uma criancinha de três anos que precisa de babá. Além do mais, você não reparou na segurança do lugar? Não vai acontecer nada se eu decidir circular sozinha.

Ele lhe lançou um olhar tão feio, que quase pareceu ameaçador.

— Você é a minha acompanhante — ele disse em um tom que não admitia discussão. — Quero você ao meu lado hoje.

Era uma ordem, sem sombra de dúvida. E o comportamento possessivo a deixou com raiva, fazendo o ressentimento fervilhar dentro de si. Não era assim que pretendia passar essa noite incrível. Esse era o tipo de experiência que só se tinha uma vez na vida. Como estavam rodeados por diversos convidados, controlou o gênio da melhor maneira que pôde, pois não era a hora nem o lugar para criar uma cena e esclarecer para Gavin que ele não lhe dava ordens ou ditava suas decisões.

Os homens ainda conversavam e era evidente que se conheciam muito bem. As mulheres ao lado dos maridos ou acompanhantes usavam os vestidos mais lindos e extravagantes, cheios de joias reluzentes. Estavam deslumbrantes... e tão entediadas quanto Arabella se sentia com aquelas discussões de negócios.

Sem qualquer vontade de ficar por perto e conversar sobre amenidades com as outras, ela se certificou de que Gavin estava envolvido na conversa antes de se afastar aos poucos dele e caminhar em direção à liberdade de explorar e viver a noite de acordo com a própria vontade. Enfim, ela se virou e se misturou à multidão de convidados – um verdadeiro mar de seda, cetim e smokings pretos.

A satisfação a inundou quando pegou uma taça de champanhe de um garçom que passava. O primeiro gole do espumante caro foi doce em sua língua

e fez cócegas ao descer pela garganta. O segundo foi igualmente suave e extravagante.

Sem Gavin controlando cada um de seus movimentos, caminhou pelo salão de baile, reparando em tudo com olhos arregalados de admiração. O esquema de cores era rosa-claro e creme, desde os opulentos arranjos florais nas mesas de jantar, dispostos em pedestais, passando pelo tecido delicado que pendia das colunas e das paredes, até a iluminação dramática que criava uma ambientação romântica e elegante. Caminhou pela área que passava a sensação de ser uma floresta encantada, com árvores reais de dois metros e meio envoltas em tule e pisca-pisca. Era como entrar no país das maravilhas. Velas flutuavam em uma fonte de mármore imensa e lustres de cristal lançavam um deslumbrante prisma de luz por toda a parte.

Passou por uma escadaria curva que levava a uma galeria no segundo andar, com vista para o salão. Ela teria explorado aquele andar também, se não fosse pela corda de veludo vermelho que demarcava a área como proibida aos convidados. Então foi até o leilão silencioso para olhar os itens e se viu tentada a dar um lance em uma coleção rara da primeira edição dos livros de Jane Austen. Ela se arriscou e fez um lance que era mais que um mês do seu salário, embora tivesse o montante na poupança para cobrir os custos se tivesse a sorte de ganhar. Mas assim que ouviu a voz familiar cantando no local onde havia um palco com decoração elaborada, seguiu naquela direção. Trocando a taça vazia por uma cheia no caminho, se animou para ver a artista que se apresentaria ao vivo e em cores.

Raevynn Walsh era uma das cantoras pop mais badaladas do momento. Ela subiu nas paradas nos últimos anos, rivalizando com o sucesso de Taylor Swift. A moça escrevia as próprias canções e tinha uma voz única e comovente que atraía os ouvintes. Leve e angelical quando cantava músicas românticas, mas bruta e gutural ao cantar rock. Naquele momento, interpretava seu hit atual, *You don’t know me*, dominando o palco e entretendo o público com a coreografia rápida que prendia a atenção de todos.

Ela era incrivelmente linda, com o cabelo loiro, comprido e ondulado que ia até o meio das costas. Usava um vestido preto curto justinho e salto agulha. Quando terminou a apresentação ousada e sensual, as luzes do palco diminuíram enquanto ela desaparecia por trás da divisória que estampava seu nome para trocar de figurino. Um balanço de madeira, decorado com flores e folhas de videira, foi descendo devagar do teto. Quando o objeto estava no lugar, Raevynn voltou, agora usando um vestido de baile lilás esvoaçante e cravejado de cristais que a faziam parecer uma princesa.

Ela se sentou no balanço e, ao se balançar, a melodia romântica da música que Arabella mais gostava, *Wishing for you*, começou a tocar. As luzes diminuíram ainda mais quando Raevynn começou a entoar a letra emotiva que falava de ansiar por uma pessoa que pudesse ver seu verdadeiro eu e que a amasse incondicionalmente.

Arabella podia não saber como era estar sob o escrutínio público o tempo todo como Raevynn, mas entendia o desejo de encontrar um homem que a aceitasse por quem e o que era, sem tentar reprimir a mulher independente e de espírito livre que queria ser.

Infelizmente, sabia que enquanto Gavin fizesse parte de sua vida e o pai o visse como o par perfeito para ela, Arabella teria que lutar arduamente por seus sonhos, desejos e felizes para sempre.

Continue a leitura clicando aqui!

Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark